

PEDRO VITORINO DA SILVA - ENTRE JAGUNÇOS, CANGACEIROS E VAQUEIROS é um romance histórico que relata os últimos anos da famigerada escravidão no Brasil, o fim do reinado do Imperador Pedro II e a saga de uma família de afrodescendentes que emigra do interior da Bahia para Monteiro, no interior paraibano, em um tempo que as

SEBASTIÃO VITORINO FILHO

PEDRO VITORINO DA SILVA

ENTRE JAGUNÇOS, CANGACEIROS E VAQUEIROS



Luciano Vitorino Aragão, representando o Bisavô Pedro Vitorino da Silva



SEBASTIÃO VITORINO FILHO, nasceu em Sumé (PB). Em 1957. Graduiu-se em Engenharia de Minas (1982), Engenharia Civil (1992) e Licenciatura em História (2013). Mestre em Geofísica pela Universidade Federal do Pará (1990). Atuou como engenheiro da UFPB até o ano de 2014 quando se aposentou após de 38 anos de serviços. Em 2018 publicou A SAGA DA CONSTRUÇÃO DO AÇUDE DE SUMÉ e outras histórias correlatas. No momento dirige a VTR COSNTRUÇÕES LTDA, empresa do ramo da construção civil da família.

e-mail: sebastiao.vitorino.filho@gmail.com

ISBN: 978.65.88318.10.2



estradas, comunicações e a segurança pública eram muito precárias, onde as diferenças políticas eram resolvidas a bala, em uma emboscada, e os grandes latifundiários, para guarnecer seus patrimônios, eram obrigados a manterem em seus domínios jagunços para combaterem a sanha dos cangaceiros que infestavam os rincões nordestinos.

SEBASTIÃO VITORINO FILHO



e-mail: sebastiao.vitorino.filho@gmail.com

PEDRO VITORINO DA SILVA

ENTRE JAGUNÇOS, CANGACEIROS E VAQUEIROS




Luciano Vitorino Aragão, representando
o Bisavô Pedro Vitorino da Silva



PEDRO VITORINO DA SILVA
ENTRE JAGUNÇOS, CANGACEIROS E VAQUEIROS

Dados a biblioteca da
UFPA 2 vols de surto
Mr Brito.

J. Pesses 12/08/2023


SEBASTIÃO VITORINO FILHO

**PEDRO VITORINO DA
SILVA**

ENTRE JAGUNÇOS, CANGACEIROS E VAQUEIROS



JOÃO PESSOA – PARAÍBA
- 2021 -

Copyright © 2016 by. Sebastião Vitorino Filho

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânico, incluindo fotocópia e gravações) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor e da Editora.

Editoração: Marconi Almeida

Este Livro foi impresso nas Oficinas Gráficas da
MÍDIA GRÁFICA E EDITORA LTDA,
Av: Senador João Lira, 86 – Jaguaribe - CEP: 58.050-150
Fone: (083) 3222-3465 – João Pessoa – Paraíba

Email do autor: sebastiao.vitorino.filho@gmail.com

C289c Filho, Sebastião Vitorino.

Pedro Vitorino da Silva: Entre Jagunços,
Cangaceiros e Vaqueiros:/Sebastião Vitorino Filho. João
Pessoa-PB: Mídia Gráfica e Editora, 2021.
p.274

ISBN: 978-65-88318-10-2

1. História – Paraíba..

CDU: 94:32(813.3)

**Dedico esta obra aos meus
descendentes
Virginia Florisa, Pedro Vitor,
Daniel, Antônio
José e Nicolas Vitor.**

**À minha esposa Francis-Mary que muito
contribuiu para a realização desta obra.**

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos anos que planejo escrever esta obra, hoje certamente não poderia esquecer de prestar os meus agradecimentos às pessoas que de fato contribuíram para realização desta obra.

Agradeço ao meu tio Pedro Vitorino Filho, muito lúcido com 92 anos, que em 2014 me deu uma longa entrevista em sua casa na cidade de Parelhas-RN, a qual contribuiu para a concepção deste trabalho.

Agradeço ao amigo historiador de Sumé Francisco Adriano que prontamente pesquisou dados e informações importantes, nos arquivos do cartório daquela cidade.

Agradeço a todas as minhas irmãs, especialmente Maria Marleide Vitorino Aragão que sempre me deu força para continuar pesquisando, e Rita Maria Vitorino e Renato Igor Vitorino Aragão,, que pacientemente fizeram a correção ortográfica.

Desejo agradecer a minha amiga Fátima Ferreira, pela força e interesse de ajudar na pesquisa relacionada a cidade de Limoeiro.

Por fim, agradeço ao meu sobrinho Luciano Vitorino Aragão, agropecuarista no estado do Maranhão, que emprestou sua imagem para a capa deste livro, pois é o bisneto, que segundo relatos, mais se assemelha ao biotipo de Pedro Vitorino, e também, manteve o gosto por cavalgada, vaquejada e pegas de boi.

CAROS LEITORES(AS):

Diante das multiplicidades de temas, como a grande maioria dos estudantes, também tive muitas dificuldades em iniciar a escrever o TCC de meu curso de História. As dificuldades foram tantas a ponto de acreditar que não seria capaz. O tempo corria, a angústia aumentava, e, certo dia, confidenciei o meu drama ao orientador, que do alto da sua experiência falou: “Capacidade você tem, mas o trabalho só irá florir na sua mente quando deres dois passos firmes: 1- Definição do tema que tenhas identificação, admiração e paixão. 2- Obter e catalogar as fontes; revistas, entrevistas, livros, vídeo, e finalmente ler tudo que puderes sobre o assunto, depois vais perceber que naturalmente brotará uma força interna, que você não sabe de onde vem, e o trabalho fluirá normalmente”. Dito e feito! Decidi-me por escrever sobre o ex-presidente João Goulart, uma época da história que sempre me fascinou, e sem maiores problemas, em poucos dias consegui fazer um trabalho razoável.

A ideia deste novo trabalho povoava a minha cabeça desde a minha mais tenra idade, onde sempre procurava respostas para uma singela pergunta: Onde estão meus parentes? Os tios, tias e primos? Como poderia entender que um homem que foi pai de treze filhos, em um primeiro casamento, e mais seis em uma segunda núpcia, apenas meu pai criou raízes na sua terra natal? O que de fato aconteceu?

Na infância a única relação com os antepassados era uma foto de minha avó paterna afixada na sala de jantar, que falecera em 1936, quando meu pai tinha cerca de quinze anos. Acredito que com esta idade ele guardava muitas lembranças de sua mãe, e sempre falava que a foto não tinha ficado boa e sua mãe era muito mais bonita pessoalmente. Do meu avô paterno, que falecera em 1946, quando alguém que o conhecera pessoalmente puxava qualquer assunto, meu pai sempre embargava a voz e mudava de assunto. Como ele era uma pessoa muito alegre, assuntos que lhe deixavam emocionado, não fazia por onde prosperar.

O meu interesse, por este assunto, aumentou por volta de 1988, quando um certo dia, por acaso, estava no balcão do bar de

“Lourdinha de Didunga”, enquanto minha mãe conversava com a proprietária em outro ambiente da casa, e, sem querer, escutei a conversa de um cidadão grisalho, óculos com lentes grossas, falando algo sobre minério, enquanto tomava uma cerveja. Como sou engenheiro de minas, interessei-me pelo assunto e acabei entrando naquela conversa, por sinal, muito salutar. Quando a conversa estava bem animada, minha mãe apareceu e tive que despedir-me do distinto cidadão que, devido ao nível técnico do diálogo, perguntou-me se era geólogo. Falei que não, mas sim Engenheiro de Minas, e que tinha acabado de concluir a Pós-Graduação em Geofísica, em Belém do Pará. Por fim, perguntou-me de onde era e lhe respondi que sou daqui mesmo (Sumé-PB), inclusive nasci aqui nesta casa vizinha ao bar. Disse, ainda, que meu pai foi uma pessoa muito conhecida na cidade: Vereador Sebastião Vitorino da Silva.

Muito admirado, ele falou:

- Então você é neto de Pedro Vitorino! Pedro Vitorino do Olho D'água do Cunha! Quem diria! Pedro Vitorino, com um neto doutor!

Fiquei intrigado com tanta admiração. Nos despedimos cordialmente, e durante a viagem de volta para Campina Grande-PB perguntei a minha mãe se ela sabia quem era aquele cidadão, e porque ele estava tão admirado com a minha performance acadêmica.

Sua resposta foi: “Não sei bem o nome dele, não! Mas aquele cidadão é uma pessoa da família Mayer que mora fora. Ele deve estar admirado, porque seu avô era um pobre coitado analfabeto, que foi vaqueiro deste povo, por mais de trinta anos, desde o tempo do coronel Adolfo, e um dia, um amigo de seu avô assassinou um outro vaqueiro da Firmeza, porque o safado andava difamando a filha do homem. Por causa disto, acabaram pedindo a morada do Negro Velho, que não tinha mais para onde ir”

Depois da manchete, durante nosso regresso para Campina Grande, minha mãe começou a narrar os fatos mais detalhadamente.

“Tudo corria muito bem até que um dos vaqueiros da Firmeza, Joaquim Cariri, que era um negro dos olhos verdes, muito bonitão, engravidou a filha de um tal de Zé Costa, um forasteiro, que

era muito amigo de seu avô Pedro Vitorino, mas nada se poderia fazer porque o fulano já era casado, então o dono da propriedade, para acalmar os ânimos, fez um acordo para que o vaqueiro cedesse duas vacas como forma de recompensa pelo dano e, também, uma maneira do seu filho ter, pelo menos, leite para se criar.

Tudo acertado, mas o vaqueiro bonitão, andava falando pelos bares de São Tomé que tinha gado para dá pela a outra filha do Zé Costa, até que o pai humilhado pela falação, mata o falastrão em uma emboscada.

Daí a fama e o prestígio de Pedro Vitorino entra em desgraça! Depois da morte do vaqueiro bonitão, não conseguiram achar o assassino, e não se sabe porquê, os patrões exigiram a prisão de seu avô e seu tio Murilo, por este crime, mesmo não estando nem perto da cena do crime. Depois disso o Negro Velho acabou perdendo a sua morada, morrendo de tristeza, e os filhos, acabaram debandando pelo Brasil afora.”

Concluído o relato sucinto de minha mãe, imediatamente abriu-se uma grande lacuna na minha mente: Como pode se prender alguém e acusá-lo de um crime, apenas pelo fato de ser amigo do assassino? Com certeza, tem algum carço neste angu!

Várias vezes ensaiei escrever a história narrada por Dona Florisa, mas sem o conhecimento mais profundo da história recente do nosso Brasil, como pano de fundo, os acontecimentos locais isolados me pareciam uma história singular sem sentido. Assim, as palavras soltas se tornavam estéreis, não formavam frases, e as ideias não conseguiam pular da minha cabeça para o papel. Esta luta interna durou anos até entender que, mesmo para escrever sobre um assunto singelo familiar, deveria abastecer-me mais profundamente da História política recente do Brasil, as atrocidades da escravidão, passando pelo modo de vida dos vaqueiros, os mandos e desmandos dos Coronéis do interior brasileiro na Velha República, o ciclo gado, ciclo do algodão, as lutas políticas regionais, as guerras mundiais e locais.

Para obter um mínimo destes conhecimentos resolvi cursar Licenciatura em História, na UFPB.

Seguindo a orientação de meu professor na época do TCC, neste novo trabalho, procurei informar-me, ao máximo, dos fatos

principais e paralelos, pesquisando nos livros, na internet, e entrevistando pessoas que presenciaram os fatos. Todo este material após catalogando em ordem cronológica, facilitou bastante a compreensão dos acontecimentos da época, que resultaram neste romance emoldurado nas histórias recentes da cidade de Sumé e do Brasil, o qual ofereço a todos os descendentes do vaqueiro do Olho D'água do Cunha que, devido aos fatos relatados nesta história, espalharam-se por todo o país, abandonando quase totalmente a vida do campo. Destes, apenas o agropecuarista Luciano Vitorino Aragão, radicado em Teresina-PI, herdou o gosto do bisavô por cavalos, vaquejada e criação de gado. Os demais, enveredaram por profissões urbanas, são: Engenheiros, Médicos, Enfermeiros, Professores, Arquitetos, Economistas, Advogados, Design de moda, Cabeleireiras, Pastores Evangélicos. Atletas, Promotor de Justiça, Contadores, Policiais, Comerciantes, Comercíários, Motoristas Carreiros e em breve Conrado Cesar Vitorino Pereira, será o primeiro doutor da família.

Dedico esta obra com o intuito de que conheçam um pouco de sua história, e tenham o mesmo orgulho que sinto deste herói, genitor de uma família de dezenove filhos.

O autor
João Pessoa, 24 de novembro de 2020

FÁBULA POPULAR

“Um rei tinha dez lobos selvagens, e quando um servo cometia um erro ele jogava-o para os cães. Daí um dos servos fez algo errado, e o rei ordenou que ele deveria ser jogado aos lobos.

O servo disse: "Eu o servi por dez anos, por favor, me dê dez dias antes de me jogar aos lobos." Então o rei lhe concedeu o último pedido.

Na prisão o servo pediu para o guarda que gostaria de servir os cães durante os próximos dez dias. O guarda concordou e o servo pôde alimentar os cães, limpá-los, e banhá-los com todo o conforto.

Quando os dez dias acabaram, o rei ordenou que o servo fosse jogado aos cães como punição. Quando foi lançado, as pessoas ficaram surpresas ao verem os cães vorazes lamberem os pés do servo!

O rei, perplexo com o que estava vendo, disse:

- O que aconteceu com meus lobos?

O servo respondeu:

- Eu servi os cães apenas dez dias e não esqueceram os meus serviços, no entanto, eu o servi por dez anos e o senhor se esqueceu de tudo no meu primeiro erro.

O rei percebeu seu erro e ordenou que o servo fosse salvo".

Autor desconhecido

SUMÁRIO

CAPÍTULO - I

MARIA DAS DORES 19

CAPÍTULO - II

JOSÉ PÉ DE FERRO 39

CAPÍTULO - III

AMARGA LIBERDADE 71

CAPÍTULO - IV

LAGOA DE BAIXO 111

CAPÍTULO - V

AUGUSTO SANTA CRUZ 133

CAPÍTULO - VI

FAZENDA FIRMEZA 155

CAPÍTULO -VII

OS HONÓRIO FERREIRA 189

CAPÍTULO - VIII

OLHO D'ÁGUA DO CUNHA 207

CAPÍTULO - IX

**A DITADURA VARGAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA VIDA
DO VAQUEIRO PEDRO VITORINO 257**

CAPÍTULO - X
ASSASSINATO DE JOAQUIM CARIRI 263

CAPÍTULO XI
PRISÃO DE PEDRO VITORINO 267

CAPÍTULO XII
**ACORDO PARA PEDRO VITORINO DEIXAR O OLHO D'ÁGUA
DO CUNHA 271**

CAPÍTULO - I

MARIA DASDORES



Maria Marleide Aragão Vitorino, representando sua bisavó paterna – Maria Das Dores

Noite de 29 de setembro de 1871. Faz muito frio na senzala da fazenda dos Mouros, região serrana baiana, atual município de Morro Chapéu Bahia. A negra Maria de Jesus, mais conhecida como “Jú”, não para quieta. Impacientemente andava de um lado para outro do casebre. Escrava de origem Malê, bastante desnutrida e magra, com 1,85m de altura, sob o vestido de chita fino apresentava uma barriga fina e pontuda, dando-lhe o aspecto macabro de uma cobra que tinha engolido uma presa

grande. Andava de um lado para outro, enquanto vinham as contrações do parto de seu décimo quinto filho. Já tinha bastante experiência com esta situação e caminhava para amenizar as dores até as últimas horas. Depois era só agachar-se em um canto e o rebento pulava fora. As demais escravas, lideradas por uma mais velha, que atendia pelo nome de Mãe Benedita, ajudaram a pegar o bebê. Tão logo a criança veio ao mundo, a parteira experiente cortou o cordão umbilical com uma tesoura enferrujada, conferiu o sexo, ao mesmo tempo em que enrolava a criança em um pano de algodão branco, e com sua voz pachorrenta e fanha, fala em tom de felicidade para a parturiente:

- É uma menina comadre! Aparenta ter boa saúde. É comprida como tu!

Maria de Jesus resmungou algumas palavras que nenhuma das outras negras da senzala entendeu, pois ali, naquela senzala era a única de origem Malê, que conhecia a religião muçulmana e sabia ler em árabe.

Maria de Jesus era uma das filhas de um dos chefes Malês que, em 1835, liderou a revolta deste grupo de negros nos arredores de São Salvador. Debelado à insurreição, com muita violência, a estratégia do governo da província e dos senhores escravocratas para desmobilizar, de vez, o movimento abolicionista, destes negros indóceis oriundos da África Oriental, que tinham instrução e conhecimentos das leis, foi vender as “peças” para o mais distante possível um do outro. Jú, com menos de um ano de idade, e sua mãe, que já contava com 26 anos, foram vendidas para uma fazenda na região de Morro do Chapéu, no interior baiano, onde conviveu com sua mãe até os sete anos, quando acabou falecendo no tronco.

Teria balbuciado em árabe, algo que aprendeu com sua genitora, com um misto de ódio e tristeza – “Mais uma para parir filhos varões, para depois estes senhores cruéis venderem como animais”.

Que nome *vosmicê* vai colocar nela, *cumade*? – falou a Mãe Benedita alegremente.

- Sulena.

- Tu tá doida “muié”! Cruz credo! Deus nos livre de pronunciar este nome aqui! – respondeu energeticamente a parteira, sabendo que aquele nome era o nome de um dos chefes Malês, executados após a revolta de 1835.

Fraca, quase sem voz, mas com convicção, balbuciou:

- Então vai ser Maria Das Dores!

Na senzala escura, as escravas entretidas com o bebê não perceberam que a parturiente, com 36 anos, mal alimentada, estava com um sangramento fora do normal. Quando os primeiros raios de sol atravessaram a fresta da porta, muito cuidadosa, Mãe Benedita foi verificar as condições da parturiente e já a encontrou sem vida.

O alvoroço tomou conta de todos dentro da senzala, chamando atenção do capataz, que abriu a porta e tomou conhecimento do acontecido. Imediatamente ordenou que outra negra que tivesse bebê em idade de amamentação no peito assumisse a tarefa de alimentar aquela órfã, que berrava de fome, e registrou no livro da fazenda o nome da criança nascida e a morte de sua mãe. Liberou todos da labuta para que providenciassem o funeral, e que, no mesmo dia, fosse sepultado o corpo no cemitério dos escravos, ali mesmo na fazenda.

Todos os outros filhos anteriores de Jú foram varões. Suas estruturas ósseas e musculares chamavam a atenção dos mercadores de negros. Portanto, todos foram negociados ainda crianças.

Cerca de um mês e meio depois apareceu na sede da fazenda um jornal de São Salvador que trazia a notícia que a Lei Rio Branco, mais conhecida como a “Lei do Ventre Livre”, havia sido promulgada e que todas as crianças nascidas a partir dia 28 de setembro de 1871 estariam livres do regime escravista. O dono da fazenda mandou chamar o capataz alcunhado de “Severino Tenaz”, em alusão ao uso do tenaz, instrumento de trabalho de ferreiro utilizado pelo capataz para castigar os negros esmagando seus dedos, para saber dos últimos nascimentos de escravos, segundo registros no livro da fazenda.

- Patrão, nestes últimos tempos não nasceu menino nenhum por aqui não, a última que pariu foi aquela negra cumprida e teimosa, que morreu em seguida.

- Como tá registrado no livro? Indagou o patrão.

- Foi no dia 29 do *mei* passado.

- Arranque a folha e anote novamente com data 27. Sendo filha da Negra Jú, deve ser parideira e vale muito. Assim que andar vou me desfazer desta “peça”. Este juiz de Jacobina pode querer algum dia questionar a data do nascimento da negrinha.

Mais tarde, quando chegou a notícia da Lei do Ventre Livre na senzala, algumas negras mais instruídas questionaram a data do nascimento da órfã Maria Das Dores, mas ninguém ousou contrariar as ordens do Senhor proprietário, pois todos tinham muito medo do tenaz em seus dedos.

Fisicamente, Maria Das Dores era uma cópia idêntica de sua mãe: magra, comprida e insolente. Viviu o dia na casa grande servindo à senhora da casa, mas à noite era obrigada a dormir na senzala, pois não se conformava com nada. Questionava tudo, e sempre queria saber o porquê das coisas.

Com este comportamento arreado, quando completou nove anos, no ano de 1880, época de muitas dificuldades financeiras para os fazendeiros do Morro do Chapéu, foi vendida para um tropeiro, chamado de Severino Reis, que comprou a “peça” por encomenda de Dona Maroquinha e Seu Antônio Vitorino, casal de comerciantes portugueses, há poucos anos chegado do além-mar, radicados na freguesia de Santo Amaro do Ipitanga, atualmente município de Lauro de Freitas-BA, recôncavo baiano.

Antônio Vitorino Pereira era irmão do marceneiro José Vitorino Pereira, cujo filho, o médico Manuel Vitorino Pereira, foi o segundo Presidente da Província da Bahia, cargo análogo a governador, e mais tarde, em 1894, chegou a vice-presidente da República, na chapa de Prudente de Moraes.

No documento de compra e venda da jovem escrava estava escrito o nome de sua mãe, Maria de Jesus, conhecida como Jú, e a data de seu nascimento: 27 de setembro de 1871,

falsamente assentado no livro da fazenda algumas horas antes da data real de seu nascimento e que a condenou à escravidão eterna.

Na senzala sempre ouviu dizer, pelas negras mais velhas, que tinha nascido liberta, mas que, a maldade e ganância do proprietário de sua mãe, a data de seu nascimento havia sido alterada para que aquele senhor católico praticante, que todo domingo estava sentado na primeira fila da igreja, na missa do padre Edmundo Varjão, pudesse um dia lucrar alguns contos de réis com a venda de uma cativa.

Para Maria Das Dores, ficar naquela vida, onde não tinha nenhum parente de sangue e os próprios negros da senzala não gostavam muito de aproximação com ela, pela sua rebeldia, que mesmo ainda sendo uma criança, já havia passado várias vezes por castigos físicos, ou ser vendida para uma terra distante para pessoas totalmente desconhecidas, não fazia a menor diferença.

Na hora da partida deu apenas um abraço na Mãe Benedita. Rolou uma lágrima pelo seu rosto de criança, que foi imediatamente enxuta pelas mãos trêmulas da velha negra, que disse:

- Seja forte como sua mãe. Ela nunca chorava!

- Adeus Mãe Benedita!

Soltou-se das mãos da velha e correu em direção ao pátio da fazenda, onde os tropeiros já estavam todos perfilados para a partida. Não havia bagagem. Seus pertences e vestimentas eram as que estavam em seu corpo infantil. Um dos homens indicou com a mão direita que a menina deveria acomodar-se sobre a canalha de um dos burros.

Severino Reis era um homem sisudo, falava pouco, andava sempre metido em um capote de frio, mesmo com sol forte, e um chapéu preto atolado na cabeça. Era, na verdade, um desertor da justiça cearense, que encontrou guarida na Bahia, onde fazia comércio de artigos de tecidos e utensílios domésticos da capital para o sertão baiano, tudo sob as bênçãos do capital de Antônio Vitorino. Sua tropa era composta por mais duas pessoas: João da Burra, um pernambucano magro, de pele encerada, cabelos e

barba desalinhados, rosto fino, feito um guaxinim, dentes escuros e que estava sempre com um cigarro “Pé de burro” na boca. O terceiro tropeiro era o velho Horácio, cuja função na tropa era cuidar do trato e manejo dos 12 animais que tangiam de sertão afora carregados com todo tipo de bugigangas.

De Morro do Chapéu para Santo Amaro de Ipitanga, atualmente, Lauro de Freitas, região próxima de São Salvador, na Bahia, são quatrocentos quilômetros, em linha reta. No retorno quando os animais estavam com pouca carga, os tropeiros geralmente costumavam gastar cerca de quatro dias, vencendo aproximadamente cem km por dia.

No primeiro dia a turma de viajantes fez parada no povoado de Vila Nova, a meio caminho de Jacobina. O velho Horácio colocou os bornais de milho nos focinhos dos muares, retirou uma gamela de madeira e uma lata da bagagem, em seguida se afastou para buscar água para os animais e para fazer o café. Os demais fizeram cada um sua tarefa: um estendeu uma lona sob um pé de umbuzeiro, enquanto o outro faz o fogo e Maria das Dores, com seu corpo de criança peralta, de apenas 9 anos, mas que aparentava ter 12 anos, ajudou procurando gravetos secos para acender a fogueira. Quando o velho Horácio voltou da sua missão de buscar água no barreiro próximo, pôde ouvir uma ponta do diálogo maligno dos dois homens.

- Esta encomenda é para ser entregue inteira? - Indagou o pernambucano magro.

- Não está especificado. Desde que seja entregue, *tá bom*. - respondeu o fugitivo da justiça cearense.

- *Entonce*, o primeiro é eu, *adespois* é tu. O *véi* não sabe mais o que é isso. - em seguida deu uma risadinha safada no canto da boca.

Neste momento o velho Horácio, que escutava a trama, pegou o rifle parabelo, engatilhou com maestria e falou para os outros dois homens.

- *ocês* só vão mexer com esta criança depois que me fecharem, mas antes *coso* vocês dois!

- Qué isso véi! *Vosmicê* sabe que sou o patrão, aqui quem manda é eu! - falou cheio de autoridade o foragido Severino Reis.

A dupla de facínoras percebeu, pelo manejado do parabelo, que aquele homem de idade tinha alguma intimidade com as armas de fogo. Dois disparos para o alto, e, em seguida, a voz rouca e mansa do velho Horácio chega aos ouvidos de todos.

- Encostem-se ali naquela pedra grande de costas para mim. Aqui quem fala é o sargento do Exército brasileiro, Hermenegildo Batista da Nóbrega, paraibano do vale do Sabugi, que lutou na guerra do Paraguai, ao lado do general Caxias, até o dia em que um oficial, mal-educado cometeu o erro de bater na cara que mamãe beijou. Só dei um tiro no olho do safado, que não queimou nem a pestana. Portanto, hoje sou um foragido da lei, mas não vou permitir que *vosmicês* façam uma barbaridade dessas com esta criança indefesa.

- Minina, vá perto destes dois safados e desamarre a cinta das suas *carças*. - Ordenou o velho Horácio.

Maria das Dores que estava se divertindo com o ocorrido, sem um pinga de medo, obedeceu às ordens do seu defensor.

- Agora baixe as *carças* dos dois! - determinou o ex-militar.

- Agora venha prá cá e me dê aquele rolo de corda que está ali no chão.

Com a pequena corda de caroá o sargento amarrou o parabelo no tronco do pé de umbu e em seguida falou para a menina.

- Fique aqui apontando este *rifi* para os dois, se algum deles se levantar é só puxar aqui que eles ficarão quietinhos. Agora vou *arriar* dois animais para irmos embora e deixar esses estrumes aqui.

O sargento Hermenegildo arreou dois animais possantes, colocou mantimentos suficientes para cobrir o resto da viagem, recolheu as armas de fogo, amarrou os pés e as mãos dos dois facínoras e em seguida falou o seguinte para os dois criminosos:

- A minha intenção é entregar a minina a quem de direito comprou. Quanto a mim, já tenho quase 70 anos e não aguento mais essa vida de fugitivo. Depois pretendo entregar-me ao

exército brasileiro. Deus seja louvado! Caso pensem em vir atrás de nós, aviso que não vou dar outra chance!

Vararam a noite caminhando estrada afora, e ao romper da aurora os dois viajantes puderam avistar a vila de Jacobina. Na ponta da serra, ao lado de um riacho com água corrente, o sargento e Maria Das Dores lavaram seus corpos naquela água gelada que corria entre as pedras, fizeram um fogo, assaram um taco de carne seca, depois comeram com rapadura e farinha de mandioca. A noite toda não haviam trocado uma só palavra. O sargento, conhecedor daqueles caminhos, ia à frente do pequeno cortejo, sempre com o rifle parabelo ao alcance de sua mão. Depois de alimentar a criança, indagou.

- Qual é a sua graça?

- Mara Das Dores - desenrolada e com altivez, continua - Sua criada!

- Vosmicê agora pertence a casa de Antônio Vitorino. Ele é estrangeiro, mas pelo que sei é homem honesto e honrado, ao qual pretendo te entregar. Sua mulher também é uma pessoa muito boa e decente. Até chegar lá, ainda teremos que dormir no mato, umas três ou quatro noites.

Finalmente, após três dias e uma noite de viagem de rota batida para a vila de Santo Amaro do Ipitanga, o sargento Hermenegildo e Maria Das Dores chegaram na frente do Comércio do português Antônio Vitorino. O sobrado virado para o nascente ficava a casa de morada, com dois pavimentos, jardim, pomar e varandas por toda a frente da casa. Voltado para o poente estava a casa de comércio que tinha de tudo, desde tecidos, utensílios domésticos e toda sorte de gêneros alimentícios.

O velho ordenou que a garota permanecesse sobre o animal, enquanto o mesmo entra no estabelecimento do português. Antes que o comerciante o saudasse como Horácio, o sargento apresenta-se da seguinte forma:

- Senhor Antônio Vitorino, aqui está na presença de vossa senhoria o sargento do Exército brasileiro, Hermenegildo Batista

da Nóbrega, foragido da guerra do Paraguai, por defender a sua honra!

Percebendo que se tratava de algo sigiloso, o experiente comerciante português Antônio Vitorino, acostumado a lidar com todo tipo de fora da lei, chama o interlocutor para um canto e pergunta.

- Que história é essa *home?!*, Há bem poucos dias estava eu a te chamar de Horácio. Agora vens tu com esta história de Hermenegildo!

- Sou um desertor do Exército brasileiro, desde o ano de 1869, quando mandei desta pra melhor um segundo tenente, que desavisadamente bateu na minha cara. Seu Antônio Vitorino, conforme *vosmicê* bem sabe, tô nessa vida de almocreve há mais de onze anos, sempre servindo ao seu protegido Severino Reis. Acontece que há quatro dias atrás tive que prender o bastardo, pois ele, junto com o João da Burra, estava tramando de fazer a negrinha de 9 anos, que vossa senhoria encomendou no Morro do Chapéu, de mulher. Prendi os dois e deixei-os amarrados com o resto dos animais. Acredito que mais em um ou dois dias deverão aparecer por aqui contando outra história. A minha conversa é pouca, sua encomenda está lá fora. Sou um homem idoso sem posses e daqui vou direto me entregar no quartel de São Salvador. Assim terei, pelo menos, casa e comida, pelo resto da vida.

Perplexo com a história, coragem e retidão daquele homem simples, o português, que já passava dos 60 anos, embora estivesse há, apenas, 15 anos no Brasil, naturalmente foi saindo da loja e se deparou com a figura esguia de uma criança, escanchada na cangalha de um burro, com sol a pino na cabeça, sem ao menos um chapéu de palha para proteção. O quadro não poderia ser mais melancólico: o rosto juvenil fino, magro e escuro como o restante de seu corpo; cabelos encarapinhados cortados rentes ao casco da cabeça; o vestido de chita fina, de tão empoeirado, não denotava mais a cor original do tecido. Alheia ao futuro que lhe aguardava na sua nova morada, seu olhar infantil, de quem tem fome, perdia-se no horizonte. De longe

parecia mais com um menino e, pelo seu tamanho, ninguém em sã consciência imaginaria que aquela criatura tinha apenas 9 anos de idade.

- Sargento, pelo amor de Deus! Desça esta criaturinha do burro e traga para a minha casa, mas, por favor, não fale o sucedido para minha mulher, que é muito católica.

Antes de voltar para o seu estabelecimento comercial, falou baixinho:

- Depois do almoço venha aqui na loja. Um homem de valor como vosmicê, não vai morrer na cadeia, não! Caso queira, vou lhe mandar, ainda hoje, para meu sítio Lagoa do Meio, daqui a quatro léguas. Lá nem o exército lhe acha.

Feliz com o novo rumo para sua vida, de pronto o ex-sargento aceitou, e no mesmo dia embarcou para sua nova missão.

Dona Maroquinha, natural da cidade do Porto, tinha tez muito branca, cabelos pretos escorridos pelos ombros, corpo bem rechonchudo, seios fartos, ancas largas e olhos azuis, como duas pedras de anil. Com 45 anos já estava fora do período fértil e, por algum motivo de saúde, não tinha conseguido vingar nenhuma de suas três gravidezes. Era irmã de Antônio Falcão, um fabricante de calçados da Baixa do Sapateiro de São Salvador-BA.

Possuir escravos para a labuta doméstica era sinal de prestígio na comunidade lusitana-baiana, mas mais prestígio ainda era quando, além dos escravos para a labuta doméstica, a senhora também possuía uma dama de companhia, uma mucama. Devido à falta de filhos, dona Maroquinha tinha alguns problemas existenciais e, vez por outra, entrava em depressão. Antônio Vitorino, seu zeloso esposo, tentava saná-los de qualquer maneira. Fazia todos os seus gostos, que o dinheiro pudesse comprar. Com o crescimento dos negócios, expandidos para outras regiões do estado, deu para fazer mais um mimo para sua amada e mandou comprar uma negrinha que estava à venda pros lados de Morro do Chapéu, que depois que fosse

educada e paramentada serviria como dama de companhia para sua amada esposa.

Quando recebeu a notícia que seu presente havia chegado, Sinhá Maroquinha, a princípio, não ficou satisfeita com o aspecto da “peça” adquirida pelo seu marido. Deparou-se com uma criatura *epilogada*, desnutrida, com os ossos da face protuberantes, olhos grandes preste a saltar do globo ocular, cheirando mal, perguntou-se: “Será possível adestrar essa ‘coisa’ para me servir como uma verdadeira dama de companhia?” Cheia de insegurança e pensamentos negativos, imagina: “Certamente servirei de chacota para minhas amigas lusitanas”

Na casa já tinha três cativas: Anastácia com 17 anos, Maria das Graças com 22, ambas encarregadas dos serviços gerais, e a cozinheira Zefa, que já passava dos 40 anos. Atônita com a situação vexatória iminente, Sinhá Maroquinha ordenou que as duas negras encarregadas dos serviços de lavagem de roupa, arrumação e varrição da casa levassem a nova aquisição da casa para o quintal, para ensaboá-la bem, limpar os ouvidos e esfregar seus calcanhares com caco de telha para, tirar toda poeira e possíveis parasitas adquiridos na estrada.

A negra Anastácia, com muita má vontade e ciúmes do cargo que aquela infante poderia assumir mais tarde, passava a bucha nos braços da criança de tal maneira que só faltava espirrar sangue, e sempre repetia para a sua companheira:

- É isso aí, que vai ser mucama? Duvido isso aqui nunca vai chegar aos pés da mucama da mulher do comendador Elias!

Maria das Graças não concordava e falava:

- Não vejo nada demais a pessoa aprender a ser mucama – continuou – Quem não pode mesmo é eu e tu, que já passamos da idade!

Sem entender o que se significava toda aquela conversa, Maria Das Dores, mesmo com muita fome que lhe assolava o estômago, perguntara para a escrava mais velha:

- O que é isso? Mucama?

Anastacia deu uma gargalhada debochada, e falou:

- Não disse! Não sabe nem o que é uma mucama!

- Não ligue não, *minina*. Ela está é com inveja, proque ninguém quer uma mucama velha como ela – respondeu com entonação materna a escrava Maria das Graças.

Finalizado o banho, as negras enrolaram a criança em um lençol branco e levaram para dentro de casa, onde a patroa já estava esperando em um quarto contíguo ao seu. Pegou um vestido e deu para que a criança vestisse. Em seguida entrou a costureira da senhora para tirar as medidas a fim de fazer roupas do dia a dia e outras para ocasiões especiais, quando acompanharia a madame nos passeios da tarde às casas de suas amigas patrícias, e às missas dominicais.

- Levante os braços, meu anjo – ordenava a velha costureira para tirar as medidas.

Maria Dasdores tentava, mas não tinha força para obedecer às ordens da costureira. Os braços desfaleciam, antes de passar a trena no busto.

- Menina, *vosmicê* parece que está com fome? Já comeu hoje?

- Nem hoje, nem ontem! – respondeu Das Dores com bastante sinceridade.

- Sinhá Maroquinha, acuda que esta menina não come desde ontem! Não tem força, nem para levantar os braços. Está em ponto de dar uma *turica* de fome!

- Meu Deus! Nem imaginei que ela não tinha comido nada hoje! – lamenta a patroa preocupada.

- Zefa – gritou a senhora para a negra da cozinha – Faz um caldo de carne bem grosso para essa menina matar a fome.

- Dona Terezinha, hoje não vai ter condições de tirar estas medidas. Vou alimentá-la vagarosamente, para não dar constipação, e amanhã à tarde a senhora volte para continuarmos – falou a patroa.

Depois de alimentar-se, ali mesmo em uma mesinha, no quarto contíguo ao do casal, o olhar de Das Dores perdido no horizonte, ocasionado ainda pela desnutrição, foi se desfazendo naturalmente, ao mesmo tempo em que foi tomando consciência do mundo real que lhe rodeava. Vagarosamente se deu conta que,

pela primeira vez na vida, fez uma refeição sentada em uma mesa, num quarto com janelas e cortinas esvoaçantes. Enxergou um armário com espelhos nas portas e uma cama de solteiro forrada com uma coxa de cambraia bordada. Percebeu, também, que sob a cama tinha um instrumento de trabalho, bastante conhecido: um penico de ágata, que outrora, todas as manhãs tinha a obrigação de esvaziar o conteúdo de vários no aceiro da mata e, em seguida, lavá-los e depois pendurá-los nas varas da cerca de faxina.

Quando todos saíram do quarto, Dona Maroquinha sentou-se junto de Maria Das Dores e perguntou: “Qual a sua graça?”

Respondeu com muita presteza e altivez.

- Maria Das Dores.

- Melhor só Dasdores. É mais fácil – retrucou a senhora.

- Sim, senhora!

- A primeira lição a aprender é responder assim: Sim, Sinhá Maroquinha.

- Sim, Sinhá Maroquinha!

Pela firmeza e entonação da voz daquela criança desnutrida, percebeu que tudo que faltava àquela criatura, onde até a pele juvenil não tinha viço, era o sagrado alimento de cada dia. Neste momento, mudou de ideia e sentiu que seu marido havia acertado no presente, e que não mediria esforços para educá-la para ser sua dama de companhia.

Carinhosamente sentou a criança na borda da cama e disse:

- De hoje em diante vou treinar, devagarzinho, para você ser minha mucama.

- Sinhá Maroquinha, o que é isso? Mucama?

- Primeiro você vai ter que aprender a ter modos finos para servir-me em casa e também me acompanhar nas visitas que faço à tarde, às minhas amigas. Você vai morar aqui neste quarto, vizinho ao meu quarto e do meu marido.

Sentada em uma cama fofa forrada com lençóis limpos e cheirosos, deixava aquela criança escrava bastante perplexa, mas nada abalava à sua altivez, e a mesma respondeu à sua senhora:

- Não sei bem o que é isso, mas quando aprender vou fazer tudo para agradar você, Sinhá Maroquinha.

Em poucos dias Dasdores recebeu suas novas vestimentas e calçou o seu primeiro sapato, que foi confeccionado propositadamente, bem grande para que os seus dedos dos pés, os quais eram muito espalhados e nunca tinham sentido calçado nenhum, fossem se acostumando aos poucos.

Servia de admiração aos seus senhores a velocidade com que Dasdores aprendia o seu ofício de mucama, sempre paramentada com uma blusa branca bordada, uma saia rodada de cambraia no meio da canela, turbante na cabeça, colares de miçangas no pescoço e meias brancas. Em pouco tempo aprendeu a bordar à mão e assim passava horas na varanda do sobrado, bordando ao lado de sua senhora. Quando chegava alguém, retirava-se sutilmente do recinto fazendo reverência para a visita e, mais tarde, aparecia com uma bandeja de prata nas mãos e servindo chá com bolinhos de goma e suco de pitanga com tanta delicadeza, que até a esposa do comendador tinha inveja da mucama de Maroquinha.

Em 1887, quando Maria Das Dores, completou 16 anos, botou um corpão e um par de pernas para fazer inveja, mas o que mais chamava a atenção de seus senhores era a sua personalidade forte. Não gostava de brincadeiras com as outras negras da casa, nem gostava de voltar atrás no que dizia. Jamais mentia! Sua relação com a sua senhora, a cada dia se tornava mais fraterna, podia-se até dizer que era de mãe e filha. No entanto, desde a sua chegada naquela casa que despertara o sentimento de inveja de Anastácia de tal forma, que não perdia oportunidade para tecer um comentário em seu desfavor.

Neste ano, a cativa Anastasia tem mais um motivo para odiar Dasdores, ainda mais, e tentar transformar sua vida em um inferno. Foi quando apareceu em uma roda de candomblé, na periferia do lugar, um negro liberto chamado Zé Evangelista, cuja

profissão era sapateiro. Bamba na capoeira, o negro se enrabichou por Anastácia e em pouco tempo engatou uma amigação. Zé Evangelista, que era bem mais jovem, um dia rondando a casa os patrões de sua amásia viu aquela outra negra alta, olhos castanhos escuros redondos, peitos firmes, pele brilhosa, ancas largas, pernas grossas, turbante na cabeça, vestida com uma roupa branca de cambraia e com o pescoço cheio de miçangas. Imediatamente sentiu seu peito ser ultrapassado por uma flechada invisível, deixando-o tão apaixonado, que não conseguiu dar mais a mínima bola para Anastácia que, sem saber da paixão repentina de seu amásio pela mucama, não entendia o motivo do rompimento repentino.

A saúde mental de Sinhá Maroquinha era bastante variável. Passava alguns dias alegre demais, espalhando conversa para todos os lados. Todas as tardes, muito bem arrumada e cheirosa, com sua mucama toda paramentada, conforme os costumes locais, abriam suas sombrinhas francesas e dirigiam-se para a casa de alguma amiga da comunidade portuguesa. Em uma das mãos, Dasdores conduzia o presente para a família visitada: um bolo feito pela cozinheira Zefa, um corte de tecido, uma jarra de suco de pitanga, uma garrafa de vinho do Porto, e até mesmo uma peça inteira de bacalhau. Jamais ia visitar alguém de mãos vazias. Nestes períodos de muita euforia de sua personalidade bipolar, à noite sentava-se na sua cadeira de balanço na varanda do sobrado, ao lado de Antônio Vitorino, e convidada toda criadagem da casa e do armazém para ouvirem as histórias da sua infância na cidade do Porto: a primeira professora, os passeios que fazia com seu pai e sua mãe para Lisboa, a formatura de um primo em Coimbra, os temporais que, vez por outra, arrasava a cidade, a compra e venda de vinho por seu tio rico, descrevia minuciosamente a chegada e saída de navios no cais, com seus apitos longos e saudosos. Histórias que todos ali já sabiam de cor e salteado, mas para agradar ao senhor, todos emitiam emoções, como que estivessem ouvindo, pela primeira vez.

Às vezes, no meio da euforia de uma história, como que um fio se desempapasse no seu cérebro, parava tudo, e mandava todos embora do recinto e, imediatamente, entrava em um estado de tristeza profunda. Fechava-se em seu quarto, por três ou quatro dias, praticamente sem comer, e nem ao menos o cabelo penteava. Neste estado, apenas seu marido e Dasdores adentravam em seus aposentos.

Antônio Vitorino, homem religioso e de muito sucesso comercial, desde que chegou ao Brasil, na área conjugal, carregava a missão de conviver com uma esposa com um grau de bipolaridade insuportável. Quando Sinhá Maroquinha entrava em crise, esta situação era para ficar em segredo. Não deveria, jamais, ultrapassar os muros de seus domínios, mas todos no vilarejo sabiam quando a esposa do rico português entrava em crise.

Na taberna do português Manuel Clemente, a senha que confirmava o estado de crise nervosa da dona do armazém de secos e molhados era quando a senhora e sua mucama não passavam na rua principal, em direção de alguma casa para fazerem a visita da tarde. Chico de Abel, um pinguço meio aluado que perambulava pelas ruas, era o primeiro a dizer:

- Eita! Dona Maroquinha hoje não saiu de casa! Deve tá naqueles dias!

Outros pinguços que aceravam na taberna, maldosamente, também aceleravam o assunto:

- Também uma mulher bonita dessa casada com um véi de mais de sessenta! Ali tá faltando é *homi* para acabar com o fogo que sobe para a cabeça!

Manuel Clemente, no lado de dentro do balcão, um sujeito de corpo opulento, facão rabo de galo por fora da calça, pendurado na cinta de couro cru, camisa de mangas longas arregaçadas até o braço, toalha de prato encardida sobre o ombro esquerdo, sempre limpando o balcão, cabeleira escura cheia e um bigode preto intimidador, que dava a impressão que havia engolido uma andorinha e apenas o rabo estava de fora, com um porrete na mão direita, não aceita aquele tipo de

conversa e entra em conflito com os desocupados, colocando todos para fora da taberna.

- Fora daqui cambada! Aqui no meu estabelecimento vocês não vão difamar meu patrício e compadre Antônio Vitorino – esbravejava na porta de seu comércio com seu sotaque lusitano.

As desavenças com os desocupados eram naturais, porém duravam apenas algumas horas. Mais tarde os bebuns, lentamente, se chegavam ao pé do balcão de Manuel, com um pedido formal de desculpas, até alguém falar mal da esposa de seu conterrâneo e novamente ser expulso.

Tudo que o dinheiro podia comprar, e estivesse a seu alcance, o português apaixonado não media esforço para ver sua esposa curada desta enfermidade cruel. Quando aparecia em São Salvador algum médico estrangeiro, o comerciante marcava uma consulta para sua querida esposa.

No ano de 1887 soube da passagem de um médico psiquiatra argentino seguidor da linha de Sigmund Freud, e imediatamente, através do prestígio do seu amigo, o comendador Elias, a peso de ouro, trouxe-o para fazer uma consulta, em sua residência, que durou uma tarde e um pedaço da noite.

Na manhã seguinte, no escritório do armazém, o médico, munido de um bloquinho cheio de anotações, deu o diagnóstico para as crises existenciais da esposa de Antônio Vitorino:

- Meu caro Antônio Vitorino, pelo curto prazo que analisei as entranhas da personalidade de sua esposa, posso afirmar, com uma boa margem de certeza, que ela sofre de solidão familiar. Saiu do convívio da família muito cedo e a fragilidade de seu corpo físico não conseguiu vingar seus filhos. Tem muitas saudades da terrinha e um amor de mãe por essa negrinha criada da casa, mas as barreiras sociais e culturais a impede de externar este sentimento. Sem filhos, conseqüentemente, sem netos, tem um verdadeiro pavor de ser abandonada na velhice.

- Pude captar nos seus devaneios – continuou o médico – que tem muita vontade de ter uma casa cheia de netos, como suas amigas patrícias, mesmo que fossem filhos da mucama

Dasdores, mas quando cai na realidade, não se imagina com um bebê crioulo no seu colo, e então, entra em crise depressiva.

Perplexo, o comerciante indagou o médico:

- Tem remédio para isso, Doutor?

- Tem sim senhor! Mas não é uma *meizinha* para ingerir! É um tratamento, uma conversa como esta que tivemos ontem, com um especialista capaz de desatar nós existenciais na cabeça das pessoas. Como o senhor bem sabe, estou aqui de passagem e, infelizmente, ainda não dispomos destes especialistas aqui na Bahia.

- E agora, o que farei Doutor para obter a cura de minha querida esposa? - angustiado, Antônio Vitorino indagou o médico.

- Vosmecê é um homem de posses! Aconselho uma temporada na Europa para ela rever os parentes e procurar tratamento adequado. Vai ajudá-la bastante!

Depois da saída do médico, com seus botões, Antônio Vitorino começa a imaginar a situação. Mandar sua linda esposa sozinha para a Europa, não daria certo, pois morreria de ciúmes aqui no Brasil. Acompanhá-la e deixar os negócios em mãos alheias era outra ladeira intransponível. Em quinze anos no seu comércio, jamais havia se afastado um único dia de sua labuta, mas também viver neste inferno astral todo dia, esperando uma nova crise da patroa, também, não o agradava.

Diante da revelação do desejo de ter uma casa cheia de crianças, resolveu investir na solução que lhe pareceu mais rápida, fácil e caseira: um casamento para a escrava Das Dores. Sutilmente incentivou sua esposa a aceitar a ideia e lentamente acenou com uma carta de alforria e um registro oficial para Das Dores.

Orientado pelo padre Cristóvão, de sua paróquia, a primeira providência seria batizar a mucama na Igreja Cristã. Tudo acertado convidou o amigo Manoel Clemente e sua esposa para padrinhos e, apesar da resistência do anti-abolicionistas, simpatizantes do Partido Conservador, deu uma festa no pátio de

sua casa e concordou de acrescentar o seu sobrenome no documento batismal da negra: Maria Das Dores Vitorino.

Daí em diante, nas longas conversas na varanda bordando à mão junto com a mucama, Dona Maroquinha, agora com o incentivo expresso de seu esposo, quando não estava em crise, sempre tocava no assunto de namoro e casamento com sua mucama Dasdores, mas esta nunca havia demonstrado interesse por ninguém:

- Das Dores, você já vai completar dezessete anos! Quando aparecer um rapaz honesto, de sua cor, sem vícios, que se interesse por ti, eu e Antônio fazemos questão de fazer um casamento, bem lindo!

- Por enquanto não penso nisso não, Sinhá Maroquinha! - respondeu secamente Das Dores.

CAPÍTULO II

ZÉ PÉ DE FERRO

A tenda de conserto de sapatos de Pedro Bigodudo, localizava-se na Rua da Vala, atual Baixa do Sapateiro, em São Salvador. Bigodudo, virou escravo liberto a partir do ano 1885, através da lei Saraiva Cotegipe, popularmente conhecida como “Lei do Sexagenário”, quando completou 65 anos de idade. De origem Angolana, tinha uma fala mansa e sem potência, corpo magro, estatura mediana, dentes fortes e muito brancos, cabelos brancos pregado no casco da cabeça, lábios carnudos e protuberantes que dava espaço para crescimento de seu bigode largo e denso, o qual se tornou sua marca principal.

No ano de 1871 a princesa Isabel assinou a Lei Rio Branco, conhecida como a lei do Ventre Livre, a qual deu alforria a todos os filhos de mulheres negras cativas, nascidos a partir daquela data. Quando esta lei entrou em vigor, crianças nascidas nestas condições eram consideradas, pelos proprietários de escravos, como um prejuízo, já que davam despesas, necessitavam de atenção e depois não poderiam ser utilizadas nos trabalhos forçados, muito menos negociadas. Pedro Bigodudo e sua Companheira Maria Luzia não tinham filhos, e foram incumbidos pelos patrões a cuidarem e manter um negrinho, filho de uma escrava negociada para as bandas do Rio de Janeiro, ao qual deram o nome de José Evangelista da Silva.

Com o tráfico de escravos proibido pela Lei Eusébio de Queiroz, desde 1850, chancelado pela poderosa Inglaterra, os preços das peças humanas explodiram no Brasil. Pedro Bigodudo trabalhava na lavoura como todos os escravos do engenho Maturéia, no Recôncavo baiano, mas tinha as mãos hábeis para o ofício de sapateiro e, nas horas de folga, vivia agarrado nos calçados dos patrões, consertando-os.

Não fosse a proibição do tráfico, Pedro Bigodudo e sua companheira Luzia da Conceição, ambos com mais de 50 anos, seriam peças sem valor, pois já estavam acima da média da expectativa de vida para um escravo.

Com a falta de braços para o trabalho e a expansão dos negócios, o português Antônio Falcão, proprietário de uma grande sapataria, botava preços em qualquer “peça” que tivesse algum jeito para a profissão de sapateiro. Assim, um dia Pedro Bigodudo foi vendido juntamente com a mulher, na condição de levar consigo o

negrinho liberto, e passaram a morar na periferia da capital baiana. Na fábrica de sapatos, Bigodudo começou cortando sola e sua esposa ajudava na cozinha da oficina da sapataria. Rapidamente adaptou-se, muito bem, ao seu novo ofício e logo se tornou um grande mestre sapateiro. Com o intuito de adquirir as suas cartas de alforrias, estipulada em 1:200\$000 (um conto e duzentos mil réis), nas horas vagas, Pedro trabalhava avulso para a comunidade e Luzia fazia beijos de mandioca para seu filho adotado vender aos domingos, nas cercanias do Elevador Lacerda.

Trabalhando com a companheira e o filho adotivo, por mais de 12 anos, nunca chegaram a acumular nem a metade dessa cifra. Sua companheira faleceu, em 1884, de tísica (tuberculose), e no ano seguinte recebeu sua carta de alforria gratuitamente através da Lei Saraiva-Cotegipe, mais conhecida como a Lei do Sexagenário.

Em São Salvador, Pedro e Luzia trabalhavam o dia inteiro, só voltando para casa, um casebre cedido pela sapataria na periferia da cidade, apenas à noite. Desta forma Zé Evangelista, como era chamado pelos seus pais adotivos, foi criado em dois mundos antagônicos. Durante o dia vivia solto como um passarinho pelas ruas de São Salvador, fazendo pequenos mandados para garantir o seu sustento, e, nas horas vagas jogava capoeira com a molecada. À noite, quando Pedro e Luiza chegavam Zé já estava em casa com os pés lavado e com água no fogo para fazer café e cuscuz, que servia de complemento à batata doce e carne de charque que era fritada com banha de porco em um tacho de barro.

Antes da ceia, rezavam o Credo e o Pai Nosso, e mais tarde, mãe Luzia, juntamente com suas amigas da comunidade puxava uma novena, que geralmente durava até às oito da noite, quando todos se recolhiam para dormir. Aos domingos era obrigatória a missa das 7 horas da manhã na igreja da Conceição da Praia, que embora fosse longe, era a igreja que a comunidade negra podia frequentar.

Zé Evangelista cresceu nesta vida livre, cada dia mais forte, até os 13 anos, quando sua mãe de criação falece. Nesta fase de sua vida já aparentava ter muito mais idade: estatura média, pele negra e lisa como veludo, braços roliços, dentes fortes, peito arqueado, músculos definidos, cabelo cortado rente ao casco da cabeça e pernas longas desproporcionais ao tronco. Nas ruas, devido a seu gingado e molejo das longas pernas, recebeu a alcunha de “Zé Pé de Ferro”, pois na luta de capoeira, seja na brincadeira ou na *vera*, ninguém ousava o desafiar.

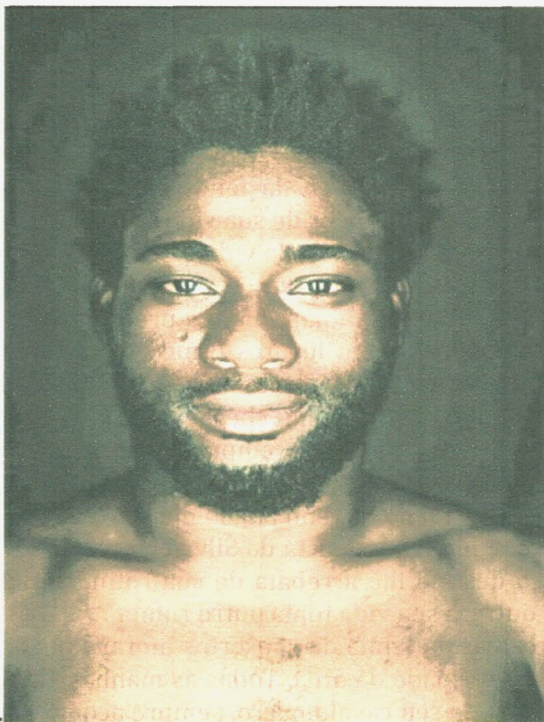
Depois da promulgação da lei do sexagenário, Bigodudo adquiriu uma tenda de sapateiro na rua da Vala, com seus cobres que vinha juntando para comprar sua carta de alforria. Daí em diante a vida de Zé Pé de Ferro ia se transformando em José Evangelista da Silva, pois agora, em vez de perambular pelas ruas, acompanhava o pai adotivo todos os dias no serviço da tenda de conserto de calçados. Embora sentisse muitas saudades de sua vida livre pelos becos e vielas de São Salvador, mas, nesta altura da vida, já estava muito visado pela repressão policial, que encarava o jogo de capoeira, como malandragem, que estava terminantemente proibido. Neste momento, praticar a luta africana, só em lugares ermos, e mesmo assim quem fosse apanhado poderia ir preso e levar umas boas bordoadas.

Todos os dias, pai e filho chegavam cedo à sua tenda de conserto de calçados e cumpriam sempre o mesmo ritual. Enquanto um abria o estabelecimento, o outro varria a calçada, recolhia o lixo, e em seguida descartava-o no terreno baldio mais próximo.

No ano que José Evangelista da Silva completou 16 anos, 1887, mais uma vez, o destino lhe arrebatava de sua rotina, e de repente, de uma hora para outra, a sua vida toma outro rumo.

Nas cercanias da tenda de consertos morava um alferes que se achava a maior autoridade da área. Todas as manhãs ele passava todo orgulhoso em cima de seu cavalo negro, sempre acompanhado de dois recrutas que obrigatoriamente, cavalgavam um pouco atrás. O blusão azul celeste da farda da corporação militar, realçava ainda mais as duas faixas brancas largas de couro cruzadas no peito e nas costas, galões dourados derramando-se do ombro, sobre o peito, espada reluzente, pendurada do lado esquerdo, enquanto uma garrucha descansava dentro do coldre que ficava ao alcance de sua mão direita. Era o terror da área! Olhando firme o horizonte, como quem estava em um desfile militar, não cumprimentava os transeuntes, muito menos seus vizinhos. Na feira era comum as pessoas cederem a vez para o alferes truculento, sem nem pensar em ousar contrariá-lo!

Certo dia o militar parou em frente à oficina de Bigodudo e deixou um par de botas novinho em folha, para que o mestre sapateiro colocasse um enfeite nos seus calçados com dois botões rápidos. Sem dar confiança a ninguém, perguntou:



*Representação fotográfica de Zé Pé de Ferro
-Foto retirada da internet – Domínio público*

Quando fica pronta a encomenda?

Bigodudo com sua calma peculiar e voz arrastada de ancião, responde:

- Pode vir buscar amanhã cedo, que isso aqui é coisa rápida, *seu alferes*.

Quando o policial saiu, Pedro Bigodudo, com o andar cambaleante, foi ao fundo da tenda procurar os botões para aplicá-los nas botas e percebeu que não tinha em estoque o tipo de botão rápido que servia para aplicar nas botas do alferes. Automaticamente chamou seu filho adotivo:

- Zé meu *filho*, pensei que ainda tinha botão rápido, mas não tem! Vá ali à loja do *seu Mateus* e compre 10 unidades. Mande colocar na nossa conta, enquanto vou furando aqui os buracos.

Zé Evangelista estava colocando um solado novo em um par de sapatos, com o pé de ferro em cima de uma tábua, sobre suas pernas. Parou tudo e foi atender ao pedido do pai, mas logo voltou informando que o produto também estava em falta naquela loja.

- Na loja de *Seu Mateus*, tem não pai! Tem lá na loja do italiano, mas o senhor sabe que aquele muquirana só despacha com dinheiro na hora.

- Eita! Ainda não apuramos nada hoje! Tem nada não, daqui a pouco alguém vem buscar algum destes serviços que estão prontos e mando tu *ir* buscar estas peças no italiano.

A tenda de Bigodudo era sempre muito movimentada, mas neste dia, por incrível que pareça, não entrou mais um tostão. No dia seguinte, quando Zé Evangelista acabara de varrer a oficina e foi jogar o lixo no terreno baldio, o alferes chegou na porta da oficina, sempre acompanhado dos dois recrutas, e, sem cumprimento algum, perguntou ao dono da oficina pelo seu par de botas:

- Cadê meu par de botas!

Bigodudo pigarreou, temperou a garganta e depois respondeu com a voz fraca dos subjugados:

- *Seu alferes* não costumo atrasar encomendas, mas não consegui comprar os botões rápidos, conforme vossa senhoria deseja.

Naquele dia haveria uma parada militar e o alferes queria que suas botas fossem diferentes das demais.

- Então me dê prá cá, seu negro nojento!

Sem expressar nenhuma reação às palavras ofensivas do militar, o ex-escravo pegou o par de botas e colocou sobre uma pequena mesa:

- Está aí seu alferes, me *adescuipe!*

A cólera do militar aumentou, mais ainda, quando percebeu que os canos de suas botas novas haviam sido perfurados e não poderia mais utilizar aquele calçado na solenidade de recebimento de uma medalha. Possesso, detratou pessoalmente o ancião, além de falar todo tipo de impropérios com a raça africana:

- Negro velho safado, agora vou te aplicar um corretivo, que é para tu teres vergonha nesta cara! – falou o alferes com muita ira, ao tempo que armou o chicote para aplicar uma lapada no velho.

Neste instante, José Evangelista voltou a ser Zé Pé de Ferro e falou:

- Não faça isso *seu Alferes*, que ele é um homem velho, prestes a morrer! – quando segurou na ponta do relho que o militar ameaçava descer sobre seu pai de criação.

Confiante na vantagem numérica, falou com os dentes trincados:

- Vou bater nesse velho imprestável e em *tu*, seu negrinho safado!

Segurado firmemente na ponta do chicote, Zé Pé de Ferro cegou de raiva e os dois saíram da tenda agarrados em cada ponta do chicote de couro cru, para o leito da rua. Em campo aberto, o filho do ex-escravo soltou o chicote, jogou fora a camisa e os calçados, balançou o corpo, no gingado da capoeira, e encarou o oficial gordo na pernada, botando-o no chão sangrando no canto da boca. Um dos recrutas, o mais cagão, quando viu o alferes no chão, esporou o cavalo e saiu em desabalada carreira; o outro, que tinha uma garrucha de dois tiros, disparou contra Zé Pé de Ferro, mas sua pouca habilidade com a arma fez com que errasse o alvo. Sem munição, desceu do animal e sacou a longa espada, e avança em direção ao sapateiro, que deu um salto mortal desorientando o agressor. O soldado raso investiu novamente contra Zé Pé de Ferro, levantando bem alto a sua espada, com seu braço direito, mas Pé de Ferro gingou, colocou uma das mãos no chão, rodopiou o corpo e aplicou uma rasteira certa no soldado, que cai com a cara na terra. Com o nariz quebrado esvaindo-se em sangue, o recruta levantou-se rapidamente, mas antes de pensar em armar outro golpe, o pé esquerdo de Zé Pé de Ferro alcançou-lhe a boca e o ouvido, quebrando-lhe quatro dentes.

Findada a contenda, com um saldo de um recruta e um alferes desacordados na calçada, e os transeuntes perplexos com a habilidade do negro forro. Observando da porta de sua tenda a confusão, Bigodudo estava certo que era o fim da linha para ele e o filho. Suado e nu da cintura para cima, José Evangelista entrou na oficina, ainda em transe, e deu um abraço de despedida no seu velho pai de criação, que lhe falou baixinho.

- Fuja meu *fio*, não espere chegar o reforço! Eles não te levarão preso! Você é novo e tem toda vida pela frente! Passe em casa e pegue uns trocados que está enterrado na cabeceira de minha cama. Depois vá percurar o meu irmão Cazuzá, lá para as bandas de Santo Amaro de Ipitanga, (atualmente município de Lauro de Freitas), que ele tem condições de lhe dar guarida.

Com poucos minutos que José Evangelista evadiu-se do local, chegou uma patrulha de muitos soldados truculentos. Uns socorreram os feridos, enquanto outros partiram para cima do ex-escravo e começaram a aplicar-lhe, ali mesmo, um corretivo, que de tão forte levou o velho a óbito.

Depois de pegar os “couros de rato” enterrados embaixo da cama de seu velho pai de criação, e colocar o documento de seu batismo no bolso, que provava sua condição de negro livre, José Evangelista não se arriscou a levar mais nada, para não parecer fugitivo.

Depois de vagar sem rumo pelas ruas de São Salvador, como um qualquer fugitivo de oportunidade, José Evangelista tomou tento e percebeu que fugir durante o dia o faria uma presa muito fácil para a polícia. Assustado, para todos os lados que olhava tinha a impressão que estava sendo vigiado. Quando via algum conhecido puxava o chapéu para cima do rosto e desviava o caminho. Aflito, o dia parecia passar cada vez mais devagar até que teve a ideia de gastar uma parte de seus cobres em um lugar que conhecia muito bem: a zona do baixo meretrício, nas cercanias do Pelourinho. Dizendo-se estivador do cais do porto, contratou uma cabrocha, a peso de ouro, para passar o resto da tarde em seu quarto.

Na boca da noite, quando os lampiões da cidade estavam sendo acesos, pagou a ninfeta, comeu dois acarajés em uma barraca na esquina, e depois seguiu a pé, em direção ao interior do estado, à procura da casa do irmão de seu pai de criação, o qual não o via há mais de cinco anos. Lembra apenas, que era um negro forro, que trabalhava como mestre de açúcar na fazenda Brejinho, pertencente a um certo “Coroné” Damião Freire.

Viajou a noite inteira, incomodado apenas pelos latidos dos cachorros, em frente das casas, na beira do caminho. Felizmente, por volta das oito da noite, a lua minguante sai clareando a estrada escura, melhorando a caminhada do fugitivo solitário.

Exausto pelas atribuições do dia, estirou o corpo estropiado sobre um lajedó que ficava na borda de um riacho, que naquela época do ano, estava totalmente seco, e pensamentos difusos começam brotar aos borbotões na sua mente juvenil, não permitindo que os olhos se fechassem.

Deitado naquela pedra rígida, com o peito para cima, apenas o braço esquerdo e o chapéu servindo de amortecimento para sua

cabeça, observou a imensidade do céu, com a lua majestosa liderando o espaço sideral, e a seu redor muitas estrelas, especialmente, uma mais brilhante, a qual cintilava ao seu lado. Seu pai de criação costumava dizer que era a Estrela Dalva, protetora dos negros cativos.

A lua brilhante e silenciosa, com seu rosto bonachão de criança travessa, parecia chamá-lo para uma brincadeira infantil. Escondia-se para em seguida reaparecer atrás das nuvens e, quando passava uma nuvem mais delgada, atravessava-a vestida com um anel alaranjado ao seu redor. Neste devaneio solitário sobre a pedra fria, Zé Evangelista imaginava que a lua era, de fato, sua amiga, que brincava de esconde-esconde distraíndo-o da sua desdita de foragido da lei. Já as estrelas, com suas luzes fraquinhas, certamente eram seres que estavam muito distantes e que não estavam nem aí para o seu futuro.

Por alguns momentos pensou na grandeza infinita de Deus. “O que é Deus, afinal? Será que é parecido com aquele velhinho barbudo com um cajado na mão, que o padre falou na igreja, e que um dia atravessou o mar com seu povo? Deus querendo, é capaz de punir os injustos e acalantar os bons, apenas com um toque de seu cajado poderoso? Quem será que inventou a escravidão? Por que Deus não usou seu cajado para punir estas pessoas que, além de usufruírem dos trabalhos forçados dos negros cativos, ainda os submetiam a castigos físicos? Talvez o senhor Deus esteja dormindo, mas assim que acordar do seu cochilo, com certeza punirá todos os escravocratas e acolherá todos os negros, em uma cidade que mana leite e mel, igualzinha a cidade do sermão do padre.

Relembrou os ensinamentos de sua genitora de criação, para ser sempre uma boa pessoa, não pegando e nem cobiçando o que não lhe pertencia. Todas as noites rezava o Credo, o Pai Nosso, agradecia ao senhor Deus, antes de engolirem o cuscuz com leite e batata doce de cada dia, e mais tarde, ainda acompanhava a ladainha com as amigas de sua mãe, antes de dormir.

Perguntava a si mesmo, quais os pecados que cometera para ser castigado por Deus, por ser perseguido pela polícia malvada, que certamente aquela hora já devia ter dado cabo a seu pai. Sua mãe, que rezava todo dia, não tinha nem tempo de pecar e acabou morrendo de tísica, isolada em um quarto escuro, sobre um catre forrado de palha. Os brancos e o padre da Igreja da Conceição da Praia insistiam em dizer que capoeira era coisa do maligno, mas não acreditava nisso não!

Era apenas uma dança, uma gíngua, uma luta entre amigos! Que mal pode haver em se brincar de luta?

Envolvido neste turbilhão de pensamentos, finalmente o corpo vai amolecendo até adormecer e sonhar, com as mesmas coisas que estava pensando, e de repente não distingue mais o que é sonho, e o que são devaneios brotados da sua cabeça fecunda.

Acordou com os primeiros raios de sol batendo no seu rosto desnudo e o barulho do chocalho de uma vaca que pastava na ribanceira do riacho. Por um momento imaginou que estava no casebre com seu pai, então pergunta a si mesmo o que está fazendo ali, sobre aquele lajedo duro. Imediatamente caiu em si, rebobinou a fita e, em poucos segundos, o filme do dia anterior passou em sua cabeça. Infinitas vezes, como a velocidade estroboscópica de uma luz, a cena do rosto do recruta, emoldurado na fumaça da pólvora, com dentes cerrados mirando duas vezes a garrucha para sua cabeça, faz o negro capoeira voltar à realidade e entender que se salvou por pouco.

Levantou-se de supetão, olha em volta do mundo real e percebe que o animal com o chocalho pastava junto de outros menores, perto de uma touceira de cana, próximo de uma cacimba no leito seco do riacho. Com muita fome e sede, primeiro espanou vagarosamente a água suja com as mãos e bebeu o líquido precioso até matar sua sede; depois quebrou uma vara de cana e mastigou a casca dura, obtendo um pouco de seu suco energético.

No pé da encosta enxergou uma casinha branca, pensou em se aproximar e oferecer uns trocados por algum alimento, mas calculou que ainda não estava a uma distância segura do local de seu crime, então, segurou a fome e evitou o contato com estranhos.

Refeito da noite atordoada, urinou no barranco, lavou o rosto na água gelada e voltou para a sua jornada. Já com o sol alto, calculou que eram mais de onze da manhã e em uma curva da estrada, sombreada pelas árvores, encontrou uma caravana de almocreves, arranchados para descansar os animais do mormaço quente. Percebendo que os almocreves viajavam no mesmo sentido do seu itinerário, com muito cuidado, tomou chegada e arriscou um bom dia,

- Bom dia, senhores!

- Dia - responde o chefe da caravana.

- Sou negro forro. Que *má* pergunto, os senhores estão indo para onde?

- Feira de Santana - afirmou com uma voz grossa e ríspida.

- Estou indo à procura de um tio, a mando de meu pai, na fazenda do *Coroné* Damião.

- Estão já chegou! Fica atrás daqueles montes - apontou com o braço direito estirado.

- Estas terras aqui todas *pertence* a este sacripanta *riprubicano*. Mais uma hora de passo firme e *vosmicê* chega na casa grande - continuou o chefe dos almocreves.

- *Brigado!* - e deu de marcha para pegar a estrada.

O chefe dos almocreves continuou:

- Não gosto deste *Coroné* safado, *pruquê* em uma feita negou água para mim e meus animais. Se tiver com fome, pode se achegar para comer carne assada com farinha de mandioca e rapadura. Na tenda de Moisés Salustiano, graças a meu bom Deus, só não come quem não quer - pronunciou estas palavras tirando chapéu de massa surrado, benzendo-se e olhando para o céu.

José Evangelista pensou na lua da noite passada que, mesmo de longe, amorosamente o chamava para brincar. Pensou nas estrelas longínquas e indiferentes, e, finalmente, pensou no velhinho de cajado mágico que podia fazer qualquer milagre. Já havia aberto até o mar para os bons passarem, certamente tocou, invisivelmente, o coração daquele homem rústico, com o objetivo de matar a sua fome. Por um instante fraquejou a fé e pensou em rejeitar o convite e ir embora daquele local, mas a fome, a sede e o cansaço foram mais fortes e, mesmo correndo risco de ser descoberto, aceitou comer e beber com aqueles homens de feições rudes e desagradáveis.

Era meio dia, com o sol forte a pino. Os tropeiros só deveriam empreender viagem depois das três da tarde, quando os raios de sol quebrassem a incidência na terra.

Saciado, o negro capoeiro agradeceu ao chefe dos tropeiros e quando deu de marcha para pegar a estrada, Moises Salustiano, surpreendentemente falou sem cerimônia:

- Não sei o que foi, mas *vosmicê* está fugindo de *arguma* arte! Mas não se preocupe, que da minha boca e de meus homens, não serás denunciado, até *proquê* aqui todos *nói* já passamos por esta *merma* situação.

Com as pernas trêmulas, José Evangelista, que não imaginava que estava escrito na sua testa: FORAGIDO, sem dizer mais uma palavra, retomou a caminhada a passos largos e, em pouco tempo, avistou o Engenho Brejinho.

Ao longe a Casa Grande e a capelinha, encravadas na encosta leste do Morro da Onça emergem suntuosas, rodeadas por um jardim denso de rosas e jasmims. As paredes das construções, branquinhas como as nuvens ralas daquela tarde quente de verão, contrastavam com o azul-marinho intenso de suas portas e janelas. Arqueada acima do solo do pátio, por oito degraus robustos, a ampla varanda com mureta de ferro e corrimão de mogno, impecavelmente envernizados, expandia-se uniformemente para o norte, para a nascente e para o sul, como uma espécie de mirante particular do Coronel Damião Freire.

Mais de perto o Capoeira Fugitivo pôde observar que do lado Norte da casa principal tinha um imponente curral, com mourões grossos de madeira de lei, limpo e bem cuidado. Do outro uma construção rústica, com pé direito baixo, tijolos à mostra, sem nenhum revestimento; e no seu interior insalubre tachos de metal eram mexidos pacientemente por homens seminus com longas pás de madeira; a calda da cana fervia na fornalha e baforava uma fumaça quente, doce e pegajosa, que escapava lentamente pelas frechas da construção.

No pátio, carros de bois, magistralmente comandados por seus carreiros, gemem em um vai-e-vem frenético, cambitando água do riacho, lenha da "manga" para abastecer a fornalha e cana madura para suprir a moenda voraz, transformando-a em calda. Do alto de seu observatório, o Coronel, sentado em sua cadeira de palhinha, como um regente de uma orquestra, era capaz de reconhecer cada som emitido pelo sincronismo de sua fabricação de açúcar, melação, rapadura e aguardente. Sob o seu comando severo, o velho banguê estava sempre assim: bem azeitado e furioso cuspidando uma coluna de fumaça preta, que ia da boca do seu bueiro até onde a vista alcançava.

Sem nunca ter posto seus pés em um engenho, atônito com tantas novidades para sua curiosidade juvenil dar conta, Pé de Ferro dirigiu-se displicentemente para o lado do fabrico e, de repente, escutou uma voz rouca e compassada, que vinha dos lados de um pé de umburana frondoso, onde havia dois carros de bois encardidos esperando concerto.

- O que é que tu *quer* aqui, *nego*?

Virou-se automaticamente para o lado que vinha a voz e se deparou com um homem branco, alto e magro, rosto fino encerado, vestido com uma camisa listrada de mangas longas, com apenas dois botões inferiores fechados, deixando seu peitoral peludo à mostra,

chapéu atolado na cabeça até as sobrancelhas, barba por fazer e um rifle atravessado nos peitos, com a mão direita no cano e a esquerda no fecho, deixando, bem visíveis, seus anéis de prata, em cada dedo.

- Meu senhor, eu sou de paz! – respondeu com as mãos para cima e voz trêmula – Estou aqui à procura de Cazuzza, irmão de meu pai. Venho na informação que *trabaia* aqui neste *locá*!

O vigia não respondeu nada e aproximou vagarosamente do forasteiro, até parar a uma distância segura, sempre na mesma posição defensiva.

- Cazuzza é o mestre do açúcar daqui. *Mai* tu agora tu agora não *pode* falar com ele não! Senão vai botar a partida de hoje a perder. Se abolete aí neste carro de boi, onde possa te *enxeigar*, que ele só pode sair na boca da noite.

Das duas da tarde até a boca da noite, José Evangelista passou boa parte do tempo sentado no carro de boi com as pernas penduradas. Sem mudar de posição o sangue circulava com dificuldades e conseqüentemente adormecia os membros inferiores. De vez em quando pulava no chão e dava umas voltas no perímetro da copa da árvore, sempre acompanhado pelo olhar frio do vigilante, que não tirou mais nenhuma conversa.

À tardinha o primeiro sinal que as atividades do dia estavam sendo encerradas foi dado pela chaminé do banguê, que, lentamente, diminuía a potência com que poluía a atmosfera com sua fumaça densa preta, até o fogo morrer totalmente.

Depois de acondicionados os produtos fabricados: cachaça, rapadura e açúcar e certificar-se que todos os utensílios estavam aptos para iniciarem a atividade do engenho no dia seguinte, independente da hora, o capataz Laurentino dava ordem para tocar o sino, encerrando as atividades. Algum carreiro que chegasse da mata ou da várzea depois do toque de encerramento, estacionava seu carro sob alguma árvore, suspendia o cambão com uma forquilha, retirava os bois e os levava para o curral, para comerem na cocheira.

Quase escurecendo, os operários do engenho saíram em bandos de dentro da casa insalubre. De supetão, o vigia esquisito bateu com o coice do rifle na madeira do carro de boi e disse secamente:

- *Nequim* teu tio Cazuzza vem aí no *mei* daquele bando.

Com medo de não reconhecer e não ser reconhecido pelo tio, que não o via há mais de cinco anos, e depois ter sido enquadrado pelo

vigia como algum bandido desocupado, deixou a turma chegar bem perto do pé de umburana, pulou do carro de bois e gritou forte:

- Tio Cazuzal!

Um homem negro de estatura mediana, nu da cintura para cima, cabelos brancos pregados no couro cabeludo e corpo opulento ensebado de açúcar, virou-se automaticamente.

- Sou José Evangelista, filho de seu irmão Bigodudo.

Mesmo no escuro, o velho mestre de açúcar reconheceu as feições do sobrinho.

- Eita! Tu *tás* grande, moleque! Cadê teu pai, *fió*?

Certificou-se que não tinha nenhum abelhudo escutando a conversa e contou o acontecido ao tio, enquanto se dirigiram para a beira do riacho para tomar banho em uma cacimba.

- Não sei o que sucedeu com pai, já que fugi do *locá*! Mas nas condições de fraqueza que ele se encontrava, não aguentaria, nem uma tapa!

Resignado, o mestre açucareiro, diz apenas:

- Deus o tenha! Era um homem de bom coração!

Depois de um silêncio sepulcral, Evangelista quebrou o gelo.

- Tio hoje *mei* dia um tropeiro chamado de Salustiano me deu de comer, mas quando falei que vinha para este engenho, à sua procura, o homem praguejou muito o dono daqui.

- É *pro* caso de intriga *pulítica*! O patrão é do Partido Republicano, que apoia a abolição da escravatura, e os patrões daquele velho falastrão são contra. Aqui, há mais de oito anos, não tem mais negro cativo.

- Tio, o vigia daqui é muito esquisito, né?

- É Chico Esquerdinha! Uma vez matou um tabaréu bêbado, em frente ao armazém do português. Tem esse jeitão esquisito de matador, mas o que o povo fala por aí é que sua patroa bonitona enfeita sua cabeça com um dos filhos do patrão – revelou Cazuzal colocando o dedo indicador cerrando a boca, em sinal de sigilo.

Finalizado o banho e a conversa secreta, Cazuzal indicou o caminho de sua casa para Evangelista e no percurso foi explicando que ali no engenho não é lugar para ele permanecer, já que a ordem do patrão é para todo mundo trabalhar, e ele que está bem iniciado na profissão de sapateiro, certamente, não suportaria o trabalho duro de engenho. Neste lugar, apenas os viventes da casa grande, o feitor e outras poucas pessoas possuíam algum tipo de calçado, de forma que

seria melhor que tentasse fixar residência na vila de Santo Amaro de Ipitanga e tentar conseguir um serviço em alguma tenda de fabrico e conserto de calçados.

- Domingo vou te levar lá e falar com Zé de Irineu, que é um *véio* muito bom para te colocar no fabrico dele. Para despistar, vamos combinar que tu é um sobrinho que veio de Feira de Santana – argumenta Cazuzza com o intuito de esconder o crime do sobrinho.

No restante da semana Evangelista aproveitou para conhecer melhor o funcionamento do engenho e no domingo, pela manhã, venceram as três léguas de distância entre o engenho e a vila, conversando mais detalhadamente sobre o ocorrido em São Salvador.

Quando já estavam quase dentro da vila, Cazuzza falou para o sobrinho, com um semblante crítico:

- Por aqui *vosmicê* não fale, nem pratique esta coisa de capoeira. O povo daqui não gosta disso. Até o padre acha que é coisa de desocupado e gababundo!

- Sim senhor! – respondeu Zé Evangelista resignado.

Na ponta da vila, em uma rua secundária ao lado da barranca do riacho Mundaú, afluente do rio Joanes, a dupla avistou a residência do mestre sapateiro: um chalé branco solto, com duas janelas e uma porta, e na sua frente um pé de figo majestoso derramando seus galhos verdes ofuscando uma parte da fachada do imóvel, e do lado, como um apêndice da suntuosa casa principal, encontrava-se a tenda de confecção de alpercatas e conserto de calçados de mestre Zé de Irineu: um puxadinho estreito e disforme, recuado em relação à casa principal, com uma porta larga na frente e uma janela fina no oitão, de onde exalava um cheiro forte de sola, cola e couro curtido. Neste ambiente abafado e insalubre, o mestre sapateiro fabricava alpercatas, botas de campo e consertava calçados com seu auxiliar Antônio Pereira, um português quarentão, originário do Pernambuco, casado em segunda núpcia, com uma morena jovem e bonita, e os negros forros: Zé Buíque e Joaquim do Caróá.

Em domingo que aparecia algum padre para rezar missa na capela do vilarejo as ruas ficam desertas, a maioria das casas serravam as portas e toda população, com exceção dos loucos e bêbados, se aboletam nos bancos da igreja, esperando o padre rezar a missa em latim, de costas para os fiéis.

Parados em frente à casa do mestre sapateiro, Cazuzza chamou pelo dono da casa através de uma das janelas que estava aberta.

- Sinhô Zé de Irineu! Sinhô Zé de Irineu!

Uma negra gorda com pano amarrado na cabeça, saia rodada e voz gasguita, responde do interior da residência.

- Sinhô Irineu foi prá missa com sinhá Rita e as meninas.

Era Guilhermina, cozinheira da casa.

- É, pelo movimento da rua, já desconfiava que *tava* havendo missa. Vamos esperar o mestre aqui embaixo desse pé de “figo” – comentou Cazuzza com seu sobrinho.

Por volta das dez e meia as ruas do vilarejo enche-se de grupos de sinhazinhas e sinhás, com suas saias varrendo o chão, mantilhas e sombrinhas finíssimas, importadas da França, delicadamente colocadas sobre suas cabeças, desfilavam de braços dados com seus esposos e pretendentes metidos em paletós pretos, camisa de gola rendada, chapéu de massa, gravatinha borboleta e bengala de mogno na mão direita. Acompanhando os cortejos particulares vinham as mucamas, muito bem paramentadas, ajudando as sinhazinhas e sinhás com as suas longas saias.

De repente surgiu na esquina Zé de Irineu, Sinhá Rita e suas duas filhas balzaquianas. Cumprimentou cordialmente o mestre de açúcar do Engenho Brejinho, com um leve toque no chapéu de massa e entrou em sua residência. Em pouco tempo apareceu na porta em trajes informais e pergunta para o mestre do açúcar:

- Tudo em paz lá no Brejinho, seu Cazuzza? Trouxe alguma encomenda do Coroné?

- Não se trata disso, não *Sinhô* Zé de Irineu – respondeu – o que me *trái* aqui é este meu sobrinho sapateiro que *tá* vindo de Feira de Santana e está precisando de um *celviço* para ganhar sua *boia*.

- *Minino* tu *sabe* apalazar? – perguntou Zé de Irineu

- Sei sim *Sinhô*! Na tenda de meu pai não tinha máquina, mas eu costurava na máquina do nosso vizinho.

- Então caiu a sopa no *mé*! Adquiri uma máquina de apalazar e aqui ainda não sabemos com lutar com ela.

Depois de acertar o valor do salário semanal, podendo ser acrescido no futuro de acordo com o desempenho e o novo empregado também teria direito às refeições normais da casa e um lugar para armar uma rede no quarto dos fundos, onde já se arranchava Zé Buíque. O proprietário da oficina chamou a negra Guilhermina e ordenou que levasse os homens para a cozinha para lhes dar de comer;

em seguida, lhe desse uma rede limpa e mostrasse os aposentos no quintal.

A cozinha separada da casa, na verdade, era uma espécie de latada com uma cobertura em meia-água, raspando nas cabeças das pessoas, paredes de pau a pique preenchidas de barro, porta e janela encardida e piso de terra batida. Em um recanto do recinto, o fogão de lenha fumarento cuspiu labaredas incandescentes no fundo das panelas de barro, que por sua vez bafejava com um vapor quente que fugia de suas tampas, espantando os insetos de uma cordinha ensebada repleta de carne de sol, tripas e mocotós. Completavam a mobília um pote de barro, um jirau de varas para lavar louça, um velho móvel quadrado utilizado para guardar mantimentos, uma mesa grande nua, com uma gaveta central para acomodar as facas e colheres, e dois bancos de aroeira, do mesmo comprimento da mesa.

Acompanhando o mesmo modelo da construção da cozinha, sob a copa de um pé da canafístula, ficava o aposento oferecido para o novo empregado. Era uma espécie de quarto de despejo, com um único vão, repleto de utensílios agrícolas espalhados pelo piso e paredes. Em um recanto havia um esteio fixado sobre duas forquilhas onde repousavam duas selas, um silhão, uma coronha, um alforje, arreios e duas cangalhas. Do lado oposto estava repleto de baldes de carregar água, restos de couro e encomendas esperando para serem entregues. Entre as tralhas havia um pequeno pote de barro, um caneco de alumínio e um tronco de umburana que servia de suporte para uma lâmparina.

À tardinha, na porta do casebre, Cazuza despede-se de seu sobrinho dizendo:

- Por enquanto aqui é o *mió* canto *prá* tu! *Trabai* direitinho e não ande por aí à toa para não ser descoberto! Deus te abençoe!

- Pode ficar sem *coidado* tio.

Sozinho naquele casebre fúnebre, Zé Evangelista procurou dois caibros mais fornidos, armou sua rede e se deitou olhando para as telhas, que permitiam a penetração de chumaços de luz da lua fazendo réstias redondas nas tralhas.

Pensou nos acontecimentos dos últimos dias, na mudança que o destino, repentinamente, estava lhe impondo e o que será de seu futuro neste interior atrasado, longe dos amigos e da capoeira. Embebido nestes pensamentos adormeceu, e só acordou na boca da noite, quando Zé Buíque, um negro forro originário das bandas da nascente do Rio Jacuípe, cabelo grande enrolado, corpo entroncado, de baixa estatura,

dentos grandes protuberantes, que não cabiam na boca, com um leve bafo de aguardente, empurrou a porta do casebre procurando o lugar de sua rede. Na penumbra percebeu que tinha alguém deitado em uma rede, tateou e acendeu a lamparina, levanta-a na altura da cabeça e pergunta:

- *Vosmicê quem é?*

- Sou Zé Evangelista, vim *trabaiar* aqui com o mestre, na máquina de apalazar.

Feliz com alguém para dividir suas noites de solidão, Zé Buíque se apresentou:

- E eu sou Zé Buíque. – continua a conversa tentando ser útil - A máquina tá aí a mais de *mei*, mas ninguém sabe costurar nela.

- É Verdade, o *sinhô* me falou – responde Evangelista.

- Estou a mais de dois anos aqui mais o *véio*. Eu limpo a tenda, coloco água para o gasto, busco lenha e *adispóis* ajudo no corte de sola e costura à mão. Se fosse apalazador, já tinha me danado para São Salvador.

Acabou sua fala batendo com as mãos nos peitos e imitando o som de um berimbau:

- *Esquidim ton ton, esquidim ton ton.*

Do fundo da sua rede, Zé Evangelista observou o companheiro de quarto cantarolar uma música de berimbau, gingando o corpo entre as tralhas, enquanto armava sua tipóia. Lembrou das rodas animadas de capoeira, onde a melodia tirada do instrumento de mestre Luizão envolvia a todos em uma espécie de transe, antes do início da luta. Com saudades dos amigos, fechou os olhos e transportou-se para o passado recente. Em um segundo lembrou da luta com a polícia, da viagem, da lua, das estrelas indiferentes e da promessa que acabara de fazer a seu tio, de não se meter nunca mais com roda de capoeira.

Tentou mudar o pensamento, mas Zé Buíque não deu folga e não parou de cantarolar, até que tomou coragem, e perguntou:

- Aonde tu *aprendeu* a tocar berimbau? – continuando – Isso aqui não é proibido?

Com o corpo moído de um dia de farra e a cabeça pesada de aguardente, Zé Buíque respondeu, quase dormindo:

- Aqui na vila o intendente não permite, mas nos domingos escapamos para dentro da mata, às vezes até para o mar, para fazer trabalhos para os orixás, namorar e jogar capoeira.

Evangelista estranhou a dormida e tornou pensa nas amizades deixadas em São Salvador, na moreninha vizinha de sua casa, que fazia seu coração juvenil bater acelerado, nos últimos acontecimentos que mudaram radicalmente o rumo de sua vida, e, finalmente, o que lhe reservava o futuro naquelas paragens estranhas.

No vai-e-vem dos pensamentos, remexeu-se na rede a noite toda, e só conseguiu tirar um pequeno cochilo na madrugada, mas bem cedinho, ainda escuro acordou com o barulho das latas de zinco que seu companheiro Zé Buíque, apressadamente, colocava em uma caçamba, sobre a cangalha de um jumento. Alquebrado daquela noite mal dormida, cerrou os olhos ardentes procurando encontrar mais uma pontinha de sono, mas a claridade do dia, insistentemente, penetrou no casebre pelas frechas da coberta, denunciando que não era mais horas de dormir.

Levantou-se e da porta dos aposentos enxergou Guilhermina entrando na sua cozinha com uma braçada de gravetos para acender o fogo. Amparado no pé da cerca de faxina aliviou a bexiga, entrou no quartinho e tibungou o caneco de zinco no fundo do pote e lava rapidamente o rosto e a boca. Em seguida dirigiu-se à cozinha, onde a cozinheira lutava para acender o fogo com a lenha úmida. Parecendo que a cozinheira não tinha intimidade com o fogo, falou:

- Pode deixar Dona Guilhermina que eu acendo este fogo rapidinho!

Assopra a palha seca de milho entre os gravetos com toda força de seus pulmões juvenil, agitando freneticamente o abano, e em pouco tempo o fogão de tijolos à lenha cuspiu fogo pelas quatro bocas de ferro, onde a cozinheira revezava entre um caldeirão de alumínio com leite, chaleira de água para fazer café, cuscuzeira e tachos de barro para assar tripa, queijo e tapioca.

Por volta das seis da manhã Guilhermina tomou o seu desjejum, junto com os dois criados da casa e, em seguida, dirige-se para a sala de jantar. Com gestos automáticos de quem faz aquele serviço há muito tempo, forrou a mesa, dispôs a louça e os talheres nos lugares do patrão, da patroa e de suas filhas. Pertinho das sete, quando todos estão aboletados na mesa, cambitou a comida fumegante da cozinha.

Zé de Irineu era um sujeito branco de meia idade, estatura média, barriga proeminente de quem trabalhava sentado, cabelos pretos escorridos alinhavados, metódico e de hábitos previsíveis. Todos os dias, após o desjejum, permanecia na mesa palestrando

amenidades de sua casa e da comunidade com sua esposa, vez por outra, metendo a mão na algibeira para consultar a hora no seu relógio foleado a ouro. Sempre estava metido em uma calça de caqui de brim, camisa de algodãozinho, óculos de casco de tartaruga na ponta do nariz e o tradicional colete de couro sem botões com dois bolsos laterais. Quando o relógio marca exatamente sete horas, levanta-se da mesa, atravessava o corredor, abria a porta de sua casa, caminhava cerca de mais doze passos e chegava na porta da tenda, onde Zé Evangelista e seus antigos auxiliares o aguardavam. Retirou um molho de chaves pendurado no cós da calça, abriu a oficina, e com a mão direita no ombro do novo funcionário, informa a todos:

- O nome deste rapaz é Zé Evangelista. Ele vai trabalhar aqui costurando na máquina nova! Agora vamos deixar de costurar o rosto das botas e alpercatas à mão!

Todos os presentes estavam ávidos para ver a máquina e seu operador em ação. Zé Buíque largou a vassoura que carregava na mão e retirou a coberta de pano de cima da geringonça de ferro.

- É da *merminha* da que já costurei. - falou Evangelista.

Sobre a mesa de cortar sola o proprietário pegou o espelho de uma alpercata e deu para o apalazador costurar. Mostrando intimidade com o maquinário, sentou-se em uma cadeira, colocou a linha, apruma as peças de couro, uma sobre a outra, deu a partida no volante com a mão direita e continuou magistralmente movimentando a engenhoca com os pés, sob o olhar atento de todos.

Aprovado no serviço, a rotina de trabalho da tenda de Zé de Irineu era muito monótona e estressante. Sob o olhar metódico e sisudo do proprietário, cada operário cuidava de seus afazeres praticamente sem trocar nenhuma palavra entre si, principalmente de assuntos particulares, ou de alguma fofoca da vila. Zé Buíque, que também era encarregado de fazer algumas tarefas domésticas da casa, estava sempre imitando baixinho o som do berimbau, mas fechava totalmente a matraca, quando percebia que o dono estava prestes a lhe passar um carão. O clima só era mais descontraído quando Zé de Irineu se ausentava para fazer comprar no armazém do português Antônio Vitorino. Nestes momentos Pé de Ferro pôde conhecer melhor os outros dois colegas de trabalho: o negro forro Joaquim Caroá era amasiado com Maria José, morava em uma taperinha na beira da estrada e possuía uma infinidade de filhos; já o português Antônio Pereira, sempre amolando a faca de cortar sola, demonstrava ser um

homem frio, de poucas palavras e tinha um ciúme doentio de sua mulher, que tinha menos da metade de sua idade.

À noite, depois da ceia, Zé Buíque retirava-se para seus aposentos, enquanto Evangelista preferia permanecer na cozinha e ajudar Guilhermina com a arrumação do recinto. Nesta tarefa voluntária, dia após dia foi conquistando a confiança da cozinheira que, depois de se certificar que não tinha mais alguém ouvindo a conversa, lhe confienciava os segredos da família do proprietário e as fofocas da vila.

- Sinhazinha Marina já tem 23, nunca teve um pretendente, e de vez em quando tem uns tremeliques, que o povo fala que é falta de casamento.

Continuando.

- Sinhazinha Mirtes, coitada, tem um namoro com um dos caixeiros do armazém, mas o pai não faz gosto. Acho que é porque o rapaz ganha pouco e não tem condições de casar. Vive pedindo, escondido da mãe, para Zé Buíque fazer trabalho para os Orixás destravarem o seu casamento.

Durante a semana era praticamente impossível qualquer conversa com seu companheiro de quarto, pois quando se dirigia ao casebre o mesmo já se encontrava roncando, no terceiro sono, e saía todos os dias pela madrugada para cambitar lenha e água.

Nos fins de semana todos os viventes da casa de Zé de Irineu tinham algum programa especial. No sábado o proprietário colocava os calçados fabricados na semana no lombo do burro e saía entregando as encomendas pelas propriedades próximas. Suas filhas aproveitavam para fazerem ou receberem visitas, e no domingo à tarde Guilhermina saía para visitar uma irmã que morava próximo. Zé Buíque caía na mata com os amigos para beber, dançar e jogar capoeira. Já o foragido Evangelista, preocupado em não ser descoberto, e ainda totalmente desentrosado com aquele ambiente, considerava o sábado e domingo como a pior parte da semana.

Passado mais de mês nesta rotina melancólica, esqueceu a promessa que fez ao tio, tomou coragem e pergunta a Zé Buíque se poderia ir com ele para a mata.

- Pode sim! Esta semana *vamu logo na sabu* à noite que a lua tá cheia!

No sábado, depois de encerrar o expediente, tomaram banho no riacho, cearam, esperaram a lua sair e se dirigiram para um

descampado, longe da vila, na cabeça de um alto, ao lado da nascente do riacho Mundaú, onde cerca de trinta pessoas, homens, mulheres e crianças negras formavam um grande círculo cantando e batucando em atabaques improvisados. Acompanhando a cadência do instrumental, as pessoas batiam na palma das mãos, ao mesmo tempo que machucavam os pés no chão, sob a regência afinada do berimbau de mestre Zuzú.

No centro da grande roda, no ritmo da música, um homem descalço e sem camisa fazia evoluções desafiando outro para a luta. De repente alguém aceitava o desafio a contenda começa, mas o combinado é não se concluir os golpes.

Ao lado de Evangelista, cantando animadamente o refrão, estava a cabrocha Anastácia, que maliciosamente girava o corpo e peneirava sua bunda farta no compasso da música, roçando-a discretamente nas pernas longas e musculosas do sapateiro.

A cada intervalo o círculo humano se desfazia e as garrafas com aguardente passavam de boca em boca. De repente, sem aviso prévio, o berimbau emergia do silêncio temporário com o seu repinicado rouco, os atabaques acordavam respondendo ao ritmo da melodia e rapidamente a roda de dançarinos retomavam os seus lugares, acompanhando o compasso da música.

Nesta alternância de bebedeira, batucadas, danças e lutas, pela madrugada, os intervalos foram ficando cada vez maiores e os corpos fatigados e embriagados abandonaram a roda de capoeira, até que a música cessou de vez.

Com receio de ser descoberto, por ter aplicado uma surra em dois milicianos na capital da província baiana, o foragido Evangelista, muitas vezes teve o ímpeto de entrar na roda e jogar um pouco de capoeira, mas pensa nos conselhos do seu tio, sucumbe ao desejo e mantém suas habilidades marciais incógnitas.

Depois de ingerir uns tragos de cachaça, concentrou-se apenas nos oferecimentos escrachados de Anastácia que em dado momento, percebeu a timidez do mancebo, não se fez de rogada e o arrastou para a areia fofa do riacho. Sem dizer uma única palavra, estreitou os ombros e deixou o vestido folgado cair sobre seus pés, mostrando seu corpo desnudo na penumbra da lua cheia.

Pela manhã, o sapateiro sentiu a incidência dos primeiros raios do sol sobre seu corpo nu que, lentamente e desconfortavelmente, o despertou da orgia e do pileque da noite anterior. Atordoado, tentou se

mover, mas algo pesado sobre seu corpo o impediu. Abre os olhos e percebe que uma mulher dorme profundamente com o braço e uma perna entrelaçado ao seu corpo. Esfregou os olhos com as costas das mãos, na esperança que estivesse dentro de um sonho, mas em poucos instantes recobrou a realidade. Rebobinou a fita dos últimos acontecimentos e o filme da noite anterior passa repetidas vezes em sua mente. Ao mesmo tempo que se desvencilha do corpo da ninfeta, tentou imaginar quem seria aquela cabrocha fogosa, que não sabe nem o nome, e que lhe arrastou para as areias daquele riacho.

Não sabe de onde vinha, mas aquela situação lhe dá medo e intimamente tem vontade de sair daquele cenário. Recompõe-se, esvaziou a bexiga no barranco, cobriu as vergonhas da mulher com o seu vestido e, em seguida dirigiu-se para a fonte para tomar um banho e procurar seu companheiro de quarto, para dar o fora daquele lugar. No caminho deparou-se com pessoas solteiras e casais acordando da noite.

No pé do morro as intempéries da natureza esculpiram na rocha sã uma pequena gruta de onde, mesmo fora da estação das chuvas, descia um filete d'água límpida e que mais abaixo formava um poço escuro, que as pessoas usam para nadar, sempre em silêncio para não desagradar a Oxóssi, o orixá das matas.

Na entrada da fonte Evangelista encontrou seu companheiro de trabalho, junto com a filha mais velha do mestre Zuzú, conduzindo latas d'água em suas cabeças. Antes de falar para o amigo que pretendia ir embora, Pé de Ferro descobriu o nome da mulher com quem dormira na noite anterior e que não era segredo a sua fuga da roda de capoeira para as areias do riacho. Percebeu, ainda, que seu companheiro não tinha a menor intenção de voltar, naquele momento, para a vila.

- Evangelista, cadê Anastácia *homi*? – indagou Zé Buíque.

Demonstrando timidez e querendo de alguma forma esconder a situação, sem falar nada, faz sinal com os lábios indicando o local no leito do riacho em que a mulher dormia.

- Pois vai *acodar* a *druminhoca*! Depois ajunta uns paus secos e leva ali para o descampado para fazer o fogo.

Sem nenhuma empolgação, caminhou alguns passos na areia fofa e encontrou a ninfeta ainda em um sono ferrado. Agachou-se de seu lado e timidamente mexeu várias vezes em seu corpo inerte, dizendo:

- Acorde! Acorde! Estão te chamando para ajudar a fazer as comidas.

Anastácia abriu os olhos e tomou consciência que o garanhão que havia dormido na noite anterior era, de fato, um frangote.

Dissimulada Anastácia diz:

- Menino, tu ainda é um frangote! – deu uma risadinha marota e continuou - *Avali* quando virar homem feito! Vai fazer inveja ao touro do engenho Brejinho, que dá conta *prá* mais de cinquenta vaca.

Pronuncia estas palavras com lascividade, ao tempo em que puxou o mancebo para cima de si na tentativa de mais um coito, mas o sapateiro resistiu e, finalmente, a mulher levantou-se, colocou o vestido e o casal caminha, em silêncio, na direção do poço para se banharem.

Na borda do descampado, sob a copa de um jambeiro frondoso, Nené, uma negra idosa, gorda, rosto redondo, colares de missangas sobre os seios fartos, saia rodada varrendo o chão e um pano estampado na cabeça, que todos a tratavam como tia, comanda um séquito de mulheres nos preparativos do desjejum e do almoço. Sobre um jirau de varas, algumas mulheres lavavam panelas e tachos de barro, outras amassam, com as mãos, massa para cuscuz e beiju.

Os homens se dividem nas tarefas mais pesadas: molham o terreno no perímetro da copa da árvore, varriam as folhagens com galhos de mato seco, cambitavam lenha, água e lutavam para acender o fogo de trempe.

Evangelista, mesmo não conhecendo os rituais daquela sociedade esporádica, naturalmente engajou-se nos serviços masculinos, que só foram interrompidos na hora do desjejum, onde todos se aproximaram do jirau munidos com seus pratos e canecos de ágata, para se servirem de tripa assada, cuscuz, beiju e café.

Depois do desjejum Anastácia amarrou um pano na cabeça e, com bastante habilidade de quem conhecia aquele ofício, lavou as carnes (tripas de bode, pedaços de linguiça, charque, toucinho, pés e orelhas de porco) para retirar o excesso de sal. Em seguida jogou tudo em uma panela de barro pequena, com água fervente, e em outra panela de barro grande, esborrando pela boca, borbulhava o feijão preto que, no ponto certo do cozimento, recebeu a panela de carnes pré-cozidas.

Na beira do fogo, tia Nené de vez em quando abria a tampa da panela, dava uma mexida básica na comida, com a concha de quenga de

coco, depois mergulhava no fundo da vasilha trazendo à tona alguns caroços de feijão. Examinava a viscosidade do caldo, deixando-o cair em queda livre dentro da panela, e esmagava um caroço de feijão nos seus dedos experientes, verificando o ponto ideal do cozimento.

Com o sol a pino a panela de barro fervendo foi cuidadosamente retirada do fogo de trempe por dois homens fortes, munidos de uma padiola improvisada. Colocaram a comida fumegante sobre o jirau, onde tia Nené deu mais uma mexida no conteúdo, verificou o sabor e depois começou a encher os pratos de flandres, equitativamente com porções de feijão e carne. Completando a refeição, as pessoas se serviam, à vontade, de farinha de mandioca, batata doce e tacos de rapadura, estrategicamente dispostos em alguidares que ficavam ao lado da panela de feijão.

Em respeito a Oxóssi, orixá das matas, durante o dia não se toca em bebidas alcoólicas. Depois do almoço, todos procuraram uma sombra fresca para recostar o corpo e tirar uma sesta até o sol se perder no horizonte. Quando despertam, lavaram e arrumaram os cambembes, esconderam os instrumentos musicais, apagaram o fogo, removeram as cinzas e enterraram o lixo.

No final da tarde, antes do pôr do sol, a turba se divide em pequenos grupos para prepararem oferendas aos orixás, em rituais sincréticos unindo umbanda com a liturgia da igreja católica. Ajoelharam-se na entrada do bosque, pediram licença para que os guardiões do local autorizarem seu trabalho, acenderam velas e depositaram pratos com frutas, pinga e charutos.

Na caminhada de mais de duas horas, na volta para a vila, Anastácia mais uma vez tomou a iniciativa e sorrateiramente aproximou-se de Evangelista. Abriu a matraca e em pouco tempo soltou que ainda era cativa na casa dos Vitorinos, donos do armazém, um dos homens mais ricos da vila, que tem 24 anos e já havia parido três filhos, que foram doados após o nascimento. Evangelista comoveu-se com a história de infortúnios da companheira de farra, mas respondeu suas perguntas com um simples “sim” e “não”, tentando não esticar a conversa.

Com a proibição do tráfico externo em 1850, por pressões da Inglaterra, e das Leis do Ventre Livre (1871), e do Sexagenário (1885), diminuindo a oferta de peças humanas masculinas aptas aos trabalhos forçados na agricultura. Obviamente, o preço explodiu no mercado interno, pressionando os senhores escravocratas nordestinos

endividados não resistirem às ofertas e venderem seus plantéis para atuarem nas culturas de café e cana-de-açúcar na região sudeste. Portanto, no ano de 1887, grande parte dos amigos de pandega de Evangelista eram negros forros, e a maioria dos cativos eram mulheres e homens com mais de quarenta anos, sem valor comercial para enfrentar o trabalho no eito.

Neste cenário, as características do plantel cativo remanescentes no Nordeste eram: idade avançada, imprópria para trabalho pesado, com valor comercial irrisório e alto custo de alimentação. Nesta idade, o desejo de fuga era muito fraco e a pressão do Partido Republicano Paulista (PRP), em favor da substituição da escravatura pela mão de obra de imigrantes europeus, naturalmente arrefeceram os castigos físicos nas senzalas, inclusive, não sendo mais necessário trancafiar os negros.

Nos primeiros dias depois de conhecer Anastácia, a rotina monótona e pachorrenta da oficina de Zé de Irineu pareceu ser um bom antídoto para Evangelista esquecer os últimos acontecimentos. No outro fim de semana, com a lua minguante, Zé Buíque o convidou para mais uma noitada na mata, mas o sapateiro, sem pestanejar, recusou. Porém, na solidão da rede fria, depois das conversas noturnas na cozinha de Guilhermina, sorratamente as lembranças do coito com a cabrocha debochada invadiram, sem permissão, sua mente juvenil e uma pontinha de saudade insiste em inundar sua alma.

Na próxima lua cheia não resistiu ao chamado de Zé Buíque e, alegremente, colaborou na compra de mantimentos. Nesta noite, mais ambientado, ingeriu um pouco mais de aguardente, empolgou-se com o pinicado do berimbau, balançou o corpo no círculo humano, depois tomou coragem e entrou na roda de capoeira. Todos ficaram perplexos com a performance do capoeira de pernas longas, mas como não poderia deixar de ser, a demonstração de suas habilidades marciais, imediatamente, também, acabou com o segredo da sua origem. Mestre Zuzú falou baixinho:

- Este capoeira vem de São Salvador!

No final da sua luta, Evangelista, muito suado, no auge da forma física masculina, não esperou mais pelas iniciativas maliciosas de Anastácia. Agarrou-a firmemente na sua mão direita e a puxou contra seu peito forte, aplicou-lhe um beijo na boca e em seguida afastou-se da multidão em direção às areias quentes do riacho Mundaú.

Em seis meses o relacionamento amoroso de Evangelista e Anastácia, está cada dia mais sólido, a ponto de o casal não suportar a espera para se encontrar em fins de semanas de lua cheia. Agora nos finais de tarde o mancebo, sedento de amor e sexo, rondava a casa de Antônio Vitorino para encontros fortuitos com sua amásia, sob a copa dos pés de manga no quintal. Em uma destas incursões dá de cara com a mucama Dasdores, que voltava de uma visita, toda paramentada: blusa creme bordada no busto, turbante, missangas do pescoço, meias brancas, sapatos pretos e saia rodada no meio da canela, deixando o sapateiro hipnotizado com sua sutileza, altivez e elegância. Atônito, não insistiu no encontro com sua amásia. Não tinha mais graça nenhuma! Automaticamente tomou o rumo de sua casa, andando devagar, procurando não balançar a cabeça para não deixar a lembrança daquela negra linda pular de sua cabeça.

Das Dores não deu a mínima para o negro das pernas longas, na realidade, nem o enxergou, mas Evangelista não a tirou da cabeça mais nunca.

Para ficar mais perto da sua pretendida secreta, Zé Evangelista conseguiu um trabalho em uma sapataria, cuja oficina ficava vizinha a loja de secos e molhados de Antônio Vitorino.

Sempre de olho comprido para a mucama da casa vizinha, mas não tinha como fazer uma abordagem, até que um dia a sorte lhe sorriu e, de repente a sua pretendida entrou na oficina com alguns calçados de sua senhora para consertar.

Galante, o sapateiro tomou a frente dos outros operários e se prontificou a fazer o conserto dos calçados.

- Estes calçados são da minha senhora, Sinhá Maroquinha, esposa de seu Antônio Vitorino, dono do armazém aqui do lado. Ela quer saber quando fica pronto!

- Eu sei quem é *vosmicê*! *Vosmicê* ainda não me viu, mas todo dia, daqui da tenda presto muita atenção em tudo que *vosmicê* faz – sussurra baixinho quase no pé do ouvido da ninfeta.

Maria Das Dores, que até então vivia apenas para exercer com esmero, suas tarefas de mucama, ainda não havia despertado para o amor e quem se atrevia a lhe fazer algum galanteio recebia, imediatamente, uma resposta malcriada, mas desta vez não se incomodou com a conversa daquele sapateiro atrevido e ficou calada.

Depois que o atrevido sapateiro Zé Evangelista falou baixinho perto de seu ouvido, Dasdores, mesmo sem querer, do nada se pegava

pensando naquele crioulo de pernas longas, peito arqueado, dentes brancos protuberantes, braços musculosos, olhos oblíquos libidinosos. que sempre tinha um galanteio para derramar sobre ela. Depois de mais de um ano de olhares e suspiros secretos, em uma quermesse o sapateiro tomou coragem e aproximou-se de Dasdores, que estava entretida em uma barraca de vender guloseimas. O crioulo segurou a sua mão com firmeza, o coração de Dasdores bateu tão forte, que quase saiu pela boca. Desvencilhou-se do mancebo e foi abrigar-se perto da sua senhora.

A patroa percebe que algo havia acontecido e perguntou:

- Que houve Dasdores?

- Estava ali, em frente a barraca do bolo, e aquele sapateiro atravessado pegou na minha mão – respondeu indignada.

- É assim mesmo! Agora vou pedir para meu marido mandar-lhe um recado para vir falar conosco e saber das suas intenções.

Como um rastilho de pólvora, esta conversa voou para os ouvidos de Anastácia, que virou uma fera e derrama todo tipo de impérios sobre Dasdores, prometendo que com o homem dela a negrinha não se amigava e muito menos se casava.

De fato, Antônio Vitorino mandou chamar o pretendente de Dasdores e lhe fez várias perguntas:

- Você veio de onde, meu rapaz?

- De Feira de Santana – responde escondendo que, de fato, era um foragido da lei oriundo de São Salvador.

- Quais são as suas intenções com a mucama de minha esposa?

- Seu Antônio, eu só penso nela! Se o senhor permitir quero viver com ela.

- Viver não! Sou um homem católico e aqui tem que casar!

Sem adiantar mais conversa, perguntou:

- Tu és batizado, na Igreja de Jesus Cristo?

- Sou sim senhor!

- Pois sim, então faça jeito de me trazer este documento, o mais rápido possível. Até lá permito que palestre com Dasdores, uma meia hora depois da missa matinal do domingo. E a conversa está encerrada,

- Sim Senhor!

Zé Evangelista pediu autorização ao seu patrão para se ausentar uns dias e conseguiu ir incógnito a São Salvador para trazer o seu batistério, mas neste intervalo a cativa Anastácia, envenenada de ciúmes, maquinou um plano diabólico para acabar com a felicidade dos

nubentes. Aproveitou um dia que Sinhá Maroquinha estava em crise, entrou sorratamente em seus aposentos e lhe furtou um anel de ouro com uma pérola enorme, que era a única lembrança material de sua genitora. e repassou a joia para um comparsa ir vender em São Salvador. Certamente Dasdores seria a primeira suspeita, pois os demais criados não tinham acesso àquele aposento.

Fora da crise, Dona Maroquinha procurou pela sua joia de estimação e não a encontrando pergunta para Dasdores, que tem a mesma surpresa da madame.

- Este anel estava aí em cima do criado mudo, deve estar por aí!

Todos os viventes da casa procuraram a joia, mas nada foi encontrado. Foi aí que Anastácia soltou o seu veneno.

- Isso só pode ter sido coisa da sonsa da Dasdores. Depois que anda envolvida com este negro capoeira, cada dia *tá* mais estranha!

Imediatamente a notícia que Zé Evangelista era capoeira chegou aos ouvidos de Antônio Vitorino, que não gostou nem um pouco do que ouvira. Em uma época onde o jogo de capoeira era associado a pessoas desocupadas e criminosas, foi o suficiente para a culpa do roubo ocorrido em sua casa ir parar nas costas de Dasdores. Zé Evangelista tomou conhecimento do ocorrido e fugiu, mais uma vez, para o engenho Brejinho, para não ser preso.

De posse de uma palmatória de umburana, o português Antônio Vitorino, em seu escritório, interrogou Dasdores e a cada negativa sua, dizendo que não sabia de nada a respeito do furto da joia, recebia uma pancada em uma das mãos. O torturador irritava-se mais ainda, porque a mucama não baixava a cabeça e olhava firme nos olhos do seu proprietário, não emitia um só suspiro, nem vertia uma só lágrima. Apenas afirmava que era trabalho perdido, porque não sabia de nada. Quando o agressor cansava de bater, as mãos inchadas da mulata permaneciam na mesma posição, esperando pela próxima pancada, o que irritava ainda mais o dono da casa.

Neste momento o taberneiro Manuel Clemente interveio e falou, com seu sotaque lusitano forte, para o compadre patricio:

- Chega Antônio! Assim você mata a rapariga, sem saber se é ou não culpada!

Liberada da sessão de tortura entrou sisuda na casa, apanhou algumas roupas e se dirigiu para um quarto dos fundos. Quando passou na sala falou para a sua senhora;

- Sinhá Maroquinha, a senhora deve saber que não fui eu quem roubou sua joia. Fosse eu, uma negra forra, que tantas vezes me prometeu, sairia daqui agora mesmo e nunca mais colocaria os pés em sua casa. Por aí fora se fala que breve todos os negros serão libertos do cativoiro. Vou esperar este dia na senzala. Procure outra para mucama!

Regozizada em ter acabado com a reputação da mucama da sinhá e, conseqüentemente, com o casamento com o seu homem, Anastácia cometeu o erro fatal dos ladrões. Depois de receber sua parte do butim, não se conformou de esconder a grana e pediu para uma amiga forra, do xangô, comprar uns balangandãs no próprio armazém do português. Desconfiado, o esposo de Maroquinha investigou a origem daquele dinheiro suspeito e facilmente concluiu que se tratava de produto do roubo do anel de sua esposa, tramado por Anastácia, que tencionava obstruir o casamento da mucama Dasdores, com seu antigo amásio Zé Evangelista.

Rebaixada para fazer os serviços mais pesados, isolada na senzala, Dasdores só tirava um pouco de conversa com as colegas Graça e a velha cozinheira Zefa, que sempre se solidarizaram com a desdita da mucama. O noivo, quando soube que a culpa do furto do anel caíra nas suas costas, teve que foragir, pela segunda vez na vida, indo homiziar-se no Engenho Brejinho, de Coronel Damião Freire, um brasileiro ricoço, pertencente ao Partido Republicano e desafeto político da colônia lusitana.

No início do mês de maio de 1888, assim que foi descoberta a patranha de Anastácia, a negra cativa foi bastante castigada, com uma surra de cipó de boi. Arrependidos pelos maus tratos injustos com a mucama Dasdores, a dona da casa e seu marido tentaram se reaproximar de sua serviçal lhe oferecendo mundos e fundos, inclusive a sua carta de alforria, mas a personalidade forte de Das Dores, de origem Malê, fez com tudo fosse friamente rejeitado.

No dia 15 de maio de 1888, uma terça-feira, dois dias depois de promulgada pelo Senado Federal, no Rio de Janeiro, todos os jornais da província da Bahia estamparam manchetes e a íntegra da Lei João Alfredo, que desde então foi apelidada de Lei Áurea, que com apenas dois artigos acabou, imediatamente, com toda escravidão no Brasil.

Sancionada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888, que naquele momento governava o país no lugar de seu pai, o Imperador D.

Pedro II, devido ao afastamento do mesmo para tratamento de saúde na Europa.

“ Artigo 1º - É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Artigo 2º - Revogue-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro 13(domingo) de maio de 1888.”

***Princesa Isabel Cristina Leopoldina Augusta
Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon-Duas
Sicilies e Bragança.***

Os integrantes do Partido Republicano e do movimento abolicionista, munidos com cópias dos jornais em suas mãos saíram em cortejos festivos pelas propriedades quebrando as trancas das senzalas e libertando os negros cativos. Numa destas comitivas estava o negro capoeira Zé Evangelista batendo na porta de Antônio Vitorino, para abrir sua senzala.

Libertada, Maria Dasdores passa por dentro da casa de seus ex-donos, levando, apenas, com a roupa do couro e seu batistério. Silenciosamente lançou um olhar comprido e carinhoso para o velho Antônio Vitorino e sua esposa descompensada, em forma de agradecimento pelos anos de convivência e perdoando-os pelos castigos ocorridos. Em seguida seguiu o cortejo, junto com seu amado, em direção a São Salvador, para um futuro de incertezas, mas livre do famigerado cativo.



Máquina de costurar couro
Fonte: Domínio público

CAPÍTULO - III

AMARGA LIBERDADE



Charge: Feliz pelo fim da escravidura! - Futuro incerto!

Fonte: Internet - Domínio Público

É fato que a princesa Isabel, na ausência de seu pai, o imperador D. Pedro II, foi quem assinou a Lei Imperial número 3.353, denominada de Lei Áurea e a qual foi o diploma legal para extinguir a escravidão no Brasil. Mas, diferentemente do que até hoje imaginam a maioria dos brasileiros, a assinatura desta lei não foi um fato isolado da princesa de plantão. Foi, na verdade, o desfecho final de mais de quarenta anos de suor, lágrimas, sangue, lutas políticas e econômicas internas e em redor do mundo.

A partir do século XVI a grande produção de açúcar dos engenhos espalhados na costa brasileira demandava um grande contingente de mão de obra braçal para tocar a plantação: limpa

de mato, transporte, moagem da cana e refino do açúcar, produto de grande aceitação na Europa, que por ser tão nobre, era vendido em boticas como energético.

Óbvio que para suprir a falta de braços a solução mais barata ao alcance dos exploradores portugueses seria impor aos gentios serviços forçados. Hipocritamente a igreja católica opõe-se à escravidão indígena local, mas, em seguida, fecha os olhos para a importação de negros da África sub saariana, baseada na tese eclesiástica que aquele povo embebecido em práticas religiosas pagãs mereciam a escravidão para expiarem seus pecados, esquecerem suas práticas religiosas, para depois aceitarem alegremente o catolicismo.

Embarcações vinculadas a empresas espanholas e portuguesas transportavam prata, ouro, madeira e açúcar da América do Sul para a Europa, retornando pela África com seus porões apipados de negros cativos, obtendo lucros estonteantes, nesta operação, de mais de 1.000%.

Do século XVI ao meado do século XIX, estima-se que mais de três milhões de negros foram trazidos da mãe África para o Brasil e que, pelo menos, duzentos mil não conseguiram atravessar o Atlântico devido às más condições sanitárias dos porões das embarcações.

No auge da chamada Segunda Fase da Revolução Industrial, entre os anos de 1830 e 1870, quando o progresso tecnológico e econômico ganhou força com a produção crescente e em grande escala de produtos fabris. Surgi barcos e locomotivas movidos a vapor e o governo Britânico percebeu a necessidade de ampliar seus mercados consumidor para seus produtos mundo afora, e acabou com a famigerada escravidão em suas colônias. Em seguida, forçou os governos latino-americano a fazerem o mesmo.

Em meado do século XIX o segmento industrial brasileiro era incipiente, portanto, toda economia do país estava atrelada à produção de açúcar e café, culturas baseadas na exploração da mão de obra escrava, comandada pela poderosa casta

latifundiária escravista que, por sua vez, dava sustentação política para a permanência da monarquia.

Neste cenário, do ponto de vista político e econômico, o Império comandado por Pedro II caminhava a passos largos para um “beco sem saída”, pois todos os outros países da América Latina, neste momento, já haviam proclamado suas independências do jugo espanhol, mas para se tornarem Repúblicas, enquanto o Brasil, embora independente de Portugal, continuava a ser uma monarquia, refém dos grandes latifundiários escravocratas.

Do outro lado deste cabo de guerra estava o poderoso governo inglês, parceiro econômico e credor do Brasil que, em 1850, exigiu a aprovação da Lei Eusébio de Queiroz, a qual proibiu a atracação de navios negreiros em todos os portos do país e a óbvia substituição da mão de obra escrava por assalariados, com um maior potencial de consumo de produtos industrializados.

Aprovada a lei, a marinha inglesa passou a patrulhar o Atlântico Sul, confiscando barcos com carga humana, empreendendo grandes prejuízos para as companhias de tráfico de negros, mas, devido à explosão dos preços internos dos escravos, esta prática perdurou clandestinamente, por cerca de dez anos.

Com o fim da guerra da Secessão Americana, em 1865, onde o Norte industrializado derrotou o Sul agrícola e escravagista, acabou a escravidão no território americano. Este fato foi mais um tombo na filosofia escravista brasileira e um novo alento às mentes abolicionistas, que pressionou os congressistas e em 1871, aprovaram a Lei do Ventre Livre, isentando, a partir de sua promulgação, a servidão de filhos de escravas, que tinha o objetivo de delimitar um tempo fim da escravatura no país.

A pressão abolicionista continuou e quatro anos mais tarde o Congresso Nacional aprovou a Lei do Sexagenário que, inicialmente, beneficiaria os escravos acima de sessenta anos, mas o proprietário deveria ser indenizado pelo próprio escravo,

com mais três anos de trabalho. A gritaria dos cafeicultores foi tão violenta no plenário do Congresso Nacional que a idade aumentou para sessenta e cinco anos, sem indenização, após mais de um ano de discussões. Desta forma, foram muito poucos os elementos beneficiados, já que o tempo médio de vida de um escravo trabalhando em condições severas, e alimentando-se insatisfatoriamente, não chegava a sessenta anos, além de que era comum os donos falsificarem a idade da peça, diminuindo a idade para aumentar o seu valor.

Vergonhosamente o Brasil era o único país das Américas que, no final da década de oitenta do século XIX, ainda mantinha a mácula da escravidão em seu território. A proibição do tráfico, a Lei do Ventre Livre, a Lei do Sexagenário, a ascensão do Partido Republicano, a pressão dos jornais abolicionistas, as fugas e a proibição do exército de procurar negros fugitivo, eram fatores que a cada dia enfraquecia a ala escravagista da sociedade. Por estes e outros motivos, o governo, os latifundiários e a sociedade em geral, tinham clareza que o fim da servidão no Brasil estava próximo, mas o governo imperial, atrelado ao poder econômico dos barões do café, temendo instabilidade na sustentação do seu governo, foi empurrando o assunto com a barriga.

No eixo Rio-São Paulo, onde se concentrava a maioria dos negros cativos, cada dia aumentava as fugas de escravos das fazendas, com apoios logísticos de grupos abolicionistas, que exigia do governo o fim da escravatura e um plano para inserir os negros cativos na sociedade. Por outro lado, cientes da proximidade do fim da servidão, os Barões do Café, também começaram a concordar com a extinção da escravatura, mas exigindo a indenização por parte do governo central.

O governo imperial sem condições financeiras de atender ao pleito dos barões, nem as reivindicações dos abolicionistas, e receando uma fuga total do contingente servil, patrocinada pelo Partido Republicano, que deixaria o país fora de controle, levando-o à anarquia e conseqüentemente à proclamação da República.

Sentindo o movimento republicano aumentar a cada dia, o governo de sua majestade, Dom Pedro II, manobrou a Câmara Geral (Deputados) e o Senado fazendo aprovar, às pressas, a Lei Áurea por 85 a 9, em duas votações na Câmara e duas no Senado, onde, nesta casa, apenas o Barão de Cotegipe votou contra a matéria e cumprimentou a Princesa Isabel falando a profecia mais óbvia do momento: ***“A senhora acabou de redimir uma raça e perder o trono”***

Estrategicamente a lei só traz dois artigos, justamente para não haver contestações. Não falou em indenização e, muito menos, se refere ao futuro dos negros libertos, estimado em um milhão de elementos espalhados pelo Brasil.

Na vila de Santo Amaro do Itipanga, Bahia, na tarde da terça-feira 15 de maio, uma grande algazarra dos integrantes e simpatizantes do Partido Republicano tomaram as ruas. Munidos de bandeiras, batendo bumbos e latas exibiam a manchete dos jornais puxando uma turba que gritava: ***“A escravidão acabou! A escravidão acabou!”***

Na frente das casas dos monarquistas, onde existia algum escravo que lhes pertenciam, paravam e aumentavam os gritos e batuques arrastando os cativos incautos para o cordão dos “sem rumo”. No meio daquela multidão estavam Dasdores e Zé Evangelista com um matulão nas costas, com tudo que lhes pertencia: uma muda de roupa, uma rede, um lençol encardido e 80 mil réis, que havia economizado para casar.

Depois de percorrer as poucas ruas da Vila, automaticamente o cortejo barulhento saiu da cidade e tomou o rumo da capital baiana, mas à medida que se distanciavam do vilarejo a euforia e o barulho dos bumbos diminuía e os ex-cativos percebiam que agora estavam sós. A turba barulhenta dos abolicionistas sorrateiramente abandonou a marcha e voltou para o conforto de seus lares.

Acéfala, a turba acabou desintegrando-se, e, como um enxame de abelhas sem o comando da rainha, desorientou-se e formou pequenos grupos de cinco ou seis pessoas ao longo da

estrada. Cada aglomerado tomou suas próprias decisões, diversas e contraditórias.

Sem rumo, sem paradeiro certo, não tardou e o estômago deu alerta de fome, e cada grupeto teve a sua própria estratégia para resolver este problema. Um grupo combinou de furtar algo para comer, enquanto outros preferiram pedir, e a maior parte caiu na real e regressou para a casa dos ex-donos, principalmente os mais idosos, que perceberam a esparrela que estavam metidos. A sonhada liberdade chegou, mas trouxe, também, a perda imediata da moradia e a comida, que mesmo sendo análoga a dos animais de estimação, no primeiro momento estava fazendo falta.

No finalzinho da tarde, cansados de caminhar, próximo a uma venda, Evangelista arreou o matulão das costas sobre um lajeiro, na beira da estrada, sentou-se do lado de Das Dores e, pela primeira vez trocam a uma ideia depois da saída da vila, com relação ao futuro.

- Zé Evangelista, não se preocupe *com eu*. Aguento qualquer coisa, mas não volto para a casa dos Vitorinos. – dispara Das Dores com firmeza.

- *Tava* pensando nisso não! – respondeu o noivo de Das Dores.

- Tenho aqui uns trocados que economizei, que dá para comer uma porção de dias, mas acho que *tamo* indo para o lado errado. Em São Salvador, há pouco tempo, me meti em uma briga com a *pulica*.

Estática, sem pronunciar uma palavra, Dasdores esperou que Evangelista continuasse a conversa, mas o sapateiro percebeu que não estava agradando e enveredou a conversa para outro rumo.

- Dasdores, hoje a lua vai sair muito tarde e daqui a pouco vai ficar muito escuro. Fique aqui enquanto vou ali naquela venda comprar *arguma* coisa para comer, e *adispois vamo percurar* um canto *siguro* para *dromi*.

Criada nos preceitos católicos de Dona Maroquinha, desde que chegou em Santo Amaro do Ipitanga, Dasdores, com

dezessete anos incompletos, jamais havia ficado sozinha com um homem, mas agora a situação caminhava para a quebra deste tabu e o coração da ninfeta acelerou tanto que chegou a tremer-lhe as pernas.

Evangelista deixou sua amada sentada sobre a pedra e caminhou no rumo da venda, onde seu proprietário, um sujeito barbudo, mal-encarado, com facão rabo de galo na cinta, o recebeu da seguinte forma:

- Se veio aqui pedir *alguma* coisa, pode *vortar!* Aqui não tem nada para se dar!

- Vim pedir nada não meu sinhô. Sou negro forro e tenho como pagar o que *cumpar!* – respondeu Evangelista prestando atenção nos movimentos do vendeiro.

- Se tem dinheiro, mostra!

Resignadamente enfia a mão no bolso e mostra o numerário suficiente para fazer a compra. Escolhe um pedaço de queijo, uma rapadura e um pacote de bolacha, pagando o preço exigido. Quando estava de saída escutou o vendeiro dizer:

- Vá *cumer* isso bem longe daqui! Não quero saber de negro roubando aqui no meu sítio.

Evangelista não deu resposta. Aproximou-se de sua amada, entregou-lhe o pacote de compras, colocou o matulão nas costas e falou:

- Vamos andar mais um pouco, o povo aqui não está gostando de tanta gente pedindo!

O casal caminhou mais um pouco e, na boquinha da noite, encontrou um pequeno grupo de ex-escravos acampados na barranca de um riacho, em torno de uma fogueira, fazendo café e assando uma galinha, certamente surrupiada de algum chiqueiro na beira da estrada.

- Dasdores aqui parece um lugar bom para *passá* a noite!

Não havia ninguém conhecido, mas o espírito de solidariedade reinante naquela comunidade ocasional, rapidamente entrosa o casal ao grupo, e quem tem algo para comer dividiu alegremente com os demais.

Depois da refeição improvisada, Evangelista, inquieto, arquitetou uma maneira de levar a noiva para um lugar isolado, onde pudesse consumir a noite de núpcias, há muito tempo esperada.

Para quebrar o gelo, tomou timidamente a mão da ex-mucama e a convidou para ir até o riacho, banhar o rosto e lavar os pés para dormir. Com o coração batendo a mil, Dasdores seguiu o companheiro na direção da beira d'água. No escuro banham os corpos em um silêncio sepulcral, até o sapateiro tomar coragem e aproximar-se de sua amada. Segurou-lhe as mãos, com firmeza, trançou seus braços fortes em sua cintura fina, puxou seu corpo levemente contra o seu, ao tempo que a sufocou com um beijo. Com o coração a todo vapor e as pernas desfalecidas, Evangelista vagarosamente deitou a ninfeta na areia fina do riacho e a amou na noite escura. A lua crescente saiu na madrugada fria e iluminou o casal estirado na areia fina, o sapateiro acordou e teve clareza que Dasdores tem uma estatura bem maior que a sua.

No dia seguinte, o pequeno grupo novamente se reuniu em torno da fogueira para tomar café com batata-doce e seguiu viagem. Preocupada com a condição jurídica do companheiro, Dasdores perguntou:

- E agora, vamos continuar indo para São Salvador? Arriscando tu ser preso?

- Estive pensando e não tem outra saída! Quanto mais *nói* for aí para riba – ponderou Evangelista apontado para o interior – Será mais difícil encontrar trabalho de sapateiro. *Mior* irmos para São Salvador e de lá pegar um navio para outro canto.

Com mais dois dias de caminhada o grupo alcança o cais do porto de São Salvador, lugar bastante familiar para Evangelista, onde recebeu a informação que o próximo vapor a zarpar do porto, em dois dias, iria direto para o Recife, capital da província de Pernambuco, lugar que não tinha a menor ideia onde ficava. Comprou os bilhetes, na terceira classe, e uma roupa decente para a companheira. Depois se enterraram dentro de uma pensão barata até a hora da partida.

Sem experiência em viagem marítima, armaram suas redes na proa da embarcação e Dasdores não se deu com o balançado do barco, passando os cinco dias da viagem, praticamente sem se alimentar. Tudo que engolia, não parava dentro do estômago.

Na tarde noite de 22 de maio de 1.888 o vapor atracou no antigo cais da Lingueta no antigo porto do Recife. O casal de viajantes insólitos, debilitados pelas noites mal dormidas a bordo do barco, desceu a escada da embarcação encandeado pelas luzes do cais, sem enxergar o chão, e caminhou como zumbis em meio a multidão de viajantes, marujos, pinguços, prostitutas e mascates com suas malas enormes apipadas de produtos variados, que os estivadores carregavam com esmero, sob o olhar vigilante de seus proprietários.

Sem rumo, Evangelista colocou o matulão no chão, com tudo que lhes pertencia, e sentou com Dasdores na sarjeta de uma calçada, em frente aos armazéns da alfândega, que de tão fraca encostou a cabeça no seu ombro direito. Por alguns minutos o sapateiro permaneceu imóvel parecendo que estava dentro de um pesadelo, sem conseguir mexer o corpo, nem atinar nenhuma ideia. De repente voltou à realidade, quando percebeu que o corpo de sua amada estava gelado.

- Dasdores! Dasdores! Acorda *muié!*

Evangelista tentou reanimar a companheira, que depois de um tempo respondeu ao seu chamado com um restinho de voz:

- Tô me sentindo fraca! Tô com muita fome, e muito sono!

Olhou em volta e percebeu um cachorrinho vira-lata preto observando o casal. Delicadamente passou a mão na cabeça do animal e em seguida ajudou sua companheira a levantar-se e a encostar-se na fachada do prédio. Depois falou:

- Fique aqui com este cachorrinho, que vou comprar alguma coisa para *nói comer*.

Afastou-se da sua amada, de vez em quando olhando para trás, virou a esquina e encontrou muitas barracas no meio da rua, iluminadas com lampiões a gás, oferecendo todo tipo de comida:

café com leite, tapioca, munguzá, cuscuz, xerém e carne guisada, por preços acessíveis. Pensou em levar algo, mas melhor era não demorar muito e trazer a companheira para alimentar-se em uma destas barracas.

Na volta encontrou o cachorro rabugento com a cauda levantada, em frente de Dasdores, em posição de vigilância. Mais uma vez passou a mão em sua cabeça, em sinal de agradecimento, colocou o matulão nas costas e com o outro braço ajudou Dasdores a caminhar até a barraca para se alimentar, acompanhados pelo cachorrinho, que passaram a chamar de "Vigilante".

Depois da refeição reforçada naquele ambiente com muitos bebuns, prostitutas e policiais por toda parte, Evangelista preferiu voltar com a esposa para uma das marquises dos armazéns alfandegários, onde conseguiram repousar, matar o sono e o cansaço da viagem marítima, sob a proteção do cachorro Vigilante, que a qualquer ruído já se levantava e ficava em posição de defesa.

O dia amanheceu chovendo, mas bem alimentada Dasdores levanta-se saudável e de bom humor, sem nenhuma demonstração de arrependimento, certa de ter tomado a decisão correta de cair no mundo com seu amado. Estava pronta para enfrentar qualquer adversidade!

Aos poucos os funcionários da alfândega iam chegando para abrirem os armazéns e o "hotel" improvisado do casal, na noite passada, é tomado por vagões de trens que descarregam fardos de algodão e sacas de açúcar, à espera de embarcar para o exterior.

Sem condições de permanecerem naquele local, o casal e o novo integrante da família, afastaram-se da porta de entrada e caminham lentamente, amparando-se da chuva na fachada do prédio até atingir a rua. Com água no meio da canela, e sem nenhuma proteção, os três viventes, tremendo de frio, enfrentaram o temporal de peito aberto. Em pouco tempo as roupas e o matulão estavam totalmente encharcados e com o dobro de peso, mas mesmo assim, sem ter onde se ampararem da

chuvarada, continuam andando, por mais de hora, e se distanciam da zona portuária.

Alcançaram uma rua residencial de pouco movimento, muros com grades de ferro e grandes árvores nas calçadas. Exausta da caminhada na naquela chuva torrencial, Dasdores não comandou mais suas pernas, tropeçou e caiu literalmente com o rosto em uma poça d'água. Sem saber o que fazer, Evangelista levantou o corpo desfalecido da esposa, sentou-a no meio fio, com as águas da sarjeta batendo na cintura, apertou seu corpo contra o seu na esperança de passar um pouco da energia que lhe restava. Naquela aflição, mais uma vez lembrou da religiosidade e dos conselhos de sua mãe de criação para ser uma pessoa de bom coração, das novenas, das missas na igreja da Conceição da Praia e imaginou onde haveria de ter desagradado a Deus para merecer passar por tantos momentos de dificuldade.

De olhos fechados, apoiando sua amada no colo, mergulhou em um turbilhão de pensamentos, quase em uma oração, que viajavam do passado para o futuro, em uma velocidade alucinante. De repente as torneiras do céu se fecharam, a água corrente da sarjeta tomou seu rumo, e quando Evangelista levantou a vista, enxergou um negro alto, forte, botas de cano longo, casaca de fraque, chapéu de massa na mão, em sua frente, ao lado de um cabriolé, perguntando-lhe.

- Irmão, o que *ocê* tá fazendo aí no *mei* desse aguaceiro, *homí*?

Feliz por ter encontrado alguém que lhe dirigiu a palavra, mas com um nó na garganta, pela sua desdita, o sapateiro responde:

- Amigo eu sempre fui negro forro, mas a minha companheira foi liberta agora. *Tamo* vindo da Bahia, e desde ontem *tamo* perambulando, sem rumo.

Agachado do lado do casal, com um ar paternal, o homem tomou as mãos de Dasdores e afirmar categoricamente:

- Irmão sua *muié* tá gelada! - continuando - Sou cocheiro de Dona Olegarinha Maciel, amiga de nosso benfeitor Joaquim

Nabuco. Ela é uma pessoa muito caridosa e ajudou muitos negros a fugirem dos castigos de patrão *marvado*.

- *Vamu*, me ajude a colocar sua *muié* no carro! Vou levar *ocês* para o abrigo ali no Santo Antônio.

Com a desenvoltura de quem conhecia o ofício, o cocheiro acomodou o casal na boleia do cabriolé, subiu na sua traseira e com apenas um estalo no ar de seu relho de couro cru, deu o comando para o cavalo partir. Com as orelhas alertas, grunhindo de um lado para outro para chamar atenção, Vigilante observava atento o movimento das pessoas embarcando no veículo, sem ninguém se preocupar em colocá-lo a bordo. O cabriolé partiu e o animal acompanhou o cortejo abanando alegremente a cauda.

O abrigo que Rufino havia falado para Evangelista era, na verdade, um casarão afastado do alinhamento normal das demais casas, encravado em um grande terreno na beira do Rio Capibaribe, amparado por uma cerca alta, pátio repleto de árvores frutíferas, de forma que do leito da rua não era possível enxergar o chalé estilo colonial com sua fachada escurecida pela umidade, sua imponente varanda com parapeito de madeira torneada que se esparramava do nascente para o sul, e que há muito tempo não recebia uma mão de tinta e verniz. Imóvel cedido por um amigo de Dona Olegarinha e seu esposo José Mariano, simpático à causa abolicionista. No passado fora utilizado para aclimatar negros fugitivos, oriundos do interior, e há duas semanas estava repleto de afrodescendentes que, após a abolição, não tinham para onde irem.

O Cabriolé estaciona no pátio, acompanhado do cachorro Vigilante. Rufino, do alto do seu posto, grita por uma pessoa conhecida, que está debulhando umas vagens de feijão, junto com uns garotos, na varanda:

- Severina acuda aqui! Acuda que esta *muié* está quase morta!

Severina, uma negra opulenta, pano amarrado na frente, empurra a bacia de feijão que está entre suas pernas e desceu a escadaria para ajudar a retirar Dasdores da boleia do Cabriolé.

A enferma foi colocada sobre um banco de madeira e a velha senhora percebeu que a jovem estava gelada, sem aparentar nenhum sinal vital. Correu em um dos quartos, pegou um pequeno espelho, colocou-o próximo das narinas da mulher e, pela leve mancha da respiração no espelho, percebeu que ainda estava viva. De um dos bolsos de seu vestido encardido, Severina retira um cachimbo e, com os dedos polegar e indicador esmagou, um pedaço de fumo de rolo no nariz de Dasdores que, imediatamente abre os olhos com ânsia de espirro.

- Foi só uma bilora! - afirma categoricamente Severina

- Nina, vá ali na cozinha, minha *finha* e faça uma garapa bem forte! - falou Severina para uma cabrocha de catorze anos, que ajudava a velha na cozinha.

Depois da dosagem cavalariça de glicose, Dasdores volta à realidade para alegria de seu amado Evangelista, que depois de se apresentar deu mil agradecimentos para a velha Severina e ao cocheiro Rufino.

Rufino chamou o sapateiro para um canto e bateu a realidade daquele lugar.

- Irmão, até quinze dias atrás Dona Olegarinha mantinha este casarão de um tudo, *mai da abulição prá cá*, chegou muita gente e não teve *mai* condição. Agora cada *homi* trabalha na rua, *roba*, faz o que for e à noite o que *traí* divide com os outros.

- Pelo menos tem onde *dromi*! *Mai num preciso robar* não! Tenho profissão, sou sapateiro, sei *trabaiá* com máquina e tudo.

- É, irmão, *entonce* amanhã *percure* um emprego e um lugar *mió* para morar. Aqui à noite tem uma *canaia* muito grande, que não pode ver uma *muié* bonita como a sua - aconselha Rufino.

Evangelista faz menção de pagar o favor que Rufino lhe fez.

- Pode ficar com seus trocados, irmão. *Vosmicê* vai precisar mais do que eu. Tenha cuidado com a cabroeira, e guarde bem suas economias.

Rufino colocou o chapéu, cumprimentou o amigo com um leve toque na ponta na aba, subiu no cabriolé, estalou o chicote e foi embora.

Evangelista entrou na sala do casarão e encontrou sua amada, em melhores condições, falando baixo com a cozinheira, enquanto sorvia uma xícara de caldo de feijão e perguntava para a idosa se era possível tomar um banho.

- Tu *tás* doida *minina*! Tu *tava* quasi morta e agora *quer toma* banho frio?

- Digo assim, um banho morno, de assento.

- Só se for assim! - aceitou a velha.

Acende o seu cachimbo e ordena:

- *Chiqim*, pega uma lata e vai ali no rio buscar água. *Nina, tiça* o fogo para *mornar* água para essa *minina* tomar um banho!

Evangelista acompanhou *Chiqim*, um garoto entroncado de cerca de doze anos, até a cacimba e aproveitou para, também, tomar o primeiro banho desde que entrou no vapor em São Salvador, e lavar a roupa com sabão de sebo de carneiro.

Próximo ao meio dia, depois de tomar um banho morno, Dasdores ainda muito fraca, pediu para Evangelista armar a rede no alpendre para descansar um pouco, mas quando se deitou teve um forte acesso de tosse, chamando atenção da velha, que se aproxima e imediatamente à diagnóstica:

- Essa *minina* levou muita chuva, e tem *pumão* fraco! - continuou - Vou fazer um chá de *jarrinha* para curar a gripe nova e amanhã cedo vai tomar um caneco de mastruz com leite para cortar o catarro. Agora, vá ali para a cozinha comer mais os meninos. Tem feijão com bucho e cuscuz à vontade.

Preocupado com a alimentação de sua amada, meio sem jeito, Evangelista perguntou para Severina, onde poderia comprar um pacote de bolachas, rapadura e queijo para Dasdores, que não estava em condições de comer comida pesada.

- Peça para *Chiquim* que ele traz a encomenda em *dois tempo*.

Dasdores, com o corpo febril e com uma forte dor de cabeça, apenas belisca a comida, enquanto seu companheiro,

sentado no chão da varanda balança sua rede com uma mão e com a outra acaricia a cabeça do cachorrinho, que já atende pelo nome de Vigilante.

A noite caiu, e de repente, cerca de trinta ex-escravos, homens, mulheres e seus filhos adolescentes regressam da rua enchendo rapidamente o casarão portando todos os tipos de bugigangas e alimentos, que encontram pela cidade: galinhas, ovos, pães, rapadura, açúcar, sal, etc. Alguns trocados por seus serviços braçais, outros, com certeza, afanados.

O líder era um sujeito afrodescendente mal-encarado, estatura média, cabelos encarapinhados grandes, caixa torácica fornida, olhos esbugalhados e dentes fortes, bem separados, alcunhado de João *Mavadeza* por sua conduta violenta. Gabava-se de ter fugido do Engenho Santa Fé, pertencente ao Capitão Tomás Cabral de Melo, da várzea do Rio Paraíba, um dos senhores de engenho mais cruéis com seu plantel de escravos. Este elemento perigoso passava o dia carregando e descarregando navios no cais do porto e quando regressou, naquela noite, para o casarão observou a presença de um casal novato. *Mavadeza* perguntou arrogantemente para a velha cozinheira:

- Quem é esse povo? *Tão* aqui com *orde* de quem?

- Quem *trouve* esta moça, mortinha, e o homem foi Rufino.

- responde a cozinheira.

Enciumado, o líder do grupo, com um litro de aguardente nas mãos, falou asperamente com a velha cozinheira:

- *Num* já falei que para entrar aqui, *quarquer* um, tem que me pedir?

Evangelista escutou uma parte da conversa, mas não se moveu do seu canto. Continuou balançando a rede de sua amada e acariciando a cabeça de Vigilante, enquanto no pátio, em grande algazarra, as pessoas fizeram uma fogueira para cozerem galinha e assar carne, enquanto ingerem aguardente diretamente na boca das garrafas, dançam, cantam e jogam capoeira.

Quando finalmente a comida estava pronta, João *Mavadeza* que a esta altura já sabia do corpo escultural da

mulher novata, ingeriu mais um pouco de álcool, intencionando uma maneira de provocar o novo morador para tomar-lhe a mulher, e manda um moleque o chamar para comer.

Evangelista agradeceu o convite, mas Dasdores, mesmo convalescente no fundo da rede, pediu para seu amado não fazer desfeita e aceitar o chamado com satisfação.

Em torno da fogueira, todos se servem alegremente e João *Mavadeza* com a intenção de cobiçar a mulher do novato, continuou maquinando uma maneira de desmoralizar o sapateiro. O berimbau pinicava na noite de lua clara e o estivador desafiou todos os homens presentes para enfrentá-lo na capoeira, mas ninguém aceitou, temendo sua destreza e violência com as pernas. Sem oponentes, faz uma performance solitária no meio da roda, onde Evangelista observou que seus golpes são fortes, porém lentos.

Terminada a apresentação solitária, o estivador tomou mais um gole de aguardente e dirigiu-se acintosamente para Evangelista.

- Aqui neste casarão, quando chega uma cabra nova, o direito de *drumir* a primeira noite é meu!

O sangue de Evangelista subiu todo para a cabeça, o pensamento voou e sem saída, disse:

- *Mai num* vai não! – afirmou calmamente tirando a camisa, jogando as alpercatas fora e se dirigindo para o centro da roda, colocando-se em posição de luta.

O berimbau de Liminha pinica e *Mavadeza*, confiante na sua destreza, balançou o corpo na ginga da capoeira e falando para os presentes:

- Agora tu *vai* ver quem manda aqui, *muleque!* – fala arrogantemente João *Mavadeza*, quando parte para cima do adversário lhe aplicando uma série de rasteiras, que para se defender Evangelista dá dois saltos mortais desorientando o agressor. Firmes novamente no centro do círculo, Evangelista balançou o corpo de forma tão magistral que o seu adversário percebeu que não está lutando com um amador e que não tinha a torcida dos demais presentes, quando ouviu os aplausos após o

malabarismo feito por seu oponente. O jogo de pernadas no ar começou e ambos os lutadores se defendiam magistralmente dos golpes, até que Evangelista, muito veloz, rodopiou no ar como um parafuso e sua perna esquerda alcançou um golpe certeiro na linha da cintura de João *Mavadeza* que, apesar de ser forte como um touro, cambaleou as pernas abriu a guarda e recebe um segundo golpe na altura da orelha direita, que o faz cair no centro da roda. Evangelista continua em frente ao corpo inerte do seu contendedor, em posição de luta, até que Liminha silenciou o berimbau, indicando que a luta havia acabado e que havia um vencedor.

O líder *Mavadeza* era temido, mas não era amado pelas pessoas que habitavam naquele local. Portanto, quando começou a apanhar, os moradores aplaudiram a destreza e a coragem de Evangelista, depois colocaram-no sobre os ombros e, com grande entusiasmo, o empossaram no cargo máximo. Naquela mesma noite, João *Mavadeza* percebendo que seu reinado de violência e valentia havia acabado, sorrateiramente abandonou o recinto praguejando a turba. Deste dia em diante passou a ser conhecido, no cais do porto, por João Bondade, mais tarde, envergonhado da surra, escondeu-se em um cargueiro de açúcar e escafedeu-se mundo afora.

Deitada no fundo da rede, com muita dor de cabeça, Dasdores só soube do ocorrido no pátio, quando a velha Severina chegou na beira de sua rede pitando seu cachimbo e dizendo:

- Se *alevante minina*, que seu *cumpanheiro*, graças a Deus, acabou de dar uma boa surra no cão do *Mavadeza*. Agora todo mundo vai ter paz aqui!

Muito fraca, e sem entender o que estava acontecendo Dasdores perguntou:

- O que houve D. Severina?

- O cão do *Malvadeza* desde logo cedo que tirava seu companheiro para briga, *mai* ele *tava* querendo não, até que falou que ia *drumir com ocê*, que ele achasse bom ou ruim. Entraram em luta e o moleque deu-lhe uma lição.

- Meu Deus o que será de *noí* agora? - assustada pergunta -
Cadê Zé?

- Foi tomar um banho na cacimba. Preocupe não *fia*, aqui ninguém gosta deste cão! Aqui ele pisa *mai* nunca!

Evangelista entrou no casarão sob os olhares das pessoas, com um misto de curiosidade e admiração. Queriam saber quem era, de onde veio aquele capoeira que desbancou a fama de *Mavadeza*. Zé de Filó, um afrodescendente de meia idade, falamansa, cabelos mesclados de branco, estatura baixa, corpo franzino e com um ar paternal, dirigiu-se para o forasteiro e pergunta:

- Meu *minino* vosmecê vem de onde?

- São Salvador, irmão. - respondeu Evangelista

- Logo vi que o *minino* não é daqui - parou um pouco e continua - Por aqui nunca vi ninguém jogar capoeira como *vosmicê*.

Evangelista não adianta muito a conversa e sentou-se do lado da rede de Dasdores e continua com uma mão balançando sua rede e com a outra acariciando a cabeça do cachorro Vigilante, só lá pela madrugada é que consegue tirar um pequeno cochilo, sentado do lado de sua amada.

Ao amanhecer do dia, a movimentação da casa começou: uns faziam fogo, outros cambitavam água da cacimba, cozinhavam ovos, assavam carne e faziam café. Quando os primeiros raios de sol atravessaram as fruteiras do pomar, todos já estavam prontos para mais um dia de luta por alimentos.

Zé de Filó, percebendo que o casal de forasteiros estava desentrosado no ambiente, aproximou-se de Evangelista e tentou engendrar uma conversa.

- O *minino* pensa em ficar por aqui, ou *tá* de passagem?

- Estou meio sem *prano*. - respondeu Evangelista. - Vou esperar Dasdores *miorá* para ir *percurá* um *celviço* de sapateiro.

- O *minino* é sapateiro?

- Sou, sim Senhor!

- (29) - Eu vendo doces de uma sinhá na rua do Bom Jesus, antiga rua dos Judeus. Lá tem *umas sapataria*, mas nunca vi *nego trabaiano*, lá não!

- Aprendi a costurar *coro* na tenda de um amigo de meu pai de criação, na baixa do sapateiro, em São Salvador - afirmou Evangelista.

Tentando ser útil ao mestre capoeira, Zé de Filó se despediu do novo amigo falando que ai prestar atenção, por onde andasse, se tinha alguém precisando de sapateiro.

Em um casarão com muitas pessoas, praticamente todas adultas e sem vínculos sanguíneos, os únicos adolescentes eram *Chiquim e Nina*, que permaneciam no casarão fazendo as tarefas domésticas básicas, auxiliando a velha cozinheira Severina.

Depois que todos deixaram a casa, a cozinheira Severina apareceu na varanda com um chá de jarrinha muito amargo para curar a gripe e um caneco de mastruz com leite para limpar o catarro do peito de Dasdores, que tomou a beberagem. Evangelista pediu para *Chiquim*, mais uma vez, ir à venda do português comprar carne para botar no feijão, bolacha, queijo e rapadura, já que o que havia comprado na noite anterior, fora dividido com todos.

Na boquinha da noite os moradores do casarão regressaram das suas atividades pelas ruas do Recife e, como forma de agradecimento ao mestre- capoeira pela expulsão do ex-líder *Mavadeza*, trouxeram-lhe presentes diversos: mangas, ovos de pata, espigas de milho e coco verde, etc.

Aceitou tudo de bom grado, porém, mais tarde, em torno da fogueira, agradeceu a todos pelos presentes, falou que tudo que recebera era para dividir com as demais pessoas, e que, de fato, não queria ser valentão nem chefe de nada, que fez aquela ação na noite passada, apenas, para defender sua mulher. Conclui sua fala afirmando que cada homem era o líder de si mesmo, que tem o sagrado direito de se defender, com os meios que dispuser.

Abel de Chico um afrodescendente jovem, ex-fugitivo da região de Palmares não se conteve com a afirmação, e perguntou:

- Irmão, *mai aqui nói* não tem *mei* de defesa nenhum!

- A capoeira é uma dança, *mai* é luta que serve de defesa – afirmou Evangelista – quem quiser aprender, posso ensinar o pouco que sei.

Não fechou a boca e a turma jovem, de pronto, aceitou o convite. Imediatamente o berimbau de Liminha pinicou na lua cheia e o mestre- capoeira deu a primeira aula demonstrando a técnica de balançar o corpo escondendo-o do raio de ação do adversário.

A paz agora reinava no casarão, cada um respeitando o direito do outrem, e nesta harmonia cada dia Evangelista ganhou mais admiração dos moradores do casarão, que procuravam um trabalho para o sapateiro, para que este não deixasse o recinto e aparecesse outro tirano.

Com cinco dias de tratamento cerrado com chá de jarrinha amarga e mastruz com leite, cuidadosamente preparado pela cozinheira Severina, na terça-feira 29 de maio de 1888, Dasdores ainda estava com pigarro no peito ainda tinha um pigarro no peito, mas já se dispunha a ajudar nos afazeres domésticos do casarão. Zé de Filó chega com a notícia que na sapataria do italiano Ângelo Vincenzo estava precisando de um apalazador.

Reticente de deixar sua amada sozinha no casarão, o sapateiro foi convencido pelo amigo para não perder a oportunidade, uma vez que o emprego era bom e que poderia levar a mulher consigo. Enquanto estivesse tratando do serviço, ela ficaria aos seus cuidados vendendo doces, sobre a copa de um pé de manga, na Rua do Bom Jesus.

Na porta da oficina do italiano, desde cedo, Evangelista percebeu que não há negros trabalhando naquele lugar. Depois de esperar até às três da tarde pela chegada do dono, morto de fome, indagou a um funcionário que varria a calçada:

- Vi dizer que, nesta oficina, *tá* precisando de um apalazador?

O homem lança um olhar de desprezo, de cima até em baixo, e secamente pergunta:

- Para quem é o serviço?

- É pra eu *mermo* – afirmou Evangelista.

- O serviço de negro aqui é carregar “Tigre” de bosta.

A Rua do Bom Jesus, anteriormente denominada de rua dos Judeus, não possuía pavimento em paralelepípedos e as águas servidas dos sobrados eram arremessadas, sem cerimônia, no seu leito, tornando-a lamacenta e mal cheirosa. Como não havia fossas para absorver os dejetos humanos, estes eram acumulados em tinhas de madeira chamados de Tigres, que eram conduzidos pelos negros e arremessados na maré.

Sem adiantar mais nenhuma conversa, foi embora desolado pelas ruas lamacentas e mau cheirosas, evitando pisar nas poças d’água, em busca do ponto de venda do amigo Zé de Filó, onde encontrou Dasdores, cercada de clientes, animadamente ajudando na venda dos doces.

Cabisbaixo, falou para sua amada:

- Deu certo não! Lá não *trabaiá* nego, não!

- Tem nada não *homi*! Deus fecha uma porta e abre uma janela! O negócio bom é vender - falou para o marido animadamente, como que já conhecesse esse ofício há muito tempo.

No final da tarde, depois de vender toda mercadoria, o trio se dirigiu para a casa de Sinhá Filó, antiga proprietária de Zé, que morava em um sobrado no bairro de São José, para prestar contas das vendas do dia.

Sinhá Filomena, conhecida como Filó, era filha única do fidalgo português Antônio Gonçalves Fernandes de Souza, agenciador de compra de açúcar, homem de muitas posses que chegou a possuir oito peças de escravos. Sonhava em casar sua linda filha com alguém de renome de sua terrinha, mas certo dia foi surpreendido com o pedido de casamento, por parte de um filho de comerciante de couro das bandas de Camaragibe. Não aceitou o pedido e ainda ofendeu o rapaz e seu pai, dizendo que sua filha não era para seu bico. O pai do mancebo ofendido desafiou-o a um duelo e Antônio Gonçalves foi morto, no ano 1875.

Com apenas vinte anos, depois da tragédia sinhá Filomena entra em uma tristeza profunda, fechando-se em um luto

cerrado. Vendeu seis dos seus escravos, alforriou João de Natércia, um negro alto fornido que foi nomeado guardião de sua casa, e Zé de Filó, que se tornou seu fiel vendedor de doces.

No caminho de volta para o casarão, Evangelista estava cabisbaixo com a dificuldade de encontrar um serviço, enquanto que Dasdores estava eufórica e cheia de ideias na cabeça, e perguntou:

- Seu Zé de Filó, quem faz esses doces que o senhor vende?
- Sinhá Filó e João de Natércia – afirmou.

- Eu já vi fazer esses doces, *merminho* lá na casa dos Vitorinos - continuou – Ajudava muito a Zefa cortar as bananas, descascar as goiabas e mexia os tachos, até dar o ponto.

Com a dificuldade de seu companheiro Evangelista de conseguir um trabalho na sua profissão de sapateiro, a necessidade de sobrevivência acabou acendendo a centelha do empreendedorismo na cabeça de Dasdores, que praticamente obrigou o marido a gastar seus últimos recursos financeiros na compra de um tacho de cobre, 30 copos de vidro e outros utensílios para iniciar seu empreendimento de doceira.

Evangelista não botava fé naquela atividade, mas Dasdores, animada com o seu negócio, esqueceu até que esteve doente e todas as noites, ao lado de *Chiquim e Nina*, passava horas mexendo o tacho de doce para vender no dia seguinte na Rua do Bom Jesus, em frente a joalheria Krayser, do Judeu Samuel, junto com seu marido.

Nos primeiros dias que Evangelista e Dasdores estenderam seu pequeno tabuleiro com trinta copos de doce de goiaba, sob a copa de um jambeiro na lateral da joalheria grã-fina do judeu Samuel Joseph Krause, este decerto não gostou da vizinhança do comércio clandestino, mas sendo um homem de boa educação não fez nenhuma reclamação. Todos os dias o trio: Evangelista, Dasdores e o cachorro Vigilante aportavam na frente da joalheria, varriam a calçada inteira da loja e em um lugar discreto, que não atrapalhava a entrada dos clientes grã-finos, abriam o tabuleiro, forravam-no com um tecido de saco muito

limpo, espalharam a mercadoria, que cada dia aumentava a quantidade, e em seguida cobriam com outro pano.

Depois de alguns dias o dono da joalheria, que também chegava muito cedo para abrir seu comércio, foi lentamente prestando atenção naquele casal de vendedores ambulantes e certo dia, enquanto esperava o seu cabriolé na frente da loja, deu uma espiada no produto do vendedor ambulante, agradando-se da higiene do tabuleiro, das roupas limpas e, principalmente, da simpatia da vendedora que usava turbante na cabeça, argola nas orelhas, batom vermelho nos lábios carnudos e muitas miçangas sobre o peito. Como fosse íntima do velho judeu, gentilmente perguntou:

- Aceita um doce Seu Joseph?

- Obrigado moça, mas não costumo comer doce!

Descolada, Dasdores não deixou a conversa morrer e, estirando a mão com um copinho de doce, fala para o comerciante rico:

- Leve este para Dona Sara. É um presente!

No judaísmo é um pecado muito grave rejeitar oferecimento de comida, e o velho judeu, atento aos preceitos da sua religião, aceitou de bom grado o presente de Dasdores, e afirmou que quando regressasse do almoço devolverá o recipiente.

Após o almoço, Sara Krause, uma senhora alta, corpulenta, olhos azuis, de origem alemã recebeu a iguaria do esposo, que recomenda para não comer e repassar para os criados. No entanto, fora do alcance de seu esposo, resolveu provar um pouquinho do presente e desse pouquinho em pouquinho acabou sorvendo o copinho inteiro, e falou para seu marido, com um forte sotaque alemão:

- Samuel, experimentei o doce que me trouxestes e é muito gostoso!

- É um casal de negros que está vendendo em frente da loja. Parece limpo!

- Pois então traga mais um à noite.

- Amanhã, pois agora à tarde eles já devem ter ido embora.

Com a compra de doces diária a relação dos dois comerciantes, naturalmente, estreitou-se. O velho judeu, aos poucos vai contando sua saga: oriundo da Alemanha depois emigrou para a Holanda, em 1850, um país com melhores oportunidades, mas devido às perseguições religiosas, ao povo judeus, em 1858 emigrou para o Brasil, com sua esposa Sara e dois meninos. Deixa a família no Recife e embrenha-se pelos sertões, em lombos de burros, vendendo joias aos senhores de engenho da Paraíba, Pernambuco e Alagoas, até passar esta atividade para seu filho mais velho, Isaque. O outro, Josué, não puxou para mim, não tem tino para comércio e está gerenciando uma fazenda que adquiri, em 1860, dos descendentes de Maria Ferraz de Brito na aba nascente da Serra de Taquaritinga.

Evangelista também contou um pouco de sua vida para o judeu: sua vida livre nas ruas de São Salvador, as rezas da sua mãe de criação e, com muito cuidado, o sucedido com seu pai e um alferes.

No final do ano de 1888 o empreendimento do casal vai de vento em popa, mas a saúde de Das Dores não suportava aquele rojão e, vez por outra, tossia muito e queixava-se de dores nas costas. Em meados de fevereiro de 1889, quando vai preparar mais uma tachada de doce de goiaba, não aguentou o enjoo e vomitou bastante. Experiente a velha cozinheira Severina trouxe um chá de erva cidreira e afirmou categoricamente:

- É bucho *fia!* *Vosmicê tá buchuda!*

Escutando a conversa, Evangelista deu pulos de alegria e nesta noite as cantigas na roda de capoeira foram até tarde da noite. No dia seguinte, percebeu que sua companheira ainda se encontrava enjoada e vai sozinho para a batalha diária, na companhia de Zé de Filó e seu cão Vigilante.

A barriga de Das Dores crescia na mesma proporção que emagrecia e aumentava os acessos de tosse. Não conseguia mais acompanhar o marido para a Rua do Bom Jesus, perdeu a alegria e o brilho dos olhos. Com a esposa grávida e doente, Evangelista também fraquejou e em um determinado dia levou seu tabuleiro

de doces para a Rua do Bom Jesus, mas não teve ânimo para abri-lo e o seu amigo judeu, perguntou o que havia e ele respondeu:

- Tô sem *prano* seu Samuel. A minha *muié tá* prenha de cinco *mei* e cada dia mais doente! – fez esse lamento com água nos olhos.

- Melhor vosmecê trazer ela amanhã para ir em um médico aqui perto. Ele é de minha confiança!

No dia seguinte, bem cedo, Evangelista decidiu não levar seu tabuleiro de doces e saiu com Das Dores muito debilitada, com seu corpo de um metro e oitenta de altura, amparado nos ombros do marido. O médico examinou a jovem, que estava prestes a completar dezoito anos, e foi taxativo:

- A criança está se desenvolvendo bem, o coração bate forte, mas sua mulher tem pulmões fracos e se vosmecê quiser que ela viva, se afaste da umidade aqui da zona da mata. Procure um lugar mais seco.

Fora do consultório, seu Joseph chamou Evangelista em particular e falou:

- Pois Bem, meu filho, ouvistes o que o médico falou! O que vosmecê tem que fazer agora é curar a doença de sua patroa lá na minha fazenda Malhada da Onça. Lá o clima é muito bom e em pouco tempo Das Dores estará curada.

- Seu Samuel, querer eu quero muito curar minha *muié*, mas não tenho como lhe pagar!

- Enquanto vosmecê estiver por lá, ajude os caseiros na labuta diária, que está de bom tamanho.

- Daqui *prá* lá vosmecê vai de maxambomba (trem) até Limoeiro. De lá até a Serra são mais dez léguas.

- Esta *muié* não aguenta mais uma tirada de dez léguas não, seu Joseph! – respondeu Evangelista abismado.

- *Carma* meu rapaz! Vou passar um telegrama para o Correio de Limoeiro, para ser entregue na casa de meu amigo João Heráclio do Rêgo, conhecido como Seu Laquinho, proprietário da fazenda Vertentes dos Heráclios, com um pedido para providenciar montaria para duas pessoas com destino a minha fazenda na Serra de Taquaritinga.

Com a cabeça baixa, Evangelista escutou o discurso do Judeu Joseph, mas com seus botões não conseguia imaginar que aquela sincronização pudesse dar certo. Percebendo a incredulidade de Evangelista, Joseph tentou acalmá-lo:

- Fique tranquilo, meu rapaz! Estou acostumado a fazer este pedido. Este amigo do interior me deve muitos favores. Eu e Sara cuidamos das suas filhas que estudam aqui no colégio das Damas.

Mais consciente da realidade, Evangelista perguntou:

- E quando vai ser a viagem?

- O telegrama já vai dizendo que é para quinta-feira.

Na quinta-feira, às seis horas da manhã, Evangelista, Dasdores e o cachorro Vigilante, com todas suas tralhas que cabiam em uma pequena caixa de madeira e em um matulão, embarcaram na segunda classe de trem rumo à Limoeiro.

Por volta das dez horas da manhã a maxambomba aportou na estação de Limoeiro espirrando uma fumaça densa para todos os lados e que, por alguns segundos, deixou o mundo escuro. A plataforma estava repleta de populares, carregadores de bagagens, familiares de passageiros e funcionários da estrada de ferro. João de Caiana, o enviado de Seu Laquinho, acostumado a vir buscar o velho judeu na estação ferroviária de Limoeiro, atento à descida dos passageiros, não enxergou o velho Judeu, nem ninguém conhecido da sua família. Fim de linha, a composição começou a manobrar para colocar a locomotiva na frente da composição, para partir de volta para o Recife às treze horas.

João de Caiana já tinha visto um negro jovem com um cachorrinho preto nos braços, junto de uma negra alta com uma barriga proeminente, mas não passava pela sua cabeça que fossem as pessoas que deveria levar para a fazenda Malhada da Onça, na Serra de Taquaritinga. A estação cada vez mais vazia, o portador do velho Laquinho começou a imaginar que por algum motivo as pessoas não embarcaram no Recife, mas, para garantir a execução perfeita da missão, resolve gritar bem alto:

- Alguém da parte de seu Samuel Joseph Krause!

Bem do lado, Evangelista levantou um braço e responde:

- *É nói* meu senhor!

O portador, um homem alto, de cútis branca curtida pelo sol, rifle papo amarelo atravessado nas costas, não acreditou que tivesse ido buscar dois negros em Limoeiro, mas, mesmo com a cara trancada, foi pegar os animais que estavam amarrados sob a copa de um pé de manga, nas cercanias da estação.

No alpendre da casa do fazendeiro João Heráclio, Evangelista apresentou a carta do judeu a um funcionário da casa e com pouco escutou o velho resmungando, deitado em sua rede na varanda:

- Eu não digo! Nos tempos de hoje todo tipo de marmota acontece! Até ajudar um *casá* de negro! - praguejou o coronel, e continuou a pensar alto - O que não faço por este meu amigo Joseph Krause.

Na boca da noite a comitiva chegou ao casco da fazenda Malhada da Onça. O filho do judeu, com um andar estreito arrastando os pés calçados com meias grossas enfiados em sandálias de arrasto, apareceu na soleira da porta. Evangelista entregou-lhe a missiva que trazia com as recomendações de seu pai. Josué era um homem jovem, corpulento, com cerca de 35 anos, mas seus trejeitos pachorrentos, a barba ruiva mal cuidada, tomando quase todo o rosto gordo, olhos azuis miúdos e cabelos grandes escorrendo cachos por baixo do chapéu de massa preto atolado na cabeça, aparentava ter pelo menos mais vinte anos. Em silêncio leu a carta do seu genitor, mas, pelo semblante, não gostou da missão que fora imbuído, porém, mesmo assim, sem dar uma palavra com o casal de negros, deu ordens para a criada Dedinha botar comida na mesa para os recém-chegados mais o emissário do fazendeiro João Heráclio, que segundo as regras de boa vizinhança, só deveria retornar no dia seguinte, depois de tomar café.

Das Dores, exausta da viagem e com dores nas costas, depois do jantar teve um acesso de tosse. Dedinha pegou um lampião e apressou a saída do casal para um casebre em frente à

casa principal, para não incomodar Sinhá Débora, esposa do proprietário.

No casebre de pau a pique, Evangelista armou as duas redes e perguntou à criada:

- É possível esquentar água para Dasdores tomar um banho, para tirar o quebranto da viagem?

- Aqui na serra tem muito *Oi d'água*. Ali na frente mesmo passa um que corre o ano inteiro. Pode pegar uma destas latas para esquentar a água. – falou e apontou para um canto da casa onde tinha umas tralhas.

Na escuridão, Evangelista foi até o córrego e aproveitou para tomar seu banho na água gelada que corria das entranhas da serra. Percebeu que o ar daquelas paragens era frio e sadio. Depois do banho morno, Dasdores falou baixinho para o marido:

- *Zé num* gostei muito da cara do *fio* de seu Joseph, não!

- *Tumbém* não, mas vamos aguentar o que for para tu *miorá*.

O dia nem bem amanheceu e o cachorro Vigilante percebeu a presença do vaqueiro Antônio Orobó, que tirava leite das vacas no curral colado com o casebre onde os três viventes passaram a noite.

O vento frio arrepia a pele, mas Evangelista se levantou da rede, esvaziou a bexiga no pé da cerca, passou uma água gelada no rosto e se dirigiu para o curral. Antes de se apresentar para o vaqueiro, surpreendentemente, como um adivinho, o homem desabou a falar tudo sobre sua vida, contado através da carta de Seu Joseph para o filho, que Dedinha escutara Sinhá Débora relendo para o marido, escondida atrás da porta da cozinha.

Como que fosse íntimo do forasteiro, o vaqueiro Antônio Orobó, concluiu:

- Seu Evangelista, a doença que sua *muié* tem é fraqueza dos *pumão*. A cura é leite de vaca, mastruz ferrado no leite, pirão de braço de boi, feijão e carne assada. Pegue logo aquela caneca ali e venha encher para ela beber quentinho.

Obedecendo a ordem do vaqueiro falastrão, Evangelista pegou o caneco, encostou próximo ao úbere da vaca e esperou encher, enquanto a matraca do homem não parava de falar.

- Moro ali naquela casinha que só se ver as *teias* - continuou - Daqui a pouco minha sogra vem trazer um café com queijo, coalhada e pão de milho.

- Como é o nome do senhor?

- Antônio de Orobó. Orobó é um lugarzinho aqui perto.

- Seu Antônio, vou levar o leite para Dasdores e volto para ajudar no que precisar.

- Vá *homi*, vá levar o leite para a doente!

Evangelista nunca teve o menor contato com o campo, mas para conseguir a cura de sua amada, enfrentou a lida dura da fazenda: ajudando o vaqueiro a tirar o leite, feixes de capim elefante e transportá-los em carro de bois, ferver o leite, preparar o cincho para fazer queijo de coalho e colher caçoares de frutas da época, para os almocreves levarem para vender na feira de Limoeiro.

A solidariedade, comida farta e os bons ares da região, rica em todo tipo de frutas, fez com que em pouco tempo Dasdores se recuperasse, ganhasse peso e fizesse amizade com outras famílias da região. Certo dia de domingo, muitas mulheres reunidas, Dasdores resolveu desembalar o tacho de bronze e os 120 copinhos de vidro, fez uma tachada de doces de goiaba que encantou a todos, inclusive Sinhá Débora, esposa do judeu esquisito.

Pedim um rapazola de dezesseis anos, filho mais velho de Antônio de Orobó, que todos os sábados, por volta das duas horas da madrugada, carregava as três mulas de seu pai com frutas e queijos para acompanhar o cortejo de almocreves que desciam a serra para venderem seus produtos na feira de Limoeiro, falou para Dasdores, despertando seu tino comercial:

- Dona Das Dores este seu doce, lá no Limoeiro, num instante vendia *tudim*!

- É meu *filho*, mas, neste estado eu não dou conta de fazer sozinha! - respondeu Das Dores desolada.

- *Oxênte* Dona Dasdores, chame Carminha minha *irimã* para lhe ajudar!

Depois deste diálogo com o rapazola, Dasdores não parava de pensar em voltar ao trabalho, mas Evangelista não gostava da ideia, com receio de abalar a saúde fraca de sua amada, porém não resistiu à insistência da companheira, e teve que ceder aos seus argumentos para trabalhar de alguma forma, ganhar algum dinheiro para comprar uns cueiros para o seu filho que se anunciava para o fim do mês de novembro.

Com a saúde totalmente restabelecida, no início de setembro, Dasdores fez sua primeira taxada de doces, e na madrugada daquele sábado acondicionou os cento e vinte copinhos de doces, em camadas, numa lata de manteiga vazia e os entregou para o marido, que seguiu para Limoeiro em uma mula que lhe fora emprestada, juntamente com os demais almocreves. E pela manhã Evangelista estreou na feira daquela cidade.

Por volta das treze horas os colegas almocreves, depois de venderem suas mercadorias e comprarem os víveres e encomendas, appearam os animais em frente à barraca de Raimundo de Jó para um almoço barato, regado a uma pinga e muita conversa com as novidades do Recife e até do Rio de Janeiro. Após a refeição Evangelista abriu a sua lata e dividiu a *boia* de seu produto com os colegas de viagem.

A volta para casa, com menos peso, foi sempre rápida e na boca da noite a turma de tropeiros estava subindo a encosta da Serra de Taquaritinga, e cada um tomando o rumo de sua casa.

No casebre, Dasdores, com a barriga proeminente de sete meses, esperava ansiosamente o marido para saber do resultado da primeira venda na feira de Limoeiro. Descendo desajeitadamente do burro com a lata vazia em uma das mãos, Evangelista foi logo falando que tinha vendido quase tudo. Comprara mais açúcar, feijão e carne para a semana e ainda tinha sobrado uns cobres para juntar para comprar uns cueiros para a criança que se anunciava.

Novatos na lida do campo, com o aconchego e carinho da vizinhança, o casal foi se adaptando aos costumes do lugar, ao mesmo tempo que se distanciava dos costumes baianos. Evangelista sentia falta das rodas de capoeira, mas naquele lugar ermo, onde os poucos negros que sobreviveram ao cativeiro foram tratados à ferro e fogo não era de bom alvitre falar em jogar capoeira. Algumas vezes, pela madrugada, ainda tentou fazer uns movimentos, mas sem o repicar do berimbau parecia que seu corpo estava travado, e Dasdores não gostava desta prática, para não desagradar o filho do judeu.

Os bons ares da Serra de Taquaritinga, a boa alimentação restabelece a fraqueza dos pulmões de Das Dores, que entretida com a fabricação semanal de doces para seu amado vender na feira, todos os sábados, não dava bola para sua gravidez que se desenrola normalmente. Sua altura disfarça o tamanho da barriga e consequentemente o tempo de gravidez. Dona Benedita, a experiente parteira, sogra do vaqueiro, Zé de Orobó, percebendo a sua inexperiência, e imaginando que ainda estava faltando muitos dias para o parto, indagou Dasdores:

- Minha Santa, *prá* quando é este menino?

- *Num* sei não Dona Benedita – responde com ar inocente.

- Minha *fia* estas coisas nós *muié* temos que saber, senão tu *vai* acabar tendo este menino no *mei* do mato.

- Como posso adivinhar?

- Não é assim não *fia*. *Vosmicê* sabe a lua que embuchou?

- Foi na lua nova de fevereiro. - respondeu com pouca precisão.

- Está bom *fia*. Amanhã vou pedir a meu genro, que sabe ler um pouco, para fazer a conta das dez luas, para saber quando tu *vai* descansar.

No dia seguinte a velha parteira chegou com a notícia que o rebento seria para depois do dia 23 de novembro, exatamente, dali a dois meses, mas Dasdores, na verdade, havia engravidado antes, na lua minguante.

Confiante na contagem do tempo da gravidez da velha parteira, na quinta-feira 14 de novembro de 1889, Dasdores e

Evangelista, com uns cobres amarrados na ponta de um lenço foram para Limoeiro para ver o que podiam comprar para o bebê. Hospedaram-se na casa de um irmão do vaqueiro Zé de Orobó, conhecido como Pedro de Bino, afamado “aboiador” das festas de apartação.

No outro dia à tarde, sexta-feira 15 de novembro de 1889, juntamente com Marina esposa do anfitrião, uma morena magra com os cabelos negros na cintura, o casal foi ao armazém Pernambucano fazer suas compras, mas Dasdores mal chegou em casa e começou a sentir contrações. Experimente, a dona da casa mandou chamar sua comadre e parteira, Maria de João Preto, que em dois tempos chegou na casinha branca encravada no pé do morro. Depois de examinar a parturiente, deu umas baforadas no seu cachimbo e disse taxativamente:

- Este *minino* nasce já, já!

Em pouco tempo a casinha encheu-se de mulheres solidárias à parturiente, em um frenesi de colmeia: esquentavam água no fogão de lenha, transitavam para lá e para cá, e os homens foram convidados a ficarem do lado de fora do casebre, com a porta fechada. Evangelista, sem ter o que fazer, agachou-se no batente da porta e com um graveto riscava o chão, até que de repente um choro forte de criança recém-nascida ecoou de dentro da casa. Feliz, o dono da casa deu um abraço em Evangelista que, ansioso tenta entrar na casa, mas foi contido pelo anfitrião, um homem mais experiente, acostumado a passar por este momento.

- Ainda não é hora, *homi!* Espere um pouco, deixe as *muié* chamar!

Com um pouco, a parteira Maria de João Preto abriu a parte de cima da porta de entrada, olhou para Evangelista e perguntou:

- *Vosmicê* é o pai?

Firmemente responde:

- Sim, senhora!

- Então venha conhecer vossa *fia*, uma menina grande e forte!

Quando chegou na porta do quarto encontrou sua primogênita enrolada em um dos quatro cueiros que havia comprado há poucas horas no armazém Pernambuco, deitada ao lado de sua amada, que disse:

- Zé, Fiz uma promessa para Nossa Senhora da Conceição para colocar o nome de José, mas já que é uma *minina*, vamos botar o nome Josefa.

Extasiado de alegria, Evangelista falou apenas:

- *Apoi tá certo, Dasdore!*

Próximo ao catre, levantou um pouco a touca de pano barato que cobria a cabeça da criança, olhou-a mais de perto tentando enxergar algo da sua fisionomia, mas a única característica notável foi o seu tamanho exagerado, naturalmente herdado da mãe. De olhos cerrados, com as costas da mão direita acariciou o rosto da filha, enquanto mentalmente rezou o Pai Nosso, embalado pelos cânticos das novenas de sua mãe de criação, quando foi despertado por sua esposa, que estava preocupada com a renda semanal da família:

- Zé, antes de sair, combinei com Carminha para ela fazer a tachada de doce desta semana, e mandar por *Pedim*.

Sentindo o peso da responsabilidade familiar, do desassossego da mulher ter parido fora da sua base, respondeu:

- Amanhã vou pegar a *meicadoria* para vender na feira. *Mai tô mai* preocupado é como levar tu e a *minina de vorta* para a fazenda!

Escutando a conversa o dono da casa prontificou-se imediatamente:

- Meu *fio*, não se preocupe que aqui não lhe *farta* nada! Tenho muitas galinhas no chiqueiro para sua esposa comer pirão durante o resguardo todo!

- Seu Pedro, *tô* muito agradecido, mas tenho a minha labuta lá com seu *irimão*.

- Fique *trançilo homi*, Zé é lá *homi* de reclamar com nada!

No dia seguinte, 16 de novembro de 1889, o final da feira foi bastante conturbado com a notícia de que a República havia

sido proclamada. O telegrama chegou na casa da família Pinheiro, tradicionais republicanos da província de Pernambuco.

A informação se espalhou pela vila, e de repente, suas principais ruas foram tomadas por uma horda de rapazes pertencentes ao Clube Republicano local, exibindo seus tradicionais cavanhaques, símbolo do movimento republicano, em oposição à barba fechada, símbolo da monarquia. Batiam desordenadamente em latas e tambores, enquanto a corneta de João de Bia, sargento reformado do Exército, de vez em quando colocava ordem no grupo, com um toque de ordem unida, em seguida um e outro estudante subia em uma calçada alta, ou em um caixote e fazia um discurso de improviso exaltando os republicanos pernambucanos, principalmente enaltecendo a força e a coragem do poeta José Isidoro Martins Júnior, grande jurista que por várias vezes foi aprovado para professor da faculdade de Direito do Recife, mas o Império jamais permitiu a sua nomeação, devido a suas posições contrárias à monarquia.

Fora daquela pequena casta estudantil favorável à nova forma de governo e os coronéis, com mando local, defensores da manutenção da monarquia, o restante da população, sem entender, de fato, o que se passava, assistia aquela manifestação totalmente bestializada.

É verdade que os boatos de gastos excessivos com a corte do nosso Império, que invariavelmente se transformava em mais impostos para o restante da população, eram assunto comum no meio do povão, que desgastaram a imagem da coroa, mas não a do velho imperador. Com uma população com o índice de analfabetismo beirando os 80%, as pessoas comuns não tinham a menor ideia do que significava, e muito menos como funcionava uma República.

Na barraca de Raimundo de Jó os almocreves tomavam suas bicadas de aguardente e almoçavam sem entender o real motivo daquela manifestação, até que a turba de estudantes estacionou em frente ao recinto e um orador fez um discurso inflamado pregando o degredo ou o fuzilamento do rei D. Pedro II e sua família.

Neste momento Evangelista passava para *Pedim* o relatório completo do parto fora de hora de Dasdores, informando que era uma menina, e que ambas estavam bem e fazia as recomendações para o patrão e as pessoas amigas.

O garoto, impressionado com a história de matar o rei e sua família, que acabara de ouvir na rua, quase não prestava atenção às recomendações de Evangelista. Finalmente, não se conteve e indagou o amigo.

- Zé, tu sabe proque essa tá de Ripública vai matar o rei?

Criado nas ruas de São Salvador, ouvindo histórias dos movimentos abolicionistas e republicanos, Zé Evangelista sabia muito bem o que significava aquele momento.

- É assim *Pedim*, o rei só muda quando morre! Agora vai entrar outro que é obrigado a trocar de vez em quando!

Com esta explicação *Pedim* entendeu menos ainda, mas não adiantou mais a conversa.

Quinze dias depois, por insistência da sua esposa, o patrão cedeu o seu cabriolé para transportar Dasdores e a sua filha de Limoeiro para a fazenda Malhada da Onça. A pequena Josefa, que apenas mamava no peito, causou admiração de todos pelo seu tamanho e beleza.

O afeto, a solidariedade e a camaradagem das pessoas da região, a saúde de sua esposa e de sua filha, a labuta diária com o amigo vaqueiro Zé de Orobó, sua venda semanal de doce na feira, cada dia prende mais Evangelista aquela terra. Tinha saudades das rodas de capoeira, da máquina de costurar couro, mas olhava para suas mãos grossas do trabalho braçal e não acreditava mais que ainda pudesse voltar a costurar. Acomodado com a situação, pensou mesmo em ficar ali na fartura de frutas, leite e legumes, criar sua filha, que já engatinha pela casa e se preparar para a chegada do segundo filho, que se anunciava para o fim de 1890, mas, mais uma vez, o bafo quente do destino contrariou seus planos.

Todos já estavam deitados na fazenda Malhada da Onça, quando dois cavalos trotando pararam em frente da Casa Grande.

Uma pessoa pigarreou e depois chamou pelo dono da casa, que imediatamente respondeu:

- Quem está aí?

- Seu Josué, sou um emissário do correio de Limoeiro.

Trago um telegrama para o senhor!

Colado na janela da casa o emissário percebeu quando o judeu manobrou o rifle Papo Amarelo, coloca a lamparina sobre a mesinha da sala e destravou a tramela da porta com a ponta da arma.

- Isso são horas? – pergunta o judeu.

- É uma emergência, parece ser coisa de morte! – responde do lado de fora o portador.

Pachorrentamente Josué arrasta os pés até a escrivaninha à procura de seus óculos, aproximou a correspondência da lamparina e serenamente leu a notícia de poucas palavras: “Comunico falecimento de Samuel Joseph, hoje às 16 h. Sepultamento amanhã 17h. Sara”.

Em silêncio, de olhos fechados, Josué imaginou o que significava aquela notícia trágica: seu irmão mais velho, agora assumiria os negócios da família, e, certamente, não continuaria a bancar sua vida de fundamentalista judaico, no interior, em uma fazenda deficitária. De volta à realidade, entrou em sua alcova e chamou por sua esposa:

- Débora! Débora! Acorde, que aconteceu uma tragédia!

Recebi agora um telegrama do Recife informando o falecimento de meu pai.

Assustada com a notícia, sua esposa gorda sentou-se na cama e lhe veio o mesmo pensamento do marido:

- Que vai ser de nós agora?

- Não sei! Vamos arrumar as coisas para sairmos cedinho para Limoeiro e pegar a maxambomba amanhã uma da tarde.

Cerca de um mês depois da morte prematura de Samuel Joseph Krause, sem nenhuma notícia dos seus herdeiros, em um domingo à tarde apareceu na fazenda um enviado de Seu Laquinho de Vertentes informando aos agregados que o agropecuarista havia adquirido aquelas terras com tudo que

tinha dentro, menos as cabeças de gado, que foram compradas por Francisco Alves de Siqueira Melo, um famoso boiadeiro do Moxotó.

No alpendre da Casa Grande, quando o emissário de Seu Laquinho deu as costas, o vaqueiro Zé de Orobó baixou a cabeça pensativo e depois falou para sua esposa:

- Chegou a hora de *nói* sair daqui. Com aquele *homi* não *trabaió* não! - continuando - Vamos *percurar* uma morada em São José de Surubim nas terras dos *Mororó*.

Prestando atenção à reação negativa do vaqueiro, Evangelista inocentemente perguntou:

- *Pro quê vosmicê* ficou tão aperreado, com o novo dono?

Sem meias palavras Zé de Orobó responde:

- *Prá vosmicê* também acabou, este *homi* tem horror a *nego*!

Daquele domingo até a quinta-feira, enquanto esperava para entregar o gado, Evangelista não achava canto, imaginando como iria resolver o futuro da sua família. Não tinha alegria para nada, nem a comida lhe entrava, mas não falou das suas angústias para sua companheira, para não a contrariar.

Na quarta-feira na boca da noite, a comitiva do boiadeiro chega à fazenda Malhada da Onça, com seu séquito de ajudantes. Francisco Siqueira um homem alto forte, tipo bonachão, pele avermelhada curtida pelo sol, botas de cano longo, chapéu de massa levantado no meio da cabeça e um sorriso franco, dirige-se ao vaqueiro Zé de Orobó, que diz que está ciente do motivo da sua visita e logo ofereceu jantar para todos: cuscuz com leite, batata-doce, coalhada, carne assada e xerém, e franqueia o armazém da fazenda para pouso da comitiva.

O satélite natural da terra nasceu majestosamente no horizonte iluminando a varanda com uma luz prateada. O velho boiadeiro, aboletado em uma cadeira de balanço, colocou fumo no seu cachimbo francês de mogno, observa a beleza da lua no firmamento enquanto prosea com o vaqueiro Zé de Orobó e Evangelista sobre as peculiaridades daquela região.

- Aqui nesta encosta de serra, seu Francisco, o sol é forte, mas não *farta* água. – assegurou o vaqueiro.

- Lá para as bandas do Moxotó na minha fazenda, O Pantaleão, fica na encosta da serra de Jabitacá, entre as províncias da Paraíba e Pernambuco, mas lá não tem esta riqueza de água que tem aqui não!

Pesaroso em deixar a fazenda Malhada da Onça, o vaqueiro lamentou-se ao forasteiro.

- Cheguei aqui o meu *fio Pedim* estava ainda nos cueiros, quando seu Joseph comprou este tacho de terra à viúva dos Ferraz de Brito, agora já *tá* um galalau com dezesseis anos. – parou um pouco e continuou o lamento – Eu tenho para onde ir, mas este crioulo aí com a mulher prenha e uma *finha* pequena, está sem guarida nenhuma.

O velho boiadeiro, que há mais de mês viajava entre Pesqueira, Caruaru, São Caetano da Raposa, Santo Antônio da Vitória, Limoeiro e Recife, comprando e vendendo gado, virou-se na cadeira e pergunta para Evangelista:

- *Vosmicê* é de onde mesmo? Qual é a sua história?

- Sou de São Salvador, meu patrão. Nunca fui cativo, lá tinha profissão de sapateiro apalazador, mas minha *muié* amargou este castigo até o fim. *Adispois* da *abulição* viemos de navio para Recife e colocamos nosso negócio de vender doce em frente à loja de seu Joseph, mas Dasdores não se deu com o *crima* e enfraqueceu dos *pumão*, então seu Joseph, caridosamente, nos mandou pra cá para ela se curar. Achamos tão bom aqui a companhia do meu amigo Zé de Orobó, que nem pensava mais em ir embora.

- Qual é sua graça, meu *fio* – pergunta o forasteiro.

- Zé Evangelista – responde prontamente

- Lá no Pantaleão não é um céu, mas todos os cativos, depois da abolição, continuaram lá mesmo. Hoje apanham algodão, ganham seus tostões e plantam suas roças de milho e feijão. Caso *vosmicê* queira ir para lá, é um pouco longe, dois dias de viagem, mas mando um desses cabras com dois animais para botar *vosmicê* e sua mulher dentro do Pantaleão.

Com o chapéu na mão direita, em frente ao peito esquerdo, Evangelista fez um sinal de referência, dizendo:

- Aceito de muito bom grado, meu senhor!

Nesta noite Evangelista botou para fora toda sua angústia, participando à companheira que iriam deixar a aba da serra de Taquaritinga para morar em uma região chamada de Moxotó.

Na barra do dia, Francisco Siqueira partiu com a boiada no rumo da feira de Vitória de Santo Antão. Deixou o caboclo Ferreirinha de Nega, com três burros, para conduzir a família até a Lagoa de Baixo, passando por Brejo da Madre Deus, Poção e Lagoa de Monteiro, recomendando para saírem no dia seguinte cedo.

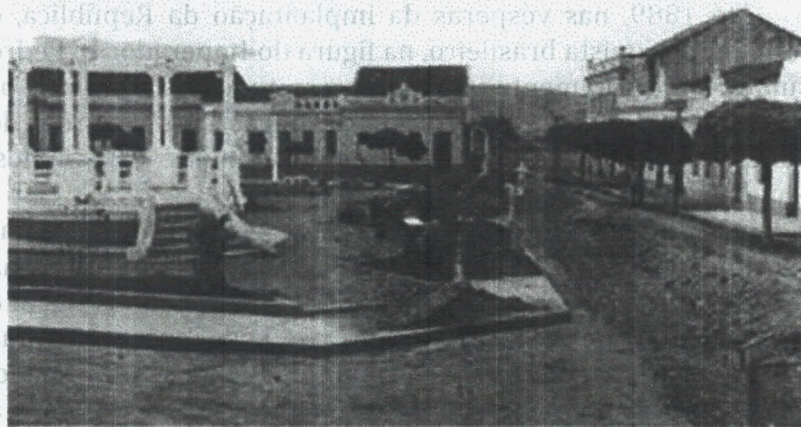
De todas as partidas da vida de Dasdores, esta foi a mais dolorosa. A amizade e camaradagem dos vizinhos, o carinho que todos tinham pela pequena Josefa e o cachorro Vigilante estava muito enraizado, que até Zé de Orobó, um homem rude embargou a voz na hora da despedida daquela família, que por motivos alheios à sua vontade se lançava em um mundo totalmente desconhecido.

No primeiro dia de viagem pousaram na fazenda dos Brito no pé da serra de Poção, e no dia seguinte, na boca da noite passaram por Lagoa de Baixo. Com mais hora e meia de viagem chegaram na fazenda e foram recebidos pela esposa do boiadeiro Dona Carlota Siqueira, conhecida, por todos como Siá Santa, que lê a carta de seu marido e acolheu o casal de negros, sua filha de nove meses e o cachorro Vigilante.

No mês de junho do ano corrente o casal Zé Evangelista e Dasdores, teve o segundo filho. Um menino grande e forte, ao qual colocaram o nome de Pedro Vitorino da Silva.

CAPÍTULO IV

LAGOA DE BAIXO



Vista da Praça Central de Alagoa de Baixo no ano 1889

No século XV, um pouco antes da viagem de Colombo rumo ao desconhecido, o novo mundo já tinha sido literalmente dividido entre os Impérios Português e Espanhol, com as bênçãos do Papa. A imensidão do território da América Espanhola, que se expandia da Terra do Fogo, no Chile à Califórnia, na América do Norte, com muitas diversidades regionais, que dificultava a administração, deste vasto território, a partir da Europa. Portanto, três séculos mais tarde, o Império Espanhol Tropical foi subdividido em quatro vice-reinos, mas, mesmo assim, esta medida não foi capaz de impedir a transformação deste território em várias repúblicas independentes.

A América Portuguesa, herdada na divisão do mundo pelo Papa, mais conhecida como Brasil, foi um território bem menor e com muito menos divergências regionais, mas também não escapou de várias tentativas de independência do julgo

português e implantação da república, como nos movimentos da Inconfidência Mineira, Revolta dos negros Malês da Bahia, (1835), Revolução Pernambucana (1817), Confederação do Equador e a Revolução Farroupilha, onde neste último movimento separatistas foram de fato criadas as Repúblicas Rio-Grandense e Juliana, respectivamente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Até 1889, nas vésperas da implantação da República, o governo monarquista brasileiro, na figura do Imperador D. Pedro II, sufocara violentamente e com sucesso todos os movimentos republicanos, mas a cada ação desastrosa os pilares de sustentação política do Império eram lentamente carcomidos, deixando o governo cada vez mais isolado.

O primeiro abalo sofrido nas estruturas políticas monárquicas foi a Guerra do Paraguai (1864-70), uma carnificina promovida pelo Império Brasileiro e as Repúblicas do Uruguai e Argentina, na Tríplice Aliança, contra o povo paraguaio, que afetou as finanças do Brasil, levando-o a bancarrota, sendo, portanto, obrigado a fazer empréstimos elevadíssimos à Inglaterra. Por outro lado, expôs os oficiais e soldadesca brasileira ao contato com outro regime de governo, tomando consciência que o Brasil era uma monarquia cercada de Repúblicas, onde ainda existia o voto censitário.

Numa clara demonstração de desprestígio aos militares, no retorno das tropas vitoriosas ao Brasil, o velho monarca não permitiu que houvesse desfile, justamente para barrar a exaltação da tropa perante a população civil, prevenindo-se de futuros levantes militares.

Sem o apoio do oficialato do Exército, o governo de sua majestade D. Pedro II estava ancorado, apenas, na força política dos grandes latifundiários, principalmente do eixo Rio-São Paulo, que tocavam suas lavouras de café e de cana-de-açúcar baseados no regime de servidão que, por pressões externas, principalmente da Inglaterra, finalmente foi extinto em 1888, sem as pleiteadas indenizações por parte dos proprietários de

escravos, deixando este seguimento da política e da economia bastante insatisfeitos com o regime monarquista.

Além destes fatores mais incisivos, a monarquia também vinha perdendo prestígio junto ao povão, por dois motivos: primeiro quando mandou prender os bispos de Olinda e do Pará, por obedecerem às ordens do Papa, sem que estas passassem pelo crivo do imperador; segundo porque, como o rei não tinha filho varão, na sua linha de sucessão estava a Princesa Isabel, que era casada com o Conde d'Eu, um francês arrogante e impopular. Portanto, grande parte da população temia que, caso a princesa assumisse o trono, poderia sofrer influência do esposo estrangeiro na condução dos destinos do país.

Diante deste cenário de esvaziamento nas estruturas políticas de sustentação do governo monarquista, no dia 15 de novembro de 1.889, apenas um ano e seis meses da abolição da escravatura, os militares comandados pelo Marechal Deodoro da Fonseca proclamaram a República dos Estados Unidos do Brasil e deram quarenta e oito horas para o imperador deixar o Brasil com toda Família Real.

República é uma forma de governo que, na sua essência, requer eleições diretas para todos os cargos, porém devido o tumulto da mudança de governo, fora instalado um governo provisório comandado pelo Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, até 1889, quando uma nova Constituição foi promulgada e, em eleição indireta, o Marechal foi elevado ao cargo de primeiro presidente da República, sendo eleito como vice-presidente, o também, Marechal Floriano Peixoto.

Deodoro era um homem de armas, sem o menor traquejo para a política, e seu governo foi um verdadeiro desastre, em todas as áreas, sendo protagonista de várias cenas de bravatas.

Certa vez foi contrariado pelo coronel Benjamin Constant na nomeação de um auxiliar, em plena reunião no palácio do Itamarati, sacou sua espada e desafiou o subordinado para um duelo. Em outra ocasião, e em atitude mais uma atitude tresloucada, mandou fechar o Congresso, mas, isolado, não suportou a pressão das forças políticas democráticas e, com

menos de um ano de mandato, renunciou em 21 de janeiro de 1891 em favor do vice Mal. Floriano Peixoto que, segundo a Constituição vigente deveria convocar novas eleições. No entanto, o novo Presidente, que mais tarde foi apelidado de Marechal de Ferro, não convocou novas eleições e governou com truculência até o fim do seu mandato, em 1894, período que ficou conhecido na história do Brasil, como República da Espada.

O primeiro governo civil do Brasil levou ao poder o paulista Prudente de Moraes, que tinha como vice o médico baiano Manoel Vitorino Pereira, e que, também, teve um governo bastante conturbado. Primeiro pelo desastre econômico pela política de encilhamento do ministro da fazenda, Senhor Rui Barbosa, que consistiu na emissão desenfreada de papel moeda, que acabou gerando inflação e a quebra das empresas nacionais. O segundo motivo das dificuldades do governo de Prudente, decorreu da mudança da forma de governo, da Monarquia para a República, uma vez que desorganizou as forças políticas paroquiais nos rincões do Brasil, gerando uma guerra pelo poder local, causando ruídos nas administrações estaduais e federal.

O presidente Prudente de Moraes, também, enfrenta problemas de saúde que o afastou do exercício do cargo por cinco meses, e ficou com sua imagem prejudicada em razão ineficácia do governo em combater os revoltosos de Canudos, desgastando muito o governo. Para completar o seu inferno astral, no finalzinho de seu mandato, sofreu um atentado em um desfile militar que culmina com a morte de seu Ministro da Guerra.

Findo o desastroso governo de Prudente de Moraes, a eleição de 3 de março de 1.898 elegeu, mais uma vez, um paulista: Manuel Ferraz de Campos Sales, que organizou razoavelmente as finanças do país e criou uma política de sustentação governamental inusitada, alcunhada de Política dos Governadores, que insistia em dizer que melhor seria chamá-la: Política dos Estados. Este sistema consistiu na organização de uma teia política, onde quem estava no poder, nos rincões do Brasil, tenha uma chance muito grande de permanecer, seja nos

estados e municípios, onde os “coronéis” regionais eram a ponta desta engenharia política, recebendo e distribuindo, aos seus aliados políticos nos seus currais eleitorais, as benesses dos governos municipal, estadual e federal. Em contrapartida, através de fraudes e ameaças físicas aos eleitores, controlavam o mando político municipal, ao mesmo tempo que davam os votos necessários para eleger os presidentes dos estados (governadores), deputados e senadores, que por sua vez não faziam a menor oposição ao governo federal. Dentro desta lógica perversa, caso algum candidato conseguisse burlar esta engrenagem política maligna e ser eleito, ainda poderia enfrentar um processo de “degola”, que consistia na análise por uma comissão do próprio Congresso Nacional que, atendendo aos interesses governamentais, poderia cassar aquele mandato. Esta forma de fazer política partidária, da República Velha, até 1930, gerou oligarquias em todos os estados. Na Paraíba até 1915 reinou a dinastia Alvarista, que depois passou para a família Pessoa.

Neste cenário político hostil, onde era praticamente impossível a alternância de poder e as querelas de vizinhos eram, geralmente, resolvidas com um bacamarte numa emboscada. As pessoas comuns, que para se vingar de um desafeto praticasse um homicídio e fosse preso, teria que se valer do prestígio de algum “Coronel” para livrar-lhe da prisão, no dia do júri, mas aquele sujeito ficava devendo-lhe o favor eternamente, passando a fazer parte do seu séquito de facínoras (Jagunços) e sempre que aquele mandatário necessitasse de alguém, em armas, era convocado para defendê-lo.

No caso de não dispor, ou não confiar no prestígio de algum “coronel” local, o criminoso embrenhava-se na caatinga e procurava entrar para algum bando de cangaceiros, que também eram instrumentos dos “coronéis”, contra seus desafetos políticos.

A verdade é que, com a justiça a serviço dos mandatários da vez, a segurança pública, o direito de ir e vir, não existia nem para as pessoas comuns, muito menos para os “coronéis”, que

armavam suas milícias particulares, e por quaisquer conflitos de limites de propriedade, políticos e até para vingar um defloramento, digladiavam-se em guerras sangrentas.

Neste contexto beligerante, em 1894, encontrava-se o boiadeiro Francisco Alves Siqueira de Melo (Chico Alves), proprietário da fazenda Pantaleão, figura pertencente ao clã Siqueira Albuquerque, que tinha muito prestígio financeiro e político em toda região do Moxotó. Onde, cinco anos atrás, um vaqueiro de um irmão do boiadeiro assassinou, em legítima defesa, dois membros da família Amaral e, por influência dos Siqueira Albuquerque, o criminoso foi solto no primeiro júri. Inconformado, Chico Amaral juntou jagunços nas propriedades dos parentes, e prometeu vingança.

Chico Alves era um sujeito pacato, mas também não enfeitava “parada” e em situações difíceis, costumava repetir o dito popular: “*não enjeito peru por carregado, nem guiné por ser pintado*”. Sempre viajando para as para as feiras de gado de Caruaru e Recife, ponderou a empreitada bélica e foi queixar-se ao governador do estado de Pernambuco, Alexandre José Barbosa Lima, informando-o que o caso era de extrema necessidade, já que não pretendia acoitar e armar facínoras em sua propriedade, para fazer frente ao inimigo.

Sensível ao problema do correligionário político, o governador disponibilizou uma patrulha com cem homens para invadir as propriedades dos Amaral e prender toda cabroeira, mas o boiadeiro temendo represálias pediu um prazo de quinze dias para retirar sua família para Pesqueira, visto que a luta não seria fácil. Oito dias depois o avô de “Lissinho”, o grande protetor de Evangelista, Dasdores e suas crianças, teve um mal súbito e morreu, pondo fim ao conflito armado.

Em 1897, com sete anos de idade, Pedro Vitorino conhecido por *Pedo* de Dasdores, por ter um físico mais avantajado que seus colegas, sempre tomou a frente das brincadeiras da molecada no pátio da fazenda Pantaleão, junto com Ulisses Lins de Albuquerque, neto de Siá Santa proprietária da fazenda, conhecido entre a molecada por “Lissinho”.

Montados em cavalos de pau, chapéus de couro, calção de chita roto nos fundilhos, munidos de estilingues, espadas e bodoques de marmeleiro, em cada época do ano organizavam um tipo de divertimento rural. Na estação chuvosa o mata-pasto crescia na várzea e a molecada saía em caçada ao bico doce (calangos). Na encosta da serra embrenhavam-se pela mata à procura de ninhos de passarinhos e favos de mel. Construíam mini currais de madeira, sob a copa das quixabeiras, em frente à casa grande e simulavam o gado com ossos de animais.

Quando enjoavam das brincadeiras mais amenas, imitavam a pega de boi dos adultos: amarravam uma corda na cintura de um moleque mais franzino, simulando a cauda de um boi, e montados em cavalos de pau corriam atrás do infeliz até derrubá-lo na areia do riacho. Muitas vezes quem serviu de simulacro de boi foi Artur, irmão mais novo de Pedro Vitorino, que era franzino, mas tinha o dom de imitar os repentistas que, por vezes, faziam cantorias nas redondezas.

Quando não tinham adultos espreitando, radicalizavam nas brincadeiras, e com pedaços de madeira nas costas, amarradas com uma embira de caroá a tiracolo, imitavam os bacamartes dos cangaceiros e polícia. Os moleques maiores e mais fortes se escalavam como cangaceiros, sobrando para os mais franzinos a missão de polícia, onde jamais conseguiam capturar os facínoras mirins.

Em um dia de sábado, quando todos os homens adultos da fazenda Pantaleão estavam na feira de Alagoa de Baixo, atual Sertânia-PE, a molecada aproveitou para fazer um grande simulacro de guerra entre polícia e cangaceiros. O chefe dos cangaceiros era *Pedo* de Dasdores, acompanhado de seu irmão Artur e outros ajudantes, e “Lissinho” representava o coronel Manoel Inácio, que estava homiziando o grupo de facínoras em suas terras, e Jobelino liderava um grupo menor de garotos que representava os policiais que estavam no encalço do grupo de cangaceiros. Tudo organizado para iniciar a peça teatral, quando de repente, como em uma miragem, os garotos olharam para a

estrada e perceberam um grupo de homens armados se dirigindo na sua direção. Um dos garotos gritou forte:

- É cangaceiro de verdade!

Todos fugiram para dentro do cercado, menos *Pedo* e *Lissinho* que, estáticos, receberam os forasteiros. Em tom de brincadeira, o líder dos fora da lei perguntou:

- Estão vadiando de cangaceiro e *poliça*?

Com o simulacro de bacamarte nas costas, *Pedro Vitorino*, responde firme:

- Sim, senhor!

- Tem gente aí na casa?

Ulisses respondeu que lá dentro estavam, apenas, sua avó, sua tia *Felismina* e *Dasdores*, a mãe do pretinho com a arma de madeira nas costas.

- Então me leve até elas que *estamo* precisando de um de comer!

Na frente da casa grande da fazenda, o chefe do bando tirou, respeitosamente, o chapéu e fala para *Siá Santa*:

- Minha senhora, *tô* vindo da região da *Ingazeira* para resolver uma pendenga para um amigo ali adiante. Se não for incômodo *tô* precisando de um de comer para a cabroeira.

Acostumada com aquele tipo de situação, falou calmamente para o chefe dos facínoras:

- Se arranchem aí na calçada que vou providenciar comida para vocês.

No interior da casa as mulheres estavam todas apreensivas, mas a velha *Siá Santa* tratou de tranquilizar todas, esclarecendo que eles não eram loucos de faltarem com respeito a nenhuma mulher do *Pantaleão*. Mandou estelar ovos, assar carne e tacos de queijo de coalho, que os homens sisudos, com suas armas entre as pernas, sem nem olhar de lado, comeram e depois pegaram a estrada, sem dar a menor pista de quem eram.

Na outra semana chegou a notícia no *Pantaleão* que aquele grupo de bandoleiros era liderado por *Silvino Aires*, acompanhado de seus sobrinhos *Manoel Batista Moraes* (*Né Batista*) e *Zeferino*, que na ocasião seguiam em rota batida para

Custódia, onde a volante armou um piquete e conseguiu prender o velho Silvino Aires, enquanto dormia.

Depois do fogo com a polícia pernambucana, os dois irmãos apossaram-se do bando e Né Batista mudou o nome para Antônio Silvino, em homenagem ao tio preso. Mais tarde passou a ser conhecido como “Rifle de Ouro”, assombrando o interior da Paraíba e Pernambuco, até meados da década de dez do século XX, quando foi finalmente ferido e preso em Taquaritinga do Norte.

No início do ano de 1898 a realidade nua e crua das classes sociais, mostrou sua cara carrancuda para os moleques da fazenda Pantaleão quando “Lissinho”, neto dos proprietários, foi arrancado de sua vida livre no campo, onde em companhia dos amigos de travessuras vivia em contato com a natureza. Contra sua vontade deixou o mundo que conhecia até então, e vai residir em Alagoa de Baixo para iniciar os estudos na escola do professor Moreira, enquanto que para seus amigos mais taludos, era hora de se iniciar na labuta dos adultos.

Montado na garupa do cavalo de seu pai, “Lissinho” lançou um olhar saudosista para as quixabeiras, em frente à casa grande, e enxergou alguns amigos com seus calções sujos e rotos, entre eles *Pedo* de Dasdores, que subiu em um carro de boi estacionado sob a copa das árvores e balançou as mãos para o alto, em sinal de despedida.

Nos dias de feira (sábados), Evangelista conseguiu uma colocação na tenda de consertos do sapateiro Joaquim Salina, um alcoólatra inveterado que praticamente deixou o trabalho nas suas mãos, enquanto Dasdores vendia seus doces de goiaba, em uma banca.

As atividades de feirantes garantiam ao casal as compras dos produtos que não eram produzidos no campo, como: açúcar para o fabrico dos doces, carne, sal, fósforos, café e azeite para as lamparinas. Durante a semana cuidavam de um pequeno roçado de milho, feijão, batata-doce e jerimum, e Dasdores ainda ajudava Siá Santa na labuta doméstica.

Na época da safra de algodão, nos meses de setembro a dezembro, colhiam o ouro branco, ganhando por produção, nos roçados dos patrões, onde, nos anos de boa colheita, conseguiam comprar uma roupa nova para cada componente da família e até adquirir alguns utensílios domésticos. Pedro odiava essa atividade e, para fugir desta labuta indesejável, vivia dentro do curral ajudando os vaqueiros a ordenhar as vacas, até que um dia participou de um parto.

Há cerca de dez anos corria na região a fama de milagreiro do Padre Cícero Romão Batista, onde por quarenta e sete vezes, quando o prelado dava a hóstia consagrada a beata Maria de Araújo ela se transformava em sangue. Não demorou muito para hordas de romeiros dirigirem-se para o Juazeiro cantando benditos, mas o bispo do Ceará Dom Joaquim José Vieira, não acreditando em milagres, abriu sindicância para investigar o ocorrido.

A primeira comissão de inquérito canônico, depois de dois anos de investigações, concluiu que não havia explicações naturais para os fatos ocorridos, mas uma segunda comissão, nomeada pelo mesmo bispo, chegou a conclusão que se tratava de um embuste. O mandatário da Igreja Católica no Ceará suspendeu as ordens sacerdotais do Padre Cícero, que decidiu recorrer diretamente ao Papa pelo retorno de seus votos. Assim, empreendeu viagem do Cariri Cearense ao Recife, indo até Pesqueira-PE em lombo de animal e depois tomando o trem da Great Western até a capital pernambucana, onde embarcou rumo à cidade eterna.

Alguns dias antes da passagem do velho padre pelo Moxotó, as notícias davam conta da multidão que o acompanhava a pé ou sobre o lombo de animais, de estrada a fora.

Dasdores, Siá Santa e todos os agregados adultos da fazenda, ainda pela madrugada, colocaram suas roupas festivas, enfiaram uma boia nas mochilas e botaram os pés na estrada, rezando e entoando benditos. Venceram as duas léguas de distância até a vila e esperaram até o entardecer, quando o

sacerdote apareceu na ponta da rua seguido por uma multidão de fiéis.

Pedo de Dasdores, entonado na sua roupa de mescla, calção e camisa da cor do céu, destoando da sua cútis preta, acompanhava o cortejo religioso carregando as alpercatas de couro cru nas mãos, interessado apenas em encontrar seu amigo Lissinho em Alagoa de Baixo, para lhes contar as novidades da fazenda: o ninho de rolinha pedrês, encontrado por ambos em um pé de catingueira, já tinha dado filhotes e voado, a cheia do rio e a altura que estava o mata pasto na várzea.

Na multidão perfilada na frente das casas procurou seu amigo e o enxergou na calçada alta de sua escola, junto com outros garotos, todos vestidos com a casaca do educandário, conversando animadamente. Chegou perto do colega de infância, mas aquele garoto que estava ali não se parecia mais com o Lissinho de outrora, que o recebeu friamente diante de seus novos colegas, desinteressado em puxar assuntos rurais com um negrinho malvestido. A conversa morreu antes de começar, quando, neste momento, o padre passa em frente ao colégio, e todos os estudantes ajoelham-se para tomar a benção ao vigário de Juazeiro que, de longe, abençoou as crianças fazendo o sinal da cruz no ar.

Impedido de rezar missa pelo Bispo do Ceará, o prelado do Juazeiro fez um pequeno discurso para a população, que escutou seus conselhos de joelhos no chão, em frente à casa do Coronel Chico Bernardo, onde hospedou-se e seguiu viagem no dia seguinte.

A virada do século XIX para o século XX, erroneamente comemorado, por todos na passagem do ano de 1899 para 1900, quando deveria ser de 1900 para 1901, trouxe muita tristeza para toda região do Moxotó, quando aparece um surto de febre amarela que ceifou a vida de muitas pessoas, inclusive a de tio de Lissinho e Dasdores, mãe de Pedro Vitorino, quando este estava com dez anos de idade, mas devido a seu corpo avantajado, mostrava músculos definidos de um adolescente de treze, onde o

Coronel Quinca Ingá, vizinho de propriedade dos Siqueira Albuquerque sempre falava, em tom de brincadeira:

- Se não tivesse visto esse moleque nascer, na mesma semana de Ulisses, meu afilhado, diria que este neguinho tinha três ou quatro anos a mais no cabo!

Viúvo, com três filhos para acabar de criar, onde Josefa estava se pondo moça, Evangelista não suportou a vida solitária e com a dupla tarefa de provedor e cuidador de crianças, começou a beber e a voltar da feira, apenas no domingo à noite, até que em um forró na periferia da vila de Alagoa de Baixo, envolveu-se com uma parda da vila de Carnalba, a cerca de quinze léguas de distância, que se dizia professora, mas sua função mesmo era zeladora da escola. Em poucos meses amasiou-se com essa mulher e se mudou com a família, com exceção de Pedro, que fincou o pé e não obedeceu a ordem paterna, fiado nas palavras de Siá Santa e sua filha Felismina, que disse:

- Seu Zé Evangelista, deixe o menino aqui, por enquanto, depois o senhor vem buscá-lo!

Para a felicidade de Pedro Vitorino, seu pai não insistiu e deixou o filho aos cuidados de Siá Santa e sua filha. As dificuldades da vida, a convivência com a nova mulher, que também era viúva, com filhos muito pequenos, fizeram com que o pai amoroso, depois que saiu da fazenda Pantaleão, nunca pudesse vir buscar seu filho amado, que desde então passou a residir na casa grande, e receber os cuidados de Felismina.

Por várias vezes, Lissinho veio passar férias na fazenda pertencente aos seus avós. Os amigos de infância, agora adolescentes, conversavam respeitosamente e se tratavam, agora por Ulisses e Pedro Vitorino. Caçavam mocós na encosta sul da serra do Jabitacá, corriam nas pegadas de boi, sempre com o respeito mútuo que um agregado devia ter pelo patrão. Na morte de Siá Santa, em 1906, com quase cem anos de idade, os dois mancebos seguraram, lado a lado, as alças do caixão da velha senhora.

Com dezoito anos de idade Pedro Vitorino estava no auge da sua forma física, com noventa quilos bem distribuídos nos

seus dois metros de altura, peito peludo exuberante, cabelo cortado rente ao casco, sempre coberto pelo chapéu de couro, bíceps definidos, dentes alvos e barba fechada, que o obrigava a raspar duas vezes por semana. Tornara-se o principal vaqueiro e guardião do Pantaleão, onde, sempre que necessitava, manejava com leveza e habilidade o rifle Winchester que pertenceu ao velho Chico Alves.

Não tinha o dom de fazer versos para aboiar, como seu irmão Artur, mas quando, pela madrugada, adentrava ao curral para ordenhar as vacas, emitia um chamado ao gado envolvido em uma melodia saudosa, que as vacas respondiam urrando e depois arriavam todo leite nas mãos habilidosas do vaqueiro.

Como qualquer outro vaqueiro, não tinha salário fixo, apenas fazia queijo de coalho que vendia na feira, com parte do leite que sobrava do gasto da fazenda, e a cada quatro bezerros nascidos um era seu. Como o gado de Felismina era pouco, demorou a possuir dois garrotes, que trocou por um potro branco com as quatro patas pretas, na feira de gado de Alagoa de Baixo e colocou-lhe o nome de Ventania.

Desde a morte repentina do proprietário da fazenda Pantaleão, em 1894, que a viúva Siá Santa, em luto cerrado, não permitia qualquer tipo de festa com músicas naquela localidade. Mesmo os festejos juninos, tradicionais em toda região, no Pantaleão não passava de uma fogueira no pátio da fazenda, onde as pessoas assavam milho e davam tiros de bacamarte. A rapaziada, sedenta por festa, não se agradava deste jejum festivo, selavam os cavalos e procuravam algum bate-coxa, em um raio de três léguas.

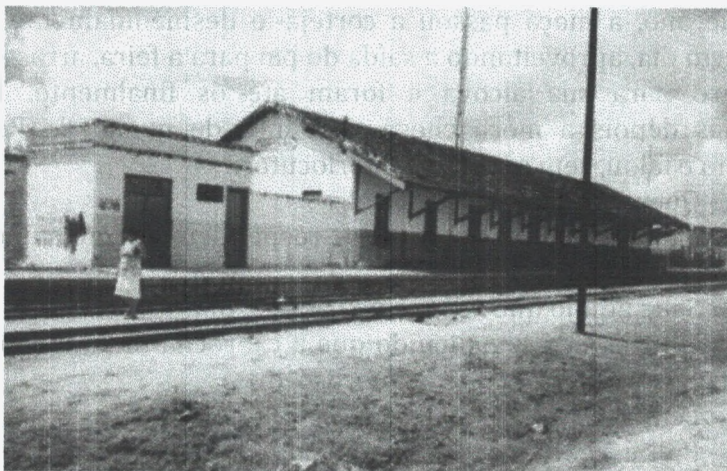
No tempo em que atentar contra a virgindade das donzelas era crime tão grave, que o frei Serafim, em uma pregação em Alagoa de Baixo, referindo-se aos dez mandamentos, demorou-se mais no sétimo mandamento, dizendo: *“Não matarás, mas, para certos indivíduos, por exemplo, que não têm escrúpulos de atentar contra a honra das filhas alheias, para estes, uma balinha de espingarda na testa é bom*

remédio! Mas, ouvi bem as palavras do sétimo mandamento: Não matarás!"

Diante do perigo de ser assassinado pelos familiares da donzela desonrada, quando acontecia de algum mancebo abastado, geralmente filho de algum "coronel" da política, deflorar uma cabrocha, mas não pretendendo contrair núpcia com aquela fulana, o pai do rapaz, combinado com a moça, procurava um outro mancebo para assumir a culpa, ou seja, "tampar o buraco", mediante alguma vantagem financeira. Mas não se livrava dos cochichos da cabroeira: "Aquilo ali é um tapa buraco!", como foi o caso de um tal de Mariano, vaqueiro do Coronel Manoel Inácio, um sujeito branco de fala mansa, que recebeu uma boa quantia em dinheiro, vinte contos de réis, e uma tira de terra para assumir o bucho da filha de Antônio Cazuzá, mas depois não suportou os olhares e as piadas maldosas, vendeu tudo e mudou-se para a Monteiro na Paraíba, onde tornou-se um famoso e respeitado fazendeiro.

Em 1910, ano em que Pedro Vitorino completou vinte anos, sua fama de vaqueiro era cada vez maior, e era convidado para as festas de apartação e jogos de argolinhas em Custódia, Flores, São José do Egito e Lagoa de Monteiro, onde cada dia se especializava mais, nesta brincadeira. Em todos estes lugares percebeu que muitas moças lhe fuzilavam com os olhos, mas sua timidez camponesa não permitia avançar para engrenar uma conversa. Neste momento, sua habilidade com as mulheres só dava para frequentar a casa de Creuza de Neco, uma viúva que morava perto do Pantaleão, que, certamente, deve ter sido responsável por metade da iniciação sexual dos moleques da região.

A vila de Alagoa de Baixo crescia a todo vapor, para todo lado surgia casas novas em torno da construção da estação da linha férrea e do descaroçador de algodão, atraídos pelo progresso que prometia chegar, em breve, pelos trilhos do trem.



Estação Ferroviária de Alagoa de Baixo (Sertânia)

Fonte: Internet – Domínio Público

Do lado da estação, perto da feira, há pouco mais de um ano instalou-se a venda de Jerônimo Frazão, um cidadão magro e sisudo originário de uma família tradicional do Pajeú, sua esposa Dorinha e os filhos: Antônio, Zé Ricardo e Severino, e duas moças mais jovens: Fatinha e Carlota, onde Pedro Vitorino passou a vender parte do queijo de coalho, que trazia semanalmente enrolado em panos de saco.

Fatinha uma ninfeta branca, magrinha, cabelos pretos lisos partidos no meio da cabeça, olhos negros arredondados, cílios compridos, lábios carnudos, com gestos infantis, que aparentava ser mais jovem que sua irmã Carlota. Desde que a viu pela primeira vez, Pedro Vitorino colocava discretamente seus olhos em cima da ninfeta, mas a moça não correspondia aos seus olhares pidões, até que correu o boato que a jovem estava enamorada do filho do Coronel Bem, mas o rapaz frequentou pouco a casa da moça, porque estava de viagem para o Recife, onde estudava direito.

Sabendo que não era páreo para o filho do coronel, Pedro Vitorino recolheu-se a sua insignificância e deixou o caminho livre para os nubentes, mas de repente, no fim de novembro

daquele ano, a moça passou a cortejá-lo desmedidamente, até que certo dia, aproveitando a saída do pai para a feira, arrastou o vaqueiro para sua alcova e foram até os finalmente. Três semanas depois a moça chega na banca de queijo de Pedro Vitorino e falou, sem encarar o interlocutor:

- Quero te contar uma coisa!

- Pode dizer, dona Fatinha – respondeu respeitosamente Pedro Vitorino.

- Sabe aquilo que *nói fizemo* naquele dia?

Feliz da vida imaginando que a cabrocha tinha vindo lhe convidar para outro encontro amoroso, diz:

- Lembro sim!

- Pois é, agora estou esperando *minino*!

A última palavra entrou rasgando os tímpanos do vaqueiro, em um misto de alegria e preocupação. As pernas tremeram, ao mesmo tempo que seu coração explodia de felicidade pela dádiva divina de ser pai, mas uma força invisível lhe puxava para fora daquela situação, como em um pesadelo real.

Quando se deu conta da realidade, a moça havia sumido, deixando seu interlocutor imaginando que tudo não passava de ilusões de sua cabeça, pensando consigo mesmo: “como pode, pegar filho de uma única vez?” Juntou o restante da mercadoria, selou o cavalo e partiu de volta para o Pantaleão, onde todos estranharam porque havia chegado tão cedo da feira.

Sem ter com quem conversar sobre o assunto, no meio da semana, foi à casa de Creuza de Neco e depois do coito perguntou para a messalina se era possível, depois de uma única vez, a mulher pegar bucho.

- Não precisa nem de uma vez toda! – responde a mulher do alto de seus treze partos.

Nesta aflição, esperou chegar o próximo sábado para ter certeza de que aquela situação era mesmo real, ou não. Chegou sorrateiro no balcão da venda com a partida de queijo da semana e o velho Jerônimo, sisudo como sempre, disse que só iria ficar com cinco quilos nesta semana. Com as pernas trêmulas,

imaginando que o homem já soubesse de algum assunto, responde:

- Tá certo, Seu Jerônimo.

Do lado do pai, a moça permanecia em posição angelical, sem nem piscar os olhos, mas quando o velho foi levar os produtos no interior do estabelecimento, fuzilou os olhos mornos em Pedro Vitorino e perguntou, quase sem abrir a boca:

- E aí, tu *vai* resolver o quê? Vai deixar a barriga crescer para meu pai e meus irmãos matar *nói* dois?

Pedro Vitorino agora tinha plena certeza que a situação que estava metido era real e não via outro remédio, senão assumir a situação. Paralisado, esperou uma oportunidade para dizer que gostava dela e que faria o pedido de casamento ao velho, mas para isso pretendia avisar a sua protetora Felismina.

Conformado com a ideia de casar-se e criar um eito de filhos, o vaqueiro animou-se e nesse dia tomou uns grogues de aguardente com os amigos do Pantaleão. No cortejo barulhento dos cavaleiros na volta para casa, Pedro não prestava atenção às conversas dos companheiros. De olhos abertos, imaginou seus filhos correndo no pátio da fazenda e sua linda esposa o esperando com pratos de cuscuz com leite fumegante, carne assada e café quando acabasse de ordenhar as vacas.

No outro dia, quando se preparava para falar o acontecido para sua protetora Felismina, chegou a notícia da vila que o irmão de Ulisses havia sido ferido em uma briga de bar e tinha que ser removido para Recife. Para isso, fosse enviado o cabriolé da fazenda para melhor acomodar o enfermo até Pesqueira, onde pegaria o trem até a capital do estado. Não tendo outra pessoa, Pedro Vitorino foi incumbido de fazer o traslado do enfermo até Pesqueira. Na hora do embarque, o outro auxiliar do pai do rapaz ferido não teve nervos e acabou o vaqueiro o substituindo e entrando no trem até o Recife. Nesta peleja, só conseguiu voltar em 3 de maio de 1911, com o corpo do rapaz, que não resistiu aos ferimentos.

Neste intervalo a barriga de Fatinha cresceu e a bomba estourou na vila. A moça sustentou que seu autor era o vaqueiro

do Pantaleão, Pedro Vitorino. Seu pai ameaçou ir comer o fígado do negro lá no Recife, mas é contido pela família do rapaz convalescente, que afirmou que o mancebo não havia fugido e que vai se apresentar em breve.

Todo mundo perguntava o motivo da barriga da filha do velho Jerônimo da venda ser tão grande, quando o rebento estaria previsto para o mês de Santana. A velha Dorinha, sabendo da trama da filha, tentando disfarçar, respondia:

- Certamente que são duas crianças!

Depois do enterro de Etelvino, a parteira Mãe Didinha foi chamada às pressas para acudir a moça que estava sentindo algumas dores, mas a parteira experiente falou que era o caso de se prepararem que o menino estava descendo. Dito e feito, com pouco tempo de trabalho de parto nasce uma menina raquítica, que a parteira examinou e sem estar a par da situação, categoricamente afirmou que se trata de uma criança normal, porém nascida de sete meses.

A notícia que a mulher deu à luz a uma criança normal, imediatamente, acende uma luz na família Siqueira Albuquerque, que suspeitou que a barriga, de fato, pertencia ao filho do Coronel Bem, inimigos políticos do pai de Ulisses, atual prefeito, ainda consternado com a morte prematura do filho mais velho, disse:

- Isto é um embuste! Este negrinho é mesmo que ser meu filho! Só vai servir de “tapa buraco”, para esta raça ruim, se quiser!

Pedro Vitorino recebeu a notícia do embuste como um terremoto que, de uma tacada só, desmoronou todos seus sonhos, e o envolveu em um manto negro de ódio e tristeza. À noite, na sua rede solitária, na casa do prefeito, lembrou das histórias que sua mãe contava que a mulher tinha parte com Satanás, pois foi Eva quem seduziu Adão a pecar no paraíso.

Como poderia imaginar que uma criatura com ar angelical de criança pudesse ser capaz de armar, sozinha, tamanha bacafuzada. Procurando entender a crueldade do mundo, rolou na tipóia de um lado para outro, fechava os olhos, mas não

conseguia dormir, e aquele assunto remoía em sua cabeça em uma velocidade frenética, até que sentiu uma lágrima quente rolar no seu rosto.

No dia seguinte era dia de feira. Depois do café o pai de Ulisses chamou Pedro Vitorino a um particular e falou com firmeza:

- Aquela menina não inventou isso tudo sozinha, não! A velha Dorinha está por trás deste embuste todo! Por enquanto, o melhor que *vosmicê* faz é ir passar uns tempos no Pantaleão!

Angustiado, Pedro Vitorino responde apenas:

- Tá certo, *padim*!

As palavras duras do padrinho tiveram o poder de acabar de descolorir seus sonhos e desatar todas as interrogações da sua cabeça. Agora estava claro que no dia que a ninfeta o arrastou para a sua alcova, foi de fato uma armação da velha Dorinha, que deu um jeito de tirar o velho do balcão, enquanto a filha atraía o “pato” para a cama.

Tudo pareceu sem cores para Pedro. Arreou o cavalo e passou na bodega de Antônio Tranquilino, onde encontrou uns amigos do Pantaleão tomando uns grogues de aguardente, comentando a morte do neto de Siá Santa. Com a insistência dos amigos, aceitou uma bicada, quando entraram por uma das portas do estabelecimento os dois irmãos de Fatinha dizendo que tinha algo errado com a história da sua irmã, e que estavam ali para resolver o caso de qualquer jeito.

Provocado, Pedro Vitorino, cego de ódio, disse:

- Vocês vão procurar um tapador de açude arrombado em outro lugar! O *fio* podia até ser meu, *mai* o buraco já *tava* feito a muito tempo!

Não fechou a boca e os dois baixinhos partiram para cima do negão que, espumando de ódio bateu, com tanta força em Zé Ricardo, que este foi catar tostão na calçada e corre para a sua casa gritando pelo pai. Severino correu a mão na cintura e puxou a faca peixeira de sete polegadas, mas, neste momento, Pedro Vitorino já estava com a sua na mão e acertou uma estocada na barriga do filho de Jerônimo Frazão do Pajeú.

Limpou a folha da faca no pano do balcão, saiu do recinto, montou no seu cavalo Ventania, espora o animal e sumiu por trás da estação, no rumo do Pantaleão.

Na fazenda, retirou os arreios do cavalo, amarrou-o na barranca do riacho, dentro de um partido de capim. Entrou na casa grande, pegou o rifle Winchester, uma cabaça d'água, uma rapadura e um queijo de coalho e foi esconder-se na aba da serra do Jabitacá, onde passa a noite.

No dia seguinte percebeu que alguém conhecido o procurava, arremedando inhambus, emitido assobios característicos dos moleques do Pantaleão. Da posição que se encontrava, na aba da serra, reconheceu o vaqueiro e colega de infância Jobelino, que trouxe um recado do prefeito dizendo que o ferido estava bem ruim e que o delegado de Alagoa de Baixo, capitão Zeferino, pediu-lhe permissão para procurar o acusado no Pantaleão, portanto, o melhor que faria, no momento, era fugir para a Paraíba e lá procurar proteção na fazenda Areal, do ex-promotor de Alagoa do Monteiro, Doutor Augusto Santa Cruz.

- Até quarta-feira o campo está limpo para tu! – assegura o emissário do prefeito.

Voltou para o Pantaleão, junto com Jobelino, dormiu na sua rede até a terça-feira. No dia seguinte, acordou com o cantar do galo, foi ao curral e fez uma despedida solitária.

- Ôooo, ôooo gado! Oi, ooi, ooi! Chega prá lá, Pintada!

O gado acostumado com aquela melodia, responde com urros machucando, ainda mais, o coração sofrido de amor do vaqueiro. Selou o cavalo, entrou em casa e na hora da despedida a velha Felismina, com lágrima nos olhos, coloca no seu pescoço uma medalhinha de Nossa Senhora da Conceição, em um rosário de contas, e nas mãos colocou umas patacas para alguma despesa na viagem, recomendando:

- Nossa Senhora da Conceição há de te proteger pelos caminhos da vida. Não ande com mulher à toa com a santa no pescoço.

Toda bagagem de Pedro Vitorino estava acomodada na garupa do cavalo, que era apenas, um lençol, uma muda de roupa, sua indumentária de trabalho: gibão, calça, luva e peitoral.

Com o dia raiando, tocou na ponta do chapéu de couro em sinal de adeus a todos os agregados da fazenda, perfilados no patamar da calçada. Esporeou o cavalo e sumiu em direção à Paraíba.

CAPÍTULO - V

AUGUSTO SANTA CRUZ - TOGA E RIFLE



Dr. Augusto Santa Cruz – Fonte: Livro Guerreiro Togado

A zona da mata nordestina, por muitos anos, especializou-se na produção de açúcar e empurrou a produção de gado de corte para o interior, região com baixos índices pluviométricos,

mas com sol intenso que favorece muito a saúde do rebanho bovino. Alagoa de Monteiro, fronteira com Alagoa de Baixo no Pernambuco, era um destes arruamentos que surgiram no fim do século XVIII, no coice do boi. Mais tarde este município tem grande desenvolvimento, desta vez impulsionado pelo ciclo do algodão.

Como qualquer outra região dos rincões nordestinos, na velha República, quando o sistema político praticamente não permitia a alternância do poder, o mando político local era repartido entre as famílias mais abastadas.

Na década de dez do século passado, em Alagoa de Monteiro, ocorreu algo inédito na política municipal, quando o prefeito empossado, Pedro Bezerra, se desentendeu com seu correligionário político mais próximo, o então promotor de justiça, Dr. Augusto Santa Cruz, provocando literalmente uma guerra nas ruas do povoado. Onde o tal conflito foi gerado por boatos no seio da oposição, que espalhou aos quatro ventos que o prefeito, com pouca instrução escolar, não entendia da burocracia municipal e tudo, na verdade, era conduzido pelo correligionário, o promotor de justiça.

Orgulhoso, o prefeito lentamente afastou-se de seu antigo aliado político e bandeou-se para o lado do juiz de direito Dr. José Joaquim Neves, líder da oposição no município.

Augusto Santa Cruz, galã, agropecuarista rico, promotor de justiça também era um homem afeito às armas e, como a maiorias dos "coronéis" do interior do Brasil, mantinha um séquito de jagunços homiziados em suas terras, prontos para entrarem em ação a qualquer momento.

O prefeito Pedro Bezerra esfriou as relações com seu correligionário político, mas o clima azedou mesmo quando em 5 de março de 1910 o capitão Zacarias Neves, da Polícia Militar de Pernambuco, baseado em Alagoa de Baixo, irmão do juiz, ilegalmente invadiu Alagoa de Monteiro com uma tropa de vinte homens, sob o pretexto de perseguir o cangaceiro Antônio Silvino, e praticou as maiores atrocidades com os eleitores do grupo dos Santa Cruz. Doutor Augusto, que não era homem para

aceitar desaforo, juntou uma cabroeira e botou o capitão para correr da cidade debaixo de bala. Neste conflito morrem alguns populares e o prefeito, mancomunado com o juiz, não aprovou a ação do promotor paraibano, e ainda o acusou de cangaceirismo, junto ao governador João Machado, que passa a persegui-lo e a tratá-lo como um bandoleiro comum.

No mesmo ano, por duas vezes, a turma de foras da lei do promotor entrou em conflito com o grupo de jagunços do coronel Zé de Gouveia, proprietário da fazenda Cachoeirinha e subdelegado de São Thomé, distrito de Alagoa do Monteiro, onde várias pessoas perderam a vida e o próprio subdelegado foi gravemente ferido.

Por um destes crimes o promotor-cangaceiro, como era chamado, foi exonerado do cargo, pronunciado, preso e levado incomunicável para a capital do estado, mas rapidamente libertado, por força de habeas-corpus. Em janeiro de 1911 as perseguições políticas-judiciais continuam e o Dr. Augusto Santa Cruz é pronunciado pelo o segundo crime ocorrido na vila de São Tomé.

O ex-promotor recolheu-se na sua fazenda Areal, a meia distância da sede do município e do distrito de São Tomé, enquanto aguardava o desenrolar do processo. O juiz marcou a audiência de instrução para o dia 6 de maio de 1911, mas o ex-promotor percebeu que se tratava de uma estratégia do juiz e do novo promotor para prendê-lo. Então resolve radicalizar, juntar sua cabroeira e invadir a cidade.

Dono de uma oratória eloquente, o Dr. Augusto Santa Cruz, depois de exonerado da promotoria, foi muito requisitado, em toda região, como advogado criminalista, onde raramente perdia um caso no tribunal do júri. Refugiado na sua fazenda, certo dia, chegou à sua porta um criminoso, conhecido como Peba, pedindo-lhe ajuda para se livrar da cadeia, na comarca de Alagoa do Monteiro.

- Como posso te ajudar, se eu mesmo estou sendo processado? - ponderou o criminalista.

O caboclo foi embora, mas o Doutor Augusto, que apesar de ser um homem violento, também tinha um coração enorme, comovido com a história daquele pobre diabo, que queria se livrar dos seus crimes e mudou de ideia. Então preparou uma petição e enviou ao juiz, que marcou a audiência para o dia 3 de maio de 1911. Então, na data marcada, o advogado mandou seu cliente e um acompanhante apresentarem-se ao promotor e ao juiz para ser ouvido, mas o juiz mandou chamar o delegado para prender Peba, em seguida mandou um recado, pelo acompanhante de criminoso, para seu advogado: "informe ao Doutor Augusto que mandei prender o seu constituído, e caso ele apareça aqui, também será encarcerado, junto com seu cliente."

Depois de se despedir dos amigos do Pantaleão, Pedro Vitorino subiu a Serra do Jabitacá por uma vereda utilizada pelos almocreves que transportam mercadorias no "mole", do Pajeú para a Paraíba. Passou no casco da fazenda Mocó e, por volta do meio-dia, com o sol mesmo que fogo, chegou na beira do Rio Paraíba. Desceu do animal, retirou os bridões para o cavalo babujar algum pé de capim e beber água no rio. Encheu sua cabaça, arranchou-se sob a copa de uma aroeira velha na barranca do rio e abriu os alforjes para matar um pouco a fome.

Retirou a faca da cintura, cortou um taco de queijo em pedacinhos, e com habilidade, raspou um pouco de rapadura, jogando na boca a mistura. Enquanto mastigava aquela comida, que tantas vezes degustou na vida quando se embrenhava no mato à procura de alguma novilha fujona. Pensou melancolicamente no rumo que sua vida estava tomando. Há duas semanas sua vida era outra: apaixonado, cheio de ideias, o mundo lhe parecia colorido. Estava no Recife cuidando de um amigo enfermo e fazendo planos de um futuro promissor, ao lado da mulher que ia casar. Sonhava com anos bons de inverno, muito leite, as vacas todas parindo e seu rebanho de gado crescendo, com as bênçãos de Deus. Agora tudo estava perdido! Havia cometido um crime, que certamente o alijava do lugar que tanto amava, dos amigos, das festas de apartação e das argolinhas. Mentalmente rogava a Deus que o ferido não viesse a

morrer, mas mesmo assim, a rixa ficaria para o resto da vida e, assim não poderia, mais nunca, colocar sua banca de vender queijo na feira sem medo, tudo por pura maldade de uma infeliz que queria lhe aplicar o golpe da barriga alheia. O sentimento de ódio, revolta e vingança, por alguns instantes, volta a povoar seus pensamentos e se arrepende por não ter enfiado a faca até o cabo. Caiu na real e benzeu para afastar o pensamento maligno apertando a medalhinha de Nossa Senhora da Conceição, pendurada no seu pescoço em um rosário de contas. Voltou atrás e imaginou que tudo poderia ter sido diferente. Sem traição, se ela tivesse sido honesta, encararia até criar o filho de outro. Mais feio do que isso foi o Antônio Mariano que recebeu um dote para tapar um buraco.

Com um olhar distante para a fina correnteza, embebido nestes pensamentos, não percebeu que um caçador com uma espingarda na mão se aproxima, e lhe dá um bom dia.

- Bom dia! – responde o vaqueiro fugitivo.

- De passagem, companheiro?

Cabreiro com a pergunta do desconhecido, tentou despistar e respondeu:

- Tô vindo do outro lado da serra, e tô indo buscar uma junta de garrote em São Thomé - despista o vaqueiro fugitivo.

- Daqui até lá ainda tem umas sete léguas, apresse o passo para chegar de dia. Estas estradas não são de confiança, estão infestadas de cangaceiros!

Tentando colher informações da localização da fazenda Areal, jogou uma verde no caçador:

- Hoje vou só até o *Ariá* (Fazenda Areal)! O patrão me espera lá.

Conversador o caçador, diz:

- O *Ariá* é de Dr. Augusto Santa Cruz!

Aponta para o lado da nascente, mostrando o caminho, e continuou:

- É *pertim*. Aquela vereda ali passa no beicho da vila e *adispois* é uma reta só até o *Ariá*. Terra de muito *lambú* espanta

boiada e *cuduniz*, mas o *homi* não quer nem ver ninguém com espingarda em suas terras.

Sem parar o caçador falastrão, continua.

- O *Dotô Augusto* é o *homi* mais macho destas bandas. Há um ano atrás botou para correr o destacamento de Lagoa de Baixo inteiro! Foi tiro a valer aí no *mei* da rua!

Enquanto o caçador falava pelos cotovelos, Pedro Vitorino arruma a bagagem no animal, passou a perna no cavalo, tocou na ponta do chapéu de couro despedindo-se do falastrão, esporou o cavalo e sumiu na poeira fina da várzea seca. Passou na beirada do arruado, mas não quis conversa com ninguém para não deixar roteiro de sua passagem.

No sítio do Meio encontrou um carreiro com uma carga de lenha e perguntou o rumo do Areal. O caboclo não respondeu, apenas estira os beijos indicando o caminho.

Ainda perguntou, mais uma vez o caminho do Areal, a dois rapazotes que caminhavam em sentido contrário e, finalmente, na tarde do dia 3 de maio de 1911, quarta-feira, chegou na calçada da fazenda Areal, onde foi recebido pelo lugar-tenente Vicente Preto, que passeava elegantemente na calçada alta da fazenda com um rifle Parabelo nas costas. Vicente Preto era um negro alto, porte atlético, olhos negros correndo dentro de uma esclera enorme, gestos frios e fala mansa. Pedro Vitorino tirou o chapéu e dirigiu-se respeitosamente à sentinela:

- Procuo o *Dotô Augusto* Santa Cruz.

Rapidamente o vigia tirou a arma das costas, coloca-a na mão direita e pergunta:

- Vem da parte de quem, companheiro?

- Do meu *Padim* prefeito de "Lagoa" de Baixo.

Com este diálogo apareceram mais dois cabras de armas no costado, na calçada da fazenda. O negro Vicente, com sua voz aveludas, disse:

- Fiquei aí que vou lá dentro ver se o *Dotô* está em casa.

Com um pouco Augusto Santa Cruz, em pessoa, aparece na calçada, nu da cintura para cima acompanhado do capanga Vicente, com seu inseparável revólver 38 cromado, cabo de

madrepérola, acomodado em um coldre de couro dourado, presa ao cinto, que pergunta ao forasteiro:

- Qual é a sua graça?

Com o chapéu na mão direita, em sinal de respeito, o vaqueiro forasteiro falou para o Dr. Augusto Santa Cruz.

- Pedro Vitorino da Silva. - respondeu com firmeza.

- Vosmecê vem de onde mesmo?

- Meu *Dotô* tô vindo da fazenda Pantaleão de Lagoa de Baixo. Uma *daiba* de uma *muié* botou um buxo *prá* cima d'eu e na confusão acabei cortando um dos *irimão* dela na faca. O meu *Padim*, Manoel Coelho Lins de Albuquerque, prefeito de lá, tendo pendenga política com o capitão Zacarias Neves, não quis que me entregasse agora, e me mandou aqui, *prá* lhe pedir proteção.

Escutou a conversa do forasteiro, pensou um pouco e falou com os dentes trincados de ódio:

- Este delegado é um filho da puta covarde! Aqui as coisas não estão boas, nem para mim, mas se tu tens mesmo coragem, viestes para o lugar certo!

Virou-se para seu capanga e fala:

- Vicente, arrume lugar para o negro e solte sua montaria no cercado para se alimentar bem, que vamos precisar dela.

Com um gesto de cabeça, o negro Vicente indicou o caminho do armazém de guardar arreios dos animais da fazenda e, silenciosamente caminharam um atrás do outro. Pedro Vitorino tirou a pequena bagagem e a sela do lombo de seu cavalo. O sentinela mostrou onde podia armar a rede e depois informou que, se quisesse tomar um banho, poderia ir no açude tirar a água para fora com um galão, mostrando as latas no recanto da parede e perguntou, amistosamente:

- Tá com fome, companheiro?

- Hoje só comi um pedaço de queijo com rapadura. - responde Pedro.

- Daqui a pouco *Ludinha* vai botar um de comer *prá* vosmicê.

Sempre com o rifle na mão direita, Vicente Preto, com sua voz mansa e compassada, levantou a arma e perguntou ao forasteiro:

- *Tu conhece deste bodado?*

Com naturalidade Pedro Vitorino responde:

- Lá no Pantaleão era acostumado a manobrar um *incheste* (Winchester) do patrão.

- Os daqui é tudo Parabelo, mais *manerim*. – responde Vicente encerrando a conversa.

Pedro pegou o galão e dirigiu-se para o açude, retirou a água e foi tomar banho bem longe, para a água não retornar e sujar a água parada da represa, que também servia para beber e cozinhar.

Observou que a fazenda era um brinco, muito superior ao Pantaleão, onde tudo funcionava como um relógio suíço. Partido de cana na beira do riacho, engenho de rapadura, bolandeira, casa de farinha, curral de madeira de lei com muitas vacas leiteiras, ovelhas, bodes, armazém para estocar algodão, roçado de algodão e uma manga intacta a perder de vista.

Na volta do açude a sentinela chamou o forasteiro pela porta do fundo da casa grande e o levou a uma mesa que ficava em uma latada contígua à casa grande, onde havia mais uns dez homens mal encarados sentados em dois bancos de miolo de aroeira, servindo-se de coalhada, cuscuz, xerém, carne de bode assada, jerimum e leite à vontade.

Depois da comilança, seu Hino, o segundo em comando depois do Doutor, um homem branco, de meia idade, estatura média, sempre com seu punhal de dez polegadas na cintura, perguntou a Vicente Preto, se ele sabia onde e quando seria a festa, mas o negro de fala mansa não dá confiança ao seu interlocutor, e diz apenas:

- Aqui ninguém nem *pregunta* nem contesta as *odem* do patrão!

Não encontrando mais com quem mexer, Hino virou-se para Pedro Vitorino e desfaz do novato.

- Esse neguinho aqui é bem capaz de cagar-se quando entrar num fogo!

Pedro levantou-se, dá um passo para trás e com sua sete polegadas na mão e diz:

- *Vamo* ver se me cago mesmo, logo agora!

- Hino, tome jeito com o rapaz que ele *tá* aqui na proteção do *Dotô*. – Falou enquanto retirava o forasteiro para o armazém dos arreios.

Na sexta-feira, 5 de maio de 1911, à tarde, como que fosse um dia de festa de apartação, o pátio da fazenda Areal estava repleto de animais e de homens. No final da tarde, quando o sol esfriou, o Doutor Augusto reuniu a cabroeira na frente da casa grande e explicou o que pretendia fazer no dia seguinte:

- A canalha de Alagoa do Monteiro, principalmente o Doutor Juiz de direito José Joaquim Neves, o Doutor Promotor Inojosa Varejão, o Senhor Prefeito e outros comerciantes e fazendeiros estão tramando contra minha pessoa, no sentido de desmoralizar-me.

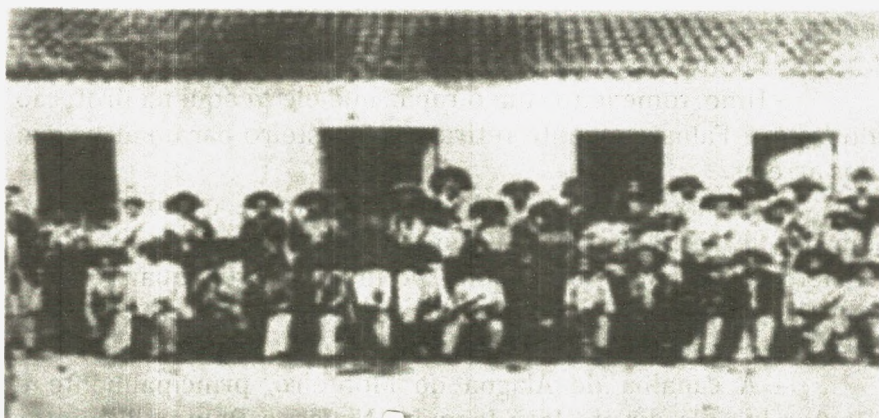
Continuou com a preleção:

- Anteontem mandei o meu constituinte Peba, apresentar-se aquele júzo para ser ouvido, mas os covardes o encarceraram sem motivo, apenas para me desmoralizar, e ainda mandaram um recado debochado para a minha pessoa. Portanto, amanhã, pela madrugada, vamos retirar o preso da cadeia, prender as autoridades e esperar que o governo de João Machado, outro covarde sem vergonha, reconheça as maracutaias contra minha pessoa, naquela comarca.

Não preciso nem dizer que não quero saber de saques, nem mexer com mulher de ninguém. Agora façam fila para receberem os rifles e as munições. A luta vai ser pesada! Deus nos acompanhe!

Pedro Vitorino, encostado na porteira do curral, escutou o discurso do brilhante advogado, segurado na sua medalhinha de Nossa Senhora da Conceição. Não entendeu muitas daquelas palavras difíceis, mas sabia que no dia seguinte, certamente, entraria para o cangaço, pois já vinha foragido do Pernambuco e

agora, involuntariamente, estava metido naquela encrenca sem enxergar nenhum recurso para escapar.



Cabroeira c. Augusto Santa Cruz

Fonte: Guerreiro Togado

Desde a manhã daquela sexta-feira várias mulheres se desdobravam na cozinha para preparar comida para a cabroeira. Três bodes grandes foram abatidos, café e leite era servido na calçada da casa grande em latas de manteiga de vinte litros.

Na madrugada seguinte, no frio cortante de maio, o grupo armado, com cerca de duzentos componentes, saiu da fazenda por volta de uma da madrugada, com o objetivo de assaltar a cidade quando a população ainda estivesse sob os lençóis.

Na entrada da vila veio o primeiro livramento do vaqueiro foragido Pedro Vitorino, quando o Doutor Santa Cruz parou a tropa, e traçou a estratégia da guerra: um grupo maior deveria dirigir-se para a cadeia e soltar os presos, outro para as casas das autoridades e outro grupo menor deveria botar sentinela nas entradas/saídas da cidade. Pedro Vitorino e Antônio Garcez ficaram responsáveis pela entrada que dava acesso à vila de São Tomé, pela qual o grupo entrou, com a ordem de não permitir nem a entrada, nem a saída de ninguém.

Do seu posto de guarda, com a ordem de não permitir nem a entrada nem saída de ninguém, com pouco tempo Pedro

Vitorino começou a ouvir estampidos por todo lado. Quando as pessoas tentavam fugir do tiroteio, eram repelidas com o fogo da guarda, que voltavam desesperadas para dentro do povoado.

O juiz e o padre João Maranhão Gomes conseguiram furar o cerco e fugiram para uma fazenda de um amigo, nas redondezas, e depois para a capital. O Prefeito Pedro Bezerra e o Promotor José Inojosa Varejão reagiram ao fogo, mas quando a munição acabou, foram presos.

O fazendeiro Capitão Albino, grande agropecuarista proprietário da fazenda Mocó, inimigo político do Doutor Augusto, quando percebeu o que estava acontecendo, e não vendo havendo como escapar da cidade, escalou o paredão de uma casa comercial como uma lagartixa e lá ficou escondido no parapeito do prédio por quatro dias, até que foi encontrado por um funcionário do comércio. Levado ao quartel-general dos revoltosos, foi preso junto com as demais autoridades.

Através do telégrafo pernambucano as notícias da revolta da Alagoa de Monteiro, protagonizada pelo ex-promotor de justiça Augusto Santa Cruz, escandalizou e desmoralizou o governador João Machado, que não reconheceu os manifestos do chefe dos revoltosos, publicados no jornal Diário de Pernambuco, alinhando-se como um movimento político com o objetivo de restabelecer a ordem jurídica da comarca.

Cercado de inimigos pessoais e adversários políticos poderosos que, fatalmente, o levaria a uma condenação em tempo recorde, o ímpeto de Santa Cruz em invadir a cidade, a princípio, parecia uma atitude totalmente tresloucada, sem rumo e sem a menor racionalidade. No entanto, o bacharel tinha um plano maior em mente, com uma remota chance de dar certo, que era convulsionar o estado para provocar uma intervenção federal no governo da Paraíba.

Esta ideia povoava a cabeça do promotor desde a campanha presidencial de 1910, que marcou a volta dos militares ao poder, através da campanha salvacionista do Marechal Hermes da Fonseca contra a campanha civilista de Rui Barbosa. Nesta refrega política, o General Dantas Barreto,

pernambucano, esteve em campanha para seu candidato em Alagoa de Monteiro, apoiado pelo Doutor Augusto Santa Cruz. Empossado o novo presidente, o General Dantas Barreto fora imediatamente alçado a ministro da guerra.

Augusto Santa Cruz acreditava que o governo da Paraíba não reagiria à convulsão em Alagoa de Monteiro, devido à distância da capital e ao pequeno contingente da Briosa Polícia Militar da Paraíba. Portanto, sem condições materiais, apostava que o governo da Paraíba solicitaria ajuda ao governo federal. Então o seu amigo e correligionário político, ora Ministro da Guerra, entraria no jogo intercedendo junto ao presidente Hermes da Fonseca, informando que o estado da Paraíba estava sem controle e que deveria ser decretado intervenção federal.

Estava tudo dando certo nos planos do chefe dos invasores, até que os seus oponentes lhe aplicaram um golpe inesperado, fora da lei: o delegado de Alagoa de Baixo, Zacarias Neves, irmão do juiz de Alagoa do Monteiro, deslocou-se para o Recife e alarmou a situação para o governador Herculano Bandeira de Melo, dando conta que a fronteira estava um caos. O promotor-cangaceiro estava pronto para enfrentar a fraca polícia da Paraíba e depois de vencê-la, certamente, invadiria o Pernambuco, apoiado por seu amigo Dantas Barreto, Ministro da Guerra. Baseado nestas informações alarmistas, o governador de Pernambuco colocou à disposição do governo da Paraíba uma força de 240 praças e 10 oficiais para combaterem os revoltosos, dentro do estado da Paraíba, fato que o promotor jamais esperava, já que uma ação desta natureza era vedada pela Constituição Federal.

Para qualquer comandante militar, ganhar uma batalha é o seu objetivo maior, mas depois da vitória sempre vem a dor de cabeça com os subordinados, que sedentos de sangue, quando ficam desocupados passam a cometerem desordens. Depois da vila dominada, não havia mais muito com que ocupar a sanha criminosa dos jagunços, que aos poucos começaram a burlar as ordens do chefe e a saquear as residências e os comércios,

principalmente aqueles bandidos que tinham familiares pelas redondezas, para esconderem seus produtos de roubo.

Depois de dez dias com a cidade sitiada, com as autoridades municipais presas, e sem o governo do estado abrir nenhum canal de negociação, no dia 15 de maio de 1911 o Dr. Augusto Santa Cruz recebeu, de fonte segura, a notícia de que o governador da Paraíba estava enviando a Força Pública paraibana para se juntar à Polícia do Pernambuco para , invadirem Alagoa de Monteiro, com mais de 350 homens.

Esta notícia caiu como uma bomba no quartel-general do ex-promotor. Alagoa de Monteiro é um lugar plano igual a um prato, com mil possibilidades e caminhos para invasão, portanto, sem a menor possibilidade de reação, por parte dos jagunços de Augusto Santa Cruz. Diante da inferioridade bélica, o chefe dos invasores resolveu abandonar o local e homiziar-se na sua fazenda, levando consigo as autoridades como reféns. Não perdeu tempo e às oito horas da manhã do dia 21 de maio de 1911 levantou acampamento com toda cabroeira, sob grande comoção da população e dos reféns, que se despediram dos seus familiares aos prantos.

O próprio chefe da invasão não imaginava que o movimento tomaria aquelas proporções e, como qualquer projeto que quando na hora da execução se torna muito grande, não há mais script a seguir, tudo passa para a base do improvisado. Portanto, sendo obrigado a abandonar a Vila acabou tendo que acomodar um contingente muito grande, em um local onde não havia infraestrutura adequada de cozinha, banheiro, quantidade de víveres e lugar para dormir. Não foi fácil administrar crise de tamanha envergadura.

Na fazenda Areal, quando o Doutor não estava por perto, os jagunços ameaçavam os reféns, torturando-os psicologicamente com ameaças de sangramento a punhaladas. O jovem promotor José Inojosa Varejão muitas vezes desesperou-se com as ameaças de Hino e de Vicente Preto, e literalmente, abriu a boca no mundo.

O capitão Albino, proprietário da fazenda Mocó, era um homem de uma tez muito branca, parecia que o seu sangue iria pularia das veias a qualquer momento. Ficavam todos amarrados pelo tornozelo no galpão dos arreios. Em um dia quente Capitão Alvino estava com muita sede e pediu água a um jagunço, que pegou o resto da água de uma cabaça e jogou fora. Pedro Vitorino que estava observando aquela situação, em silêncio levantou-se, encheu a vasilha e deu para o preso beber.

Mais uma vez a sorte bafejou Pedro Vitorino, quando uma carga de feijão-de-corda, cachaça e café, que se destinava para o Areal, foi bloqueada pela polícia pernambucana, na região do Pajeú. Com os víveres quase acabando, o Doutor Santa Cruz, cavoucou o juízo e encontrou uma solução para alimentar o exército de revoltosos e seus reféns.

Chamou o negro Vicente Preto e deu a ordem para colocar cangalha em três burros e mandar o negro novato, que não era conhecido na região, junto com o molecote Zé Ferraz, cria da fazenda, juntos com o almocreve Zé Timóteo, que passava toda quarta-feira de rota batida para Jatobá do Brejo (atual Jataúba-PE), para adquirirem os víveres necessário para mais, pelo menos, quinze dias de resistência.

No dia 24 maio de 1911, quarta-feira, às três horas da manhã, o tropeiro Zé Timóteo e o seu ajudante Quelé, originários do Boi Velho, aportaram sua tropa de burros no pátio da fazenda Areal. O vento gelado soprava do nascente e o almocreve, protegido por um capote de felpo, com o capuz sobre a cabeça, onde não dava para enxergar seu rosto negro, apenas a brasa de seu cigarro de palha, proseava com Vicente Preto, acertando os detalhes da compra das mercadorias, enquanto Pedro Vitorino e o molecote Zé Ferraz se posicionavam para acompanhar o cortejo com dois burros carregados de rapaduras e outro de farinha para vender em Jatobá do Brejo e comprar víveres, na feira daquela vila pernambucana.

Tudo acertado, Zé Timóteo deu o comando. "Eiaaaa!" Acompanhado de duas estaladas do relho de couro cru no ar e,

automaticamente, o cortejo partiu em fila indiana embrenhando-se pelas veredas escura da caatinga.

Na descida da aba leste da Serra do Olho D'água do Cunha, quando o dia estava clareando, os tropeiros escutam um barulho diferente. A caravana parou e todos perceberam que era uma vaca, ao lado de um bezerro desnutrido, que não conseguia ficar em pé. O animal não parava quieto e para onde ia a mosca varejeira a acompanhava, mas seu instinto materno não permitia abandonar sua cria, que não tinha mais forças para andar. Experiente no manejo de gado, o vaqueiro Pedro Vitorino falou para o almocreve Zé Timóteo:

- Pelo jeito essa vaca tá com uma bicheira no ubre! - continua - Seu Zé o senhor tem creolina aí?

- Neste *cilviço* o que não *farta* é creolina para colocar nas pisaduras dos animais - respondeu Zé Timóteo.

Retirou um pedaço de corda de um caçua e, com facilidade, laçou o animal. Peou os pés e aplicou o remédio usado para afastar os insetos.

- O ferro desta vaca é da fazenda Firmeza, pertencente ao coroné Adolfo da Firmeza. Daqui a uma légua - afirma o chefe da caravana.

- Esta vaca está sem chocalho e deve ter tido bezerro sozinha aqui na manga. Parece que os *vaqueiro* daqui não têm muito *coidado* com o gado. - criticou Pedro Vitorino.

- Sei não, mas também o povo fala que o dono não sabe distinguir um boi de uma vaca. É estrangeiro! - diz Timóteo, penalizado.

- A vaca *nói* pode deixar aqui amarrada no beijo da estrada, para depois alguém vir buscar. O *bizerrim* levo na lua da sela de meu cavalo até a fazenda. - falou Pedro.

Com o sol alto a caravana chegou à fazenda Firmeza, e o caboclo Zé Timóteo, homem de confiança de todos os fazendeiros do Cariri, que todas as quartas-feiras fazia aquele trajeto levando fardos de algodão e rapadura, e regressando com feijão, café, sal e ancoretas de cachaça, como também, cartas, jornais e encomendas diversas.

Sob a copa das quixabeiras arriaram as cargas no chão, colocaram peias nos pés e bornais de milho seco nos focinhos dos animais, enquanto o seu ajudante foi ao açude, no aceiro da casa grande, pegar água para encher as gamelas e preparar um café para tomar com um taco de queijo e batata-doce, que já traz cozinhada em uma panela de barro.

O proprietário da fazenda, uma figura apaziguadora, em mangas de camisa, corrente de ouro do relógio de bolso atravessando o colete preto, passeava impacientemente, de um lado para outro, na varanda da casa grande, até que manda um serviçal da casa chamar o almocreve para conversar.

No pátio, em frente a pequena escada que dava na varanda, o tangedor de burros, com o chapéu de couro de aba longa na mão direita, em frente a caixa dos peitos, informa o caso da vaca doente:

- Bom dia *coroné*, com vai a *famia*? - deu uma pausa e continuou - Hoje pela madrugada achei uma vaca aqui da Firmeza, com uma bicheira no ubre, e o *bizerrim disnutrido*. Ainda bem que aquele *nego arto* que vai comigo é vaqueiro e curou a bicheira com creolina. - continuando o relato - O *bizerrim* ele entregou a Antônio Batista para dá *cume* na boca.

Mostrando-se pouco interessado com aquele assunto, o Coronel atalhou a conversa e perguntou, com um sotaque estrangeiro:

- Passou no Areal?

- Sim Senhor!

- E como vai as coisas por lá?

- *Coroné*, passei lá agora de madrugada! Nunca ví tanta gente junta! O *dotô* tá é maluco! Ninguém sabe como vai sair daquela enrascada.

- Tenho muito apreço pelo Dr. Augusto e pelo prefeito Pedro Bezerra! Não quero me envolver em nenhum dos lados.

- O vaqueiro e o molecote são de lá do *Ariá*. O *Dotô* mandou ir mais eu para comprar víveres para matar a fome do povaréu. Como já lhe disse, o grandão é um vaqueiro muito bom. Me contou que veio do Moxotó há poucos dias, pedir proteção ao

Dotô Agusto. Deu uma furada em um cabra, por causa de um falso testemunho.

Inquieto, o coronel chegou mais perto da escada, certificou-se que não tem ninguém escutando, e perguntou baixinho para o tropeiro.

- *Vosmicê* ouviu falar se Marcolino, meu filho, está por lá?

Cochichando, o tangedor de burros confidenciou o que sabia ao coronel.

- *Coroné* Vicente Preto me disse que ele tem aparecido por lá, mas é para *apaziguá*, não tá envolvido com nada não!

Depois de ouvir o depoimento de Timóteo, o pai caviloso respirou aliviado.

Terminada a conversa, a caravana levantou acampamento com destino à feira de Jatobá e quando retorna à fazenda Firmeza, no domingo cedo, receberam a notícia que as polícias da Paraíba e Pernambuco cercaram toda região da fazenda Areal, entraram em fogo cerrado com a cabroeira do promotor, que não resistiu ao poderio bélico das forças legais, fugindo com parte dos reféns no rumo do Pajeú.

No pátio da fazenda, ainda montado na sela de seu cavalo, Pedro Vitorino ouviu o Coronel Adolf Mayer, do alto da varanda da casa grande relatar detalhadamente aos viajantes as últimas notícias da fazenda Areal, despontando dois sentimentos antagônicos em seu coração. Por um lado, alegrou-se e aquietou o coração por não ser mais obrigado a participar de uma guerra, já que não compreendia como se poderia alvejar uma pessoa sem odiá-la, ou mesmo, conhecê-la; por outro lado, com a fuga do promotor, seu peito encheu-se de incertezas, sentindo-se desprotegido e se põe a imaginar o rumo de sua vida neste mundo violento, sem proteção na Paraíba e no Pernambuco.

Zé Timóteo coçou a cabeça, em sinal de quem não sabia que decisão tomar e, falou para o dono da fazenda, apelando para a solidariedade e retidão dos homens de palavra:

- *Coroné* com esta notícia eu não tenho mais a quem entregar a *meicadoria* e os animais. Peço ao *Coroné* que me socorra e receba a carga e os animais, e mais tarde, quando o

Dotô Augusto, ou *argum* preposto aparecer, *vosmicê* lhe paga o preço justo.

Sem delongas, o Coronel Adolfo mandou arriar no armazém da fazenda os fardos de carne de charque e sacos de feijão macassar, anotando meticulosamente tudo em uma cadernetinha: oito sacos de feijão, quatro fardos de carne de charque, três burros e um cavalo branco das patas pretas.

- *Coroné*, o cavalo não pertence ao *Dotô*, não! É do *nego* grandão aí, conforme me confirmou o Vicente Preto. – corrigiu o tropeiro.

Terminado a descarga das mercadorias, o vaqueiro da fazenda, Antônio Batista, entrou no armazém alarmando que a vaca Mimososa não conseguia expulsar o bezerro do útero e já está perdendo as forças. Todos acorreram para o curral e Pedro Vitorino, que já havia presenciado um parto de bezerro com uma das patas presa, sem demora enfiou a mão na vaca e puxa o bezerro, para alegria de todos.

Agradecido, o proprietário mandou um serviçal da fazenda preparar um café, que foi servido em uma latada contígua a casa grande, e depois perguntou diretamente ao vaqueiro, com seu sotaque francês:

- Como é sua graça?

- Pedro Vitorino da Silva.

- Para o Areal vosmecê não vai mais, porque soube que até a casa queimaram!

- Daqui vou *percurar* meu pai, em Flores no Pajeú. – responde Pedro Vitorino

- Homem, deixe as coisas se acalmarem por aqui! O mundo está preto de polícia. Por toda parte tem piquetes!

Com uma voz firme, de um pai severo, continuou:

- Em três dias vosmecê salvou quatro reses do meu rebanho, portanto é minha obrigação lhe retribuir o favor de alguma forma. Não costumo acobertar foras da lei em minhas propriedades, mas, caso queira, lhe dou proteção até as coisas se acalmarem.

Feliz com a proposta do fazendeiro, Pedro Vitorino, disse:

- Aceito de bom grado, mas *vosmicê* pode ficar tranquilo que aqui na Paraíba não tenho crime nenhum, não, *coroné!* No *baruio* da vila de *Lagoa de Monteiro* não feri ninguém, só dei tiro *prá* riba.

O tropeiro Zé Timóteo e o restante da turma se despedem da Firmeza e rumaram para a vila de São Tomé, onde desembarcaram o molecote Zé Ferraz, e depois seguiram para Boi Velho, por outra estrada longe do Areal.

Na boca da noite, perto da Prata, encontram a volante do tenente Bezerra, que fez muitas perguntas, mas o tropeiro, acostumado com aquela situação, respondeu firme às perguntas maliciosas do militar e foi liberado sem problemas.

O ex-promotor e o que restou de sua cabroeira, com mais de cem componentes, rumaram para o estado de Pernambuco, na altura de São José do Egito, depois entraram novamente no estado da Paraíba, atravessaram as terras inimigas do coronel José Pereira, na região de Princesa Isabel, até atingir o Ceará e pediram asilo político ao Padre Cícero Romão Batista, no Juazeiro, sem mais nenhum incidente.

Em 11 de junho de 1911, mais de um mês após a invasão de Alagoa do Monteiro, o Padre Cícero, sensibilizado pela oratória do brilhante advogado paraibano e com sua história de perseguido político pela oligarquia Alvarista, com repercussões no mando local, acolheu o promotor-cangaceiro e deu proteção ao seu séquito de jagunços, mas com o compromisso de que todos depusessem as armas aos seus pés.

Hóspede do padre, o ex-promotor não desistiu de seu intento de derrubar a oligarquia mandatária da Paraíba e, cerca de quatro meses depois, já no final de 1911, surgiu uma brecha para realizar seu projeto.

A política dos governadores da República Velha, onde praticamente não permitia a alternância de poder e em cada estado estabeleciam-se oligarquias. No estado de Pernambuco o Conselheiro Francisco de Assis Rosa e Silva, embora ainda não tivesse ocupado o cargo de presidente (governador) daquele estado, era a pessoa com o maior respaldo político junto ao

governo central, e quem indicava os candidatos ao governo daquele estado.

Na campanha de 1910, para a presidência da República, o Conselheiro Rosa e Silva apoiou o Marechal Hermes da Fonseca, mas no ano seguinte o presidente da República apresentou o seu ministro da guerra, General Emilio Dantas Barreto para governador de Pernambuco, em detrimento dos nomes apresentados pelo Conselheiro, que era o chefe da oligarquia local. Instalado o impasse, o próprio Conselheiro colocou seu nome para concorrer ao cargo de governador, em oposição ao candidato do presidente da República.

O acirramento político entre as forças militares e os coronéis nos seus currais eleitorais do interior do Pernambuco, transformou o pleito em uma guerra a céu aberto, inclusive com muitas mortes. Em grande parte dos municípios do interior pernambucano, o Conselheiro Rosa e Silva ganhou as eleições, mas perdeu em Recife. Acusando a vitória do Conselheiro decorreu de uma fraude eleitoral, os partidários do General e militares cercaram a Assembleia Legislativa do Pernambuco e obrigam o governador, em exercício, a fugir e no dia 11 de novembro de 1911 o General Dantas Barretos, a revelia do resultado das urnas, foi empossado Governador do Estado de Pernambuco.

Do Cariri cearense, o Doutor Augusto Santa Cruz observava atento aos movimentos políticos da Paraíba e Pernambuco. Regressa com sua tropa de Jagunços e se homiziou na fazenda Pitombeira do Coronel Antônio Pereira, partidário do General Dantas, nos arredores de Serra Talhada, e no dia 5 de novembro de 1911, espantou eleitores do Conselheiro Rosa e Silva, nos municípios, entre São José do Egito e Alagoa de Baixo.

Cumprida a missão política de ajudar a eleger o amigo Dantas Barreto governador do Pernambuco, o ex-promotor Augusto Santa Cruz, baseado em São José do Egito, atravessou a fronteira estadual com cerca de trezentos jagunços e tomou posse de sua fazenda, cuja casa grande, currais, cercas e engenho

havia sido totalmente queimados pelas forças oficiais do governo da Paraíba.

Depois de dar uma rápida arrumada na sua propriedade, não perdeu tempo e partiu para a vingança pessoal com o prefeito Pedro Bezerra, cercando suas fazendas Carrapateira e Amaro, ocasionando muitas mortes e defecções de policiais.

A eleição para presidente (governador) da Paraíba estava marcada para junho de 1912. Fiado no capital político com o novo governador de Pernambuco, General Dantas Barreto, o ex-promotor Augusto Santa Cruz juntou-se ao médico Franklin Dantas Correia de Góes, outro desafeto da oligarquia Alvarista, e juntos tentaram convulsionar o interior do Estado da Paraíba invadindo as cidades de Patos, Santa Luzia, Soledade e São João do Cariri, entre os dias 24 e 31 de maio 1912, com o objetivo de "melar" as eleições, marcadas para o mês seguinte, e assim tentar, mais uma vez, provocar uma intervenção federal, mas os pretensos revolucionários, sem propostas políticas robustas e coerentes, travestidos de cangaceiros, não empolga o povo, que não entendeu o movimento como uma ação política contra o governo, e sim como um movimento de cangaceiros, que matavam, desonravam e roubavam a população.

Como todo movimento revolucionário, o objetivo era sensibilizar a população, contra as ações do governo, engrossar a coluna de revoltosos, invadir e dominar Campina Grande, a maior cidade do interior paraibano, espalhando o caos, e esperar a interferência do governador de Pernambuco, junto ao Presidente da República, General Hermes da Fonseca, para que este decretasse a Intervenção Federal na Paraíba.

Os revoltosos não contavam com a articulação da Oligarquia Alvarista no governo federal, através do Ministro do Supremo Tribunal Militar Epitácio Pessoa, que interveio junto ao presidente da República, colocando as forças federais estacionadas em Campina Grande, de prontidão, para repelirem o movimento político.

Percebendo que não tinham condições de combaterem tropas de linha, os chefes do movimento liberaram a cabroeira e

fugiram para o estado de Pernambuco, onde permaneceram protegidos pelo governo daquele estado.

Em 1913 Augusto Santa Cruz e alguns de seus cabras foram julgados por todos seus crimes, na comarca de Alagoa de Monteiro, onde foram sumariamente absorvidos. Em 1917 ainda se meteu em mais uma confusão, quando aplicou algumas bengaladas no Coronel Nilo Feitosa, um dos seus maiores inimigos, apenas por ter passado em frente a sua residência.

Mais tarde prestou concurso público para juiz, atuando na comarca de Afogados de Ingazeira, e finalmente aposenta-se na comarca de Limoeiro.

CAPÍTULO - VI

FAZENDA FIRMEZA



Sede da Fazenda Firmeza

Fonte: Domínio Público

Na segunda metade do século XIX o Velho Mundo passava por uma série de dificuldades econômicas, principalmente a França. Portanto, para os jovens as oportunidades de trabalho eram cada vez mais difíceis.

As melhores oportunidades do momento para a juventude europeia, sedenta por novidades e aventuras, estavam no outro lado do Atlântico, mais precisamente nos Estados Unidos da América, uma terra de muitas oportunidades que esbanjava grande desenvolvimento econômico. Mas este bolsão desenvolvimentista acabou criando um desequilíbrio interno entre o Norte (Mais industrializado, caracterizado por pequenas propriedades, com agricultura de subsistência voltada para o consumo interno) e o Sul: Latifundiário, escravista, grande

produtor de grãos e exportador de algodão), surgindo, assim, a Guerra da Secessão, quando a maioria dos estados Sulistas declararam independência do Norte. A eclosão da guerra civil no território americano adiou, momentaneamente, a emigração de jovens europeus para os Estados Unidos da América.

Nesta influência juvenil de emigrar para o Novo Mundo, em busca de aventuras e dinheiro, o judeu francês Mayer Hirsch Samuel, temendo entrar em um país em plena guerra civil, fugiu de seus pais em 1861, com apenas 16 anos de idade, e foi parar no Rio de Janeiro.

Recebeu recomendação do pai para regressar à Franca, mas em passagem pelo Recife, conheceu no cais do porto um judeu que lhe ofereceu sociedade na venda de joias pelos sertões da Paraíba, Pernambuco, Ceará e Alagoas, e em pouco mais de 15 anos de trabalho duro, mascateando em lombo de burros pelas caatingas nordestinas, tornou-se um homem de muitas posses.

Em uma destas viagens pela região do Cariri paraibano, quando já contava com trinta anos de idade, apaixonou-se e noivou com Joaquina Rodrigues de Freitas, de quinze anos, filha do Major Marcolino de Freitas Barros, proprietário da fazenda Carnaúba, na vila de São Thomé.

O substantivo JUDEU, naquela época, nos rincões nordestinos, acabou originando o verbo “judiar”, que no imaginário popular associava-se ao povo que maltratou e assassinou Jesus Cristo na cruz, segundo relatos dos quatro evangelhos. A Igreja Católica manteve esta tradição de discriminar o povo Hebreu, por muito tempo, escondendo da massa que o próprio Jesus, também, era Judeu.

O noivo apaixonado revelou ao futuro sogro, um católico fervoroso, que não era batizado na fé cristã, portanto, não poderia haver matrimônio, já que não possuía batistério. O não casamento, ou mesmo um casamento em outra religião, seria um escândalo impensável naquela família. Nesta situação, o pai da moça obrigou a jovem a romper o relacionamento, a menos que o pretendente, abjurasse de suas convicções religiosas e se batizasse na Igreja Católica.

Formado o impasse, o enlace matrimonial foi desfeito e o casal apaixonado foi abruptamente separado, por um fato religioso que havia ocorrido há quase dois mil anos. Com o coração partido, o noivo despediu-se de sua amada e rumou para o Recife, onde se orientou com o seu antigo sócio, que, depois de analisar o caso, lhe deu o seguinte conselho: “no amor verdadeiro, o encontro com a pessoa amada é muito mais importante que a convicção religiosa, que pode ser preservada no íntimo de cada um”. Com esta saída salomônica para o impasse, Mayer Hirsch Samuel retornou à fazenda Carnaúba, abjurou o judaísmo, batizou-se com o nome de Adolf Mayer e, em seguida, casou-se na capela de São Tomé, em 1876.

Casado, o cristão novo abandonou a vida de mascate, estabeleceu-se na região do Rio Sucuru e mais tarde, em 1891, adquire a fazenda Olho d’Água do Cunha, pela bagatela de dez contos de réis, uma montanha de dinheiro. Colocou semente de gado, adquiriu o título de Coronel da Guarda Nacional, como era o costume de todo homem com poder econômico da época, e iniciou a labuta de fazendeiro.

Os sertões nordestinos foram povoados no rastro da criação bovina para corte, objetivando atender o grande consumo da zona canavieira, grande produtora e exportadora de açúcar. Mais tarde surgiu outro grande motor econômico na região: o Ouro Branco (algodão). Cultura incentivada no Brasil pelos ingleses, para suprir suas indústrias têxteis, quando a exportação deste produto entrou em declínio nos Estados Unidos da América, durante a guerra civil.

Habitado com comércio, com poucos riscos e lucros previstos garantidos, o Coronel Adolf Mayer entrou no ramo da agropecuária em uma época bastante difícil. Primeiro, com o fim da Guerra da Secessão, os americanos voltaram a produzir algodão com mais eficiência e em larga escala, inundando o mercado internacional com seu produto e, obviamente causando a queda nos preços internacionais. Em segundo, entre 1875 a 1879, o clima castigou o Nordeste brasileiro com uma seca

terrível, causando grande devastação na lavoura e o extermínio quase que total dos rebanhos.

Percebendo que, mesmo nos anos com índices pluviométricos satisfatórios, em pouco tempo a água precipitada desaparecia dos barreiros e cacimbas nos leitos dos riachos, causando grandes dificuldades para a atividade agropastoril. Não tinha carta de doutor das ciências da natureza, mas era um leitor compulsivo de tudo que caía em suas mãos, como também, observava com esmero os fenômenos naturais, acumulando muitas experiências técnicas.

Quando adquiriu a Fazenda Olho d'água do Cunha observou que o curso d'água que passava no terreiro da fazenda nunca secava totalmente, porque estava sobre uma falha geológica que rasga o seio da terra do vale até o sopé da serra, carreando água por um canal subterrâneo natural, formando um olho d'água que jorrava um filete d'água o ano todo.

Apesar de ser considerada uma dádiva de Deus, uma terra, no semiárido nordestino, com um olho d'água no terreiro, o coronel Adolf não estava completamente satisfeito com sua propriedade. Na sua experiência adquirida anos a fio, nas suas andanças, mascateado pelos rincões nordestinos, observou que as terras mais valorizadas que havia conhecido tinham um espelho d'água capaz de suportar, pelo menos, três anos de chuvas fracas. Por um tempo pensou em barrar o riacho sobre o olho d'água, mas observou que o local não era adequado, pelos seguintes motivos: área muito plana, falta de obreiras, e embora o olho d'água nunca secasse, as cheias do riacho eram fracas se comparadas com o riacho umburana, localizado mais a leste da casa grande.

Esta realidade obrigou o Coronel Adolf, em 1904, a investir em uma nova sede para sua fazenda. Contrariou a lógica e afastou-se do olho d'água, na direção do sopé da serra. Barrou dois riachos valentes e nas suas confluências, no local mais plano rodeado de quixabeiras frondosas, ergueu uma suntuosa casa grande com muitos quartos, escritório, cozinha ampla, fogão à lenha de metal, capela lateral, exigência da esposa religiosa, uma

varanda de madeira de lei virada para o nascente, paredes pintadas de branco neve e portas de azul marinho. Em cada cômodo aplicou um tipo de mosaico, um verdadeiro luxo para a época. A maior parte do material importado do Recife, onde grande parte do trajeto foi transportado em veículos de tração animal, e a batiza, com o sugestivo nome de Fazenda Firmeza.

Em 1911, quando o vaqueiro Pedro Vitorino, com 21 anos, chegou na região do Cariri paraibano, o Coronel Adolf Mayer já contava com 65 anos de idade, sendo 35 deles na luta na atividade agropastoril.

Calejado e cansado de bravamente lutar em uma terra semiárida, carente de ações governamentais, sem lei, infestada de facínoras armados, onde o proprietário rural, mais pacato, era obrigado a manter gente armada na propriedade para defender seus bens e sua família da sanha de cangaceiros, como Antônio Silvino, que quando não atacava de surpresa as residências rurais se atrevia a mandar recados para os fazendeiros exigindo dinheiro, para não sofrer represálias físicas.



Vista Interna da Casa Grande
Fonte: Domínio Público - Internet.

Portanto, depois de muitos anos de labuta, a esta altura da vida, enfrentando tantas adversidades, o Coronel Adolf não era mais um entusiástico com aquelas atividades, onde as incertezas climáticas e a insegurança atacavam sem avisos. A incapacidade governamental de implantar uma infraestrutura capaz de enfrentar as grandes estiagens, desestabilizava, igualmente, fazendeiros e agregados.

Em uma série de anos com bom nível de precipitações, o mundo florescia, como em um passe de mágica. A terra, outrora esturricada, produzia de tudo, desde os alimentos básicos até leite e mel. A população enchia-se de esperanças, acumulavam grãos de milho e feijão em silos, mas, mesmo assim, nada estava

seguro! Bastavam apenas dois anos seguidos sem chuvas, para o sol inclemente varrer o verde da terra e secar os olhos d'águas, açudes e cacimbas. Sem água e mato para babujar, o gado rapidamente definhava e caía de fome, causando prejuízos irreparáveis para os vaqueiros e criadores.

Discreto, o Coronel Adolf Mayer simpatizou com aquele negro de conversa franca e porte físico avantajado, que em dois dias havia salvo quatro reses de seu rebanho. Acolheu o forasteiro e o acomodou em uma pequena casa de pau a pique (Taipa), nas cercanias da casa grande, e em seguida chama-o em um recanto e recomendou:

- Para evitar perguntas, para todos os efeitos vosmecê é um vaqueiro que veio do Pajeú. – continuando.

- O seu nome aqui, por enquanto, é Pedro. – batizando apenas com o prenome para diminuir sua relação com o passado.

- Pois não, *coronê!* – respondeu o vaqueiro novato.

- Por enquanto, evite conversa de sua origem com o resto dos agregados e não arrede os pés da fazenda. Aqui estás bem guardado!

No final do ano o tangerino Zé Timóteo chegou na Firmeza com a notícia que o ex-promotor Dr. Augusto Santa Cruz havia regressado para sua fazenda, rodeado por uma cabroeira ainda maior.

Como um homem de compromisso, o Coronel Adolf mandou um serviçal pegar no cercado os três burros que estavam sob sua responsabilidade e colocar as cangalhas. Em seguida foi na gaveta de uma escrivaninha, pegou dinheiro e entregou ao almocreve para que este comprasse as mesmas mercadorias, que há seis meses estavam sob sua responsabilidade, e as entregasse ao advogado beligerante.

- Seu Zé Timóteo, quando vosmecê entregar os animais e a carga ao Doutor Augusto, diga-lhe que lhes dou boas-vindas! O negro que tangia a comitiva está aqui comigo, sob minha proteção, pelo tempo que quiser ficar!

Pedro Vitorino, neste momento, não estava presente. À tardinha, quando regressou de uma campeada com um garrote

laçado, preso na ponta da sela, o patrão informou que o Doutor Augusto e sua cabroeira havia voltado para o Areal, e perguntou:

- Vosmecê pretende voltar para o Areal?

- Estou achando bom aqui *coroné!* Se *vosmicê* me quiser por aqui, por enquanto vou ficando! – respondeu firmemente o vaqueiro.

O Doutor Augusto com uma jagunçada de mais de duzentos homens homiziados no Areal, e um contingente policial exíguo para dar segurança ao alto Cariri, em pouco tempo a região se desestabiliza novamente.

As fazendas do Prefeito Pedro Bezerra, Carrapateira e Amaro, por ordem do governador, estavam permanentemente guarnecidas por catorze praças, mas a força clandestina do promotor, bem mais numerosa, facilmente cercou as propriedades e por três dias seguidos cobriu as fazendas com fogo cerrado, não permitindo que os sitiados se reabastecer de água, comida e munição. O cerco só foi desmontado com a chegada ao local de uma guarnição da Briosa Polícia Militar da Paraíba, baseada na Vila Real de São João do Cariri.

Cumprindo rigorosamente as exigências do patrão, o vaqueiro Pedro Vitorino não ultrapassava os limites da propriedade, nem para ir à feira da Vila de São Thomé. Em meados de 1912 chegou a alarmante notícia que o promotor, junto com o médico Franklin Dantas, filho natural de Teixeira-PB, haviam invadido as cidades de Patos, Santa Luzia do Sabugi, Soledade e São João do Cariri com o objetivo de forçar o cancelamento do pleito eleitoral estadual. Em particular, o Coronel Adolf chamou Pedro Vitorino lhe falou:

- É por isso, Pedro, que acho bom vosmecê não andar à toa por aí! Vai que vosmecê dá de cara com um destes cabras e ele te reconhece. Pode acabar te levando para o precipício!

- Tá certo, *coroné!* Estou parecendo um índio, sem ver gente, *Mai* vou aguentando!

Só em 26 de março de 1913, quando o ex-promotor e alguns de seus Jagunços foram julgados e absolvidos de todos os seus crimes, na comarca de Alagoa do Monteiro, foi que o Coronel

Adolf Mayer liberou o vaqueiro Pedro Vitorino para andar livremente, dizendo:

- Pedro, ontem o Doutor Augusto Santos Cruz e alguns de seus companheiros de luta armada foram absolvidos. Se eles foram absolvidos, eu também te absolvo! Agora vosmecê está liberado para ir à feira de São Thomé e da Alagoa de Monteiro. Outra coisa, mandei investigar aquele caso de Alagoa de Baixo: o rapaz sobreviveu, e a moça teve uma garotinha branca, colocou o nome de ELAINE.

Com a liberação para sair aos domínios da fazenda, o vaqueiro Pedro Vitorino tornou-se um habituê da feira de São Thomé, e esporadicamente à de Alagoa de Monteiro, quando ia levar boiada do patrão para vender.

Em uma destas viagens para a feira de Alagoa do Monteiro a saudade de sua terra natal, da camaradagem dos amigos de infância, das festas de apartação e de Siá Felismina, sua protetora, bateu muito forte e não suportou a vontade de rever a todos. Naquele sábado, depois de tomar uns grogues de aguardente, tomou coragem e atravessou a Serra do Jabitacá, chegando ao Pantaleão no anoitecer.

Com mais de dois anos sem dar sinal de vida foi recebido com muita alegria pelos amigos que ainda continuavam na fazenda. Imediatamente o informaram que sua madrinha, Siá Felismina, estava muito doente, tendo sido removida para a Alagoa de Baixo há duas semanas. O clima político na fazenda, também, não era dos melhores: depois da ascensão do General Dantas Barreto ao cargo de governador do Estado de Pernambuco, a família Siqueira Albuquerque estava de baixo na política, inclusive, na última eleição municipal teve sua residência em Alagoa de Baixo cercada por jagunços no dia do pleito municipal, onde alguns populares, partidários dos Siqueira, foram friamente assassinados no meio da rua.

Mais tarde Pedro armou uma rede no alpendre do lado de seu colega de infância Jobelino, que agora ocupava o seu lugar de vaqueiro. Conversaram longamente sobre amenidades da

fazenda e depois o amigo de infância lhe relatou os inúmeros boatos sobre sua pessoa, que chegaram ao Pantaleão.

- O povo aqui *buata*, que *vosmicê* tinha virado cangaceiro, e que já matou mais de cem! – perguntou orgulhoso o amigo de infância. - É verdade?

- Isso é conversa besta deste povo! Nunca matei, nem um *passarim* - responde Pedro cortando a conversa.

Com o coração dividido entre uma ira rancorosa e uma paixão que não desgrudava de suas entranhas, temperou a garganta para tomar coragem e fez a pergunta, que mais lhe interessava:

- Jobelino, *tu tem* notícia daquela diaba da Fatinha?

Jobelino, olhou para um lado e para outro, certificando-se que não tem nenhum abelhudo ouvindo a conversa, e falou baixinho:

- Depois daquela confusão, o pai botou para fora de casa! Hoje vive com a *minina* na ponta da rua acudindo os moleques para ganhar uns trocados. – continuando, arrematou a curiosidade do amigo – Depois que teve *fio*, pegou *coipo* e agora é que é bonita!

- Aquilo é uma *daiba*, mudou o rumo da minha vida! Queria um dia falar com ela, nem que fosse um minuto.

- *Prá* cortar ela de faca, também?

- Não, Jobelino! Tem uma coisa aqui dentro d'eu que roí meu juízo! As vezes passo a noite sem *drumir* pensando como uma *muié* que nem falava direito engendrou toda aquela bacafuzada. Meu coração só vai sossegar quando um dia tiver um dedo de prosa com aquela *daiba*.

- Então não é muito *difci*, não! – afirmou Jobelino – Se tu *quiser* amanhã à noite *mermo* tu pode resolver esta questão.

- Como?

- Muito *faci homi*! Quando o sol quebrar, *vamo* selar os cavalos e *vamo* para *Lagoa* de Baixo. Quando *nói entrar* na rua já está escuro, ninguém vai te reconhecer. Me apresento para um *celviço* com a *muié*", aí tu *chega* e *pode* conversar o que quiser com a *infiliz*, enquanto fico do lado de fora vigiando.

Por volta das seis e meia da noite, Pedro Vitorino, bastante apreensivo, se postou no batente da única porta da tapera de pau a pique. A mulher abriu a porta, levantou a lamparina de querosene para reconhecer os fregueses e seu cheiro morno de jasmim embriagante o encobriu. Por um instante Pedro foi magicamente transportado para uma cena do passado, que a mais de dois anos atazanava suas noites de solidão. Instantaneamente sua antiga pretendente o reconheceu na noite escura e, demonstrando a frieza de animal peçonhento que confia no seu poder de seu veneno, como que o tempo não estivesse passado, disse:

- Sabia que um dia tu *vinha* atrás de mim, Pedro!

Nervoso com a situação de estar frente a frente com a mulher que mudou o rumo de sua vida, balbuciou:

- Pois é! *Tou* aqui!

Sem falar mais nada, Fatinha abre a parte de baixo da porta de entrada e o vaqueiro entrou e sentou-se no banco de umburana estirado na pequena sala. Um choro de criança ecoou de uma rede armada na cozinha do casebre, de onde dava para ver apenas um punho. Automaticamente a mulher colocou a lamparina sobre uma pequena mesa e se afastou para acalantar a criança.

Confiante que a situação não descambaria para violência física, neste momento Pedro abriu a porta da frente e falou baixinho para o companheiro, que a situação estava sob controle, e que seria melhor que voltasse para o Pantaleão. Com um pouco a criança se acalma e Fatinha voltou para a sala com uma xícara com café em cada mão, e também sentou-se no banco, junto ao ex-namorado. Sem nenhuma cerimônia, como quem tratava de um assunto banal, disse:

- Soube que *vosmicê* tem umas perguntas para me fazer. Pode perguntar tudo que desejar, que estou aqui pronta para responder!

- Há mais de dois anos que não *drumo* a noite toda! Tenho pesadelos, acordo de madrugada e fico matutando porque

vosmicê me escolheu, para esta encrenca. É o que mais desejo saber nesta vida!

Pedro Vitorino e o resto do mundo tinham certeza que havia sido vítima de uma trama pesada, muito bem arquitetada. Disso não tinha dúvidas, mas o que encasquetava suas ideias era o motivo de ter sido escolhido protagonista involuntário daquela história sórdida. Para ele, a chave de seu desassossego, que não o deixava dormir direito, era, de fato, não conhecer as nuances do imbróglio que mudou o rumo de sua vida, e apenas aquela mulher poderia desmistificar.

Nos seus momentos solitários de angústia o vaqueiro imaginava que no dia que a encontrasse Fatinha, a princípio ela esconderia os pormenores sórdidos que, certamente, envolveriam pessoas de sua família, mas surpreendeu-se com a sua atitude. Sem delongas, sem rodeios, sem titubear, sem meias palavras ouviu, da mesma um relato reto, como alguém que carregava uma carga pesada e que desejava se ver livre daquele fardo.

- Da mesma forma que *vosmicê* está querendo saber as minúcias da nossa história, eu também quero tirar este peso do meu coração!

Parou um pouco, tomou um gole de café, respirou fundo e disparou:

- Nunca falei isso para ninguém, mas na verdade, não fui eu, foi mãe!

Pasma Pedro fala baixinho:

- Bem que meu *padim*, me falou!

- Coloque-se no meu lugar! Era uma situação muito difícil! Tinha me perdido e estava grávida do infeliz do filho do coronel, que se escafedeu para as bandas do Recife. – parou tomou mais gole de café - Imagine ter que contar uma história dessa para meu pai, que primeiro jogaria a culpa em minha mãe, e, certamente me expulsaria de casa, como realmente acabou fazendo, depois do incidente de tu e meu irmão. Então, mãe sabia da estima que *vosmicê* nutria por mim, aí então facilitou aquele

nosso encontro, que seria minha única chance de ser amparada por um homem forte, bonito, trabalhador, ingênuo e de futuro.

- *Mai vosmicê* achava que isso tudo ia dar certo, como?

- Tudo ia dando certo, mas a pressa de ELAINE nascer, de sete meses, acabou botando tudo a perder! Se a menina tivesse nascido de nove meses, para *vosmicê* seria de sete meses, ninguém desconfiaria de nada, e hoje estamos felizes.

- Com uma *fiã* branca como leite?

- Não tem problema, porque também sou branca!

Cada frase que saía daquela boca, que outrora tanto desejava, penetrava em seus ouvidos queimando como que fossem bolas de fogo, mas, curiosamente, ao mesmo tempo, todos os demônios, maus pensamentos e angústia que habitavam a sua alma há algum tempo, de repente, fugiam de sua mente, como o diabo foge da cruz, como em uma verdadeira sessão exorcista.

Graças a Deus, tudo estava esclarecido! Duas palavras resumiam toda aquela história, que mais nunca esqueceu: Ingenuidade e Futuro! Finalmente havia entrado nesta história, apenas, por ser um rapaz ingênuo e trabalhador! Não tivesse um destes atributos, certamente, não serviria para protagonista.

Terminada a conversa, como em um passe de mágica, todo ódio, que vez por outra, sentira daquela mulher, transforma-se em compaixão, coloca a mão no bolso, pegou todo dinheiro que carrega consigo e coloca nas suas mãos, dizendo:

- Isso aí é para *vosmicê* comprar *arguma* coisa para sua *finha*.

Quando tentou levantar-se para se despedir, em um movimento relâmpago, a mulher pulou no seu colo e enlaçou-se no seu pescoço. Afastou a ninfeta de seus braços, apenas para tirar o rosário de contas de seu pescoço, e disse:

- Se *vosmicê* quiser, vou ficar aqui para *drumir*, mas não tenho mais nada de bom, nesta vida, para te oferecer!

Na segunda-feira de madrugada, Pedro Vitorino montou em seu cavalo Ventania com a alma leve feito uma pluma. Pegou o caminho de volta para a Firmeza, e muitos anos depois soube que Fatinha havia se casado com o sacristão da Vila

de Serrinha, teve mais quatro filhos, e não fazia cerimônia em dizer que o pai de sua segunda filha era um vaqueiro que morava na Paraíba.

Livre de um pesadelo que consumiu suas noites de sono, alimentado por sentimentos antagônicos na fronteira do ódio e da paixão, que por um tempo calou sua alegria e mudou o rumo da sua vida. Agora com a alma leve e solta, com a chancela do seu patrão, Coronel Adolf, livre para ir e vir, no Estado da Paraíba, Pedro, em seu Cavalo Ventania, não perdia tempo e nos finais de semanas comparecia a toda festa de apartação, argolinhas e forrós num raio de dez léguas.

Não tinha o dom de aboiar, como seu irmão Artur, de quem nunca mais soube notícias, mas nas festas de apartação chamava atenção com o seu grito meloso de chamador de gado, sua alegria e lorotas. Os sambas pelas redondezas só tinham graça quando Pedro Vitorino aparecia para comandar o salão e marcar quadrilhas.

Em uma festa de batizado na casa de um morador da Fazenda Chincho, vizinho da Firmeza, o pai da criança organizou uma latada para o forró da noite e convidou Pedro Vitorino, por seu porte físico avantajado, para ser o mestre-sala: tirar a cota, marcar a tradicional quadrilha, observar se tinha algum cavalheiro atrevido com descompostura na dança, bem como não permitir que ninguém entrasse na palhoça armado. Apenas o mestre-sala tinha este direito, e o vaqueiro da Firmeza dançava com o seu facão rabo de galo pendurado no seu cinto de couro.

Entre as convidadas tinha uma galega oriunda da Fazenda Capoeiras, de Pedro Mariano, nas cercanias de Alagoa do Monteiro, que estava em um canto da sala dando corte e debochando dos cavaleiros, que pagaram a cota e tinham o direito de dançar. Não demorou e a turma de mancebos foi reclamar do mestre-sala que, caso aquela donzela continuasse cortando os cavaleiros, deveria ser retirada do salão ou devolvido o valor da cota.

Pedro Vitorino, com seu vozeirão, falou para a rapaziada:

- Aguardem que primeiro eu vou chamar a dama para dançar!

Dirigiu-se ao botequim e mandou o bodegueiro colocar uma lapada de aguardente, bem calibrada. Quando o sanfoneiro puxou na orelha do fole de oito baixos, o vaqueiro não perdeu tempo e se aproximou da galega a convidando para uma parte.

- Já tenho *prá* esta parte, Seu Pedro! – respondeu a galega com um ar de desdém.

Mais uma vez foi ao botequim e tomou mais outra lapada, agora lavado por cima. Quando o sanfoneiro recomeçou, tornou a chamar a moça para dançar, que deu a mesma resposta:

- Já tenho *prá* esta parte, Seu Pedro!

O mestre-sala chegou perto do ouvido da dançarina e falou para todos ouvirem:

- *Vosmicê* já ouviu falar no *nego* que já matou quatorze damas em samba e vai *interar* quinze hoje?

Com a voz trêmula, a moça falou:

- Não precisa *interar* não, Seu Pedro! Eu agora vou dançar!

- Comigo e com *quarquer* outro cavalheiro!

Para alegria da rapaziada, a galega da Fazenda Capoeiras permaneceu no samba até acabar, dançando com todos, sem distinção, e a lorota de Pedro Vitorino no forró do Chincho acabou rendendo-lhe muita fama em toda região.

Todos os sábados era comum o patrão montar em seu cavalo alazão e se meter sozinho na caatinga, mas as ameaças de facínoras foras da lei e de onças pardas rondando as fazendas, por insistência dos filhos, acabou mitigando os passeios solitários do Coronel Adolf, que agora ia na companhia de Pedro Vitorino carregando um trabuco na ponta da sela.

Quando chegavam na aba da serra, onde havia muitas furnas de pedra, algumas destas moradas de felinos perigosos, o patrão descia da montaria e pedia para que o vaqueiro aguardasse naquele local, enquanto entrava sozinho nas locas de pedra. Uma certa vez, demorando-se mais que o habitual, o vaqueiro preocupado apeou os animais e foi à procura do patrão. Adentrou na furna de pedras e encontrou o coronel de frente a

um paredão de pedra, com um chapeuzinho branco (solidéu) na cabeça, pronunciando umas palavras estranhas e balançando metade do corpo, como em cumprimento a uma divindade. Sem entender do que se tratava, Pedro Vitorino ficou um tempo prestando atenção à cena exótica, depois tentou recuar discretamente, mas o patrão percebeu que tinha sido descoberto.

Na volta para a sede da fazenda recomendou:

- Pedro, não comente com ninguém que me viu rezando ali!

- Pois não, *coroné*. Pode ficar sem *coidado*!

Com os seus botões o vaqueiro ficou intrigado e pensou: este homem gosta mesmo de rezar. Reza na missa e ainda vem rezar escondido aqui na manga! Benza-te Deus!

Na ida àquelas rezas semanais o Coronel Adolf cavalgava sisudo alguns passos à frente do vaqueiro, porém na volta parecia que a reza o renovava, tornando-o mais leve, sorridente, falante, e agora, cavalgando lado a lado palestrando alegremente.

No mês de agosto de 1914, em um desses passeios com o vaqueiro, o Coronel Adolf mostrava-se preocupado e angustiado pela falta de chuva, e também muito constrangido pelo conflito militar que acabara de explodir na sua terra natal, a França. Na volta tentou explicar algumas coisas para aquele companheiro de passeios semanais, sempre pedindo discrição:

- Pedro, eu faço parte de outra religião, diferente da de vocês, aqui do Brasil. - continuou - Carrego muito peso por conta disso, porque não posso fazer minhas rezas em público! Esse povo não compreenderia!

- Pois não, *coroné*! *Pro* mim pode ficar sem *coidado*!

- Não é só com isso que ando angustiado no momento! Ontem li no jornal de Pernambuco que o meu país declarou guerra à Alemanha.

Com um ar pesaroso, continuou:

- Estou preocupado! Muitos compatriotas e até familiares, certamente, morrerão nesta guerra infame.

Pensativo, sem entender o significado do conflito, Pedro Vitorino imaginou que uma guerra dessa deveria ter a mesma

estupidez da invasão de Alagoa de Monteiro, da qual participou, e perguntou:

- E *proquê* essa guerra vai começar, coroné?

- É muito complicado para te explicar Pedro, mas imagine assim: um lugar que tem muitas fazendas, quatro são bem grandes, bem ricas, e outras menores. Três das grandes se juntam contra uma, deixando aquela última isolada, sem poder comprar e nem vender gado. Aquela que está isolada junta-se com outras menores e abre fogo contra as três grandes. Agora só Deus sabe onde isso vai parar!

- Será que essa *tá* de guerra vem *pro* lado de cá, coroné?

- Nada Pedro, isso é no estrangeiro, do outro lado do mar.

- Ainda bem! – respondeu aliviado o vaqueiro.

A notícia boa que o coronel Adolf comenta, no fim de novembro de 1914, em um destes passeios ao pé da serra com o seu vaqueiro, foi a prisão do cangaceiro Antônio Silvino ocorrido na região de Taquaritinga do Norte, quando foi abordado por uma volante do sargento Alvino, onde recebeu um balaço em uma das pernas, não conseguindo fugir com o restante dos cabras.

Quem conhece a força interior do povo nordestino sabe que um ano só de chuvas fracas não abala a *têmpera* desta gente. Os anos de 1913-14 já não tiveram uma estação com chuvas satisfatórias, mas em 1915 não pingou nem para apagar a poeira.

Pedro Vitorino, entendido no manejo do gado, diminuiu a mortalidade de bezerros e levantou a qualidade do plantel, fato que agradou bastante ao patrão. Em apenas quatro anos, durante a seca de 1915, já era o homem de confiança e principal vaqueiro da fazenda Firmeza, ano do apogeu de uma série de anos secos, causando grande devastação, fome e desespero no semiárido nordestino.

Nesta época, na zona semiárida nordestina, o casco da terra representava, praticamente, cem por cento do capital investido nas propriedades rurais, por onde era mensurado o poder dos “coronéis”. Todo poder político e econômico vinha do tamanho do seu latifúndio! Não havia ostentação no mobiliário,

roupas e joias! Comparada com regiões mais úmidas, como a própria zona da mata paraibana, caracterizada pelos engenhos produtores de açúcar, com suas Casas Grandes suntuosas com automóvel na garagem e piano de cauda na sala, as residências rurais da região do Cariri paraibano eram bastante modestas.

O gado, os partidos de capim, a palma forrageira, barreiros, açudes, cercas e outras benfeitorias, em época de “inverno” regular, enchia os olhos do povo e, principalmente, dos proprietários, porém todos tinham consciência que se tratava de um capital efêmero e volátil, que não se sustentava em uma estiagem mais longa, onde parte deste ativo, fatalmente, dissolver-se-ia embaixo do sol impiedoso.

Na seca, a maior parte dos tabaréus, quando não achavam mais nem um roedor para fazer um assado, agrupavam-se em hordas de flagelados famintos e saíam estrada afora, rumo às zonas mais úmidas, pedindo socorro aos governos. Neste cenário caótico e de miséria, a situação dos proprietários rurais também não era das melhores, embora não houvesse como comparar com a luta do povão, que pedia esmolas pelas estradas para garantir a sobrevivência de cada dia.

Para garantirem, pelo menos, a propriedade da terra, os latifundiários eram obrigados a permanecerem no local e assistirem, dia a dia, a perda de seus capitais com a dizimação dos rebanhos e a desvalorização das fazendas. Observado, por este ângulo, o desespero dos proprietários rurais da época era deveras duro, tal qual as angústias do povão.

No mês de agosto de 1915, quando se acabaram todas as esperanças de chuvas, sem recarga, os dois açudes do terreiro da fazenda Firmeza esturricaram, os pés de quixabeira, na frente da casa grande, e os juazeiros da manga perderam as folhas, dando a impressão que eram coivaras suspensas no ar. Para todos os lados que a vista alcançava o mundo se resumia ao azul intenso do céu, pontuada de nuvens brancas preguiçosas, contrastando com o cinza da caatinga seca, que ardia sob o sol inclemente. As aves silvestres, percebendo o alongamento da estiagem, não esperaram o tempo ficar pior e há muito tempo bateram asas

para regiões mais favoráveis. Os répteis e pequenos roedores encantaram-se na terra seca e não se encontrava mais nem um preá para fazer-se um assado!

Períodos de estiagem são fenômenos naturais que se repetem em ciclos aleatórios, que o homem tenta, faz todo tipo de experiências, mas ainda não encontrou uma maneira precisa de dominar a ciclicidade das estiagens.

Mesmo para quem já atravessou períodos secos severos, por mais experiente que seja, certamente, se surpreende com o próximo, pois cada cenário tem suas peculiaridades.

Para o Coronel Adolf a seca de 1915 seria apenas mais uma para o seu vasto currículo, porém, agora, contava com quase setenta anos e não tinha mais o vigor físico e a bravura de outrora para combater a força do fenômeno natural. Assistia impotente o dragão impiedoso da seca devorando, uma a uma, as reses de seu rebanho que, sem ter o que comer, estavam tão fracas que não tinham força para carregarem o próprio corpo. Esta situação calamitosa o deixou desanimado e acabrunhado com a atividade agropastoril. Então tomou a decisão de ir morar na sua confortável residência da vila de São Thomé, colocando na mão do vaqueiro Pedro Vitorino um espeto de ferro longo para assar mandacaru e o que ainda restava de seu rebanho bovino. Abandonou o campo e vai lidar, novamente, lutar com atividade comercial, agora, comprando e vendendo algodão em pluma.

Na época que vaqueiro não era assalariado, sua sobrevivência provinha do aumento do rebanho do patrão, onde era consorte de um quarto da produção anual. Também tinha direito a todo leite ordenhado, a menos da parte do gasto da casa grande, podendo vender o excedente e fazer queijo.

No início de 1915, depois de quatro anos de luta na Firmeza, Pedro Vitorino possuía o seu cavalo Ventania, no qual chegou montado quando veio do Pernambuco, e neste período, havia ferrado seis garrotes. Solteiro, morando em uma taperinha nas cercanias da casa grande suas despesas eram pequenas, mas com a seca e sem o pasto verde, as vacas alimentadas apenas com mandacaru assado, cada dia, produziam menos leite, a ponto da

produção diminuir tanto que empatava com os gastos da casa do patrão, que eram enviados todos os dias, em um jumento, pelo moleque Moisés montado na garupa.

Sem a matéria-prima principal para o fabrico de queijo, que fazia frente às suas despesas semanais com mantimentos: café, açúcar, rapadura, sal, farinha, feijão e um taco de carne de charque, acabou vendendo quatro dos seus garrotes magros, ficando apenas com as duas fêmeas.

No ano seguinte, quando caíram as primeiras chuvas, e a caatinga seca, como em um passe de mágica, é imediatamente tingida de verde, o patrão aparece para fazer as contas anuais com o vaqueiro e soltar o gado solteiro na manga. Das cem reses que ficaram sob sua responsabilidade, há cerca de seis meses, nenhuma pereceu, mas, em compensação, apenas havia nascido um bezerro.

Com a volta da estação chuvosa, satisfeito em ver a fazenda pulsando novamente, o Coronel Adolf passou a frequentar sua propriedade, regularmente todos os sábados, naturalmente retomando seus passeios e suas rezas na aba da serra do Olho d'água do Cunha, sempre na companhia do vaqueiro que, sem cerimônias, ajudava no preparo do ritual judaico varrendo o local com uma vassoura improvisada de galhos de marmeleiro.

Nestas oportunidades, sempre na companhia do vaqueiro, cavalgando lento, lado a lado, puxando assuntos da política local, estadual e até da guerra que se desenvolvia na Europa. Pedro Vitorino, um homem comum que não tinha alcance intelectual para compreender a magnitude destes assuntos complicados, mas o patrão sentindo falta de um interlocutor à sua altura, insistia em lhe falar tais matérias, mesmo que tivesse que passar a maior parte do diálogo, tentando apenas lhe explicar.

- Semana passada faleceu o coronel Antônio Pessoa, grande político e homem de grande visão empresarial!

- Quem é esse, *coroné*?

- Foi presidente (governador) do nosso Estado, depois que o Castro Pinto não aguentou as pressões políticas e renunciou.

- Tô sabendo disso agora!

- Pois é, Pedro! Desde que o Epitácio Pessoa conseguiu colocar o irmão, Antônio Pessoa, como vice do Castro Pinto em 1912, foi uma isca para mais nunca os Machados verem nem o azul do poder na Paraíba!

Sem entender como o coronel falava com desenvoltura daquele emaranhado de nomes e cargos, o vaqueiro pensativo sobre sua sela, perguntou:

- *Proque Coroné?*

- Ora! Porque agora todos são aliados do Epitácio. O Sólon que vai substituir o morto e o novo candidato, o Camilo de Holanda. - arrematando a conversa - O padre Walfredo Leal também sairá menor desta contenda.

Com "inverno" regular de 1916, os açudes todos sangrando, água por tudo quanto era canto, pasto farto, rapidamente o gado pegou peso e a maioria das vacas e novilhas, em tempo de procriação, emprenharam, mas apenas uma pequena parte do plantel pariria a tempo de entrar no inventário de janeiro do ano seguinte.

A profissão de vaqueiro era ingrata na seca e no "inverno", devido ao longo tempo para o retorno do trabalho investido. Embora já tivesse passado o período seco, mas sem vaca parida no curral a produção de leite continuava fraca, e para voltar à normalidade financeira seria necessário esperar a produção do ano de 1917, que só apareceria no balanço de janeiro de 1918, mas as condições do vaqueiro não estavam boas, fora das suas duas novilhas e do cavalo, não possuía mais recursos para sobreviver, então, pela primeira vez o patrão estipulou um adiantamento semanal, para ser descontado na produção do ano seguinte.

No mês de junho de 1917 o coronel Adolfo apareceu na fazenda com uma fisionomia fechada e seguiu, como de costume, na frente do cavalo de Pedro Vitorino, que já conhecendo a personalidade de seu patrão sabia que alguma coisa queimava mal dentro de sua cabeça. Depois da reza, montou no seu alazão

e continuou sisudo até que, quando já estavam avistando as telhas da sede da fazenda, desabafou de vez com o seu vaqueiro:

- Ontem aconteceu uma coisa horrível, na Alagoa de Monteiro! – prosseguiu, sem dar tempo ao interlocutor perguntar nada – O Doutor Augusto Santa Cruz fez mais uma das suas. Cobriu o Coronel Nilo Feitosa na bengala!

Pedro Vitorino não se conteve e soltou uma pequena gargalhada, que foi imediatamente reprimida pelo olhar de desaprovação do patrão.

- Nem sei quem é o *tá coroné*. Eu *mi ri proquê* o *Dotô* não tem jeito mesmo. Um dia desse foi livre e já se mete em mais confusão. Eita *homi* doido! – justificou-se o vaqueiro.

Para um europeu, onde os conflitos pessoais eram resolvidos em duelos formais, organizados com padrinhos, hora marcada e em locais apropriados, jamais, seria cabível a indelicadeza de surrar uma pessoa da sociedade a bengaladas, no meio da rua, como se fosse um animal sarnento.

Com a fisionomia ainda pesada, reportou-se com pesar a um acontecido em 1910.

- Este rapaz tem amizade com alguns de meus filhos, mas não respeita ninguém mesmo! Em dez quase foi às vias de fato com um desafeto, o Coronel Zé de Gouveia, na sala de minha casa da rua. Uma indelicadeza imperdoável para um homem instruído, do calibre de Doutor Augusto. – encerrando a conversa.

No final de 1918, em um dia de passeio e reza pela caatinga, o Coronel Adolf não cabia em si de felicidades, pelo fim do conflito na Europa, e principalmente, por que a aliança político-militar que o seu país pertencia saiu vitoriosa, obrigando a Alemanha a assinar um armistício humilhante, para uma potência militar do seu porte.

- O que é esse *tá de amisto, Coroné*?

- Armistício, Pedro, é como se termina uma guerra! Os dois lados se encontram em um determinado lugar e assinam um papel, que diz que ninguém mais pode dar tiros e quem perde,

geralmente, é obrigado a pagar um valor para quem ganhou a guerra.

Sem entender como isso seria possível, mentalmente trouxe o caso para a sua realidade, e imaginou o Doutor Augusto Santa Cruz fazendo um armistício, na Alagoa de Monteiro, com o coronel Pedro Bezerra que, certamente, exigiria uns dez contos de réis e mais toda sua rapadura estocada. O doutor valente, como um gato do mato engaiolado, não aceitaria e a briga reiniciar-se-ia, ali mesmo.

No triênio 1916, 1917 e 1918 as chuvas foram regulares e a água acumulada nos açudes foi suficiente para atravessar o período seco. Nestas condições favoráveis, o rebanho do patrão aumentou bastante e, conseqüentemente, o do vaqueiro. De suas duas novilhas, que escaparam da estiagem de 1915, agora são duas vacas paridas e, nestes anos, colocou seu ferro em mais doze bezerros, formando um plantel de dezesseis animais, mais o cavalo Ventania.

No início do ano de 1919 as chuvas foram finas na região, não sendo suficientes para encher os açudes, mas com o mato verde, muitas vacas paridas produziram muito leite que, transformados em queijos, supria com folga, as despesas do vaqueiro Pedro Vitorino, que em plena forma física, com vinte e nove anos de idade, esbanjando saúde, financeiramente remediado, sem dever um centavo a ninguém, muito farrista era um partido cobiçado pelo mulheroio das redondezas, mas quando alguém falava em casamento, sempre afirmava que ainda estava muito novo para se amarrar.

No final daquele ano, Zé Guará, o vaqueiro principal da fazenda Juá, pertencente a Otaviano Japiassú e Helena, uma das filhas do Coronel Adolf, mandou um recado pelo almocreve Zé Timóteo para Pedro Vitorino, famoso pela fama de colocar ordem em forró, onde certa vez na fazenda Feijão deixou a forma do seu facão no peito de Zé Iaiá, vir organizar e marcar a quadrilha do samba, que realizar-se-ia na próxima semana, em comemoração ao batizado de sua filha, cuja animação já estava acertada com o

puxador de fole de oito baixos, Júlio Preto e seu Irmão João, no vocal.

Na época em que o tempo corria preguiçosamente, não havia pressa para nada e os afazeres podiam esperar pelo dia seguinte, às festas de casamento e batizados, normalmente, costumavam durar de dois a três dias. O primeiro dia destinava-se ao abatimento de perus, porcos e bodes cevados, momento em que as mulheres e os marchantes das redondezas eram convocados para esta tarefa. No final da tarde apareciam os tocadores, que depois da ceia davam uma espécie de ensaio e a turma da cozinha, depois de calibrar a garganta com umas doses de aguardente, chiavam os chinelos até altas horas. No segundo dia (sábado), a mesa farta do almoço tinha lugar certo para os patrões, o padre, o mestre-sala, os donos da casa e demais convidados importantes. À tarde, numa mesa colocada na sala, o carteadado corria solto. Quando a noite se anunciava os tocadores machucavam os botões do fole até o dia amanhecer, parando apenas para comerem uma perna de peru com uns goles de aguardente pura. No domingo, a freguesia estava bem diminuta, mas ainda restava muita comida nas panelas e urupemas, então, após o almoço, o tocador dava mais uma “canja” até às oito da noite, quando fechava o fole e ia dormir, morto de cansado.

Há pouco mais de dois anos havia chegado à fazenda Juá, à procura de trabalho, uma família de retirantes inusitada, viajando em um sentido improvável, do Brejo para o Sertão, e os proprietários da fazenda acolheram aquela família, que fugia da peste Bubônica, transmitida pela urina do rato. Hospedados em uma casa de taipa, vizinha à casa de Zé Guará, as duas moças mais velhas, Maria Rosa, que tinha o mesmo nome da mãe, e Albertina foram convocadas para ajudar na preparação das comidas.

Entre as muitas cozinheiras só se falava que o samba, no dia seguinte, deveria ser muito animado, porque o mestre do salão era o vaqueiro da Firmeza, Pedro Vitorino, que marcava a quadrilha fazendo graças.

Maria Rosa, Albertina e Emerenciana ajudavam alegremente no preparo das comidas, mas pouco se animavam com a festa, pois não possuíam uma roupa adequada e nem tinham certeza que o pai permitiria o comparecimento a um forró em uma terra estranha.

Na manhã do sábado as cozinheiras se agitaram na cozinha, quando chegou a notícia que o vaqueiro da Firmeza havia chegado montado no seu famoso cavalo Ventania. Sempre que tinha festa de apartação e brincadeira de argolinhas naquele local, ele era um dos vaqueiros mais afamados. Mostrou-se com um chapéu de couro de aba larga, barba bem feita, bigode largo, calça e camisa de mescla azul, facão rabo de galo na cinta e um trabuco na ponta da sela. Desceu do cavalo, sob os olhares femininos escondidos nas brechas das portas, e foi recebido festivamente na frente da palhoça pelo dono da casa Zé Guará, que lhe deu as boas-vindas e simbolicamente entregou-lhe a palhoça, sob sua responsabilidade.

Caminharam juntos puxando o cavalo até o curral e com a ajuda do anfitrião retirou os arreios do animal, guardou a arma do patrão e depois amarrou o cavalo dentro do cercado, onde tinha um resto de capim seco para o animal ruminar. Em seguida, o anfitrião convidou o vaqueiro para um café. Da mesa onde degustavam cuscuz com leite com carne de bode guisada, acompanhado de uma lapada de aguardente, Pedro Vitorino percebeu o ki, ki, ki das moças na cozinha.

Avexado com a risadagem das moças na cozinha, o dono da casa tentou amenizar a situação:

- Se preocupe não *cumpade*, estão nesta euforia toda perguntando se *vosmicê* já *interou* as quinze damas!

Com seu vozeirão, falou alto para o som chegar nítido na cozinha:

- Agora já vou em dezanove, *cumpade*! Tá vez hoje *intere* vinte!

Todos sabiam que era lorota, mas foi o remédio para que todas as garotas parassem com a chacota.

Zé Guará enviesou a conversa para um assunto sério, falando que tinha duas bezerras doentes no curral e pediu para o amigo dar uma olhada nos dois animais. No curral, o vaqueiro Pedro Vitorino examinou o caroço dos olhos, o umbigo e o reto, e depois afirmou categoricamente:

- Estas duas bezerras estão com a doença do carrapato, também chamada de Tristeza. O remédio para isso, *cumpade*, é creolina para afastar as moscas e carrapatos, limpar o *curra* e deixar mamar o primeiro leite para fortalecer. Em poucos dias *tão boinhas!*

Na volta do curral para a tapera de Ze Guará, Pedro Vitorino avistou de longe uma morena clara, alta, de ancas largas e pernas grossas, com um pano na cabeça prendendo os cabelos. Apontando com os lábios, perguntou ao amigo:

- Quem é aquela, *Cumpade*?

- É um povo que veio do Brejo de Navalha! Pediram uma morada e o patrão *botou eles* aí para *panharem* algodão. O pai é aquele velho *arto* que *tá* ali *patindo* lenha.

À noite começou a brincadeira e o mestre-sala, sempre botando sentido na porta de entrada, esperando a morena alta, adentrar ao recinto, mas as moças não obtiveram permissão do pai para ir ao samba.

Mais tarde, quando foi ao botequim molhar a garganta, perguntou para o anfitrião pela moça grandona que vira de manhã e a resposta foi:

- *Vei* não *cumpade* Pedro, o pai deixou não!

Com a alma entristecida, Pedro Vitorino marcou a quadrilha sem graça e o samba acabou cedo. Dormiu no armazém de guardar arreios e na manhã seguinte, ainda com ressaca, foi tomar um caneco de leite quente no curral e aproveitou para perguntar ao anfitrião pela moça.

- Acabei de ver ela e a irmã *passar* para pegar água no barreiro.

Pensou um pouco e falou para Ze Guará.

- Amigo, va pegar a creolina que eu vou pegar água no barreiro para *noi* dá um banho nestas duas *bizerra*.

Deu de garra de uma lata e saiu em busca do barreiro. No caminho encontrou as duas moças com latas d'água na cabeça, que deram as horas, mas não ousaram olhar para o seu rosto, o que deixou o vaqueiro mais intrigado com aquela situação.

Em casa Albertina, a mais nova, revelou para a mãe o que tinha acontecido no caminho do barreiro e a jovem senhora proibiu, que naquele dia, as duas não saíssem mais debaixo da sua vista.

À tardinha Pedro Vitorino perdeu as esperanças de uma conversa, por pequena que fosse, com aquela moça grande, que lhe chamou a atenção. Selou seu cavalo e voltou para a Firmeza, pensando em uma forma de chegar junto da pretendente.

Nos dias de feira em São Thomé procurou o *cumpade* Zé Guará para tomar uns goles de aguardente e ao mesmo tempo perguntar pela família que havia imigrado do Brejo.

- *Tão* lá. O *véio* é ranzinza, não deixa as moças nem a *muié* vir para a feiral!

- Tu *sabe* o nome da grandona?

- Maria Rosa, a outra mais alva é *Abetina*!

Entre uma dose e outra de aguardente, Pedro Vitorino toma coragem, e abriu o seu coração para o amigo e compadre:

- *Cumpade*, eu já *tou* com vinte e nove anos, morando sozinho feito um índio. Agora me agradei daquela *caboca* e quero casar.

- Olhe *cumpade* o pai dela é um *homi* sisudo e de pouca conversa! Se o negócio for *prá* valer *mermo*, não sou disso, *mai* posso sondar o terreno através de sua *cumade* Zefinha.

Por mais de mês, por motivos de saúde, Zé Guará esteve impedido de comparecer à feira de São Thomé. Seu compadre, cada dia mais ansioso, não suportou a angústia e no meio de semana foi bater na fazenda Juá, com indumentária de vaqueiro, sob o pretexto que havia fugido uma vaca para aquelas bandas. Na beira da cama do compadre, confessou que tudo não passava de um pretexto para ver a moça.

- A situação não é boa *prá* tu não! Zefinha sondou e a moça não mostrou interesse, não.

Aquelas palavras do amigo com a negativas da moça, entraram queimando seus ouvidos, que pensa no desequilíbrio do mundo. Tantas que vivem se jogando para cima dele, agora que se interessou por alguém, que não lhe deu a menor bola.

- *Tá certo cumpade.* Vou arrancá-la do meu juízo, nem que seja à faca!

Despediu-se do amigo e quando se dirigiu à porta de saída, surpreendeu-se com a figura de sua pretendente, que vinha trazendo uma encomenda para Zefinha. Pedro Vitorino encostou-se no corredor estreito para dar passagem, mas a moça travou e não foi, nem para frente, nem para trás. Por alguns instantes formou-se um impasse, o vaqueiro encostado na parede do corredor para dar passagem, e a moça travada, diante daquele homenzarrão não avançava.

- Pode passar, moça! - falou Pedro, depois de alguns segundos.

Inesperadamente a moça trêmula, consegue uma dose extra de coragem, sem saber de onde, e falou:

- O senhor mandou contratar namoro comigo? *Se vosmicê* falar com meu pai, eu aceito!

Pasmo, Pedro não acreditou no que estava ouvindo, mas, não mais se portando com a ingenuidade que teve com a Fatinha, agarrou a moça e lhe deu um beijo, que por alguns instantes desfaleceu e em seus braços.

Refeita, a moça caiu em prantos, desvencilhou-se dos braços fortes do vaqueiro e saiu correndo para sua casa, entrando no seu quarto e caindo na cama chorando, sem consolo. Todos os homens adultos da casa estavam no roçado apanhando algodão, e sua mãe e Albertina, preocupadas, perguntam o que acontecera, mas a moça apenas chorava. Com muita peleja aceitou um chá de capim santo, acalmou-se e dormiu.

Pedro voltou ao quarto e falou para o amigo que ficaria para a ceia e depois pediria a moça em casamento.

- Então vá cedo, porque este povo aí, *drome* com as galinhas.

- Hoje só vou embora depois que resolver essa questão.

Depois que Zefinha serviu o jantar com ovos de capote cozinhado, cuscuz com leite, batata e um taco de carne de bode assada, o vaqueiro temperou a garganta com uma lapada de aguardente, benzeu-se apertando a medalhinha de Nossa Senhora de Conceição e dirigiu-se para à casa vizinha, que ficava a cerca de cem metros.

Apenas um candeeiro estava aceso na cozinha e os rapazes estavam trançando as redes para dormirem na sala.

- Ô de casa!

Ninguém respondeu.

- Louvado seja, nosso senhor Jesus Cristo!

- Para sempre seja louvado! – respondeu José Honório Ferreira.

- Seu Zé Honório, quem fala aqui é o vaqueiro da Firmeza, Pedro Vitorino. Sei que a hora é imprópria, mas preciso ter uma prosa com o senhor.

O velho alto com os cabelos desalinados abriu a parte de cima da porta, levantou a luz do candeeiro e enxergou aquele homem negro, barba de uma semana, todo encouraçado, chapéu na mão direita cobrindo o peito, perguntou:

- Que é que o senhor deseja?

Pedro temperou a garganta, faz um esforço e disparou de uma vez:

- Seu Zé Honório, o motivo de minha vinda aqui hoje é pedir a mão de sua *fia* Maria Rosa, em casamento.

- O senhor bebeu, foi? Isso é hora de se tratar desse assunto?

- *Pro* mim, não! Hora de tratar de *quarquer* assunto é quando se tem oportunidade!

Sentindo que a resposta foi malcriada, o velho fez menção de fechar a porta, mas neste momento sua esposa Rosa entrou na conversa.

- Zé Honório, deixe o *rapai* entrar para esclarecer as coisas. *Arguma* coisa estranha aconteceu hoje de tarde. Maria Rosa entrou em casa num pranto só.

Acenderam mais dois candeeiros e Pedro Vitorino aboletou-se no banco de umburana. Os dois rapazes da casa correram para carregar as espingardas, caso acontecesse algum entrevero.

- Como já disse, seu Zé Honório. Desde que vi sua *fia* há quase dois *méi*, que ela está o dia todo em meu pensamento. Hoje, também, *sube* que ela também gosta *d'eu*, então vim pedir a mão dela em casamento.

- José acorde Maria Rosa, para saber se esta história é verdade! – falou o velho José Honório Ferreira com seu filho mais velho.

Trêmula, e derramando-se em lágrimas, Maria Rosa aparece na sala e o pai lhe perguntou:

- É verdade o que diz este cidadão, que *vosmicê* quer casar com ele?

Chorando muito pelo vexame que estava passando em frente à família, responde:

- Se pai permitir, eu quero!

Zé Honório Ferreira, tinha ascendência dos Mouros fugidos da Europa no século XIX que, em busca de paz religiosa, perderam a tradição muçulmana e se transformaram em Cristãos Novos. Sempre conviveram bem com os negros, mas para negociar: comprar, vender e trocar, mas para desposar sua filhinha mais velha, era outro assunto.

Tomado pela surpresa, o racista ficou bastante decepcionado com a confirmação de sua primogênita, que de sua própria vontade fala na presença de todos, que deseja se casar com um homem de cor, que conheceu há poucos dias. Acredita está em um pesadelo, não adianta mais conversa, e falou apenas:

- O senhor me apareça no domingo de tarde, sem beber nada, para uma conversa franca.

Embaraçado com a recepção áspera do futuro sogro, Pedro Vitorino falou curto:

- Pode escrever que *tô* aqui no domingo, seu Zé Honório.

Levantou-se, passou a perna na sela, esporou o cavalo e sumiu na noite escura, chegando na Firmeza já volta das nove da noite.

No sábado seguinte, depois do passeio semanal com o patrão, tomou a iniciativa e falou que no dia seguinte iria à fazenda Juá ter uma conversa com o pai de uma moça que tinha se engraçado para casar:

- *Coroné* o pai dela é duro, que nem miolo de aroeira!

Com o zelo de um pai cuidadoso, o Coronel Adolf tentou instruir e amenizar a rudeza do vaqueiro, e falou:

- Estas coisas são assim mesmo Pedro! Os pais não acreditam que suas filhinhas, um dia, se tornam mulheres. Eu também não tive vida fácil, quando pedi a mão de Joaquina, ao Major Marcolino Barros. Na hora o homem não disse nada, deu um calado por resposta. Do mesmo jeito aconteceu quando fui dar o consentimento para as minhas filhas casarem. Por mais que se goste do futuro genro, há sempre uma dificuldade.

- *Vosmecê vai pedir a moça em casamento. Já tem um par de alianças?*

- Tenho não, *Coroné!* - continuando o sermão- Pedro um homem decente quando vai pedir uma moça em casamento, a primeira coisa é providenciar as alianças! - pensou um pouco e continuou - Devido o tempo exíguo, mais tarde, quando voltar para a vila, vosmecê vai comigo para ver se encontramos algum tipo de anel, na loja de Bitu.

- Outra coisa que quero lhe dizer, é que vosmecê vai pedir uma moça em casamento, em uma família, que mais tarde, quando virem os filhos, também será sua família. Não é uma guerra! Portanto, não faça a desfeita de entrar na casa da moça armado. Não é bom!

- Mas *Coroné*, até o meu facão?

- Isso mesmo! Deixe tudo na casa de Zé Guará!

Da Firmeza ao Juá, em trote normal, Ventania tirava em, no máximo, duas horas. Almoçou tentando concatenar em sua cabeça todos os conselhos que o coronel Adolf o havia dado no dia anterior. Era muita regra para aprender de uma vez só.

Colocou a sela no animal e por volta das duas da tarde aportou em frente à casa de Zé Guará. Vestido com seu tradicional conjunto de mescla azul, chapéu de couro e botas de meio cano. Amarrou o cavalo em um pé de umburana, na porta da frente do casebre do amigo, tirou o facão rabo de galo da cinta e o prendeu na ponta da sela, e falou:

- Aí meu amigo, tô pronto! Não tomei nem uma, nem carrego nem um canivete, conforme o patrão me disse!

Percebendo a ansiedade do vaqueiro, Zé Guará se propôs a acompanhar o amigo no pedido de casamento.

Algun membro da família de Zé Honório Ferreira, de uma posição estratégica, monitorava os passos do noivo na redondeza. Quando este se dirigiu a sua residência, a poucos passos da casa de Zé Guará, toda a família, com sua melhor vestimenta, posicionou-se em um banco de umburana estirado na sala, como se fossem fazer uma foto. Zé Honório Filho, o primogênito, ficou encarregado de abrir a parte inferior da porta, Pedro Honório, Ulisses, Francisco, Manuel e Etelmino, atrás do banco ao lado do pai. Albertina, Rita e Emerenciana sentadas, do lado da mãe, e as crianças Quitéria, e Severino, em pé na frente dos adultos. A noiva estrategicamente sentada em um tamborete, no centro da sala, em frente aos parentes, onde havia outro tamborete para acomodar o pretendente. Tensa e envergonhada com a situação corou as bochechas que ardem como fogo.

De acordo com costume da época, era a segunda vez que os nubentes ficaram frente a frente, a meio metro de distância. O cenário não poderia ser mais representativo da miscigenação natural do povo brasileiro: um espécime negro retinto, cabelo pregado no casco da cabeça, com quase dois metros de altura, sentado no meio da sala esperando para fazer o pedido de casamento a uma moça, cuja família trazia traços claros da heterogeneidade do povo brasileiro. Dona Rosa, a genitora com ascensão indígena, baixinha e cabelos escorridos e o pai um homem alto, tez morena clara e olhos esverdeados. A maioria dos irmãos da noiva tinham a pele morena clara, mas a garotinha Quitéria tinha cabelos loiros crespos, Zé Honório Filho, bem mais

moreno e cabelos escorridos e o rapazola Pedro Honório os olhos azuis como duas pedras de anil.

Com um vocabulário reduzido, o discurso do noivo, até chegar no pedido oficial final, foi bastante rápido. Disse apenas que estava na hora de casar, que o seu patrão aprovava o matrimônio e que possuía condições de comprar uma troçada e dar uma arrumada na casa que morava. No final, puxou do bolso um par de alianças de ouro fininha e com a licença dos pais da moça colocou no dedo anelar da mão direita de Maria Rosa, e em seguida, fez o mesmo na sua mão direita.

Terminada a solenidade das alianças, o pai da moça pergunta secamente:

- Seu Pedro, para quando é esse casório?

- Sim ia me esquecendo! *Pro mim é pra logo!*

- As coisas não são assim não, seu Pedro! Preciso ir ver onde minha *fia* vai morar, depois *vamu* avisar aos parentes do Brejo de Navalha, fazer um vestido e tudo mais – responde firmemente a pequenina Dona Rosa.

- E isso tudo aí, vai demorar quanto tempo? – pergunta atônito o noivo

- Vamos esperar acabar a *panha* do algodão para receber o *sardo* para comprar os aprontamentos. Esse casamento é para *abri* do ano que vem (1920) – arremata a mãe da noiva.

- Seu Pedro até o dia do casamento o senhor pode vir aqui conversar com minha *fia* Maria Rosa, nos domingos de tarde, na presença de outra pessoa.

Tudo acertado, o casamento de Pedro Vitorino e Maria Rosa Honório Ferreira foi realizado, no sábado, em 06 de abril de 1920, ano de muitas chuvas, onde o rio Sucuru botou uma das maiores cheias que se tinha notícias até o momento. Os poucos parentes do noivo não residiam na região, portanto não foi possível comparecer.

Conforme a tradição, a festa animada pelo puxador de fole Júlio Preto, foi na própria casa onde os nubentes iriam morar e durou três dias, com a presença de muitos familiares da noiva que desabalaram de Brejo de Navalha para prestigiar o evento.

No dia 02 de janeiro de 1921, numa noite de muita chuva, nasceu o primeiro filho do casal Maria Rosa Honório Ferreira e Pedro Vitorino da Silva, ao qual a mãe lhe deu o nome do santo do mês: Sebastião.

A parteira Siá Maria de Isidro, cheia de sabedoria das religiões africanas, tomou o garoto nos braços e apresenta ao pai, dizendo:

- Este aqui tem proteção dos Orixás, e nasceu para correr mundo, *cumpade!*

CAPÍTULO - VII

OS HONÓRIOS FERREIRA



Quadro os Retirantes

Autor J. Miguel. Fonte internet

O Planalto da Borborema estende-se entre os estados do Rio Grande do Norte e Alagoas. É o divisor natural das áreas úmidas e do semiárido destes estados nordestinos. O município Brejo de Madre de Deus localiza-se bem no dorso do planalto, no estado do Pernambuco, em um vale encravado entre as serras: da Prata, do Estrago e do Amaro, que forma a bacia do rio Capibaribe, com altitude média de 650 m do nível do mar, clima ameno e temperatura média de 22°C.

A ribeira de Brejo de Navalha de Cima, localizada no setor mais oriental do vasto município de Brejo de Madre de Deus, encontra-se na cota de 750m, recebendo diretamente a umidade do Atlântico, portanto, a temperatura média anual é ainda mais baixa. Região de clima frio na maioria dos meses, propiciando

desenvolvimento econômico com o cultivo de laranja, banana, fumo e café.

Na década de dez do século passado, trabalho não faltava nesta região. As fazendas necessitavam de muitos moradores para o cultivo e transporte dos produtos para as feiras da sede do município, e do distrito de Jatobá do Brejo, mais tarde denominada Jataúba.

Nesta engrenagem econômica, José Honório Ferreira e sua esposa Rosa da Conceição, com sua prole de onze filhos naturais e mais uma adotada, embora não possuindo terras, estavam bem colocados. Trabalhavam na lavoura como diaristas e nos dias de feira, junto com os filhos mais velhos, alugavam seus quatro burros para transportarem mercadorias para a feira do Jatobá.

Na grande seca de 1915, até estas regiões brejeiras também sofreram com os efeitos da estiagem, onde grande parte das fruteiras e cafezais murcharam. Passada a calamidade da seca, seguiram-se os anos de 16 e 17 com muitas chuvas e frio. Tanta chuva que a água minava intensamente do seio da terra, e tudo parecia andar em uma marcha lenta. Os animais (cachorros, burros, galinhas e porcos) cochilavam em pé, meio-dia em ponto, achando que ainda era madrugada, porque a estas horas o sol não havia dado o menor sinal de vida. Clima ideal para fazer brotar os cafezais, renovar as fruteiras e recuperar a riqueza extirpada na grande seca dos anos anteriores.

Tanta vida nova, tanta exuberância, favoreceu a proliferação da doença transmitida pela urina do rato (leptospirose). Quem possuía algum calçado, principalmente as moças, só os usava em dias de festas ou quando, vez por outra, iam à feira do Jatobá. Na labuta do dia a dia não se usava calçado nenhum, e os pés desnudos entravam diretamente em contato com a lama fria, infectada com a urina de rato, que naturalmente infectavam as pessoas.

Nessa época as condições de saúde pública, principalmente para a população rural, eram muito precárias, logo, não tardou para a epidemia proliferar-se e pipocar mortes por toda região.

Na ribeira de Brejo de Navalha de Cima, comunidade com cerca de 500 pessoas, em pouco mais de um mês mais de 80 tinham ido a óbito. Para completar a crise dos moradores, os produtos oriundos da região não eram mais aceitos na feira de Jatobá, afetando, agora também, a sobrevivência econômica das famílias, cuja fonte de renda era a venda e transporte de frutas.

O distrito de Jatobá do Brejo (Jataúba), localizado no sopé ocidental da região serrana, cuja feira era muito movimentada, funcionava como entreposto de compra e venda entre as metrópoles (Recife e Caruaru) e a região semiárida do Cariri paraibano. Os almocreves levavam produtos como rapadura, gado pequeno e algodão e retornavam com ancoretas de cachaça, sal, farinha de mandioca, fumo, sabão, café in natura, açúcar, etc.

Diante do estrangulamento econômico e o caos da saúde pública na região serrana, José Honório Ferreira, em comum acordo com sua esposa Rosa, descem para a feira de Jatobá com o objetivo de tomar algum plano para salvar sua família da falta de viveres e da doença do rato. Na feira de gado, em conversa com alguns almocreves conhecidos, ficaram sabendo que o município de Alagoa do Monteiro, lugar que fica a pouco mais de 15 léguas de Jatobá era um lugar de bons ares e muito sol, e justamente nos meses de setembro a dezembro existia muito trabalho na colheita de algodão, o que era bastante atrativo para aquela família com muitos membros.

De posse destas informações valiosíssimas José Honório Ferreira, sua esposa Rosa e os filhos: José, Manoel, Pedro, Sebastião, Francisco, Ulisses, Etelminio, Severino, Maria Rosa, Albertina, Emerenciana, Rita, Quitéria, e Quitéria de Bia, filha adotada, onde José, o mais velho tinha 17 anos e Severino, o mais novo, apenas 5.

Como não possuíam bens imóveis, sem trabalho e a epidemia rondando, 04 de setembro de 1917 não esperavam pelo pior. Venderam dois porcos cevados e cinco galinhas e as demais foram torradas e colocadas em uma panela de barro grande e em outra panela cozinham feijão-de-corda, escorreram o caldo e a completaram com farinha de mandioca

seca. Em um saco de açúcar vazio acomodaram seis rapaduras e uma manta de carne seca. Colocaram suas tralhas no lombo dos quatro burros da família e aprontaram-se para arribarem rumo à Paraíba, rumo ao desconhecido, rumo à terra alheia, mas, também, rumo à esperança, ao trabalho e, principalmente, à saúde.

Na madrugada, por volta das quatro e meia da manhã, quando o sol ameaçava nascer entre as nuvens pesadas, José Honório já estava com os quatro burros prontos para iniciarem a viagem ao mundo desconhecido. Dois dos animais com caçuá e dois com cambitos, com tudo que era possível levar: duas camas portáteis de couro, um baú de couro com as vestimentas, duas lamparinas de gás, o oratório de Rosa, duas espingardas de soquete, uma urupema, uma lata de zinco, um pilão de madeira, uma mesa, quatro tamboretas, 14 pratos de ágata, um moinho de ralar milho, colheres de metal e de pau, uma panela de barro com feijão cozinhado e outra com galinha torrada, quatro cabaças com água, uma máquina de costura manual e um banco de aroeira.

A carga mais volumosa foi acomodada nas duas cangalhas com cambitos e a miudeza, as quatro crianças menores de dez anos e o gato de estimação de Quitéria foram acomodados nos quatro caçuá. Vizinhos e familiares, com muito pesar, ajudaram naquela empreitada. Muito choro e as últimas apelações dos amigos e familiares, no sentido de dissuadir aquela família a não abandonar o seu torrão natal.

A caravana deslocou-se vagarosamente, pois apenas os filhos mais jovens viajavam no lombo dos animais, mesmo assim tiveram que se revezar. Neste vôo cego, rumo ao desconhecido.

No primeiro dia de viagem os retirantes atravessaram a serra divisória de Pernambuco e Paraíba, e alcançaram o povoado de Pindurão. As casas todas fechadas, não encontram uma viva alma, nem tampouco água para encher as cabaças. Mais adiante, apearam os animais debaixo de um pé de juazeiro, para descansar e fazerem uma refeição rápida. Mais tarde continuaram a dura caminhada, sob o sol escaldante e pés

estropiados de caminharem em terreno pedregulhoso, característico daquela região.

À boca da noite alcançaram as barreiras do rio da Serra, logo após o povoado do Congo. Encontraram uma cacimba, abasteceram suas cabaças, apearam os animais sob a copa de um pé de umbu, fizeram fogo, esquentaram as panelas de barro com feijão e galinha pré-cozidos, assaram carne seca e partiram rapadura. Todos comeram e saciaram sua fome, inclusive o cachorro Badu e a cadela Baleia, viventes que há muito tempo, também, faziam parte daquela família. Os dois adultos acenderam seus cachimbos, prosearam sobre as dificuldades da viagem, enquanto as crianças menores moídas pela insolação, poeira e cansaço adormeceram escoradas nas cangalhas dos animais. Os maiores armaram redes na árvore frondosa, depois, todos juntos, rezaram o Credo e o Pai Nosso. Sob a luz das estrelas, embaixo daquele umbuzeiro, cada um dos viajantes acomodou-se como achou melhor e, moídos pelo cansaço, caíram nos braços de Morfeu, com exceção do cachorro e da cadela que até alta madrugada, como verdadeiros guardiões, de vez em quando, latiam para espantar algum animal noturno.

Na manhã seguinte, depois de um desjejum com café preto, batata-doce e rapadura, a comitiva da família Honório Ferreira, quando estava a se preparar para levantar acampamento, bate de frente com a tropa de burros do almocreve Zé Timóteo, que vinha do sertão do Pajeú com uma partida de algodão em fardos. Cordialmente parou e observou que o cidadão, magro, alto e com um chapéu de massa surrado deveria ser o chefe daquela caravana insólita. Dirigiu-se ao mesmo, e falou:

- Bom dia!

- Bom dia - respondeu cauteloso, José Honório.

Intrigado com aquela cena, pois não era comum aquela situação, voltou a perguntar.

- Subindo para o Pajeú?

- Não, senhor - temperou a garganta, tomou mais um pouco de coragem e continuou - na verdade *tamo* sem rumo

certo. *Tamo* vindo de *riba* das serras do Brejo, lá as coisas não andam muito boa não. A febre do rato *tá* matando muita gente, ninguém mais compra fruta, nem nada que vem de lá.

- É verdade, *sumana* passada *subi* do ocorrido lá feira de Jatobá.- afirmou Zé Timóteo, mostrando que tinha conhecimento dos fatos.

- *Vosmicê*, viajando por este mundo afora, não sabe onde possa arrumar um patrão para botar essa *fiarada* para *trabaiar*?

- Meu senhor, qual é a sua graça?

- Zé Honório Ferreira, às suas *orde*!

Sem ninguém perguntar o almocreve se apresenta.

- O povo me chama de Zé *Timote* – para um pouco, pensa e depois fala:

- Seu Zé, por estas bandas sempre tem muita *panha* de algodão. É um pouco tarde para conseguir *celviço* para tanta gente. As fazendas todas já estão cheias, mas o senhor está perto do Juá. - falou apontando a direção com o cabo do relho.

- O dono é Otaviano Japiassu, filho do coronel Aureliano.

Olhando para a situação calamitosa daquela família, compadecido continuou com as informações.

- Não encontrando pouso, vá subindo pela fazenda feijão do *Coroné* Sizenando, depois tem o *Coroné* Adolfo, da fazenda Firmeza, e lá em *riba*, ainda tem a fazenda Riachão, pertencente a *famia* Santa Cruz, raça de homens valentes que já brigaram até com a *puliça* do governo, e que tem terra que se estende até o fim da Paraíba. *Prá lá de lá*, já é Pajeú, no Pernambuco. Estes aí são os homens grandes deste lugar, possuidores de muita terra, com algodão que não acaba mais.

Pensativo e preocupado com tantas informações, José Honório, agradeceu:

- Muito agradecido, meu senhor, que Deus proteja o senhor por estes caminhos.

- Amém! – respondeu Timóteo - Deus também *acumpanhe* o senhor e sua *famia*.

Com um gesto na ponta do chapéu, o almocreve despede-se daquela família, e com maestria, estalou o relho para reiniciar a marcha da tropa de burros.

Com nó na garganta, José Honório sentiu-se sozinho no mundo, mas de forma alguma poderia fraquejar. Os pensamentos iam e vinham: onde iria achar pouso para tantas pessoas? O que será destas meninas-moças em terras estranhas? Será que fiz certo, meu Deus, tirar este povo do seu torrão natal? Melhor ter ficado e ver um filho cair morto tragado pela peste? Não! Aqui fora pelo menos estamos com saúde. A saúde é melhor do que qualquer tesouro deste mundo. Embebido nestes pensamentos, caiu em si quando escutou a voz de Rosa:

- *Vamo Zé, ajuda esta menina a subir no burro.*

Calado e sempre muito pensativo, observou a filha mais nova na barreira do rio tentando subir na montaria, sem conseguir. Para um chefe de família sem destino foi uma cena dura. Quitéria, com dez anos de idade, com uma das mãos segurava *xaninho*, seu gato de estimação, e com a outra uma velha boneca de pano, vestida com roupa branca de noiva amarrotada. A menina franzina envergava um vestido de chita estampado, abotoado nas costas, e um pano branco amarrado na cabeça, que deixava aparecer sobre a fronte seus cabelos crespos loiros. Com apenas um dia de viagem tudo que antes estava limpo e cheiroso, agora já estava sujo e amarrotado. Com o objetivo de esconder a lágrima que insistia em sair pelos cantos dos seus olhos azulados e miúdos, o pai pegou a criança pela cintura e em um movimento malabarístico a colocou sobre a cangalha do animal.

Acomodadas todas as crianças menores de 10 anos sobre as cangalhas, verificado que não deixaram nenhum pertence no chão, José Honório, respirou fundo, sorrateiramente faz o sinal da cruz, olhou de relance para sua companheira e em seguida dá um sinal para os filhos mais velhos, José, Manoel, Albertina e Maria Rosa reiniciarem o cortejo.

Propositadamente, José e Rosa, atrasaram o passo para poderem conversar mais à vontade. Ainda com um nó na garganta, José disse:

- Eita Rosa, o que será de *nói* nessa missão? Ficar no Brejo era fome e morte certa.

- Deus *num* dá um fardo maior do que se pode carregar! - respondeu Rosa cheia de esperança.

Perto do meio dia a caravana avistou as telhas da fazenda Juá. Pararam um pouco, conferenciaram-se e concluíram que pela indicação do almocreve, Zé Timóteo, aquele seria o primeiro lugar indicado por ele. Segundo a boa educação sertaneja, não é bom chegar nas casas alheias na hora do almoço. Então resolveram baixar acampamento, sob a sombra de uma aroeira frondosa. Sobre uma trempe de pedra fizeram um pequeno fogo, esquentaram feijão, galinha, batata-doce e assaram carne de sol que viajava acomodada dentro do saco da farinha. Depois de todos almoçarem, as crianças choramingavam com os rostos juvenis queimados do sol quente de setembro, que mesmo com proteção nas cabeças, a *cútis* desses viventes, acostumadas com o sol frio do brejo, não suportavam aquela insolação.

Após a terceira requentada, as panelas com comidas pré-cozidas, principalmente as carnes, estavam chegando ao fim, então os dois rapazes mais velhos limparam as espingardas, para eventualmente caçar algum animal. Cauteloso, José Honório informou aos filhos que estavam muito perto da fazenda para atirarem e que deixassem para outra hora.

No meio da tarde, quando o sol quebrava no céu, José Honório de cabeça baixa riscava o chão pensativo. De repente tomou um plano, levantou-se e falou para todos:

- Rosa, *tu fica* aqui com os meninos que eu vou sozinho com José e Manoel ali na fazenda. Levar este povo todo assombra.

- *Tá bom* - respondeu sua mulher com um tom responsável e submisso.

Deixaram o caminho reto, entraram à direita e depois de caminhar uma meia hora chegaram no terreiro da fazenda. Do lado direito uma casa muito grande, pintada de branco igual as

nuvens, contrastando com o verde intenso das portas e o vermelho das telhas, com um curral colado em uma lateral, e na outra um armazém com duas portas largas. O pátio grande e plano, com dois pés de mulungu no centro, onde dois carros de bois desatrelados esperavam as juntas de bois para carream alguma carga. Do lado esquerdo, em frente à casa grande, quatro casinhas de pau a pique contrapunham-se à imponência da casa maior. Percebendo que havia algum movimento no curral, os viajantes, receosos dirigem-se cautelosos para a porteira central, onde em uma cocheira grande três pessoas cortavam capim elefante com maestria profissional.

- Ô de casa! – arriscou José Honório tentando fazer uma meia voz.

- Ô de fora! – respondeu um dos três homens, um negro de cerca de dois metros de altura, que para o serviço, colocou a faca enorme na cinta de couro cru e vagarosamente dirigiu-se ao encontro dos viajantes.

- Somos de paz, meu senhor – adiantou-se José Honório – *Tamos* vindo do Brejo fugindo da peste do rato e procuro *argum* trabalho por estas bandas.

Sem responder nada o gigante negro abre a porteira, olhou os três forasteiros de cabo a rabo e depois, com voz mansa e aveludada, disse:

- Quem resolve estas coisas é o patrão, mas ele *num tá* não!

Sentido o impacto da primeira porta fechada à sua frente, José Honório sente o chão abrir-se e fechar-se, com todos os seus familiares dentro. Diante daquela figura estática, José Honório já ia dando meia volta quando arriscou mais uma prosa:

- Meu senhor, ali na beira da estrada ainda tenho minha muié e mais outras crianças, e o de *decumer* só dá *prá* hoje.

Com a mesma lentidão pachorrenta, o homem grande perguntou:

- Qual é sua graça?

- Zé Honório Ferreira, às suas *orde*!

- O meu é Juvenal da Conceição, mas todos me chamam de Zé Guará, vaqueiro aqui do Juá. No caso da sua penúria de vida vou falar com a patroa, Dona Helena, para ver se ela dá *argum* rumo nesta história.

Mais esperançoso e confiante, José Honório e seus dois filhos agradeceram quase em couro:

- Deus é quem lhe paga!

A dona da fazenda Juá, Helena Mayer Japiassú, filha do Coronel Adolf Mayer, proprietário da Fazenda Firmeza, era uma jovem senhora, meiga, bonita e caridosa, na casa dos trinta anos. A voz doce e baixinha e o coque característico prendendo seus cabelos lisos, atrás da nuca, completava seu semblante clerical.

Ouviu atentamente o relato do vaqueiro Zé Guará, bastante comovida. Remeteu-se a história da peregrinação do menino Jesus e seus pais pelas terras estranhas do Egito e, sem fraquejar, falou para o vaqueiro que fosse examinar a situação. Caso fosse tudo verdade, botasse a família para pousar numa das casas vazias, desse uma cuia de feijão para matar a fome e, enquanto o patrão estava fora, botasse os rapazes maiores para ajudarem na lida com o gado. Para quando ele regressar da viagem decidir o que fazer.

Conforme determinado pela patroa, Zé Guará, acompanhado de mais um criado da fazenda, com rifle atravessado nas costas, foi até ao pé de aroeira, onde se encontrava o restante da família Honório. Sem dizer uma palavra, calmamente conferiu tudo, perguntou sobre as espingardas, certificou-se que um homem e uma mulher com aquele horror de filhos não haviam de ser pessoas do mal, e finalmente falou, sem rodeios:

- A patroa disse que vocês podem arranchar-se em uma das casas da fazenda, até que o patrão chegue de viagem. Mas também preciso de ajuda com o gado!

José Honório agradeceu e imediatamente começou a carregar os animais com a ajuda de todos. Em pouco tempo já estavam na porta do casebre de pau a pique, com duas águas para os lados, uma porta e uma pequena janela desalinhada em

relação à porta. Dentro havia quatro cômodos: uma saleta, dois quartos e um local para fazer as refeições e cozinhar. Uma maravilha! Para quem já havia dormido a noite passada ao relento, este casebre era de fato, um palacete.

Finalizada a descarga, Zé Guará fez elogios ao quarteto de burros:

- Animais bonitos, Seu Zé!

- *Tá as orde*. Lá no Brejo não *tava* muito *prá* gente, mas para os bichos, a comida é farta!

Sem responder nada, Zé Guará afastou-se lentamente em direção ao curral para finalizar o complemento alimentar das vacas paridas.

Da porta dos fundos do casebre podia-se avistar um barreiro com água. Antes de entrar na casa com a mobília, Dona Rosa ordenou que as duas moças mais velhas, Maria Rosa e Albertina, fossem ao barreiro para pegar água para molhar o chão batido, enquanto os rapazes improvisavam uma vassoura de mato, José Honório cuidava das cangalhas, dos arreios e dos animais. Depois da casa limpa, a supersticiosa religiosa Dona Rosa pediu para todos se benzerem antes de adentrarem no imóvel com suas tralhas. O banco de madeira grande coube certinho na sala da frente, uma cama portátil com tampo de couro foram imediatamente armadas na sala para acomodação dos menores e a outra no primeiro quarto para o casal, junto com o oratório que foi devidamente amarrado com corda de caroá em uma altura ideal para as rezas. Fora da casa, encostado na parede externa, foi instalado o pilão, instrumento de muita utilidade para pisar o café e o milho para fazer fubá. Instalada a mobília, quase escurecendo, José Honório faz uma trempe e acendeu o fogo, colocando água para ferver para fazer um café. De dentro de casa Dona Rosa pediu aos dois rapazes para irem pegar mais duas latas d'água para lavar os menores. Neste momento chega alguém chamando na porta.

- Ou de casa! – era um dos filhos do vaqueiro com uma vasilha de leite em uma mão e um candeeiro de metal na outra.

- Ou de fora!

- A patroa mandou deixar para os *mininos*.

Maria Rosa abriu a parte superior da porta, recebeu a tigela de leite e falou:

- Muito agradecida, Deus é quem lhe paga!

De muita serventia foi aquela tigela de leite, que imediatamente foi fervida e digerida com farinha de mandioca, os restos de feijão e da galinha torrada. Mais tarde, já bem escuro, as moças foram para um lado e os rapazes para outro para fazerem suas necessidades e lavar o corpo com pouca água.

Do lado esquerdo da casa emprestada, a cerca de cem metros, de um lado ficava a casa de Zé Guará, do outro lado, um pouco mais distante, de outro casebre vinha um choro fraco de uma criança recém-nascida. Do lado oposto, através das janelas grandes da casa principal, observava-se réstias das pessoas trafegando em frente aos lampiões de vidro. Mais tarde as portas e janelas foram fechadas uma a uma e a iluminação daquele lugar ermo ficou por conta da lua que vem nascendo majestosa, por trás da casa grande.

De barriga cheia e banhados, Dona Rosa reuniu todos na sala para rezar o terço. Finalizada a reza, do maior ao menor, tomam benção aos pais, procuram seus locais de dormir e caíram como pedras em um sono profundo. Do lado de fora o silêncio profundo era quebrado apenas pelo barulho do vento leste e o latido dos cachorros, que andaram se estranhando na noite de lua cheia.

O casal de agropecuaristas tinha apenas três filhos Dois rapazes: Adamastor e Adanel, que estudavam o curso secundário no Recife; e a caçula Alice, xodó do velho Otaviano Japiassú, que há três anos, também, estava interna em um colégio religioso em Caruaru, retornando para a casa paterna apenas no período de férias.

Nesta semana o agropecuarista havia viajado à cavalo para Caruaru acompanhado de seu fiel escudeiro, o negro Toco, irmão do vaqueiro Zé Guará, com o intuito de acertar com a madre superiora a liberação de sua filha, das tarefas escolares, na segunda semana do mês vindouro (8 a 12 de outubro), para que

esta pudesse comemorar o aniversário de quinze anos, juntamente com toda família na fazenda Juá.

O dia nem bem amanheceu e a família de José Honório, do maior ao menor, já estava em pé pronta para enfrentar o primeiro dia daquela nova jornada. Depois de tomarem café com batata-doce, o genitor e seus três filhos mais velhos apresentaram-se no curral ao negro Zé Guará, para que este determinasse as ordens.

O vaqueiro pediu para um auxiliá-lo na ordenha carregando os baldes de leite até a cozinha, enquanto outro fosse cortando ração na coqueira e colocando água nos cochos.

Sorratamente uma das filhas de Zé Guará, uma negra fornida de 20 anos, que já era comprometida com um dos vaqueiros da Fazenda Feijão, que atendia pelo nome de Lourdinha, aproximou-se da casa dos retirantes novatos e puxou conversa com as duas filhas mais velhas de Zé Honório:

- Bons dia!

- Bons dia! – respondem em couro as duas irmãs Honório Ferreira.

Com o peito cheio de orgulho, Lourdinha falou:

- Eu sou a *fia* mais *véia* do vaqueiro Zé Guará. Me chamo *Ludinha!*

Maria Rosa com uma vassoura de mato na mão, responde timidamente:

- Meu nome é Maria Rosa e está aí é minha *irimã Abetina* (Albertina).

Em pouco tempo, as três moças, praticamente da mesma idade, engataram uma conversa tão animada, que parece que já se conheciam há muitos anos, e finalmente *Lurdinha* arremata com o motivo da viagem do patrão.

- Pois é minha *fia*, mês que vem, aqui, vai ter a maior festa! o patrão foi para Caruaru organizar as coisas!

- Em louvor de que? – perguntou Maria Rosa timidamente.

Lourdinha tentou mostrar que conhecia bem os bastidores da festa e para impressionar as retirantes, falou:

- *Oxê* muié, é o aniversário de quinze *ano* de Alicinha. A patroa falou que vem gente de todo canto! Vão matar garrote, *poico*, *piru* e mais de dez *galinha*. Dona Lulú, cozinheira do coronel Adolfo, é quem vem cozinhar tudo e o tocador, de *safona* grande, é Joca do Pajeú!

- Eita vai ser festona! – arriscou Maria Rosa uma opinião boba.

- Vai *mermo*!

A conversa é interrompida quando Dona Rosa chama suas filhas para cuidar das tarefas domésticas. As irmãs Honório Ferreira despediram-se da vizinha.

- *Ludinha* obrigado pela tigela de leite, daqui a pouco entrego a *vazia*.

- Até mais tarde!

No fim da semana Otaviano Japiassú, figura alta, esguia, sisuda, rosto fino, bigode alinhavado e de pouquíssimas palavras, regressou de Caruaru cavalgando lado a lado com o negro Toco, que da sua montaria puxava um burro, com dois caçuás cobertos com uma lona, repletos de encomendas necessárias para a festa de aniversário da sua caçula, Alicinha.

Encostaram as montarias na calçada alta do armazém, colado na casa grande, e desta posição perceberam a presença de alguns muares desconhecidos no cercado. Depois do jantar perguntou para a esposa quem são aqueles animais.

Com uma voz meiga e doce, falou:

- Otaviano, estes animais são de uma família que desceu de Brejo de Navalha fugindo da doença da febre do rato. Parecem ser gente boa, querido! Dois velhos, uns rapazes e moças, mas a maior parte são crianças.

- Se não forem preguiçosos e quiserem apanhar algodão, permito que fiquem. Senão peço para irem embora!

No dia seguinte chamou o genitor dos retirantes para uma conversa e, após perceber que se tratava de uma família que não conhecia a cultura do algodão, mas que era acostumada com a lida do campo, acertou o preço da arroba colhida, forneceu

mantimentos para uma semana e sacos para todos os adultos e adolescentes.

Os primeiros dias foram muito difíceis para os retirantes se acostumarem ao novo tipo de trabalho e a exposição ao sol. Todas as tardes os apanhadores de algodão voltavam dos roçados com seus matulões de algodão em pluma. O produto era pesado e devidamente assentado em uma caderneta, que no final da semana era feita a soma, subtraído o adiantamento e cada um recebia seu saldo.

Nos finais de semana toda produção era recambiada para São Thomé para ser beneficiada na bolandeira do Coronel Adolf, e José Honório também passou a fazer este frete com seus burros, complementando a renda semanal.

Na semana da festa Otaviano Japiassú viajou com seu capanga Toco a Caruaru para trazer a moça para a festa. No dia seguinte cedinho despachou o serviçal de volta para a fazenda, e na parte da tarde regressou em um automóvel de aluguel, cujo motorista assumiu o compromisso de ir buscar a donzela na outra terça-feira, depois da festa.

A noitinha a calçada da fazenda estava florida de gente curiosa para ver a chegada da moça descendo de um automóvel. Muitos dos curiosos estavam ansiosos, muito mais para verem, pela primeira vez, um automóvel do que os seus ocupantes.

Por volta das cinco da tarde o carro preto surgiu na porteira da fazenda levantando uma poeira fina no terreno argiloso. Otaviano vinha ao lado do motorista e vestia camisa de mangas longas e terno de casimira claro, sem gravata, amarrotado de poeira da estrada. No segundo banco estava Alicinha, postada com a elegância das princesas europeias, envergando uma saia de cambraia escura, bem abaixo dos joelhos, blusa marrom com bordado frontal feito à mão, lenço de seda fina protegendo os cabelos, meias finas brancas, sapatos e luvas pretos, e na mão esquerda segurava uma bolsinha de couro envernizada. O motorista manobrou o veículo até a porta principal da casa grande e Otaviano, que normalmente tinha um aspecto sisudo, saiu do carro com um sorriso orgulhoso de estar

trazendo a filha para casa, por alguns dias, para comemorar o seu aniversário de quinze anos, junto da família.

Helena Mayer, postada na porta da sala, esperou pacientemente o esposo descer do automóvel, abrir a porta de trás e dar o braço para a donzela apoiar-se para descer os batentes do carro. Depois conduziu a moça, com muita elegância, até a sala, onde havia uma pequena toalha de rosto estendida no chão para Alicinha se ajoelhar para pedir a bênção à sua genitora. As janelas e portas estavam tomadas por trabalhadores da fazenda atentos aos protocolos familiares.

Maria Rosa e Albertina Honório não perderam um movimento da moça elegante. Voltaram para seu casebre e na hora do jantar repetiram para a família os detalhes da chegada de Alicinha.

Na terça-feira a cozinheira Zuzú chegou na fazenda para iniciar os preparativos para a grande festa do fim de semana. Convocou todas as mulheres disponíveis para ajudarem nas tarefas domésticas, e, Maria Rosa e Albertina entram nesta lista.

Quem presenciou a elegância de Alicinha descendo magistralmente do automóvel, com a elegância e leveza de uma princesa europeia, jamais imaginaria que se tratava de uma pessoa tão simples e dada. Acostumada com a disciplina rígida do colégio de freiras francesas, cedinho estava de pé e recebeu as duas irmãs com cordialidade e simplicidade.

- Olá, bom dia! Eu sou Alice, fiquem à vontade!

Em seguida Maria Rosa falou:

- *Bons dia! Eu sou Maria Rosa e esta aí é minha irimã Abetina!* - continuando - *Nóis num sabe fazer muita coisa não!*

- Não se preocupem queridas. Toda ajuda é bem-vinda! - respondeu delicadamente Alicinha.

Entre todas as mulheres convocadas para ajudar nos preparativos da festa de aniversário, apenas Maria Honório, com 17 anos, estava em uma faixa etária próxima da aniversariante Alice, o que facilitou bastante a aproximação das duas moças.

Sentadas, lado a lado, na mesa grande da cozinha, sob as orientações de Dona Zuzu, Maria Rosa e Alice executavam tarefas

manuais, enquanto conversavam animadamente, cada uma tentando explicar para a outra experiências vividas em seus mundos. Maria Rosa, um pouco mais experiente, falava dos dias chuvosos do Brejo, da fartura de frutas, da feira do Jatobá, dos olhares sutis para um vizinho e da doença do rato que exortou sua família daquele lugar úmido. Alice, filha única em uma pequena família de apenas três filhos, antes de ir estudar fora vivia cercada de cuidados dos pais e dos dois irmãos mais velhos, e praticamente toda novidade que tinha para contar era sobre a sua estadia no colégio de freiras: as aulas de francês, bordados à mão, culinária fina e de boas maneiras.

Sem entender o significado social do aniversário de quinze anos para as moças, Maria perguntou se no aniversário anterior, também, houve a mesma festança.

- Não, mulher! A festa maior mesmo é só no aniversário de quinze anos, quando a família apresenta a moça para a sociedade.

- Ah, bom! Pensei que tinha uma festança todo ano!

As duas adolescentes, quando viam que não tinha ninguém prestando atenção, trocavam algumas palavras da intimidade pessoal de cada uma.

- Maria Rosa, tu já tens quase dezoito anos. Já namoraste algum rapaz?

Maria deu um riso maroto e falou:

- Lá no Brejo tinha um vizinho. A gente se gostava, mas pai e mãe nunca deram uma *foiga* para o rapaz se aproximar.

- E tu, mulher, ainda és tão novinha!

Alicinha olha para um lado e para outro, certificou-se que não tinha nenhum abelhudo escutando a conversa, deu uma risadinha de alegria e falou:

- Eu tenho uma paixão por um primo, mas ele é um pouco mais velho. Com certeza ele vai vir aqui no dia da festa.

Durante os dias que antecederam a festa de Alicinha, as duas moças afinaram mais a amizade e as conversas alegres entre aquelas duas adolescentes, de origem social bastante diferentes, e cada dia tinham mais assunto.

A festa de Alicinha foi o grande acontecimento social daquele ano, ficando marcado na memória de todos, principalmente das donzelas. Na terça-feira seguinte, para tristeza das novas amigas, o carro de aluguel chegou na fazenda para levar a debutante de volta ao colégio.

Maria Rosa não sabia ler e escrever, mas isso não impedia Alicinha de lhe mandar cartas, que era soletrada por sua irmã Albertina. Nas férias na fazenda as duas moças estavam sempre juntas, tornando-se grandes amigas e confidentes.

No final de 1919, durante as festanças do batizado da filha do administrador da fazenda, o destino colocou Maria Rosa Honório Ferreira, com dezenove anos, e Pedro Vitorino da Silva, com 30 anos, famoso vaqueiro da Firmeza, frente a frente. Casaram-se no início do ano seguinte e Maria Rosa tomou sua grande amiga como madrinha de seu filho, Sebastião, nascido em 2 de janeiro de 1921.

CAPÍTULO - VIII

OLHO D'ÁGUA DO CUNHA



Fazenda Olho D'água do Cunha
Fonte: Internet – Domínio Público

Algodão/Gado

No início do século XX algumas fazendas da região do Cariri destacavam-se pela criação de gado bovino e outras pela produção de algodão, o "Ouro Branco". Na fazenda Juá de Otaviano Japiassú, genro do coronel Adolf, o seu forte era a criação de gado, logo, a família de José Honório Ferreira, muito numerosa, com vários filhos varões não havia como encaixar trabalho para todos, então no ano de 1921, que teve uma estação chuvosa regular, mudaram-se para a fazenda Riachão pertencente à família Santa Cruz, encravada em uma região de terras férteis, grande produtora de milho e feijão associado com algodão, onde as condições eram mais favoráveis com serviço para todos o ano inteiro.

Partilha

Por volta de 1922, quando contava com 76 anos de idade, sentindo-se cansado da atividade agropastoril, o Coronel Adolf, já há tempos instalado em sua confortável residência no povoado de São Thomé, um solar estilo barroco localizado na Rua Nova, futura Av. Augusto Santa Cruz, faz em vida, a divisão das suas propriedades e distribui os seus agregados.

A velha fazenda Olho d'água do Cunha, adquirida em 1891, que mais tarde, deu origem a suntuosa fazenda Firmeza, coube a um filho e uma filha, e o vaqueiro Pedro Vitorino, seu homem de confiança, foi designado para a tocar os trabalhos de manejo do gado naquela localidade.

Embora não fosse mais a sede principal do conglomerado agropastoril do coronel Adolf, a fazenda Olho d'água do Cunha, no passado, foi ativa e ainda conservava a infraestrutura completa de uma fazenda moderna: casa grande de alvenaria, alpendre amplo com varanda virada para a nascente, cozinha grande, muitos dormitórios, curral de madeira de lei e outras casas menores para abrigo dos agregados. É verdade que não possuía espelho d'água, fato que motivou o surgimento da fazenda Firmeza, porém não era uma área totalmente seca. Acompanhando a falha geológica que rasga o seio da terra, no sentido Leste-Oeste, carreando o precioso líquido nos canais subterrâneos, para formar o famoso olho d'água na baixada, que dá nome a localidade, escapa umidade que chega a uma estreita faixa de terra na superfície, denotado pela grande quantidade de árvores de raízes profundas, como: coqueiros, juazeiros e outras árvores de grande porte que, mesmo em épocas de seca, não perdem a clorofila.

Decidido a fazer a partilha de suas terras, um dia regressando da reza semanal nos confins de suas propriedades, o coronel Adolf cavalgando ao lado do vaqueiro Pedro Vitorino, calado e pensativo, de repente disparou, com seu sotaque francês:

- Pedro, a partir da semana que vem, vosmecê vai deixar a Firmeza e vai tomar conta do Olho d'água do Cunha. Agora vais

responder a um dos meus filhos e a uma filha. São seus novos patrões – assegurou com convicção o coronel Adolf.

Sem dar uma palavra, o vaqueiro aguardou as instruções do patrão.

- Lá é melhor para vosmecê! É mais perto da rua, é um entroncamento para quem vai para a Alagoa de Monteiro, região do Pajeú, Campina, Jatobá e até para a capital.

Onze que o vaqueiro labutava para aquele homem de voz mansa com sotaque estrangeiro. Para Pedro Vitorino foram anos de tanta calma, tanta paz, que para ele, esse tempo todo passou num instante. Enfrentaram juntos muitas adversidades climáticas, ameaças de cangaceiros, e jamais houvera aborrecimentos de nenhuma das partes.

Pedro Vitorino estava com o seu primeiro filho começando a dar os primeiros passos e a esposa esperando o segundo rebento. Era chegada a hora do coronel passar o bastão para seus descendentes e o vaqueiro, como homem de confiança, agora deveria obedecer às ordens dos novos patrões.

Toda mudança traz o gosto de dois sentimentos antagônicos: o sabor doce do desafio e o amargo da incerteza diante do desconhecido. Pedro Vitorino estava feliz na Firmeza, não lhe faltava nada. Cuidava de um rebanho de cerca de cento e vinte animais, incluindo um touro, trinta vacas paridas e o restante de gado solteiro. Sua esposa Maria Vitorino, com ajuda de algumas vizinhas, fazia queijo de coalho e cuidava de uma *miunça* de quinze cabeças de bode e carneiros, e ainda tinha para mais de cem galinhas e capotes, de onde o casal tirava uma boa renda semanal com a venda de ovos e queijo de coalho, no povoado.

Naquele dia depois de jantar cuscuz com leite e um taco de carne de bode assado, Pedro Vitorino deu a notícias para a esposa de que a família iria mudar para o Olho D'água do Cunha:

- Maria, hoje o *coroné* me falou que resolveu fazer uma *partia* de suas terra. O *Oi d'água* vai para uma *fia* e um *fio*! – continuando - E nós *vamo prá* lá tomar conta de tudo, sob as ordens dos *mininos*.

Com um pano amarrado na cabeça, servindo um bule de café ao marido, pensativa, Maria Vitorino percebeu que o esposo estava desconfortável com aquela notícia e resolveu animá-lo.

- Sabe de uma coisa *homi*, é *inté* bom! Lá não *farta* água e também assim *vamo* ficar mais perto da casa de mãe, no Riachão!

Pedro Vitorino, muito bem quisto por todos os vaqueiros e moradores, no meio da semana, com ajuda de todos agregados em mutirão, retelharam a casa abandonada em frente à fazenda, consertaram as portas, o fogão de lenha e a calçada alta, passaram uma mão de cal nas paredes de pau a pique, suspenderam as cercas caídas e varreram o mato do quintal.

No sábado seguinte, com ajuda do amigo e vaqueiro Pedro Batista pegou um carro de bois para conduzir os poucos móveis e utensílios da casa e outro para conduzir as galinhas de Maria. Tudo pronto, os dois veículos com seus chiados característicos deram partida logo após o almoço, ficando o cavalo Ventania já arreado com o silhão no lombo para mais tarde, quando o sol pendesse conduzir a esposa grávida e a criança pequena. Para tanger a *miunca* de carneiros e bodes até a outra fazenda, foi contratado o moleque de Zé de Estevão.

Na hora da saída não teve jeito, Maria Rosa, suas amigas e vizinhas abraçaram-se soluçando, embora a distância da separação não chegasse a duas léguas.

O novo plantel de gado colocado à sua disposição do vaqueiro era bem menor, conseqüentemente, diminuiu seus rendimentos, mas o experiente vaqueiro percebeu rapidamente que o local tinha capacidade para criar muito mais animais, desde que o manejo do gado fosse adequado, propiciando o melhoramento e o conseqüente crescimento do plantel.

Com suas habilidades e cuidados, em pouco mais de cinco anos aumentou em cinquenta por cento o plantel do Olho D'água do Cunha, enquanto sua família já contava com cinco filhos: Sebastião, o mais velho com 5 anos, Murilo 4, Expedito, o peba com 3, Dalva, chamada de Dora, com 2 e Israel, com 1, e sua esposa estava esperando o 6º rebento, Aderaldo, para o mês de outubro de 1926.

Um Sargento da Coluna Prestes

A Coluna Prestes adentrou no estado do Maranhão esperançosa de incrementar as divergências locais com o governo federal, pretendendo, assim obter um território livre capaz de sustentar uma base militar rebelde e dali poder irradiar a sua ideologia pelo restante do país, porém a oposição maranhense ao desastroso governo de Artur Bernardes era muito fraca e sua ação política limitava-se apenas à retórica, não interessando, portanto, pegar em armas.

Não encontrando o apoio esperado, nas hostes oposicionistas locais, a Coluna foi violentamente rechaçada em uma série de batalhas sangrentas nos estados do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará. Neste último, combatida ferozmente pelas milícias do Padre Cícero do Juazeiro. Fugindo da sequência de fogo cerrado, finalmente, no início do ano de 1926, adentrou em solo paraibano sem maiores incidentes. Em 9 de fevereiro (terça-feira) a Coluna aproximou-se do povoado de Piancó, onde o deputado estadual, o ex-Padre Aristides Ferreira da Cruz, era o chefe político local.

No dia anterior o padre recebera informações de amigos residentes na vizinha Vila de Coremas dando conta de que seria uma loucura resistir, pois a Coluna era composta por mais de mil homens treinados em combates reais, mas em contacto com o então presidente estadual (governador) João Suassuna, via telégrafo, o ex-Padre é encorajado pelo mandatário estadual a resistir, com os argumentos de que a Coluna estava esfacelada: com poucos integrantes, famintos, desorganizados, pouca munição e com baixo moral. O governador Suassuna, finalmente, o encorajou a arremeter uma força civil, enquanto enviaria uma grande força militar da cidade de Patos.

Por outro lado, o governo federal, não tendo condições econômicas e militares para combater o exército rebelde, vinha prometendo mundos e fundos aos chefes políticos locais para combater a Coluna. Há bem pouco tempo o governo central havia enviado um trem com armamentos, munições e mil contos de réis para Floro Bartolomeu e Padre Cícero, chefes políticos de

Juazeiro do Norte-CE, para que os mesmos perseguissem e acabassem com o exército rebelde.

Neste momento, por acaso, o bandoleiro Virgulino Ferreira, conhecido como Lampião, de passagem por Juazeiro para visitar uma irmã e receber a bênção do Padre famoso, foi convidado pelo prelado a fazer parte da missão de perseguir a coluna Prestes no Ceará. Para isso Confere o título de Capitão do exército brasileiro ao facínora, forneceu armas, munição e uma quantia em dinheiro. Percebendo que o religioso não tinha este poder, e que tudo não passava de uma farsa grosseira, Virgulino Ferreira recebeu o título festivamente, comprometendo-se a sair em perseguição à Coluna, caiu na capoeira, mas, espertamente, tomou o rumo contrário.

O ex-Padre de Piancó que era apenas um chefe político local, espelhando-se nas benesses conseguidas pelos cearenses, cresceu os olhos e imaginou que essa seria sua oportunidade para se transformar, de um chefe medíocre local, em um mandatário regional, caso conseguisse acabar com a Coluna e prender seus líderes. Na última hora, quando já estava tudo pronto para deixar a localidade, contrariou os conselhos dos amigos e correigionários, resolvendo ficar e enfrentar a Coluna. Bolou um plano militar amador: cobriu a torre da igreja e todas as janelas das casas com tecidos brancos e armou uma tocaia com cerca de 100 homens arregimentados às pressas.

Com a demonstração de paz, apresentada por todos os lados, a tropa de reconhecimento da Coluna entrou despreocupada no vilarejo, mas, quando se encontrava no meio do vilarejo, recebeu uma descarga de tiros de emboscada. Não contava, o padre, com o adestramento militar da Coluna e que aquele efetivo era apenas de reconhecimento, que mesmo perdendo cinco homens na emboscada conseguiu reverter o quadro, recuar e posteriormente voltar com todo seu efetivo, massacrando o padre e todos os seus comandados que não se embrenharam na Caatinga. Não houve sobreviventes! Findada a munição dos jagunços do Padre, entregaram-se sem resistência, mas devido à emboscada covarde, por ordem dos chefes da

coluna Miguel Costa e Luiz Carlos Prestes, foram friamente degolados nas barrancas do Rio Piancó.

Finalizados os combates, os chefes militares da Coluna, enterram seus companheiros mortos em batalha, em uma pequena solenidade militar, e assistiram aos feridos. Como era costume, em todas as batalhas os feridos eram divididos em três grupo: 1- os que estavam feridos de morte recebiam um tiro de misericórdia para não serem torturados e falarem sobre os rumos e objetivos militares da marcha, 2 - os que estavam feridos, mas podiam acompanhar a coluna sem atrapalhar, e 3 - os que estavam feridos e não tinham condições de acompanhar a marcha. Mais tarde os chefes da Coluna nunca admitiram esta prática.

Neste último grupo estavam 4 soldados, dentre eles o sargento Alexandre Régis da Silva, engajado no exército de sedição no estado de São Paulo, há cerca de dois anos. Ajudante de ordem do comandante Miguel Costa, era um sujeito magro, estatura baixa, pouco mais de 1,55m, cabelos louros mastigados, como lã de ovelha e olhos verdes bem separados, que dava a impressão que conseguia enxergar em duas direções ao mesmo tempo. Nos combates era muito ágil, disposto e não temia nada. Falava sempre muito baixo e compassado. Quando, por acaso, acabava a munição era o primeiro a sacar do sabre e partir para cima do inimigo, no corpo a corpo.

Pela sua valentia e disposição era muito afamado na tropa, mas na peleja do Sertão Paraibano havia recebido um tiro no ombro direito, onde o projétil atravessou-lhe a região da clavícula, mas não atingiu o osso. Sem condições de acompanhar a tropa, pediu ao general Miguel Costa que ordenasse a uma praça qualquer dar-lhe o tiro de misericórdia, mas em vez disso o general ordenou a uma enfermeira lhe fizesse um curativo. Em seguida preparou uma boa montaria, entregou-lhe sua pistola Mause e o seu rifle de estimação, um quarto de saco de milho, para alimentação do animal, mantimentos para até cinco dias, colocou-lhe 1 conto réis na algibeira e liberou os feridos para que cada um tomasse uma direção diferente. Para Alexandre coube a

direção do sol nascente, com a recomendação de viajar apenas à noite, procurando sempre o topo das serras, evitando povoados e casas de fazendas. Caso interceptado por alguém, foi orientado a jamais falar o nome verdadeiro.

O general consultou os mapas e o calendário e percebeu que a lua era nova, muito difícil de viajar a noite. Falou para o seu ajudante de ordem que na direção do sol nascente ele bateria no Recife, mas que para isso teria que sair do estado da Paraíba, entrar no Pernambuco, pela região de São José do Egito, e depois atravessar uma parte do solo paraibano, mais precisamente o município de Alagoa do Monteiro, depois tornando ao Pernambuco. Recomendou que, chegando a Recife, procurasse e contasse sua história, em particular, ao líder político oposicionista local, chamado Cleto Campelo, que haveria de lhe dar guarida.

Na ponta da rua principal, no dia 10 de fevereiro de 1926, quarta-feira, por volta das seis e meia da noite, reunida a tropa, a corneta tocou e os feridos bateram continência para o general e deram partida nas suas missões de fuga. Alexandre não se aguentava de dor e em cima de um cavalo malhado, em trajes civis, não demonstrava que estava quase a cair da montaria. Ensaiou uma continência para o general, mas não consegue levantar o braço de tanta dor. Com a mão esquerda comanda as rédeas alinhando o animal, esporou-o e sumiu na escuridão.

Viajando sempre pelos topos das serras, em trilhas normalmente usadas por tropeiros para fugirem dos cobradores de impostos, orientado pela constelação do Cruzeiro do Sul, na sexta-feira de madrugada o sargento percebeu que está no estado de Pernambuco porque encontrou uma turma que conduzia uma carga de cachaça em ancoretas de madeira, de São José do Egito para os Patos. O dia estava quase amanhecendo e Alexandre, com o braço direito escondido por dentro do paletó, trocou duas palavras com o chefe dos almocreves. Fez-se de comprador de gado e que estava de rota batida para comprar um gado em Alagoa Monteiro. O almocreve com uma voz rude e mansa, disse.

- *Sinhô tá indo errado!* – estirando os beiços indicando a direção correta da cidade.

Na terceira noite de viagem, 13 de fevereiro de 1926 (sábado), o sargento Régis, encontrava-se no topo da serra do Olho D'água do Cunha, no município de Alagoa do Monteiro. A ferida estava bastante apostemada e a febre alta desorientava o cavaleiro que, não podendo mais viajar, apeou o cavalo, retirou os arreios, forrou a manta no chão e se arranchou sob a copa de um pé de umbu, colocando a pistola ao alcance da mão esquerda e o rifle Smith & Wesson entre as pernas. A febre alta lavou-o a um estado de delírio, onde se imaginou lutando desesperadamente com um batalhão de soldados, que o atacam, sem piedade, por todos os lados.

Em 1926 os dois garotos mais velhos do casal Pedro e Maria Rosa Vitorino: Sebastião e Murilo, respectivamente com cinco e quatro anos de idade, mal podiam arrastar uma sela, mas quando ouviam falar que o pai ia campear algum animal, de repente, lá vinham os dois irmãos puxando a sela e os arreios do cavalo pelo chão. Pai amoroso e feliz com a ajuda dos pequenos, sempre orgulhoso falava:

- Estes aí são meus inspetores!

No início do mês de fevereiro uma novilha fujona desgarrou-se da manada e ganhou o rumo da serra, mas como era de costume, passava dois ou três dias sumida e de repente voltava. Porém, desta vez, passou-se uma semana e Pretinha não deu as caras, mas o vaqueiro experiente, durante a madrugada, ouvia seu chocalho batendo na aba da serra.

No sábado à noite, depois da ceia o vaqueiro sentado na cabeceira da mesa de umburana nua, rodeado pelos filhos, comenta com sua esposa:

- Maria, amanhã *tu me ajeita* meu café bem cedinho que depois de arriar o leite vou atrás da *nuvia* Pretinha na manga.

Como de costume, Pedro Vitorino, no dia seguinte, 14 de fevereiro de 1926 domingo, paramentou-se de vaqueiro colocando o peitoral de couro no cavalo, sempre ajudado pelas suas crianças, que desde cedo arrastavam as indumentárias mais

leves. Subiu no animal, e, acompanhado dos cachorros *Maiado e Baruque*, falou para sua esposa:

- Agora vou buscar a *daiba* daquela *nuvia* fujona! Até a hora do *armoço tô de vorta!*

Saiu campeando orientado pelo chocalho e o faro dos cachorros, até que encontrou a fujona pastando tranquilamente na aba da serra. Acuada pelos cachorros treinados, facilmente o vaqueiro laçou o animal e a amarrou na ponta da sela, mas quando montou no cavalo escutou um grunhido estranho oriundo da copa de um umbuzeiro. Imediatamente os dois cães acuaram algo nas proximidades do umbuzeiro. Pensou no que seria e a primeira coisa que veio em sua mente foi de que seria alguma onça ferida. Desceu do animal, tirou o parabelo da ponta da sela, manobrou a arma e, em posição de caça, na ponta dos pés, dirigiu-se no rumo do grunhido, mas quando chegou mais perto percebeu que era um homem ferido com um balaço na altura da clavícula direita.

Aproximou-se vagarosamente, com a ponta do rifle afastou a pistola do alcance do ferido, e perguntou:

- *Vosmicê* quem é?

Com muita dificuldade o sargento Régis responde, com voz fraca.

- Sou Zé Costa, comprador de gado.

- Meu senhor, comprador de gado não anda por cima de serra esquisita, como esta não!

Percebendo a irritação do vaqueiro o sargento disse:

- Estou ferido, me ajude por favor!

Mostrou o ombro direito inchado e vermelho, escorrendo um filete de pus.

- Eu sou Pedro Vitorino. Vou tentar te ajudar, *proque* um dia fiz uma jura para minha mãe que não deixaria *home* nenhum morrer à míngua em minhas mãos, mas sua conversa tem prumo não!

Imaginando se tratar de um integrante de bando de ladrões de gado, Pedro examinou a área com cuidado, sempre de arma em punho, depois foi à sela de seu cavalo, pegou uma

pequena garrafa com creolina, normalmente usada por vaqueiros para curar bicheiras em animais, e a cabaça d'água. Espremeu e depois lavou a ferida do forasteiro, em seguida aplicando creolina para afastar as moscas. A reação da creolina no fermento apostemado provocou uma dor tão forte que o sargento não aguentou e desmaiou por alguns minutos, só voltando a si quando Pedro lembrou-se que em seu bernal tinha um pedaço de rapadura. Cortou um pedaço e com o cabo de sua faca triturou bem, colocando na boca do desconhecido dissolvido com um pouco d'água.

Depois de voltar a si, Pedro encheu o forasteiro de perguntas: "Quem é o senhor? Onde estão seus companheiros? Quem lhe deu o tiro? Como foi? Onde foi?" Percebendo a simplicidade de Pedro, o sargento não tinha como explicar que pertencia a um movimento revolucionário oriundos de São Paulo e Rio Grande do Sul, cujo objetivo era tomar o poder constituído.

Com um sotaque sulista, Alexandre Régis também não poderia dizer que era de perto, então falou que vinha do Estado do Mato Grosso e que havia levado o tiro há uns cinco dias na estrada de São José do Egito, provavelmente para lhe roubar.

Pedro olhou para o moribundo e disparou:

- Meu Senhor, posso não saber ler, mas não tem verdade nenhuma nessa sua conversa. Mesmo assim vou te ajudar, só pela jura que fiz a minha mãe. Agora *tu fica* aqui que até a boca da noite venho te trazer uma comida e umas raspas de quixabeira para sarar essa ferida, mas vou logo te avisando que aqui nas terras do *coroné* Adolfo tu só *pode* ficar se for com a ordem dele.

Escondeu as armas em uma loca de pedra e voltou para casa. Chamou sua mulher em um recanto da casa, certificou-se que não tinha ninguém escutando e relatou o ocorrido.

- Agora *tu vai* ali no chiqueiro, pega um frango e prepara para o infeliz, que na boca da noite vou levar lá pra ele.

Preocupada, mas sem fazer nenhuma pergunta, Maria Rosa Vitorino, preparou o frango e misturou com feijão, xerém e farinha de mandioca, colocando em uma pequena panela de barro e envolvendo em uma toalha de pano de saco.

Ao anoitecer, em uma noite escura de lua nova, com uma lamparina na mão, Pedro Vitorino, monta no seu cavalo e acompanhado de seus dois cachorros foi ao encontro do desconhecido. Além da comida, levou raspa de quixabeira para aplicar sobre o ferimento e uma banda de rapadura para recuperar a energia do enfermo.

Ferido e com muita fome, o sargento praticamente permaneceu do mesmo jeito que Pedro o havia deixado. Encostou a lamparina de querosene perto do enfermo, lavou o ferimento novamente, aplicou o pó de quixabeira e amarrou com uma tira de pano.

Depois de fazer o curativo e o forasteiro comer, Pedro quebrou o gelo e falou:

- Meu amigo aqui finda a minha ajuda. Ali embaixo daquelas pedras estão suas *aimas*. Vou deixar seu cavalo *arriado*. Amanhã bem cedo *vosmicê* deve sair daqui das terras do *coroné*. O Monteiro é um lugar que tem muitos forasteiros. Muita gente vem para se curar da fraqueza dos *pumão*, ninguém vai achar estranho mais um forasteiro na cidade. Fica a três léguas daqui. Desça a serra que vai encontrar a estrada, não tem errada. Chegando lá *vosmicê* procure a pensão de Dona Djanira, que ela trata desse ferimento e *adeipois vosmicê* toma seu rumo.

Terminada a conversa, Pedro Vitorino arrumou os trecos para ir embora. Neste momento o sargento Régis enfiou a mão na algibeira, retirou uma nota de 500 réis e levantou o braço esquerdo na direção do vaqueiro Pedro Vitorino.

- É um pagamento pela ajuda.

- Pode guardar seu dinheiro. Aqui não se ajuda as pessoas por dinheiro não! - continuando - *Ôltra* coisa: não *aconseio* a tu *chegar* com este rifle dentro da cidade. O delegado, sargento Zé Moraes, pode não gostar e começar a fazer *pregunta*.

Antes de Pedro Vitorino subir no cavalo, o sargento chamou-o mais para perto e disse:

- Vou te dizer agora a verdade, camarada! Sou um militar do Exército brasileiro, mas de uma tropa que se revoltou e estamos lutando contra o governo. Há alguns dias tivemos uma

grande batalha na vila do Piancó, morreram muitas pessoas, eu fui ferido e não pude acompanhar a tropa. Nesta rota pretendo chegar a Recife.

Mais uma vez incrédulo com a nova versão do forasteiro, o vaqueiro não respondeu, montou no seu cavalo, certo de ter feito uma boa ação, conforme havia prometido para sua mãe, esporou seu cavalo e foi para sua casa.

No amanhecer do dia (15/2/26-segunda feira), já bem recuperado, o sargento Régis deixa seu companheiro de muitas lutas, seu rifle sob um monte de pedras, colocou a pistola no alforje de mantimento, subiu no cavalo com dificuldade e dirigiu-se para o sul, rumo a Alagoa de Monteiro, com uma certeza de agora em diante, definitivamente, seu nome seria José Costa, em homenagem ao seu comandante Miguel Costa.

Conforme indicado pelo vaqueiro Pedro Vitorino, na ponta do povoado, perguntou a um leiteiro pela pensão de dona Djanira. O jovem informou que a casa ficava por trás da igreja matriz, bastava virar a primeira esquina para a esquerda e depois à direita.

Djanira era uma senhora viúva de pouco mais de 50 anos, óculos na ponta do nariz, vestido preto varrendo o chão e pano amarrado na cabeça, que lhe dava a aparência de mais de 70 anos. Tinha duas filhas, Maria de Lourdes com 20 anos, casada, que morava em Lagoa de Baixo (Sertânia), e a mais nova Marinalva, com 18 anos, uma morena alta de olhos mornos grandes, rosto fino e cabelos lisos divididos bem no meio da cabeça, que iam até a cintura, sempre carregando uma flor vermelha, e um filho menor de idade, João Batista, de apenas 15 anos.

A fonte de renda da família vinha dos almoços e lanches servidos aos sábados (dia da feira) aos feirantes, do arrancho das caravanas de tropeiros que conduziam fardos de algodão da região do Pajeú para Pesqueira, onde eram embarcados na Maria Fumaça para o Recife e, finalmente, da hospedagem de pessoas de diversas partes que procuravam o clima mais ameno para a cura de doenças respiratórias. Nesta engrenagem de trabalho

todos os componentes da família de Dona Djanira, como era respeitosamente tratada por todos, mais duas negras que eram consideradas como integrantes daquele núcleo familiar, tinham funções bem definidas. No quintal da pensão, João Batista tratava dos animais dos transeuntes, mantendo as gamelas sempre com água e capim verde retirados das barreiras do Rio Paraíba. Maria de Lourdes, que morava em Lagoa de Baixo, a 5 léguas de distância, toda sexta à tarde montava em uma besta pampa e vinha ajudar sua genitora no preparo dos bolos de forno de milho, matança de galinhas e preparo das demais comidas. Nos sábados completava sua tarefa servindo a mesa aos feirantes e transeuntes, e à tardinha regressava para sua residência com uma feira bem gorda e mais alguns tostões enrolados na ponta do lenço.

As duas negras cozinhavam e esporadicamente auxiliavam Marinalva na tarefa mais dura: arrumação da casa e dos quartos dos hóspedes, incluindo lavagem dos penicos e asseio dos doentes.

Por volta das 8:00 da manhã, parado em frente da casa da viúva, Zé Costa, temperou a garganta e de cima de seu cavalo gritou com voz rouca e fraca de enfermo.

- Ô de casa!

De dentro responde uma voz feminina suave e displicente.

- Ô de fora!

Marinalva, que estava varrendo a sala da pensão aparece em uma das duas janelas da casa, bota os peitos joviais sobre o batente da janela e observou o cavaleiro vestido em um terno cinza amarrotado, chapéu de massa escuro e porte de quem sabia se conduzir sobre uma montaria.

- Pois não, o que o senhor deseja? – perguntou com voz de espanto.

De cima do cavalo o sargento Régis, agora auto rebatizado de Zé Costa, ficou encantado com a meiguice e beleza de Marinalva. Estava com muita dor no ombro direito, mas mesmo assim fez força para não fraquejar na voz, diante de tão bela jovem, e perguntou.

- Estou procurando a pensão de Dona Djanira.

Respondendo Marinalva disse:

- É aqui *mermo*, mas mainha não está em casa não!

Num movimento rápido e desesperado desceu do animal, cambaleou um pouco com a dor, amarrou o animal num pé de figo e sem dizer mais nada, entrou na casa e caiu quase desmaiado na sala.

Marinalva corajosamente e serenamente levantou o homem e o sentou em um banco de madeira no recanto da sala. Falando baixo e com bastante dificuldade, Zé Costa, conseguiu dizer:

- Moça estou ferido. Preciso de ajuda!

Rapidamente Marinalva foi no quintal chamar seu irmão João Batista e ambos levaram o desconhecido para um dos quartos dos fundos, o qual estava desocupado desde que o barbeiro Cincinato Pereira, seu último ocupante, faleceu, vítima de tuberculose, há cerca de um mês. Com os caprichos de Marinalva, tudo estava limpo e desinfetado, pronto para receber novos clientes.

Percebendo que se tratava de alguém fora da lei, Marinalva, num ímpeto de humanidade, ordenou que seu mano fosse tirar o cavalo de frente da casa, retirasse os arreios e o misturasse com os demais animais, recomendou, também, que por enquanto não falasse para ninguém, nem mesmo para as negras da cozinha, sobre o novo hóspede.

No quarto, Marinalva retirou a camisa de Zé Costa e verificou que a ferida ainda estava bastante apostemada. Retirou a atadura velha, lavou a ferida com água bem quente, enxugou delicadamente, colocou nova atadura e finalmente fez um chá de gengibre, limão e raspa da casca da quixabeira para aliviar as dores e cicatrizar. Após a sessão de curativos o guerreiro foi servido com um prato de feijão, farinha, batata-doce, carne de sol e rapadura de sobremesa, depois tomou uma xícara de café bem forte. Comida muito forte para um baleado, mas Marinalva era acostumada a cuidar de pessoas fracas dos pulmões e tinha em mente que a alimentação era o principal caminho para a cura de

todas as doenças. Ainda muito fraco, Zé Costa pediu para que retirasse suas botas e, ao mesmo tempo, perguntou pelos seus alforjes. A moça apontou com o dedo indicador para onde os seus pertences estavam, logo ali, nos pés da cama. Mais acomodado e tranquilo, mesmo sabendo que estava em casa estranha, foi vencido pelo sono. Dormiu tão profundo que chegou a ter um pesadelo: sonhou que a tropa rebelde estava em uma batalha, a munição acabava e muitos soldados vinham em sua direção e ele estava sozinho para dar segurança ao comandante Miguel Costa. Tentou sacar a espada, mas esta não saía da bainha, forçou mais um pouco e na realidade estava para cair da cama, sendo sustentado por Marinalva, que não tinha arredado os pés de sua cabeceira.

- *Vosmicê* estava muito agitado e gritando por um *tá* de *Migué* Costa. Tive que lhe segurar para não cair da *camarinha*. *Vosmicê* é *puliça*? Como *vosmicê* se chama? Aqui em casa ninguém gosta de *puliça* não. Meu pai foi morto ali de frente de casa por um *sodado* amarelo, quando eu tinha 6 anos!

Pela primeira vez Zé Costa, pôde sentir o cheiro, firmeza e delicadeza das mãos de Marinalva, como também sentiu a tristeza, a revolta e franqueza quando afirmou que naquela casa polícia não era bem-vinda.

Olhando para uma pequena mesa junto da cabeceira da cama, percebeu que lá em cima estava exposto seus segredos: a pistola Mauser, munições e sua algibeira com os seus 15 contos intactos.

- Meu nome é Zé Costa e não sou soldado deste tipo que *vosmicê* conhece. - falou baixinho com um sotaque diferente, temendo ser descoberto.

- Sou de uma tropa de linha que vem desde o Sul do país lutando contra o governo. Há cinco dias fomos emboscados na vila do Piancó. Foi uma batalha muito sangrenta, morreram para mais de 15 pessoas. Fui ferido e não pude acompanhar os demais companheiros. Nesta caminhada pretendo alcançar o Recife e caso a moça bonita me ajude eu lhe darei, com muito prazer, 1 conto de réis deste dinheiro.

Incomodada com a proposta do forasteiro, Marinalva respondeu:

- Seu Zé Costa, guarde seu dinheiro! Aqui não é casa de mulher dama para recebermos deste tanto de dinheiro de *home* desconhecido, não! – continuando - Mais tarde quando mãe chegar, ela vai acertar com o senhor o valor da hospedagem e é só o que o senhor vai gastar. Certamente o senhor poderá viajar em segurança com o tropeiro Antônio Cigano, gente de nossa confiança, que deverá passar aqui na quinta-feira de manhã levando fardos de algodão para Pesqueira. De lá o senhor poderá pegar o trem para o Recife.

Incrédula com aquela história de tropa de linha, coisa que nunca tinha ouvido falar, delicadamente sugeriu ao enfermo que mudasse a versão, pois assim ficaria mais fácil a compreensão de sua genitora.

- Quando mãe chegar, acho *mior* o senhor falar que é um fazendeiro, viúvo de São José do Egito, que foi vingar a honra de sua filha única. Matou o safado, mas recebeu este balaço no ombro e vai fugindo para a casa de um *cumpade* no Recife. Assim fica mais fácil dela compreender.

No final da tarde chegou Dona Djanira montada em sua besta escura, enfiada em calça de homem folgada, sob o vestido escuro de viúva recatada. Tinha ido um passeio no Sítio do Meio, na casa de sua comadre Maria de João Preto. Entrou pelo quintal de casa e imediatamente observou que tinha um animal diferente com um bernal de milho no focinho. Como de costume quando a matriarca chegava em sua montaria, a moça correu para segurar no cabresto da besta e o rapazola deu a mão para a velha descer. Na parte posterior da sela, João Batista desamarrou quatro galinhas que vinham presas de cabeça para baixo, presentes da comadre.

Experiente, a velha percebeu que alguma coisa anormal estava acontecendo na sua pensão. Dirigiu-se ao rapaz, único homem da família, e lhe indagou.

- O que há aqui de estranho João, meu fio?

- Nada de *mai* não *mainha*, Marinalva vai lhe explicar *dereito*!

Em volta da mesa Marinalva deu a versão da estória de Zé Costa, que sua mãe poderia entender, acreditar e se compadecer.

- Coitadinho do homem, minha *fiá*! Está muito machucado? Vamos logo ver o seu estado!

- Hoje não carece não, *mainha*! Acabei de lhe dar um chá de folhas de laranja e ele está dormindo como um anjo.

- Alguém de fora de casa sabe que ele está aqui? Pode ser perigoso!

- Acho que ninguém viu ele entrar aqui não. Na hora da chegada não tinha ninguém na rua e mandei logo João Batista levar o cavalo lá para o quintal.

- É bom, porque caso este delegado Zé Moraes fique sabendo que tem uma pessoa ferida de bala, vai querer fazer perguntas a todo mundo!

- Ele falou que quer ir para o Recife, o mais depressa possível, então falei que o bom era ele viajar com a tropa de Antônio Cigano, que desce para Pesqueira na quinta-feira.

Desde o dia em que seu marido foi assassinado, em frente de sua casa por um soldado de polícia, motivado por uma dívida de jogo de baralho contraída pelo policial, que Dona Djanira não dava confiança a policial nenhum, até mesmo o novo delegado, sargento Zé Moraes, que mesmo não tendo nada a ver com o caso passado, sempre respeitava a birra da viúva e não permitia que a soldadesca fizesse ponto nas proximidades de sua pensão. Cismada com o tempo que ainda faltava para que o forasteiro fosse embora e, ainda por cima, com muitos curiosos para fazer perguntas, resolveu bolar um plano para amenizar os riscos.

Ao amanhecer o dia foi ao quarto do enfermo com os dois filhos e juntamente com o doente combinaram de transformá-lo em um tuberculoso de São José do Egito que procurava melhoras, nos bons ares de Alagoa do Monteiro. Assim, todas as manhãs, depois das sessões de curativos, colocavam escarradeiras com cinzas de lenha junto da cama e o combinado era toda vez que o

baleado ouvisse alguma voz estranha tossisse sem parar, como um tuberculoso.

Com este tratamento vip, Zé Costa, cada dia que passava melhorava a olhos vistos, ao mesmo tempo em que ficava mais impressionado com a beleza, sensualidade e candura de Marinalva. A quinta-feira, dia marcado para sua partida, aproximava-se rapidamente e o forasteiro procurava um meio de ter uma prosa com a moça. Em toda sua vida nunca tinha sido tão bem tratado, nunca tinha ficado tão apaixonado por uma mulher como estava agora por aquela donzela de coxas grossas e seios firmes. Na quarta-feira à noite ensaiou um pedido de namoro, mas não teve coragem de soltar o verbo. Sentia que a donzela também estava enamorada dele, mas cadê a coragem para se declarar. Ainda teria uma chance no dia seguinte, antes da partida. Botou toda sua força de guerreiro na sua língua e falou baixinho.

- Se a moça me quiser, te peço em casamento, ainda hoje.

- Ôxente seu Zé Costa, que brincadeira é essa?

- Não é brincadeira moça. Desde que te vi naquela janela que tive certeza que é hora de parar e criar raízes.

- Se *tiver* falando sério, não tenho mais pai, então tem que falar com mainha.

Em trinta dias Dona Djanira, usando todo seu prestígio com o padre da freguesia, conseguiu os documentos necessários para Zé Costa e sua filha mais jovem casarem, apenas, na igreja, com um homem do Pajeú, que para todos os efeitos estava à beira da morte.

Com o dinheiro que trouxe da Coluna, comprou uma pequena casa na mesma rua da pensão de sua sogra, mobiliou com uma mesa, um catre de colchão de palha, uma mesa, seis tamboretas, um pote de barro, um porta chapéu com um pequeno espelho e dois bancos de madeira, um para a sala e outro menor para a mesa de jantar feito de umburana.

Com três meses de casado, acostumado com a rotina militar de lutas sangrentas, Zé Costa, começou a dar sinais de cansaço com aquela vida monótona. Amanhecia o dia e o serviço

que tinha naquela família era ir procurar lenha e ajudar João Batista para o trato dos animais dos transeuntes da pensão. Nos dias de feira, quando o movimento ia afracando, por volta das 4 da tarde, aventurava-se em sair de casa e tomar umas doses de aguardente com gasosa (guaraná) na bodega do Pedro Isidro, um caboclo alto e de cara fechada das bandas de Surubim, mas que para impressionar falava que era baiano de Bonfim.

Marinalva não gostava daquele comportamento, pois todo mundo achava que tinha algo errado com seu marido que, de doente tuberculoso, em menos de 4 meses já estava com muita saúde, com rosto muito rosado, bebendo nas bodegas e com a mulher grávida de dois meses. Seria algum milagre, ou tinha algo errado naquela história? O falatório estava na boca do povo.

Confirmação da História do Sargento

Na semana seguinte ao encontro do vaqueiro com o ex-integrante da Coluna Prestes, precisamente no dia 19 de fevereiro de 1926, com tantos afazeres no manejo do gado, Pedro Vitorino já havia esquecido do homem baleado na clavícula, quando chegou a notícia no Olho d'água do Cunha que o coronel Adolf passara a noite com uma dor de lado e não resistira a enfermidade e falecera na madrugada.

O coronel Adolf não tinha parentes ascendentes no Brasil, porém era um homem de boas relações de amizade e negócios. Casou-se com uma moça de uma das famílias mais influentes da região, tiveram dez filhos, todos já casados, em famílias igualmente influentes. Portanto, seu funeral atraiu muitas pessoas comuns e políticos do Cariri inteiro, onde o vaqueiro Pedro Vitorino pôde ouvir uma ponta de conversa entre dois cidadãos, que imediatamente confirmou a história do homem que havia encontrado ferido há uma semana atrás, na aba da serra do Olho D'água do Cunha.

- Hoje em dia não estamos mais seguros, amigo!

- É verdade! Além dos facínoras cangaceiros que, de vez em quando, batem em nossa porta, agora tem essa tá de Coluna

Prestes para nos amedrontar. Mataram *prá* mais de cinquenta na vila do Piancó! – falou alarmado um dos interlocutores.

- Este Luiz Carlos Prestes é um comunista, bandido da pior espécie! – retrucou o primeiro.

- E *prá* onde foram estes arruaceiros, *cumpade*?

- Deu no *jorná do Cumércio* que tomaram o rumo do Pernambuco, para as bandas de Triunfo.

Apesar de em toda conversa de guerra e pescaria as pessoas terem a mania de exagerar, a verdade foi que naquele dia Pedro Vitorino pôde confirmar a veracidade da conversa do enfermo que havia encontrado na manga do Olho D'Água do Cunha, há pouco mais de uma semana.

Feira de Monteiro

Normalmente a feira da ribeira da fazenda Olho D'Água do Cunha era no povoado de Santo Thomé, que ficava a cerca de légua e meia. Mas quando alguém daquela ribeira necessitava vender ou comprar alguma coisa mais específica, a feira que tinha melhor comércio, naturalmente, era a sede do município de Monteiro, que ficava a quatro léguas e meia.

Em agosto de 1926, o vaqueiro Pedro Vitorino, pai de cinco filhos e a esposa esperando o sexto para o mês de outubro, para fazer frente aos gastos da família resolveu ir à feira de Monteiro vender um dos seis garrotes que havia ferrado em seu nome no ano anterior, onde sua irmã Josefa, casara-se e residia, há algum tempo, em uma casa parede de meia com a pensão de dona Djanira.

Depois de agilizada a venda do garrote na feira de gado, o vaqueiro foi à casa de sua irmã, mas antes passou pela bodega de Zé Isidro para tomar uns tragos de aguardente e, quando menos esperou reconheceu o homem que havia ajudado na serra do Olho D'Água do Cunha, tomando uma bicada de aguardente misturada com uma gasosa. Observou-o de longe, tomou mais um trago, chegou mais perto para ter certeza e finalmente, quando não tinha mais dúvidas, perguntou ao baixinho do cabelo de lã de ovelha:

- *Vosmicê* não tá lembrado de mim?

Zé Costa não tinha gravado a fisionomia de Pedro Vitorino, pois naquele momento, além de ser noite, estava convalescente.

- Lá de cima da serra. - continuou o vaqueiro

Neste momento o ex-sargento quis negar, mas Pedro Vitorino insistia em dizer que era aquele vaqueiro que o havia salvo na Serra do Olho D'água do Cunha. Não teve jeito e o ex-combatente rebelde acabou achando que o melhor era o chamar para uma conversa reservada. Segurou no braço daquele homem negro de quase dois metros de altura, e o levou para um local menos visado e foi logo dizendo:

- Mais uma vez, meu amigo, muito agradecido pela ajuda. Só estou vivo porque tu me *ajudasse*, mas, por enquanto, essa história ainda é segredo!

Pedro, que outrora não tinha acreditado na história do sargento, tentou redimir-se, e falou:

- *Adispois* daquele dia *tive no interro* do coroné Adolf e ouvi uma pessoa falando com outra sobre essa *tá* dessa guerra lá do Piancó - demonstrando que agora acreditava na história do forasteiro.

- Conforme *vosmicê* indicou, procurei a pensão de D. Dejanira e não fui embora. Fiquei aqui mesmo, porque encontrei uma moça e me casei com ela: uma das filhas de Dona Djanira.

- É *mermo!* Tem uma irmã de D. Djanira, casada com João Lourenço, que mora no Riachão, perto da casa de minha sogra. Tinha ouvido falar que uma das filhas de D. Djanira tinha casado, mas não pensava que fosse com *vosmicê*.

- Até o momento tudo vai muito bem - continuando - Vou ser pai de meu primeiro filho, tenho uma mulher nova e bonita. Ajudo nas tarefas de casa, trato dos animais com João Batista, irmão mais novo de minha esposa. É uma vida mansa demais *prá* mim. Não tenho prazer na vida que levo e esse povo está muito curioso quanto a minha origem.

- Meu amigo - falou o vaqueiro Pedro Vitorino - Primeiro quero te dizer que aquele trabuco que tu *deixou* lá na serra, fui

pegar e está guardado em minha casa. Segundo este ano vai ter uma safra de algodão muito grande. Sua sogra é muito conhecida dos filhos do *Coroné* Adolfo, que Deus o tenha – falou o vaqueiro benzendo-se - Se ela pedir para *argum* deles uma morada para vosmicê e a *famia* em uma das fazendas, longe deste falatório, é *mior* para *tu homi!* O amigo tendo coragem para *trabaiar*, não *farta* serviço lá pelas nossas redondezas.

Mudança do ex-sargento para a Firmeza

Mais uma vez entrou em campo o prestígio de Dona Djanira e em pouco mais de um mês Pedro Vitorino encostou um carro de boi na porta de Zé Costa para levar sua mobília para a fazenda Firmeza, à duas léguas da casa grande da Fazenda Olho D'água do Cunha. No ano seguinte, na metade do mês de janeiro, nasceu a sua filha primogênita que recebeu o nome de Marina Costa, cujos padrinhos, naturalmente, foram Pedro e Maria Rosa Vitorino.

Surpreendentemente, Zé Costa, homem acostumado com as armas, com a rotina militar e, ainda por cima, oriundo do sudeste brasileiro, adaptou-se muito rapidamente à vida dura de morador, e, posteriormente de vaqueiro da fazenda Firmeza.

Pedro Vitorino, negro com cerca de dois metros de altura, ombros largos, sorriso franco, falastrão e que gostava de tomar uns grogues de aguardente no dia da feira de São Thomé, contrapunha-se à figura de Zé Costa: homem tez branca, baixa estatura, sisudo, franzino, olhos esverdeados, cabelo de lã de ovelha, bebida e conversa pouca, principalmente na presença de estranhos. Ainda que pese as diferenças de personalidades, tornaram-se grandes amigos.

O segredo da origem de Zé Costa, guardado por Pedro e sua esposa, funcionou como um amálgama para o florescimento daquela amizade. Normalmente o ex-sargento não tinha outras pessoas em quem pudesse confiar seu segredo e Pedro, também, gostava muito da sua companhia. Nas horas de cavalgadas para a feira, Zé Costa costumava contar suas aventuras durante os dois anos e meio que militou na Coluna Prestes.

Pedro não sabia ler, muito menos escrever, mas sabia pescar todas as conversas que ouvia sobre o destino da Coluna. Certa feita, na casa do patrão, ouviu uma conversa deste, com um dos seus irmãos, dando conta que o Jornal do Commercio de Recife informava que a Coluna havia deposto as armas na Bolívia.

A volta para casa, no final da tarde, sempre era uma festa. Muitos voltavam na mesma hora, portanto Pedro fez jeito de ficar um pouco para trás e perguntou ao compadre.

- *Cumpade*, *Vosmicê* sabe o que é *Boliva*?

- É outro país, *cumpade*. Lá o *peçoá* fala dum jeito que nós não entendemos direito. Por que *cumpade*?

- É *proque* vi uma conversa, na casa do patrão que é lá que está a sua Coluna de *sodado*.

A rotina de um vaqueiro não era fácil. O trabalho iniciava-se por volta das três e meia da madrugada: ordenhar todas as vacas e depois deixar os bezerros mamarem um pouco. Nos dias de feira, Zé Costa arriava o leite do gado que ficava sob sua responsabilidade, montava em seu cavalo Melado e apressava o trote para chegar no Olho D'Água do Cunha, por volta das seis horas da manhã, quando Pedro Vitorino, que sempre tinha muito mais vacas, sob seu comando, ainda estava terminando sua labuta com o gado.

- Bom dia *cumpade* Pedro!

- Bom dia *cumpade* Zé! Hoje estou um pouco atrasado. Se o *cumpade* quiser ir andando não tem importância, mais tarde nos encontramos na feira.

Sem responder nada. Zé Costa pulava do cavalo e ajudava Pedro e Maria Rosa a terminarem suas tarefas. Pedro Vitorino, sempre nu da cintura para cima, facão pendurado na cinta, muito suado pelo esforço da retirada do leite entregava os dois últimos baldes de zinco, com leite, para a esposa coar. Parte da produção destinava-se ao gasto da casa, com a criançada, e a outra colocava-se para coalhar para fazer queijo.

Com a ajuda do amigo, em pouco tempo concluía suas tarefas, depois jogava água na metade do corpo, entrava em casa e voltava com a sua tradicional roupa de mescla, da cor do céu,

destoando da sua pele negra. Os dois amigos montavam em seus animais e dirigiam-se proseando alegremente para a vila de São Thomé. Mais tarde as mulheres, também, concluíam seus afazeres, e saíam em comitiva para o mesmo local. Morando a cerca de légua e meia de distância, os dois casais, conviviam com muita amizade e respeito.

Pedro Clemente

José Honório Ferreira, sogro de Pedro Vitorino, que há cerca de cinco anos mudara-se com sua numerosa família para a fazenda Riachão, pertencente à tradicional família Santa Cruz, no final de 1924 já havia casado mais duas filhas: Albertina com Zé Ferraz, o mesmo que em 1911 foi a Jatobá do Brejo, na companhia de Pedro Vitorino e Zé Timóteo, comprar víveres para alimentar os jagunços do Doutor Augusto, e Emerenciana com Antônio Chaves, também um morador da mesma localidade.

O velho pai de família perdeu o chão quando descobriu que sua filha Rita Honório Ferreira estava grávida de dois meses de Pedro Clemente, um sujeito de uma tez tão branca que quando se agitava parecia que o sangue saíria pelas bochechas, cabeleira escura cheia penteada para trás, chapéu de massa arqueado no meio da cabeça aparecendo as entradas da calvície precoce. Era protegido dos proprietários da terra, tendo fama de bravo e galanteador, e o pior: já era casado e pai das crianças: João, Hermínia e Cornélio, respectivamente com 8, 6 e 4 anos.

Rodeado de filhos homens, o pai desonrado ainda tenta esboçar uma reação violenta, mas sua esposa, Dona Rosa interferiu:

- Deixa disso, *homí!* Tu vai botar chumbo nesta espingarda para matar o pai de seu neto?

Com estes argumentos José Honório Ferreira engoliu seco a vergonha da desonra. Os ânimos se arrefeceram e o pai da criança fez uma casa de pau a pique, comprou uma mobília de umburana na feira e colocou a segunda mulher para morar a pouco mais de uma légua da esposa legítima. A primeira filha,

nascida em 1926, recebeu o nome de Adalgiza, enquanto a segunda, no ano seguinte de 1927, Florisa.

Para sustentar duas famílias, Pedro Clemente colocava grandes roçados de milho, feijão e algodão nas terras escuras e férteis da fazenda Riachão, onde dava trabalho para mais de vinte homens. Com um espírito leve, tinha um humor finíssimo. Seu fraco era colocar apelidos nas pessoas, e, certa vez inventou uma brincadeira com um fulano, que possuía apenas um boi, onde o animal era tão estimado pelo proprietário, que dormia na cama do dono com sua esposa, e o dono dormia no curral, no lugar do boi.

Apelido só pega mesmo em quem se irrita com a alcunha. Diante das ameaças as pessoas se continham, mas à noite passavam perto de sua residência e ficavam a urrar imitando o bovino. Saía com o bacamarte na mão, mas não encontrava ninguém. Quanto mais se irritava, mais as fofocas rolavam na boca do povo, até que resolveu botar o final na história armando uma tocaia para o mentor do apelido, debaixo de um pé de aroeira, já que não ousava enfrentá-lo, tête-à-tête. Apertou o dedo no bacamarte e atingiu o alvo de raspão.

Pedro Clemente, ferido gravemente no tórax, ainda sacou a sua pistola de dois tiros, mas o balaço mortal não dá tempo para nada e perece com a arma na mão, em maio de 1928, quando sua filha mais jovem completou seis meses de idade.

No tempo que as comunicações eram muito precárias, quando a polícia chegou o assassino já tinha se evadido para o vizinho estado de Pernambuco.

Dizem que desgraça nunca vem só. Com poucos dias, Emerenciana Honório Ferreira, quarta filha do casal José Honório e Rosa, que já era mãe de três filhos, pegou uma doença respiratória e em seis meses não resistiu e morreu. Mesmo sem condições, Dona Rosa e José Honório Ferreira não tiveram outra alternativa opção senão acolher as três crianças de Emerenciana, além das duas de sua filha Rita, que foi trabalhar na periferia de Recife.

Desde que se casou com Maria Rosa Vitorino que a relação de Pedro Vitorino com o sogro não era das melhores, embora nunca tivessem aberto a boca para falar nada. Nas condições difíceis que estavam os pais, com cinco crianças pequenas para alimentar, uma ainda nos cueiros, Maria Rosa Vitorino aproximou-se mais de seus genitores e discretamente ajudava os velhos no sustento da casa. Com um ano, o viúvo de Emerenciana casou-se e veio buscar seus três filhos, ficando o casal apenas as duas crianças de Rita e a filha solteira Quitéria, com dezessete anos.

Um Automóvel na Feira São Thomé

Homens, mulheres, rapazes e moças da zona rural do início do século passado aguardavam ansiosamente o dia da feira semanal para encontrarem amigos, namorados, tomar uns grogues de aguardente, comprar, vender e se inteirar das novidades. Porém para as crianças e pré-adolescentes era muito mais interessante permanecer nas fazendas, longe do olhar vigilante dos pais e assim poderem fazer as brincadeiras e travessuras que, certamente, não fariam na presença deles.

Neste contexto, os dois filhos maiores de Maria Rosa Vitorino: Sebastião com oito anos e Murilo com sete, raramente acompanhavam a mãe à feira que sempre levava galinhas, ovos e queijo para vender. No entanto, no início de 1929 apareceu uma professora na região que iria ensinar as primeiras letras à molecada da ribeira, em uma das casas da fazenda Olho D'água do Cunha. Portanto, com o pretexto de comprar um par de alpercatas novas e material escolar, contra a vontade dos garotos, colocou os dois na frente e os levou para a feira da vila de São Thomé.

Crianças criadas na zona rural quando chegam na cidade, no meio de muita gente, perdem a espontaneidade natural e parece que desaprendem até a andar. Então, todo passo que a mãe dava na feira para vender seus produtos os dois garotos taludos, que pareciam ter no mínimo mais três anos, estavam ali nos seus calcanhares.

Terminadas as vendas e as compras dos víveres, foram a um banco de feira adquirir os calçados. Experimentaram as alpercatas novas, batendo bem os pés no chão. Finalizada a negociação das sandálias, agora era hora de procurar o “hotel” de Dona Teté, onde era freguesa antiga, para almoçarem e, mais tarde, quando o sol quebrasse, voltarem em romaria para a fazenda.

- Agora que vocês já comeram, vão dar uma *vorta* por aí!

Rindo, a mãe continuou:

- Vão procurar *argum* namoro, que vou me encontrar com mãe na casa de Dona Benedita.

Emburrados com a insinuação da mãe, de que já estavam procurando namoro, a acompanharam, mas de repente ouviram um barulho diferente: Era um automóvel que acabara de chegar metendo medo em muitos feirantes.

As reações dos dois meninos foram totalmente diferentes: Murilo correu para trás da mãe, enquanto que Sebastião fez gesto de correr atrás do veículo, mas foi contido por sua mãe. Quando a máquina parou e a poeira baixou, instantaneamente foi rodeada de curiosos, mas o condutor, na época chamado de chofer, avisou logo que todos poderiam observar de longe, mas não era permitido encostar.

Depois de admirar, por vários minutos, o automóvel parado no beco da igreja, Sebastião foi arrancado da roda da curiosos por sua mãe. No entanto, o menino usou todo seu poder de primogênito e de filho preferido para azucrinar o juízo de sua mãe pelo resto da tarde, pedindo para andar naquela máquina barulhenta, até que a mãe cavilosa pagou para o chofer fazer um pequeno passeio com suas duas crianças.

Acertado o valor da viagem, Sebastião sentou-se no banco da frente, junto ao chofer, e sem nunca ter visto um automóvel na vida tentava imitar os movimentos do condutor, pisando em pedais imaginários.

Foi amor à primeira vista! Nunca mais deixou a paixão por veículos motorizados.

Festa de Gado

Mesmo depois da divisão das terras, o coronel Adolfo, de forma indireta, era quem resolvia a maior parte dos problemas da propriedade. Só após sua morte subida é que Pedro Vitorino passou a se reportar diretamente com os seus novos patrões.

No ano de 1928 a fazenda Olho D'água do Cunha estava de vento em popa. A casa do vaqueiro Pedro Vitorino era passagem obrigatória e pouso dos transeuntes entre a Vila de São Thomé e Monteiro. Devido ao movimento, o vaqueiro também se tornou um negociante, comprando e vendendo objetos e animais dos passantes.

Com o bom desempenho da fazenda e um maravilhoso relacionamento com os patrões, no início de 1929 pediu licença aos mesmos para fazer uma festa de apartação (precursora da vaquejada).

Obtida a permissão, mandou construir uma latada coberta de palhas de coqueiro e terra batida, contratou o puxador de fole Júlio Preto e sua trupe para o grande forró no sábado à noite, comprou um "butiquim" a Elias Araújo, próspero comerciante, recém chegado do Pernambuco e dono de uma grande bodega na fazenda Firmeza. Vaqueiro afamado em toda região nas pegas de boi, com muitos amigos de profissão, em pouco a notícia de sua festa de apartação correu o mundo e atraiu vaqueiros até do Pajeú. No sábado de manhã o pátio da fazenda estava coalhado de vaqueiros e curiosos.

Tudo pronto para começar a brincadeira logo após o almoço, e o dono da festa, muito feliz com o sucesso do seu empreendimento, desde cedo que, de vez em quando, tomava uns grogues de aguardente com os convidados. Na hora marcada montou em seu cavalo Ventania para pegar o primeiro boi, mas desequilibrou e caiu com todo corpo no terreiro da fazenda, machucando a bacia e, portanto, acabando com a festa, antes mesmo dela começar.

Pres. João Porteira no Olho D'água do Cunha.

Desde o ano de 1928 que o Estado da Paraíba era governado por João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, indicado por seu tio Eptácio Pessoa, chefe da oligarquia dominante. Membro do Tribunal Militar, João Pessoa era um paraibano radicado no Rio de Janeiro, onde praticamente não conhecia as nuances da política da Paraíba, que obrigatoriamente passavam pelos poderes locais dos coronéis, que por sua vez recebiam as benesses dos governos do estado e da união para distribuírem com seus apadrinhados.

Para manter o poder local, os “coronéis” eram obrigados a manterem jagunços armados em suas fazendas e também, vez por outra, fazerem negócios escusos com cangaceiros. Não era novidade para ninguém que o interior nordestino era infestado de cangaceiros apoiados pelos “coronéis”.

João Pessoa quando deu o aceite para o seu tio Eptácio Pessoa, ex-presidente da República, para ser Presidente (Governador) da Paraíba, fez apenas uma ressalva: caso eleito acabaria com o cangaço e os coronéis coiteiros, de qualquer forma.

No tempo que o voto era aberto, poucos tinham coragem de votar na oposição. Neste contexto, João Pessoa foi eleito sem sobressaltos, tomando posse e iniciando seu projeto de acabar com o cangaço, e por tabela, o poder dos coronéis do interior.

Uma das primeiras medidas, neste sentido, foi um programa de desarmamento, e outro o fechamento das fronteiras de todo o Estado, evitando a evasão de mercadorias sem o pagamento de impostos para a Paraíba, o que lhe rendeu o jocoso apelido de “João Porteira”. Desta forma, foram dois golpes no poderio dos coronéis: no poder bélico e no bolso, já que agora teriam de pagar impostos de suas mercadorias contrabandeadas para os estados vizinhos. Esta pendenga política rendeu muitos distúrbios na política local, mas o poder do governador prevaleceu.

Além desse entrevero local, o ex-presidente Eptácio Pessoa, não foi convidado para opinar na chapa da situação para

presidente da República de 1930. Sentindo-se desprestigiado, formou uma chapa alternativa; a Aliança Liberal, com o presidente do Rio Grande do Sul, na cabeça, e seu sobrinho e presidente da Paraíba João Pessoa Cavalcante de Albuquerque.

O terceiro projeto do governador, considerado o golpe final nos interesses dos coronéis, viria nas eleições legislativas daquele ano (1930), onde o mesmo anti democraticamente proibiu que os deputados, em pleno mandatos, não poderiam apresentar suas candidaturas à recondução do cargo, com exceção do seu primo José Pessoa.

Com a intenção de comunicar suas pretensões aos correligionários políticos, o governador, no meado de fevereiro de 1930, há poucos dias do pleito de 3 de março daquele ano, empreendeu uma viagem para comunicar sua decisão ao coronel Sizenando, em Monteiro, e ao coronel José Pereira, em Princesa Isabel.

Pedro Vitorino voltava de uma campeada quando, de repente, escutou o barulho de automóvel. Devido a largura exígua da estrada, amparou-se em uma moita de marmeleiro para dar passagem ao automóvel. Não era um, mas dois Fords, novinho em folha, que passaram levantando poeira.

O primeiro automóvel conduzia o governador e no segundo estavam outros políticos e alguns oficiais da PM, com uma farda caqui cheia de galões que se derramavam pelo ombro esquerdo. Como havia chovido, o automóvel da frente atolou até o eixo na lama escura do riacho do Olho D'água. Os oficiais, com suas fardas amarrotadas da poeira da estrada, desceram dos automóveis, tentaram empurrar o carro, mas não conseguiram. Neste meio tempo o vaqueiro chegou vagarosamente montado no seu cavalo, puxando uma novilha. Os oficiais perceberam que o vaqueiro tinha uma arma na ponta da sela e imediatamente o indagam com arrogância:

- Quem é o senhor?
- Sou Pedro Vitorino.
- E este trabuco aí na sela?

- É do major, meu patrão. – tenta dissimular o verdadeiro uso da arma - Isso aqui é só para o caso de aparecer *arguma onça!*

Neste momento uma voz metálica interveio na conversa. Era o próprio governador:

- Capitão, por estas bandas só tem um major! Este daí pode deixar, que já sei quem é seu patrão.

O carro forçava a barranca do riacho, mas não conseguia avançar. Um dos homens fardados agachou-se e percebeu que o carro estava impedido de sair do atoleiro, porque montou o cardam sobre uma grande pedra.

Prestando atenção ao movimento dos militares, o vaqueiro diz que se quiserem vai na fazenda pegar uma junta de bois e uma corrente para puxar o carro para fora. Percebendo que não tem outra solução, os viajantes aceitaram a oferta de bom grado. Ofereceu pouso, no caso de alguém querer ir descansar na sua humilde residência, enquanto iria buscar as ferramentas.

Mais uma vez a voz metálica ecoa de dentro do automóvel.

- Carece não! Já é de bom tamanho se trouxeres a junta de bois!

Pedro Vitorino foi até sua casa e falou para sua esposa do acontecido. Ela perguntou:

- Quem será este *homi* com tanta *puliça* ?

- Sei não! Mas deve ser gente do governo!

- *Sebastião* vá ali no *ceicado mai* Murilo e bote a canga em Lavandeira e Ronceiro, que vou pegar a corrente grossa na casa grande. É *Prá nói* ir ali ajudar o carro que atolou.

Esta conversa de ficar perto de automóvel animou as crianças, principalmente, Sebastião, o mais velho.

Acoplada a corrente no chassi do Ford, o vaqueiro e seus dois filhos arrancam o primeiro carro do atoleiro, e o segundo motorista desvia do obstáculo e passa sem problemas.

Terminado o serviço, o vaqueiro pergunta a um dos oficiais que está mais afastado.

- Me adiscuipa a preguntou, mai quem é o cidadão dentro do carro? – indagou Pedro.

O oficial, desapontado porque o governador não fora reconhecido, responde baixinho.

- É o Presidente (Governador) da Paraíba!

Displícientemente o vaqueiro resmungou:

- Ah! *Entonce* é esse o tá de João Porteira?

O oficial fez que não ouviu, entrou no automóvel e seguiu viagem.

Movimento de 1930

Depois das confabulações políticas em Monteiro, onde todos concordaram com as suas ideias políticas, sem nenhuma objeção, no dia seguinte o governador atravessou o Pajeú pernambucano e alcançou a cidade de Princesa Isabel, sendo recebido pelo coronel José Pereira com grande festa, mas depois das solenidades, em particular o governador, informou ao anfitrião que o mesmo não poderia apresentar sua candidatura para aquela legislatura. Surpreso, na hora o coronel não quis fazer feio com o seu hóspede, mas mal o governador chegou na capital recebeu um telegrama de rompimento político desaforado.

No dia da eleição as forças policiais do governador pressionaram os familiares de Zé Pereira, na cidade de Teixeira, desencadeando uma guerra entre a polícia militar, comandada por José Américo de Almeida, e os jagunços do coronel Pereira. Depois do governo enviar várias campanhas militares para debelar os revoltosos de Zé Pereira, consumindo os poucos recursos do Governo do Estado, a cidade de Princesa se declarou independente da Paraíba.

A estratégia de Zé Pereira e seus aliados, que desfrutavam da simpatia do Governo Federal, era convulsionar o estado para assim justificar uma intervenção federal. Com este objetivo, o coronel Zé Pereira decretou a independência de Princesa Isabel frente ao estado da Paraíba, criou Constituição Municipal, hino e bandeira desmoralizando o governo estadual. Por fim, recrutou

entre seus jagunços, pequenos grupos de vinte a quarenta homens, e os enviou para várias regiões da Paraíba dando tiros a esmos para criar um clima de pânico na população. Um destes grupos foi designado para ir ao Cariri paraibano, chegando em São Tomé em 15 de junho 1930, tendo sido recebido pelo Padre Sílvio, nas imediações da Fazenda Pedra Comprida. Em segredo, os integrantes do grupo desordeiro confessaram ao clérigo que não eram cangaceiros de verdade, estavam apenas fazendo um barulho. Tranquilo, o padre trouxe a turba para São Thomé, e almoçaram na vila na casa de Antônio Jacinto. À tardinha, de rota batida para Camalaú-PB, passaram na casa de Pedro Vitorino, onde a cabroeira tomou água e comeram rapadura.

Derrotado nas urnas, desmoralizado, sem recursos financeiros e humanos para combater os rebeldes de Princesa, o governador partiu para uma série de ataques pessoais aos parentes do coronel José Pereira, residentes na capital.

Sabendo que estava sendo procurado pela polícia, o boêmio e conceituado advogado João Dantas fugiu para o Recife. A polícia, a mando do governador, invadiu seu apartamento, revirou tudo e o que encontrou de comprometedor foram algumas fotos íntimas do advogado com sua namorada, a professora Anayde Beiriz, que por pura vingança foram imediatamente expostas na calçada do jornal A União.

Neste clima bélico, o governador avisou pelos jornais que ia à Recife e que não tinha medo dos moleques de recados de Zé Pereira. No dia 26 de julho de 1930, quando estava sentado com amigos políticos pernambucanos, foi assassinado por João Dantas na confeitaria Glória.

A chapa denominada de ALIANÇA LIBERAL, formada pelos presidentes do Rio Grande do Sul e Paraíba, Getúlio Vargas e João Pessoa, na verdade, sempre foi um movimento armado que planejava chegar ao poder através das baionetas, já que não havia lógica política a união de apenas três Estados, baterem os demais no voto.

Após as eleições de 1 de março de 1930, onde os resultados das urnas foi o esperado até para o mais otimista dos

aliancistas, e os dirigentes dos Estados da Paraíba, Minas e Rio Grande do Sul foram vergonhosamente derrotados nas urnas.

Em qualquer eleição, os derrotados têm o direito de espernear e acusar os vencedores de fraudes. Assim os aliancistas passaram a conspirar para derrubar o governo do Presidente da República Washington Luiz, através de um movimento armado, porém, em uma época de comunicações precárias, o consórcio não encontrava uma data ideal para o levante, que agradasse a todos, fato que enfraqueceu o movimento a ponto de ser abandonado por alguns signatários, até que a morte do Presidente (Governador) da Paraíba, companheiro de chapa de Getúlio Vargas, por razões paroquiais, foi a faísca que faltava para colocar novo ânimo no movimento revolucionário, que explode em 3 de outubro de 1930, levando Getúlio Vargas a usurpar o cargo de Presidente da República, dando início a um longo período ditatorial.

A Grande Seca de 1934

O escritor José Américo de Almeida foi o grande articulador civil do movimento armado no Norte e Nordeste. Com a vitória deste movimento foi alçado ao poder central do Brasil e se tornando o poderoso Ministro da Viação e Obras Públicas do governo de Vargas, que na época comandava: portos, estradas de rodagem, ferrovias, aeroportos e o Instituto Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS). Através deste órgão privilegiou muito a Paraíba executando muitas obras nas propriedades particulares, que, de certa forma, amenizou os efeitos da grande seca de 1934.

Em uma época em que havia poucos reservatórios públicos capazes de acumular água em grandes quantidades, quando em dois anos seguidos não chovia o fantasma da falta de água e comida, para os seres humanos e animais, tornava-se uma realidade. Nos primeiros meses secos, sem meios de sobrevivência, os “moradores” abandonavam as fazendas, e em hordas tomavam o caminho das regiões mais úmidas da Paraíba e do Pernambuco.

Sem ter mais quem lhe pagasse por um dia de serviço, para seus animais de transporte de carga, José Honório Ferreira colocou suas duas netas, Florisa, com sete anos e Adalgiza, com oito, cada uma em um caçuá da burra Preciosa, acomodou a esposa Dona Rosa em um burro, em outro colocou as tralhas que dava para carregar, montou no pangaré Jubileu e faz a viagem de volta para Brejo de Navalha, nas cercanias de Brejo de Madre de Deus, onde tinha suas raízes familiares.

Os fazendeiros e vaqueiros são os viventes que resistem até o limite máximo da sobrevivência. Primeiro vendem os animais mais fracos, em seguida assam mandacaru e xique-xique para alimentar o rebanho e, só depois que até a água se finda é que tomam a decisão de retirar o gado daquela região.

Depois de apelar para todas estas etapas, no mês de setembro de 1934 o céu parecia que havia sido pintado de azul, quando não havia mais nada para o gado babujar foi que os patrões do vaqueiro Pedro Vitorino conseguiram uma fazenda na beira do rio Paraíba, no município de Cabaceiras, onde ainda havia um pouco de verde para retirar o gado. Cento e vinte seis cabeças, incluindo o gado do Olho d'água do Cunha e das outras fazendas do grupo, seis do vaqueiro e mais dez de um fazendeiro vizinho, que não mandou ajudante, comida para os vaqueiros, nem dinheiro para ajudar nas despesas.

Neste momento os "Inspetores" mais velhos de Pedro Vitorino, agora eram adolescentes. Sebastião, com treze anos, já tinha um namoro escondido nas barrancas da cacimba do Olho D'água, com Inez, uma cabrocha bonita filha de Zé Deodato, morador da fazenda. Murilo doze, Expedito onze, todos aparentando ter, pelo menos, três anos a mais, já eram ajudantes de vaqueiros em todas as tarefas executadas pelo pai.

No vocabulário rural "ritirada" significa a transferência do gado de um território para outro, até o dia que as chuvas retornem e a vegetação se recomponha, ao ponto de poder alimentar os animais. Como se tratava de uma retirada para longe, cerca de quinze léguas, a previsão de retorno da comitiva seria, no mínimo, para o meado de janeiro.

O vaqueiro experiente, encarregado de comandar os demais, sabendo que o rebanho estava fraco e magro, planejou a viagem em três dias. No primeiro dia tencionava pousar em Coxixola, o segundo na zona rural de São João do Cariri e no terceiro dia chegar à fazenda alugada ainda com o sol alto.

Na segunda-feira, véspera da viagem, todos foram à feira, mas Sebastião inventou uma desculpa para ficar em casa. Certo que estava só, abriu o armário da mãe, pegou um queijo para presentear a namorada, enrolou-o em um pano, colocou a espingarda nas costas e com a alegria dos amantes vai encontrar-se com sua namorada na beira da cacimba do Olho D'Água, mas quando as coisas estavam ficando perigosas, o casal escutou um estampido de arma de fogo. Era Manoel Pacifico, um caçador que havia atirado em uma juruti. Errou o tiro, mas acertou o namoro dos jovens em cheio.

À noite, Pedro Vitorino expôs a estratégia da viagem para seus auxiliares:

- Este gado tem que andar devagar! *Arguns de vosmicês* tem que ir na frente para fazer o *dicumer*, *inté* o restante da tropa chegar.

Sebastião, que nunca foi fã de trabalho com manejo de gado, prontificou-se para ir na frente aprontando a bola dos demais, junto com seu amigo inseparável Jaime de Major.

Ao amanhecer do dia 4 de setembro de 1934 (terça-feira), o vaqueiro Pedro Vitorino que já era pai de dez filhos, depois de tomar o café, já com a vaqueirama toda pronta sobre seus cavalos. Soltou um aboio saudosista, o gado respondeu com um mugido, igualmente saudoso, e um sinal com a mão direita, deu a partida ao comboio. Da calçada alta do casebre Maria Rosa Vitorino segurava seu filho mais novo em um dos braços, Apolônio Vitorino da Silva, com o outro acenava para os três filhos mais velhos e o marido, que certamente não regressariam mais naquele ano. Quando o rebanho desapareceu na poeira fina, com as costas da mão esquerda, enxugou uma lágrima quente.

Os mantimentos: farinha de mandioca, feijão, rapadura, carne de charque e milho para os animais de montaria foram

acomodadas em dois burros, com a promessa de quando tivesse acabando os patrões enviariam outra carga com provisões.

Na metade de janeiro de 1935, quando caíram as primeiras chuvas no Cariri, a comitiva regressou para o Olho D'Água do Cunha, com o rebanho intacto e mais pesado.

Almocreve

*"... São tropas de burros que vem do sertão
Trazendo seus fardos de pele e algodão
O passo moroso só a fome galopa
Pois tudo atropela os passos da tropa
O duro chicote cortando seus lombos
Os cascos feridos nas pedras aos tombos
A sede e a poeira o sol que desaba
Ó longo caminho que nunca se acaba!..."*
Tropeiros da Borborema
Luiz Gonzaga



Almocreve - Fonte: Internet – Domínio Público

Muitos tropeiros que viajavam do Pajeú para Jatobá do Brejo pousavam sobre a copa de um juazeiro nas cercanias do velho Olho d'água do Cunha. Na hora do almoço, tiravam uma panela de feijão frio de cima da cangalha do burro, rapidamente

faziam um fogo de trempe, colocavam bornais nos focinhos dos animais, assavam um taco de carne de sol que viajava acondicionado no saco da farinha. Comiam, tomavam água à vontade e palestravam alegremente sobre a luta das viagens.

Prestando atenção àquele movimento, Sebastião Vitorino, o filho mais velho de Pedro Vitorino, sonhava com um mundo de viagens e aventuras, mas não tinha coragem de falar para o genitor que admirava muito a vida de almocreve.

Certo dia um dos viajantes, bastante idoso, passou mal e não pôde acompanhar a tropa. Prontamente Sebastião ofereceu-se para ajudar a comitiva a tanger a tropa até Jatobá do Brejo. No outro dia, quando regressou, ficou radiante com a notícia que seu pai havia adquirido os quatro animais e a carga do enfermo. Entregou-os para o filho mais velho, que daquela data em diante, abandonou totalmente a vida de vaqueiro, e se tornou um tropeiro-comerciante, juntamente com seu irmão Pedro Vitorino Filho, levando cargas de algodão de frete para o Jatobá e regressando com ancoretas de aguardente, farinha, café em grão e feijão de arranca.

Falecimento de Maria Vitorino

Em março de 1937 Maria e Pedro Vitorino completaram dezessete anos de matrimônio e o casal esperava mais um filho para o mês de abril. No entanto, Maria não era mais aquela mulher que esbanjava saúde. Sempre muito pálida, vivia triste pelos cantos se queixando de uma dor abaixo do seio direito. Quando conseguia comer alguma coisa, acabava botando tudo para fora, provavelmente algum problema vesicular.

O lugar mais perto que se poderia encontrar algum médico para consultar era Campina Grande, a mais de 20 léguas de distância. Em uma época em que não havia transportes regulares no interior da Paraíba, qualquer deslocamento tinha que ser feito a cavalo, mas com a barriga grande e em dias de parir, não era recomendado uma viagem daquele tamanho. Portanto, o tratamento ficará para após o parto.

Em 5 de abril de 1937, a madrugada era de muita chuva, e Pedro Vitorino, como de costume, às três e meia da madrugada já estava de pé arriando o leite das primeiras vacas, com ajuda de seus "Inspetores", quando recebeu a notícia que sua esposa estava em trabalho de parto. Deixou o restante dos serviços para os rapazes concluírem e foi para casa, onde já encontrou a velha parteira Maria de Izidro de prontidão, com um pano amarrado na cabeça, passando para a cozinha apressada, dizendo que Maria Rosa estava muito fraca e que não estava conseguindo expulsar a criança do ventre. A luta para a criança nascer durou até às oito da manhã, quando finalmente nasceu Raul Vitorino da Silva.

Muito fraca e com baixo peso, não teve como amamentar a criança. A cada dia sua pele tomava uma aparência esverdeada. Percebendo que estava tudo se acabando, mandou chamar seu irmão José Honório Ferreira e com lágrimas nos olhos colocou o seu filho recém-nascido nos braços do seu irmão mais velho, que embora fosse casado, não tinha filhos, dizendo:

- Zé, leva este inocente para você! Arruma *arguma muié* para amamentá-lo! Não *demora* para o pai não criar causo!

Com muitas dores, sem apetite, na tarde de 5 de maio de 1937, veio a óbito, deixando treze filhos, onde Sebastião, o mais velho, tinha apenas dezesseis anos, e o viúvo com quarenta e oito anos.

Casamento de Pedro Vitorino com a cunhada Quitéria

De acordo com a tradição rural, depois dos funerais da esposa a família toda colocava roupas pretas, em sinal de luto, ou pelo menos uma faixa de pano preto costurada no bolso da camisa, e o homem passava até a missa de trinta dias sem fazer a barba.

Mesmo com essa filharada toda, em poucos dias o famoso vaqueiro do Olho d'água do Cunha estava rodeado de pretendentes, mas quis o destino que a pretendente ungida fosse sua cunhada Quitéria, que já contava com trinta anos de idade e para a época já era considerada bastante madura.

Quando a notícia do namoro de Quitéria com seu cunhado Pedro Vitorino chegou no Riachão, na casa do velho José Honório Ferreira, este queimou ruim e disse que sua filha não sairia de casa para casar com o vaqueiro presunçoso do Olho D'água do Cunha.

Na zona rural de outrora, sem ter muito o que fazer, o povo em geral tratava estes assuntos como em uma partida de futebol. Uns torciam para um lado e outra parte para o outro. O leva e traz era divertimento do povo, nas janelas das casas, no caminho da feira e nas bodegas.

José Honório Ferreira proibiu a filha de comparecer à feira, mas suas amigas encontravam-se com Pedro Vitorino, que lhe mandava recados e pequenos presentes.

Namoro de viúvo tem pressa! Com pouco mais de sete meses do falecimento da mulher, Pedro Vitorino não aguentava mais esta vida sem esposa e mandou um ultimato para a namorada que, se quisesse casar com ele, tinha pressa. A moça, de pronto, concordou e o viúvo, não tendo como falar casamento com seu ex-sogro, partiu para organizar o rapto da donzela.

O rapto ficou acertado para o domingo 17 de dezembro de 1937, noite de lua cheia. Quando o galo cantasse a primeira vez a noiva abriria a porta de trás do casebre, e o viúvo ansioso estaria esperando a nubente embaixo de um pé de canafístula.

Tudo certo, quando a ninfeta com as mãos trêmulas chegou junto do viúvo este, sem pedir licença aplicou-lhe um beijo, depois jogou-a na garupa do cavalo e sem nenhuma necessidade, tirou o rifle da ponta da sela, manobrou-o e deu vários tiros para o alto. José Honório Ferreira jamais o perdoou por esta brincadeira, para não dizer molecagem.

Nesta época, quando se raptava uma moça, antes de desposá-la o costume era depositá-la em uma casa de família até que corresse as proclamas na igreja para fazer o casamento. Com as bênçãos dos patrões, o casamento foi realizado no sábado seguinte, como rezava a tradição, com muita comida e dois dias de forró.

1939 - Início da Segunda Guerra na Europa

Semanalmente, quando as pessoas da zona rural iam à feira, apareciam notícias que chegavam através das ondas do rádio, dos movimentos armados entre países distantes, mas que acabavam metendo medo em todos, principalmente na população jovem e nos menos esclarecidos.

Na volta para casa Zé Costa, sempre cavalgando vagorosamente ao lado do compadre Pedro Vitorino, com sua experiência de vida militar era quem tirava as dúvidas do vaqueiro:

- Essa tá de guerra é onde *mermo*, *cumpade*?

- *Cumpade*, Isso é lá no estrangeiro! *Prá* chegar lá tem que atravessar o mar!

- E isso tem *argum* perigo de vir *cá prá nói*?

- *Cumpade*, *quarque* briga se sabe por onde começa, mas não se sabe onde vai dar! – continuando – Veja meu caso: Nunca pensei de vir bater aqui!

No meio da semana seguinte, o carteiro pernoitou na casa de Pedro Vitorino e deu a notícia que a Alemanha havia invadido a Polônia, que não ofereceu nenhuma resistência.

Aqueles nomes estrangeiros todos não faziam a menor diferença para um vaqueiro analfabeto, mas o seu compadre Zé Costa sempre que estavam a sós tentava explicar os motivos de cada uma das nações em conflito.

A chapa esquentou mais para o povo brasileiro quando, em 1942, os Estados Unidos da América declararam guerra à Alemanha e alguns navios cargueiros e de passageiros do Brasil foram afundados na nossa costa.

De volta para casa, cavalgando lado a lado, os dois amigos palestravam alegremente quando Zé Costa puxou o assunto da guerra:

- Olha aí *cumpade*, não falei que briga se sabe onde começa, mas não se sabe onde termina? O negócio aí já está aqui perto do Recife. – afirmou Zé Costa com segurança.

No mundo pequeno do vaqueiro, Recife, embora estivesse distante, já era algo mais palpável, pois alguns sobrinhos dos

seus patrões estavam naquela cidade estudando para serem doutores.

- Num sei nem o que dizer, com uma situação dessa aqui tão perto – falou pensando em como cuidaria de uma prole de treze filhos da primeira núpcia e mais quatro da segunda, em caso da guerra chegar na sua morada.

Até este momento a Alemanha estava ganhando o conflito militar e o governo brasileiro apostava e torcia pela vitória dos Nazistas, porém quando a Alemanha, depois de muitas tentativas, não conseguiu invadir a Inglaterra, em um gesto tresloucado de Hitler, contra a vontade do alto escalão do exército alemão, invadiu a União Soviética, atolando seu melhor efetivo no inverno russo e assim a Alemanha começa a perder o conflito.

Recrutamento Obrigatório

Percebendo que não havia mais chance de os nazistas saírem vitoriosos do conflito, o esperto ditador Getúlio Vargas mudou de lado e apoiou os americanos. Nesta negociação recebeu a usina de base de Volta Redonda-RJ, e em contrapartida cedeu um território para uma base militar americana em Natal-RN, ao mesmo tempo que se comprometeu a enviar um contingente de soldados para lutarem na Europa, em 1943.

- *Cumpade* agora a coisa está ficando feia! – falou Zé Costa abismado.

- De que se trata *cumpade*?

- *Sube* hoje na feira que o governo brasileiro vai enviar soldados para a guerra!

- Será?

- Não quero lhe fazer medo não *cumpade*, mas se for mesmo verdade, vão vir pegar gente até aqui!

Com uma cara de terror continuou

- Quando eles vêm com aqueles nomes que pegam no cartório, dos rapazes com mais de dezoito anos, quem não quiser ir eles fuzilam na hora.

Com muitos filhos homens e em idade apta para a missão, Sebastião com 22, Murilo 21, Expedito com 20, Israel com 19 e

Aderaldo com 18, todos solteiros, o vaqueiro Pedro Vitorino ficou sem chão. Não encorajaria um filho a fugir da luta, para não ser apontado como covarde, mas também, pensou no que seria de seus filhos sair de mundo afora matando quem nunca viu.

Não tardou e em um dia de feira chegou um caminhão e um carro pequeno do Exército brasileiro com uma lista com os nomes dos “escolhidos” para fazer treinamento militar.

No meio da feira, o corneteiro gordo tocou uma ordem unida de cima do caminhão e em seguida um oficial começou a ler a lista. Os que estavam presentes deveriam, ali mesmo, apresentarem-se: quem não estava na vila, certamente tinha algum conhecido que lhes transmitiria o recado e no outro dia deveria apresentar-se. Quem assim não o fizesse, seria caçado no laço feito animal.

Até o fim da guerra em 1945 o Exército Brasileiro recrutou jovens em todos os rincões do Brasil, em três escalões, a maior parte ruralista, para defenderem uma causa que não era sua. Em cada recrutamento as famílias sofriam e rezavam para seus filhos queridos não estarem naquelas famigeradas listas da morte.

Muito sofrimento, muita tensão, mas, por uma questão de sorte, nenhum dos filhos de Pedro Vitorino foram recrutados para a guerra.

De São Thomé muitos jovens foram recrutados: Sebastião Bezerra, Raimundo Sabiá, Demóstenes Cipriano, Taveira e Norberto Preto ficaram no Brasil defendendo a costa brasileira. Lourival, conhecido como Caboclo Sabiá e Toinho de Dolores e muitos outros jovens foram aos campos de combates na Itália, mas felizmente voltaram sãos e salvos. Toinho Dolores recebeu medalha pelo ferimento sofrido no teatro de operações na Itália.

Família Cresceu

Por esta época, embora todos ainda solteiros, parte da família da primeira esposa, já eram adultos. Sebastião, com 22 anos, labutava na atividade de almocreve, viajando com a tropa

de burros para Jatobá, Caruaru, Sanharó e Brejo de Navalha, para onde há alguns anos retornara José Honório Ferreira, sua esposa e as netas Florisa e Adalgisa.

Numa época em que as oportunidades de lazer para os jovens eram muito escassas, era muito comum os casamentos entre os primos. Frequentando a casa dos avós maternos Sebastião, secretamente, iniciou uma troca de olhar com sua prima Adalgisa, que nos tempos que moraram em São Thomé foram praticamente criados juntos, mas não teve coragem de publicitar o romance, deu o mole, e o proprietário de uma bodega, Antônio Tumulião, foi mais esperto. A outra prima, Florisa, com dezesseis anos, cabelos cacheados, bochechas rosadas, olhos amendoados, pernas torneadas, cintura fina, quadril e seios fartos, chamou a atenção do primo, mas tinha o gênio forte e não dava a menor brecha para o primo aproximar-se. Ressabiado com o acontecido com a outra prima recorre ao tio Etelminio para amansar a fera. Com muito jeito o tio conseguiu dobrar as resistências de Florisa, porém com a promessa que o futuro esposo comprasse uma mobília e alugasse uma casa para o casal. No início do ano de 1945 casaram no povoado de Mutuca, em Pernambuco, mas após a festança de três dias, como mandava a tradição, foram morar em São Thomé, em uma casa alugada na subida do alto dos Jorges.

Desde o ano de 1940, quando o senhor José Paulo Alimonda recebeu o decreto de exploração da mina de apatita, nas cercanias do Olho D'água do Cunha, que os filhos do vaqueiro, Israel e Pedro Vitorino Filho começaram ajudando nos trabalhos braçais de pesquisa e cubação da jazida, pelo DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), onde engajaram e trabalharam por muitos anos nestes órgãos federais.

Aderaldo foi trabalhar no DNOCS, quando este órgão esteve fazendo o estudo da bacia hidrográfica do rio Paraíba, no alto Cariri, para definir o melhor local para implantação de uma barragem de porte médio. Expedito, terceiro filho do vaqueiro, sempre gostou de mecânica e acabou indo trabalhar de auxiliar

em uma oficina de Caruaru, onde tornou-se um mecânico profissional.

Maria Dalva dedicou-se a ajudar a tia Quitéria na labuta da casa e, principalmente, no cuidado com os irmãos, fato que lhe tirou a saúde e a oportunidade de formar a sua própria família. Os demais: Apolônio, Luis, José e Lourdes eram garotos que ajudavam em casa cambitando água, lenha e leite.

Sedução de Marina

Por volta do ano de 1928 apareceu uma família originária da região do Pajeú, protegida por uma das donas do grupo agropecuário. “Chico Cariri” era um afrodescendente de estatura média e olhos negros, chapéu de couro surrado de aba estreita, quebrado na testa, casado com dona Maria Francisca, uma senhora de tez branca e olhos esverdeados.

Com o aval da proprietária, em pouco tempo tornou-se um dos principais vaqueiros da Firmeza. O casal tinha uma filha chamada Raquel e um garoto de dezoito anos que atendia pelo nome de “Joaquim Cariri”, um caboclo alto, cabelo pregado no casco da cabeça, dentes brancos fortes, rosto afilado, corpo musculoso e olhos verdes, que se tornou a coqueluche das moças da região. Dizem que, diante de tanta beleza masculina, até as recatadas mulheres dos fazendeiros, arrastando seus vestidos pelo chão, abanavam-se quando estavam na presença do jovem mancebo.

Chico Cariri, apesar de ser protegido da patroa, não era um bom vaqueiro e em muitas ocasiões, como no caso de partos difíceis das vacas, era obrigado a ir consultar Pedro Vitorino, que não fazia cara feia para atender suas demandas. Não sendo bom com o manejo do gado, começou a perder bezerros, ao mesmo tempo que vivia na cozinha da patroa enredando e botando discórdia entre os patrões e os demais agregados das fazendas, até que os demais vaqueiros, lentamente, foram afastando-se do colega fofoqueiro.

Em 1942, quando contava com trinta e quatro anos, o bonitão Joaquim Cariri engravidou Sebastiana, filha de um outro

vaqueiro. Quis fugir da responsabilidade, mas não teve jeito e o galã, que arrebatava os corações das donzelas, teve que se casar com a moça desonrada, para que seu pai não lhe cortasse os “documentos” com faca cega, como era a tradição. Através do pai, Joaquim Cariri conseguiu o posto de vaqueiro auxiliar da Fazenda Nova, pertencente ao mesmo grupo.

O casamento com Sebastiana não desanimou o rapaz. Metido a bonitão, não fazia conta de sua esposa e vivia para cima e para baixo nos forrós, namorando abertamente com quem aparecesse.

Marina, filha mais velha de Zé Costa, tinha o porte da mãe: cabelos longos repartidos no meio da cabeça, olhos mornos rodeados de cílios grandes, lábios finos protuberantes, seios e ancas fartas. No dia da feira, sempre acompanhada de sua irmã Rosinha, por onde passava recebia olhares indiscretos e libidinosos dos rapazes, mas não dava confiança para ninguém. Com dezenove anos nunca havia apresentado oficialmente nenhum namorado.

Por ordem do pai severo, não costumava a ir a forrós, mas certo dia, em uma festa de batizado perto de sua casa, estava marcado um rela-bucho, cujo chefe de salão era o seu padrinho Pedro Vitorino. Marina insistiu com o pai para consentir que ela e sua irmã Rosinha comparecessem à festa familiar.

Averso a festas, depois de muitas recomendações, o pai caviloso concordou que suas filhas comparecessem ao evento, junto com sua mãe Marinalva.

Joaquim Cariri, desde que chegou ao forró, bebia e procurava uma maneira de fazer alguma confusão. Primeiro adentrou ao salão para dançar, com uma pistola de dois tiros na cintura, o que não era permitido pelo chefe do salão, que mandou parar o fole para recolher a arma do mancebo atrevido.

- *Vosmicê* me entregue este trabuco! Aqui ninguém dança *aimado*! Só eu!

Percebendo que o chefe do salão estava entre muitos amigos, não esboçou nenhuma reação. Entregou a Beretta de dois

tiros, que foi devidamente guardada para ser entregue ao imbuanceiro, no final da festa.

Acalmados os ânimos, o tocador recomeçou o forró e Joaquim Cariri, confiado no prestígio do pai junto à patroa, procurou outra coisa para perturbar. Finalmente bateu os olhos em Marina.

Embriagado, quando o tocador terminava uma música fazia gestos para a donzela, mas ela, sabendo que o mancebo já era comprometido, não lhe dava o menor cabimento. Joaquim não sossegou até que Marina, para não criar caso de cortar cavalheiros, aceitou dançar uma parte com ele.

Embebida com a beleza do rapaz, e sentindo seu corpo colado ao seu, Marina dançou mais algumas partes e Joaquim aproveitou para seduzir a ninfeta, falando baixinho em seu ouvido.

- Tu *sabe* que estou apaixonado por *vosmicê*?

Tímida e paralisada com o atrevimento do galanteador, a donzela não respondeu nada, mas deixou seu corpo ser levado por aquele homem grande e forte, que quase não deixava seus pés tocar no solo.

Assim que terminou a música, sua mãe, percebendo o desmantelo da dança, já estava de prontidão para deixar o forró.

- *Vamo simbora* Marina! – falou sério – Se teu pai sabe de uma dança dessa com o filho deste “cão” de Chico Cariri, não vai gostar.

- Mainha, só fui para não cortar o cavalheiro!

A donzela, que jamais havia encostado seu corpo em um homem, voltou para casa silenciosa, porém bastante perturbada com as reações estranhas de seu corpo juvenil. Por outro lado, Joaquim Cariri, feliz da vida, sabia que tinha colocado uma ideia na cabeça da moça e mais cedo ou mais tarde o caso estaria consumado.

Passaram vários dias e Joaquim sempre procurando um jeito de chegar junto da moça, até que um dia teve um dedo de prosa com ela na feira de São Thomé. Sem mais nem menos,

marcou para encontrá-la em um rancho abandonado que ficava perto da casa de seu pai.

Experiente e encantador, não foi difícil para o vaqueiro seduzir a moça para o coito, que em uma única vez acabou pegando gravidez.

Engordando e enlarguendo o quadril, as pessoas estranhavam, mas não desconfiavam de gravidez, já que a moça não tinha namorado. Um certo dia Marina chegou na casa de Pedro Vitorino e caiu no choro, confessando para Florisa, esposa de Sebastião, o filho mais velho do vaqueiro, que estava grávida e que não tinha coragem de falar para os pais, muito menos dizer quem era o pai da criança.

- Mulé, pelo amor de Deus, teu pai vai virar uma fera!

Aos soluços Marina falava:

- Eu sei Florisa! Meu pai vai me matar, por este *disgosto!*

No outro dia o imbróglío foi desvendado. Zé Costa colocou munição no velho rifle, mas sua esposa falou que se ele quisesse matar alguém, matasse ela mesma. O rapaz já era casado e não havia o que se fazer então, com intermediação dos patrões, ficou acertado que a moça continuaria morando em sua casa, mesmo sem o pai falar com ela, e que o rapaz bonito daria duas vacas paridas para fazer frente às despesas do bebê, que estava a caminho.

Foi duro para o velho revolucionário, que já contava com mais de sessenta e cinco anos, aguentar essa bucha, mas era algo que fugia das suas forças.

CAPÍTULO - IX

A DITADURA VARGAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DO VAQUEIRO PEDRO VITORINO

Não existe mágica para se governar no sistema republicano! O poder político para dar condições de governar, deve ser ancorado em alguma base forte, que lhe dê maioria e popularidade. Seja o Congresso, forças armadas e/ou o apoio popular.

A longevidade do governo de Getúlio Vargas de 1930 até 1945, em grande parte ditatorial, só foi possível porque o mandatário maior soube dosar a participação popular com as forças militares.

Primeiro para chegar ao poder, usou o poder do exército. Aproveitou-se do assassinato de seu companheiro de chapa, João Pessoa, quatro meses após o pleito, por um motivo apolítico local, manobra parte dos antigos líderes do movimento tenentista, que pertenceram à famosa Coluna Prestes, comandou um movimento militar para derrubar o Presidente Washington Luiz e impediu a posse do presidente eleito, Sr. Júlio Prestes, marcada para o final de 1930.

Neste movimento revolucionário São Paulo foi o estado de muita importância para o êxito dos revoltosos, pois não ofereceu resistência à passagem de Getúlio Vargas e seus soldados, que marcharam do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro para derrubarem o governo eleito.

Empossado como chefe do governo provisório, o Sr. Getúlio Vargas não deu bola para o estado mais rico da federação e colocou um interventor alheio aos interesses paulistas. Revoltados, os Bandeirantes pegaram em armas em 1932, contra o governo central, mas o ditador Vargas, junto com o restante dos Estados brasileiros, massacrou e humilhou o povo paulista. Finalizados os combates, o presidente Vargas, acenou com uma nova Constituição e eleições para presidente, em 1934. Cumpriu

a promessa, mas a eleição foi indireta, e ele mesmo, foi eleito Presidente da República.

Entre 1934 a 1937 o Brasil viveu um curto período democrático, com o Congresso Nacional e a Justiça funcionando normalmente. Neste período Getúlio Vargas, através do Exército, conseguiu aniquilar as duas forças oposicionistas a seu governo: à esquerda prendeu todos os comunistas em 1935, incluindo Luiz Carlos Prestes, antigo chefe da Coluna que leva seu nome e sua turma; e à direita prendeu os Integralistas, os famosos Camisas Verdes, personificados na pessoa de Plínio Salgado, em 1937, e, finalmente para coroar o feito ditatorial apoiado pelas Forças Armadas, fechou o Congresso Nacional, acabando com a campanha eleitoral para Presidente, onde o paraibano José Américo era favorito, e deu um golpe de estado conivente com a maioria dos governadores, que se tornaram automaticamente interventores, em seus respectivos estados. Na Paraíba o governador eleito em 1934, Argemiro de Figueiredo, foi um dos governadores que conspiraram com o golpe do presidente Vargas, tornando-se em seguida interventor, em 1937.

Com todos seus opositores na cadeia, o ditador Getúlio Vargas teve livre acesso para governar com mãos de ferro. Criou o famoso DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e deu início ao chamado Estado Novo, que vigora de 1937 a 1945.

Esta época foi marcada por perseguições políticas, prisões sem mandados, censura ferrenha aos meios de comunicação e culto à personalidade do Presidente. Este período também coincidiu com o estouro da Segunda Grande Guerra na Europa, em 1939, onde a Alemanha e a Itália uniram forças, invadem a França e tentam fazer o mesmo com a Inglaterra, que resiste bravamente a muitos dias de bombardeios cerrados.

Até 1941 os especialistas em análises de guerra, de todo o mundo, davam como certa a vitória do Eixo, formado pelo: Japão, Alemanha e Itália. O Presidente Vargas admirava e apoiava abertamente os métodos políticos da Alemanha Nazista, com a esperança de que Hitler, ganhando a contenda na Europa, não mexesse com os ditadores da América Latina.

Acontece que Hitler, na sua infinita loucura, depois de muitas tentativas, não consegue invadir a Inglaterra resolveu, contra a opinião de todo seu alto comando militar, invadir a URSS, que até aquele momento estava neutra no conflito, respeitando o acordo secreto de não agressão, entre Hitler e Stalin. Esta atitude insana do ditador alemão abriu um novo front no Leste Alemão, resultando na queda da Alemanha Nazista, a partir de 1943.

Para o ditador Getúlio Vargas o enfraquecimento da Alemanha na guerra e a entrada dos americanos no conflito foi um duro golpe nas suas pretensões continuístas. Percebeu que com a queda das ditaduras Europeias ficaria difícil de manter seu governo aqui no Brasil, sem nenhuma cerimônia, tranquilamente, mudou de lado e fez um acordo militar com o "tio Sam", cedendo-lhe a Barreira do Inferno, em Natal-RN, para implantação de uma base militar americana que ficasse mais perto para lutar no norte da África.

O acordo militar com os americanos garantiria a permanência da Ditadura Vargas apenas até o final da guerra, visto que após o final do conflito mundial, onde as principais democracias combateram o totalitarismo, não ficaria bem para os americanos e os Pracinhas que foram derramar seu sangue na Europa, aturar uma ditadura sanguinária no Brasil.

Percebendo que, em breve, quando o Nazismo e o Fascismo, fossem definitivamente derrotados pelas forças Aliadas, e os Pracinhas regressassem ao Brasil, com seus oficiais superiores condecorados pelo êxito nas batalhas da Europa contra as ditaduras, seu governo não se sustentaria por muito tempo. Apegado ao poder, o ditador Vargas, espertamente, criou uma nova âncora política para o seu governo: consolidou todas as leis trabalhistas em um só pacote (CLT-1943) e divulga o pacote de bondades através de maciça propaganda pelo DIP, com o objetivo de cativar o trabalhador brasileiro, trazendo-o para a defesa do seu governo, que agonizava com o fim da guerra na Europa.

Em uma época onde o Brasil, ainda era um país agrícola, as leis trabalhistas consolidadas no pacote de 1943 atingiriam, apenas, trabalhadores urbanos da incipiente indústria, mas em pronunciamentos, quase que diariamente, na Voz do Brasil, o Ministro do Trabalho, Marcondes Filho, prometia que, num futuro próximo, os mesmos benefícios dos operários das cidades seriam, também, estendidos para os trabalhadores do campo.

A pouca água armazenada no interior nordestino estava em poder dos grandes proprietários, portanto, a população sobrevivia, no ano que chovia, da agricultura de subsistência, da produção de algodão e da criação de gado, em um regime trabalhista caracterizado pela pobreza, fome e servidão, totalmente à margem das leis, sem nenhum tipo de contrato formal. Na verdade, o tabaréu que se interessasse em fazer parte de algum destes latifúndios, procurava respeitosamente o proprietário para lhe pedir uma “morada”, ou oferecer-lhe o seu trabalho de vaqueiro, para os quais não existia salário.

Na área agrícola, os fazendeiros cediam suas terras para as pessoas habitarem e plantar roçados de: milho, feijão, abóbora, melancia, etc, sem receber nenhuma ajuda financeira, no famigerado sistema de terça, ou seja, da produção colhida um terço era do dono da terra, e no caso do algodão, produto mais valioso, a parte do proprietário aumentava de “terço” para “meia”.

Na estratificação social campesina desta época os vaqueiros eram pessoas de grande confiança dos proprietários e ocupavam um lugar de destaque, logo abaixo dos latifundiários, e muito acima dos chamados “Moradores”. Cada vaqueiro, juntamente com sua família, cuidava do manejo de um pequeno plantel de gado bovino, ficava com o leite para uso próprio, fazer queijo, podendo até vender, e a cada quatro bezerros nascidos um era ferrado em seu nome, ficando fora deste contrato informal a miunça (caprino e ovino). Portanto era comum vaqueiro possuir bens materiais e até um pequeno rebanho de gado bovino, ovinos e caprinos.

A notícia da extensão das novas leis trabalhistas para todos os trabalhadores, inclusive do campo, maciçamente divulgada na Voz do Brasil, naturalmente, quebra o clima de servidão, porém harmônico dos trabalhadores rurais e seus patrões. Corria à boca miúda a notícia de que quando a CLT atingisse os trabalhadores do campo, quem já tivesse no mínimo trinta anos de trabalho, naquele mesmo local seria considerado proprietário, e os demais deveriam ser devidamente indenizados, de acordo com a quantidade de anos. Com essas notícias, os grandes latifundiários nordestinos entraram em pânico, pois a grande maioria de vaqueiros e moradores nasceram e se criaram nas suas terras, e não haveria quem dispusesse de recursos para indenizar seus colaboradores, a não ser com a própria terra.

Apenas com o objetivo de ancorar seu governo na força dos trabalhadores, o Ditador Getúlio Vargas apresentou o pacote de bondades da CLT, e em seguida fundou o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) para representar a classe trabalhadora urbana. Ao mesmo tempo, maquiavelicamente, o ditador também se movimentou ao lado dos grandes latifundiários, fundando o Partido Social Democrático (PSD), controlando as duas agremiações partidárias, antagônicas. Acendendo uma vela para Deus e outra para o Diabo.

Na verdade, o ditador Vargas jamais teve a intenção de expandir as leis trabalhistas para os trabalhadores do campo, fato que lhe enfraqueceria junto aos "Coronéis" nordestinos, filiados ao PSD. Tudo não passava de retórica e estratégia política!

Mas, pelo sim e pelo não, o clima de medo dos latifundiários de perderem suas terras instala-se na região. Este fato freia a cessão de terra para novos "Moradores", como também, aceleram os pedidos para vaqueiros, mais antigos, desocuparem suas propriedades. Este evento, junto com o início da industrialização no Brasil, se somaram e impulsionaram o esvaziamento do campo, conseqüentemente, acarretando o inchaço da periferia das grandes cidades brasileiras.

Neste clima de incerteza, cada proprietário fez o inventário dos seus Vaqueiros e “Moradores” com muitos anos de casa. Na fazenda Olho D’Água Do Cunha, o único colaborador que tinha mais de trinta anos de serviço, naquele conglomerado, era o vaqueiro Pedro Vitorino da Silva, pai de uma prole de treze filhos, em primeira núpcia, e mais seis da segunda.

Pedir a morada de um vaqueiro com tantos anos de labuta, sem nenhum motivo, em um momento de conturbação política, não era uma operação simples, afinal de contas Pedro Vitorino tinha uma prole muito numerosa, quase todos varões. Neste contexto, só um fato novo, que gerasse um desconforto visível para o agregado, poderia justificar o pedido da morada.

Com muitos anos de labuta, apenas com contrato verbal, nunca houve qualquer desavença entre Pedro Vitorino e seus patrões, principalmente nos tempos do coronel Adolfo, o qual lhe depositava muita estima e confiança. Nunca houve tratamento para vassalar, mas naquele momento as coisas, inesperadamente, estavam mudando, e certo dia chegou um recado para que dois dos filhos mais velho do vaqueiro passassem a prestar dois dias de serviços na sede da fazenda, sem remuneração, apenas pelo direito de morarem naquela terra.

Sem entender a razão do pleito, Pedro Vitorino responde que não tinha ninguém disponível para aquele tipo de serviço. Com a negativa inicia-se uma perseguição velada. Primeiro, paulatinamente, os patrões foram vendendo as vacas paridas, sem repor o plantel. Em seguida, foi à vez de venderem o touro reprodutor, cada vez mais estreitando o poder de sobrevivência da família, fora a rede de fofocas maldosas que se instalou por toda ribeira, comandada por Chico Cariri e seu filho Joaquim, na tentativa de isolar o velho vaqueiro das suas inúmeras amizades. Estas medidas, embora afetasse frontalmente a renda familiar de Pedro Vitorino, não o estimulava a sair daquela morada, sempre na esperança que o relacionamento com os patrões voltasse ao normal.

CAPÍTULO – X

ASSASSINATO DE JOAQUIM CARIRI

Sofrendo represálias econômicas, morais e mitigação das antigas amizades, o Vaqueiro Pedro Vitorino, já com cinquenta e seis anos de idade, sem imaginar o real motivo das mudanças de tratamento dos patrões, contava que estas diferenças eram algo passageiro e botava fé em um futuro promissor e de paz. Assim continuava tocando sua vida com sua numerosa família.

No domingo 8 de dezembro de 1945, após a missa das dez horas, eufórico pelo fato de não ter acontecido nada no caso do defloramento da cabrocha, Joaquim Cariri, depois de comer muita corda juntos dos amigos, achando-se um grande garanhão, apresenta o seguinte mote para o aboiador Augusto Severo glosar:

- Por uma dei duas vacas, e pela outra tenho um *currá* inteiro!

- O que é isso Joaquim? Eu mesmo não vou aboiar com este mote não – retrucou Augusto Severo.

- Besteira *Agusto!* Se tu não *quer* fazer, pode deixar que eu mesmo faço sozinho.

Em uma afronta ao pai da moça desonrada, Joaquim Cariri tirou versos enaltecendo sua performance sexual, até ao entardecer.

Não demorou para esta conversa chegar aos ouvidos de Zé Costa, que de tanto ódio, deixou a feira e foi embora para casa. No oitão da casa de Pedro Vitorino, Zé Costa encontrou o amigo amolando um facão, e muito perturbado contou-lhe o ocorrido no povoado. Disse:

- *Cumpade*, a muito tempo não faço isso, mas agora vou vorta a matar!

- *Cumpade!* Este assunto já *num tava* resolvido? – comentou Pedro Vitorino.

- *Tá, tava, cumpade! Inté* hoje a *mei* dia, quando o safado do Joaquim Cariri andou boatando na rua, que se precisar, tem mais gado para dar por minha outra *fia*.

- É *cumpadre!* Este moleque de Chico Cariri, toda vida foi mesmo abusado. Me arrependo *proquê* no dia que entrou *aimado* no samba, não lhe dei uma lição! Matar não *cumpade!* Mai não será o causo de receber umas varadas? – falou Pedro Vitorino, com ar de quem ajudaria na empreitada.

- *Cumpade!* Já aguentei o que tinha de aguentar de *omilhação* deste cabra!

Como era costume, todas as segundas-feiras que o amigo e compadre voltava da feira era certo entrar na cozinha de dona Quitéria, segunda mulher de Pedro Vitorino, para prosearem e tomar um café com bolachas, canela e queijo de coalho. O vaqueiro acabou de amolar o facão, entrou em casa e, quando voltou para chamar o amigo para a ceia, não o encontrou mais.

- *Quitera, cumpade* Zé Costa passou aí no oitão muito *aperriado* com os desaforos que o moleque do Joaquim Cariri andou falando.

Com sua voz aguda, a esposa pergunta:

- O que foi que este sacripanta andou dando com a língua nos dentes?

- *Buatou* que tem mais gado para dar pela outra *fia* do *cumpade!*

- Valha-me Deus! Isso é coisa que se diga com as *fia* dos outro?

Com um pouco, outro transeunte aparece na porta da casa pedindo um caneco d'água e assim o vaqueiro esqueceu o assunto que acabara de tratar com o seu grande amigo e compadre, Zé Costa.

Em casa Zé Costa não falou nada do ocorrido, pegou o rifle, munição, bizaco de caça e saí dizendo que vai atrás de algum tatu na serra. Tocaiou o indivíduo por três dias, alimentado apenas pelo ódio, um pedaço de rapadura e farinha seca que tinha do bernal. No primeiro dia, segunda-feira, o vaqueiro galã, passou com outras pessoas, no segundo vinha com

sua esposa grávida, e no terceiro dia, 11 de dezembro de 1945, carregando o leite para a vila de São Tomé, quando, de cima do cavalo, levantou o braço direito para destramelar a porteira, o velho guerreiro manobra o rifle, que nega fogo. Paralisado frente à morte não teve nenhuma reação, Zé Costa manobra mais uma vez a alavanca da arma e acertou-lhe um balaço embaixo do braço, que o fez cair do animal. Com sua faca de nove polegadas, acaba de fazer o serviço, retirando sua macheza. Fugiu a pé no rumo de Caruaru, mais tarde, vai homiziar-se na casa de um tio de Marinalva, na região de Ouricuri, para onde manda buscar a família. Jamais foi julgado!

CAPÍTULO XI

PRISÃO DE PEDRO VITORINO

Com o estampido do tiro muito perto do cavalo, o animal se assustou e voltou em disparada para casa. Sebastiana quando viu o animal parado na porta de casa, inquieto, percebeu que alguma coisa aconteceu com seu marido. Chamou um rapazote que cortava palma na coqueira e pediu para ver o que havia acontecido. Com pouco chegou a notícia do ocorrido.

Em pouco tempo todos estavam sabendo da tragédia. Pedro Vitorino, inocentemente, resmunga para algum transeunte:

- Não é que o *cumpade*, cumpriu *mermo* o que disse! Matou o safado!

Na sede do conglomerado foi uma comoção muito grande! Muito choro e desespero pela morte do vaqueiro bonitão. A polícia já estava em campo e o sargento comandante do destacamento da vila, sentado no meio da sala do casarão, recebeu ordens para perseguir e prender o assassino, sem medir despesas. Portanto, o militar faz as perguntas de praxe e anotava em uma cadernetinha de bolso.

- Quais as características físicas do meliante?

- Quem aqui nas redondezas é amigo do assassino?

- Onde mora seus parentes mais próximos?

De posse das informações o policial montou uma patrulha e inicia a perseguição ao assassino, com a ajuda de um famoso rastreador, mas o ex-sargento da Coluna, acostumado com as táticas de guerrilha deixou propositadamente seus rastros no chão até uma região de lajedos, de onde ninguém poderia saber, qual direção tinha tomado.

Por volta do meio dia, quando o corpo já estava na residência do morto, e passado a histeria, um dos asseclas da fazenda, buzina do ouvido dos patrões, que essa morte do Joaquim seria uma boa oportunidade para desalojar o vaqueiro

Pedro Vitorino e sua família. Mas como isso seria possível? É simples: Ainda há pouco João de Xixi boatou no velório que o meliante havia falado para Pedro Vitorino que iria matar Joaquim Cariri, então coloque a polícia para apertar o negro velho analfabeto e assim criar um clima hostil, até que o mesmo saia da propriedade.

Sem contar conversa, enviaram ordem para a patrulha cessar as buscas e prender o vaqueiro Pedro Vitorino e seus filhos, e acusar todos de cúmplices do assassinato.

Rapidamente a patrulha policial chegou na porta da casa do vaqueiro a bordo do caminhão de Antônio de França com todo efetivo da Vila: um sargento e dois praças. As crianças pequenas quando perceberam a aproximação do veículo com as duas praças na carroceria segurando seus fuzis, correram desesperadamente para o mato. Pedro Vitorino e seu segundo filho Murilo, como de costume, neste horário estavam na cocheira cortando palma para as poucas reses que ainda estavam sob sua responsabilidade. Sebastião estava viajando para Jatobá do Brejos com os demais irmãos adultos.

O comandante da patrulha desce da viatura com a arma longa na mão, e na porta da frente do casebre pergunta pelos homens da casa. Timidamente Quitéria indicou que todos estavam no curral cortando palma. Usando força desproporcional, da porteira, mesmo o sargento franzino apontando o fuzil para os dois homens que cortavam palma, enquanto os dois soldados com seus fuzis nas costas e revólveres em punho, deram voz de prisão. Com o instrumento de trabalho na mão, Pedro Vitorino perguntou:

- De que se trata sargento? – parou um pouco e continuou – Não *será argum* engano?

Neste momento o policial faz mais uma bravata desnecessária, manobrou a arma e falou grosseiramente:

- Soltem as armas no chão, *nego!* Vocês estão presos pela morte do vaqueiro Joaquim Cariri.

Sem esboçar nenhuma reação, os dois vaqueiros jogaram os instrumentos de trabalho no chão, e sob a mira das armas dos

policiais são obrigados a subir na carroceria do caminhão, sem direito a entrarem em casa para pegar uma camisa para cobrir a parte superior do corpo. Como dois criminosos perigosos, foram escoltados até a vila de São Thomé, onde a delegacia era uma casa improvisada, com apenas uma cela, para acomodar os presos por no máximo dois dias, depois eram enviados para Monteiro, sede do município.

Na residência de Pedro Vitorino, fora as crianças, naquele momento só estavam sua esposa Quitéria e sua nora Florisa, grávida de quatro meses do primeiro filho, que não tiveram nada a fazer. Passaram a noite sem dormir ouvindo os uivos dos cachorros acuando as pessoas que passavam, altas horas da noite, indo ou vindo da casa do defunto.

Na manhã seguinte as duas mulheres preparam uma boia, uma muda de roupa para os dois homens presos, selaram os cavalos e se abalaram para a vila para saber alguma notícia. Na porta da delegacia, arrogantemente o delegado não permitiu que tivessem acesso aos encarcerados, sob o argumento que se tratava de criminosos perigosíssimos e estavam incomunicáveis. Com lágrimas nos olhos as duas mulheres se abraçam e Florisa levantou a vista e enxergou a silhueta da Igreja Matriz, tendo a ideia de ir se valer da compaixão do padre Sílvio.

Amarraram os animais em um pé de canafístula do lado da igreja e perceberam que a porta lateral do Templo estava entreaberta. Benzeram-se e adentraram timidamente e chamaram pelo padre na porta da sacristia. De repente uma voz cândida, pergunta:

- O que desejam filhas?

Como mandava o protocolo, baixaram as cabeças e tomaram a bênção ao reverendo.

- Deus lhes abençoe, filhas!

- Padre *nói viemo* aqui para dizer que meu sogro foi preso ontem, acusado de que ele não fez. E o delegado não deixou nem *nói* ver os presos!

Com a calma inerente aos sacerdotes, falou:

- Mesmo que tenha cometido o pior crime, não pode ser proibido de receber a visita da esposa. - Continuando - Aguardem aí no banco, rezem um Pai Nosso, que já vou lá na cadeia com as senhoras.

Na porta da delegacia, o sargento-delegado, que estava com o uniforme descomposto, quando percebeu a presença do prelado tentou arrumar a gola da farda desbotada. O padre deu um cordial bom dia para o delegado e pediu delicadamente:

- Delegado, gostaria muito que o senhor permitisse que estas distintas senhoras visitassem seus parentes encarcerados.

- Pois não Padre, pois não!

As mulheres entraram de casa a dentro, acompanhadas de uma praça indicando onde estavam os presos, que a quase vinte e quatro horas não comiam nada.

Sozinho com o delegado na sala, indagou-o:

- Qual o crime dos prisioneiros, delegado?

- Ontem mataram um fulano para as bandas da Fazenda Nova, e recebi uma ordem aí para dá uma pressão no negro! Soubemos que o assassino havia falado para o nego grandão, que iria matar o vaqueiro. Portanto, são cúmplices.

- Senhor delegado, quando uma pessoa fala para outra que vai cometer um crime, isso não faz dela cúmplice! Logo, exijo que o senhor solte os presos imediatamente!

- Mais padre, e a ordem superior que me deram?

- Não quero nem saber da patente de quem lhe deu esta ordem ilegal! Se você não liberar estes homens imediatamente, vou me queixar ao Juiz em Monteiro.

O nome do juiz, justo e severo, tinha poder! Sem argumentos, o delegado foi ao fundo da casa e liberou os dois homens da prisão.

Abatido, o velho vaqueiro, que nunca tinha passado por uma situação tão vexatório, com os pés inchados pelo estresse passado, foi para sua residência da rua, no Alto do Jorges, onde passa o resto da tarde e pernitoou evitando se encontrar o cortejo fúnebre na estrada.

CAPÍTULO XII

ACORDO PARA PEDRO VITORINO DEIXAR O OLHO D'ÁGUA DO CUNHA

Antes da tragédia da morte de Joaquim Cariri, o queridinho dos patrões, a situação do vaqueiro Pedro Vitorino, no Olho D'água do Cunha já tinha sido traçada a um certo tempo, motivada pela propaganda enganosa do ditador Vargas, já era insustentável e agora tinha chegado ao ponto de não ter mais remédio.

Em uma hora dessas qualquer um, por mais pacato que seja, acaba pensando em fazer alguma bobagem, mas o velho vaqueiro olhava para a numerosa família sob sua responsabilidade, já com 55 anos de idade, longe da força daquele moleque que em 1910, puxou uma faca e a enterrou no bucho de um desafeto em Lagoa de Baixo. Pensava, pensava e não achava jeito de continuar sob as ordens de umas pessoas que mandara lhe humilhar na cadeia, como se fosse um cão sarnento.

Informados do caso, os filhos que estavam viajando regressam o mais rápido possível, e no sábado 14 de dezembro Pedro Vitorino faz sua viagem mais espinhosa de volta para o Olho D'água do Cunha, lugar onde nasceu a maior parte de seus filhos e agora esperava receber o primeiro neto, que sua nora falava que se fosse homem colocaria o nome de seu tio Manoel, morto ainda solteiro por uma picada de jararaca, e se fosse mulher, colocaria Maria, nome da mãe de seu esposo Sebastião.

Aproximava-se o natal e a tristeza e o desanimo tomava conta de todos que, sempre nestas datas festivas era comum se matar carneiros e capões cevados, reunir todos da família, convidar muitos amigos e o puxador de fole Júlio Preto para fazer uma brincadeira em uma palhoça no oitão da casa. Porém, a crueldade e a falta de solidariedade das pessoas do mundo não têm tamanho. Quando os demais agregados perceberam que os patrões não estavam mais dando certo com o vaqueiro Pedro

Vitorino, muitos, temendo represálias, por parte dos patrões e outros porque não queriam ficar do lado mais fraco, afastavam-se daquela casa, como que seus moradores fossem portadores de uma moléstia muito contagiosa. Passavam na porta, na ponta dos pés, e mal davam um bom dia.

Passadas as festas de fim de ano a pressão aumentou e todos os dias chegavam emissários com proposta para que o velho vaqueiro deixasse a propriedade, mas Pedro Vitorino rechaçava argumentando que, naquela altura da vida, com mais de cinquenta anos de idade, todos os filhos nasceram naquela casa e agora sua nora estava esperando o primeiro neto, portanto não tinha para onde ir.

Em um dia de feira apareceu mais um emissário do patrão a procura do vaqueiro analfabeto, com um golpe pronto e muito bem bolado: um parente dos patrões, que residia na capital, e também era dono de uma fazenda, na estrada de Monteiro, próximo ao Olho D'água do Cunha, chegou com uma conversa muito bonita falando que como não estava mais havendo sintonia entre ele e o patrão, o melhor seria sair sem confusão para ir morar na sua propriedade, pelo tempo que quisesse. No momento não tinha gado, mas o vaqueiro poderia levar as suas reses, por enquanto, e conforme a fazenda fosse tendo condições iria comprando gado.

Cansado de lutar contra o bombardeio psicológico diário, e diante de uma proposta concreta, o negão, que não tinha conhecimento nenhum das leis, acabou aceitando e muda-se com sua numerosa família e seus animais para a nova morada.

A fazenda era abandonada, com as cercas caídas, imprópria para a criação de gado. Com muito filhos homens, tratou de consertar as cercas esperando o novo patrão trazer a semente de gado, mas depois de quatro meses quando ajeitou a terra, em um dia de feira, o patrão chegou de viagem, e sem a menor cerimônia falou que não necessitava mais de seus serviços, portanto, poderia procurar outro lugar para morar.

Atônito com a notícia inesperada, Pedro Vitorino não encontra terra nos pés. Neste momento caiu-lhe a ficha, que as

promessas mirabolantes foram apenas uma maneira de retirar-lhe o seu direito adquirido.

Sem rumo, sem morada, sem ter a quem recorrer, monta no cavalo e sai na direção de São José do Egito, no Pajeú, procurando um pouso para si e sua família. Nas condições que se encontrava, idoso para o ofício de vaqueiro, com uma família grande, não encontrou quem aceitasse seu trabalho.

Após três semanas vagando, sem destino, na região do Pernambuco, finalmente regressa para sua casa, já com a saúde abalada. Vendeu os poucos animais que restaram, e trouxe toda a família para a vila de São Tomé.

O estresse da viagem e a falta do que fazer o deixaram com suas articulações bastante inchadas, limitando a sua locomoção. Com todos os filhos adultos trabalhando em serviços braçais e ajudando nas despesas não faltava nada, mas de repente sua filha Maria Dalva, que sempre foi magrela pegou uma doença respiratória, e no fim de abril de 1946, foi à óbito, o que agravou, ainda mais, a saúde do pai.

A sua nora Florisa, que já estava com oito meses de gravidez, esperando o rebento para o próximo mês de junho, ao entardecer vai atrás de uma planta para fazer um chá para o sogro, demora-se um pouco conversando na porta de uma amiga e quando subia o beco do Alto dos Jorges, já está escuro, um bêbado, sem querer, lhe assustou, fazendo com que a bolsa rompesse imediatamente. Num tempo em que não havia médico, muito menos hospital, a criança, que ainda não estava madura, passou muitas horas para nascer: Manoel Vitorino da Silva, que só viveu o tempo de ser batizado.

Pedro Vitorino não teve o prazer de pegar no primeiro neto, e com tantas adversidades acontecendo, cada dia piorava o inchaço das articulações, até que em 26 de julho de 1946, não resistiu e faleceu.

Sem o esteio maior da família, cada um dos filhos varões acabou tomando rumo no Brasil afora. Sem renda, em pouco tempo, a viúva desfez-se da casa e vai para a região de Pesqueira, onde residiam seus pais e tinha muito trabalho nos plantios de

tomate para abastecer a fábrica de extrato de tomate Peixe. Com muito sacrifícios criou dignamente seus seis filhos: Maria das Neves, Inácio, Antônio, Maria Nazaré, Anunciada e Antero, que mais tarde mudou o nome para Pedro Vitorino Filho.

Sebastião Vitorino da Silva, um eterno apaixonado por São Tomé (mais tarde Sumé), foi o único dos dezenove filhos do vaqueiro do Olho D'água do Cunha, que embora tenha nascido com a bênção dos orixás, como falou a sua parteira, para correr o mundo, cumpriu sua missão conhecendo metade do Brasil, mas amou tanto sua terra natal, que jamais a abandonou definitivamente. Do seu casamento com sua prima Florisa, nasceram Manuel (natimorto), Maria Marluce, Maria Marlene, Maria Marleide, Maria Marly, Sebastião Vitorino Filho (autor desta obra) e Rita Maria, que foi homenageada com os nomes das duas avós (Rita e Maria).

*“Numa tarde bem tristonha
Gado muge sem parar
Lamentando seu vaqueiro
Que não vem mais aboiar
Não vem mais aboiar
Tão dolente a cantar
Tengo, lengo, tengo, lengo,
Tengo, lengo, tengo
Ei, gado, oi”*

Luíz Gonzaga

Fonte: Internet – domínio Público

FIM